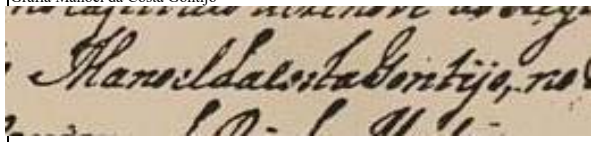
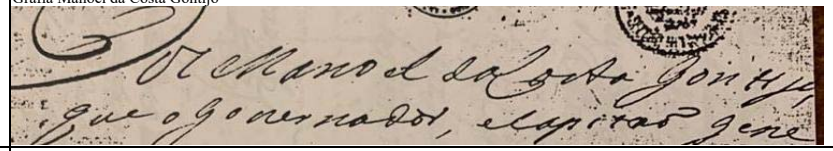
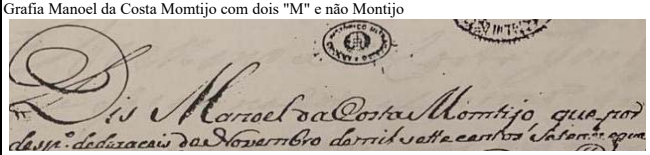
Biografia de MANOEL DA COSTA GONTIJO (Pai ou I)

Volume 2 de 3

Linha do Tempo de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Número	Ano	Documento	Local de Armazenamento	Local do Evento	Descrição
1	1715	Certidão de Batismo	ADB Arquivo Distrital de Braga	Braga, Portugal	Livro de batismos nº 270 de São Vitor (Sam Victor), período de 1715 a 1719, ADB Arquivo Distrital de Braga, unidade cultural da Universidade do Minho
2	1740	Vinda para o Brasil	Não documentada, estimativa		Não há listas de passageiros de navios, disponíveis até o momento.
3	1750	Requerimento	Arquivo Público Mineiro CC; Cx. 143; 21311	Viila Rica (Ouro Preto)	Requerimento de Manoel da Costa Gontijo sobre a concessão de lista. Nota : Consta despacho datado 07/05/1750 em Vila Rica
4	1756	Batizado do filho João	projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	João batizado em Carijós em 26-07-1756. Conselheiro Lafaiete, MG aos 26-07-1756 na capela S. Caetano bat a João, f.l. de Manoel da Costa Gontijo e Antonia Maria da Costa, que nasceu aos oito deste mes, neto paterno de Paulo da Costa, n. da cidade de Braga e Helena Ferreira digo Francisca, natural de S. Martinho de Dume do mesmo arcebispado, neto materno de Jose da Costa de Oliveira n. da cidade de Braga e de Leonor Ferreira de Jesus, desta freguesia. Foram padrinhos Dr. João Fernandes de Oliveira, morador no Serro Frio por seu pp Ventura Fernandes, de vila Rica e Leonor de Jesus, mulher de Jose da Costa.
5	1758	Batizado do filho Manoel José	projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	Manoel José batizado em 01-06-1758. Conselheiro Lafaiete, MG Igreja N Sra da Conceição. Manoel Jose; Aos 01-06-1758 na capela S. Caetano da Paraopeba filial desta matriz bat a Manoel Jose nascido aos 25-05 do dito ano, f.l. SArg. Mor Manoel da Costa Gontijo e D. Antonia Maria da Costa, np Paulo da Costa n. freg. S. Vitor da cidade de Braga e de s/m Ilena Francisca n. da freg.S. Martinho de Dume do termo da dita cidade de Braga e pela materna de Jose da Costa de Oliveira n. da dita freguesia de S. Vitor e de s/m Leonor Pereira de Jesus n. da freg. dos Carijos. Foram padrinhos Jose Antonio Barbosa morador na cidade do Rio de Janeiro e D. Francisca Xavier de Busatamaqnte mulher do Sarg. Mor Manoel Rodrigues Pereira
6	1758	Batizado da filha Maria Dorotea	projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	Conselheiro Lafaiete, MG aos 05-05-1760 na capela S. Caetano pos os santos oleos a Maria, nascida aos 4 de abril do dito ano batizada em casa por se achar em perigo de vida por Antonio da Fonseca, filha leg. do Sarg. Mor Manoel da Costa Gontijo e Antonia Maria da Costa, neto paterno de Paulo da Costa, n. da cidade de Braga e Helena Francisca, natural de S. Martinho de Dume termo da dita cidade, neto materno de Jose da Costa de Oliveira n. da freguesia de S. Vitor e de Leonor Ferreira de Jesus, desta freguesia. Fora padrinhos o Cap. Manoel Rodrigues da Costa e s/m Joana Teresa de Jesus, moradores na freguesia de Ouro Preto em Vila Rica.
7	1761	Inventário da sogra	IPHAN São João del Rei, MG; Cx 607; Data: 03-11-1761	São João del Rei	Paragem e Sítio dos Lençóis; Freguesia N. S. da Conceição dos Carijós termo da vila de São José. Disponibilizado por Moacyr Villela; Declarou o cabeça de casal que a defunta sua mulher fora natural desta mesma freguesia dos Carijos, f.l. do Sargento Mor Alexandre Pereira de Araujo e de D. Maria Josefa de Jesus, e falecera nesta sua casa no dia 25 de setembro proximo e que os filhos que de entre ambos ficaram são os seguintes: Filhos: Reverendo Dr. Antonio Jose de Azevedo Pereira, de idade de 27 anos; D. Ana Maria da Conceição viuva que ficou do Tenente Antonio Rabello da Silva e hoje casada com Pedro Jose Ribeiro; D. Joana Teresa de Jesus casada com capitão Manoel Rodrigues da Costa, assistente na Vila Rica; D. Antonia Maria da Costa casada com o Sargento Mor Manoel da Costa Gontijo; Manoel, de idade de 18 anos; Reverendo Jose da Costa de Oliveira, clerigo in minoribus, de idade de 16 anos; - Francisco de idade de 14 anos, pouco mais ou menos; Fabiano, de idade de 12 anos, pouco mais ou menos; Maria de idade de 10 anos, pouco mais ou menos; Agueda da idade de 8 anos pouco mais ou menos; João de idade de 6 anos pouco mais ou menos; Felisberto de idade de 4 anos pouco mais ou menos.
8	1762	Sesmaria de Cabo Frio	Torre do Tombo, Portugal, Arquivo Histórico Ultramarino, Conselho Ultramarino, Documentos Avulsos, Brasil, Rio de Janeiro, caixa 69, documento 6387, folha 2	Cabo Frio/RJ	queria que eu lhe concedesse em nome de Sua Magestade hũa legoa dellas em quadra nas margens do dito Rio de São João, aonde acabasse a data, que pedio o Sargento Mor Manoel da Costa Gontijo, pela margem do dito rio acima, com o Certão, para vo rio Capivaribe, fazendo a quadra com a do dito Sargento Môr, com todas as voltas, e enseadas do rio, medindo-se a terra, rumo direito
9	1763	Sesmaria de Cabo Frio	Torre do Tombo, Portugal	Cabo Frio/RJ	Em 19/09/1763, ainda no Brasil colônia, o Sr Manoel da Costa Gontijo recebeu a confirmção da posse de uma semsmaria em Cabo Frio, cujo registro tem o nº 79342 e está registrado no livro de nº18 de1763/1785, que se encontra no arquivo nacional da Torre do Tombo em Lisboa. Registro Geral de Mercês de D. José I, livro 18, folha 32 
10	1764	Batizado da filha Leonor	projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	Leonor, batizada em Carijós em 02-01-1764, filha do Sargento Mor Manoel da Costa Gontijo e Antonia Maria da Costa. Conselheiro Lafaiete, MG aos 02-01-1764 nesta matriz bat a Leonor nascida aos sete de dezembro de 63, f.l. de Mannoel da Costa Gooontttjijjo e D. Antonia Maria da Costa, npaterna de Paulo da Costa n. da cidade de Braga e de Helena Francisca, natural de S. Martinho de Dume, nmaterna de Jose da Costa de Oliveira n. da freguesia de S. Vitor da cidade de Braga e de Leonor Pereira de Jesus n. desta freguesia. Foi padrinho Antonio da Fonseca.
11	1765	Batizado da filha Anna	projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	Ana, batizada em Barbacena em 02-10-1765. Barbacena, MG Registro Velho aos 02-10-1765 ANNA nascida aos 24-09, f.l. de Manoel da Costa Gontijo natural da freguesia de S. Vitor da cidade de Braga e s/m Antonia Maria da Costa natural da freguesia de N. Sra. da Conceição dos Carijós esta comarca; np de José da Costa de Oliveira digo, Paulo da Costa natural da freguesia de S. Vitor e s/m Helena Francisca natural de S. Martinho de Dume do dito arcebispado; nm de José da Costa de Oliveira natural da freguesia de S. Vitor da cidade de Lisboa e s/m Leonor Pereira de Jesus natural da freguesia de Carijós. Padr.: eu Feliciano Pitta de Castro e D. Joanna Maria de Jesus mulher do Cap. Manoel Rois da Costa.
12	1766	Padrinho de batismo	projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	Pedro em 10-08-1766 => Conselheiro Lafaiete, MG aos 10-08-1766 nesta matriz bat a Pedro nascido aos sete de julho do dito ano, f.l. de Pedro Jose Ribeiro n/b na freguesia de S. Tiago de Copo, termo da vila de Caminha Arc. de Braga e de Ana Maria da Conceição, n/b nesta freguesia, np de João Gonçalves e Maria Lourença, nmaterno de Jose da Costa de Oliveira e Leonor Pereira de Jesus. Foi padrinho o Cap. Manoel da Costa Gontijo
13	1768	Batizado da filha Bernardina	projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	Bernardina batizada em 22-03-1768. Barbacena, MG - Registro Velho aos 22-03-1768 BERNARDINA nascida aos 27-02, f. de Manoel da Costa Gontijo natural da freguesia de S. Vitor cidade de Braga e s/m Antonia Maria da Costa natural da fregusia de Carijós desta comarca; np de Paulo da Costa natural da freguesia de S. Vitor e s/m Helena Francisca ntural da freguesia de S. Martinho de Dume Arc. Braga; nm de Jose da Costa de Oliveira natural da freguesia de S. Vitor cidade de Braga e s/m Leonor Pereira natural da sobredita freguesia de Carijós. Padr.: o Padre Manoel Ferreira Coelho e Bernardina Caetana, mulher ade Jose Lopes de Oliveira
14	1768	Extinguir o Quilombo do Rio da Pomba	NATÁLIA PAGANINI PONTES DE FARIA CASTRO "ENTRE COROADOS E COROPÓS: A TRAJETÓRIA DO PADRE MANUEL DE JESUS MARIA NOS SERTÕES DO RIO DA POMBA (1731-1811)", JUIZ DE FORA, 2010	Rio Pomba	Em 11 de outubro de 1768, nove meses após a chegada do Padre Jesus Maria à região do Pomba, o Capitão Regente das Entradas do mato João Duarte de Faria fez petição ao Conde de Valadares, em que pedia para extinguir o Quilombo do Rio da Pomba, sob o comando do Capitão Manuel da Costa, o qual era “formidável” pelos muitos negros fugidos: Documento na íntegra disponível para consulta no Arquivo Público Mineiro, Secretaria de Governo da Capitania, SC (Seção Colonial) 103, 1752-1771, rolo 22 – gaveta 3. Registro de termos, petições e despachos, p. 122-122v
15	1770	Nomeado Terceiro testamenteiro de Alexan	Arquivo IPHAN São João Del Rei Cx 200 – ano 1770	São João Del Rei	Inventariado Alexandre Lopes Rayo: nomeia como testamenteiros: Primeiro > - o capitão Capitão-mor Manoel Rodrigues da Costa; Segundo > Manoel Rodrigues Valle; Terceiro > Manoel da Costa Gontijo

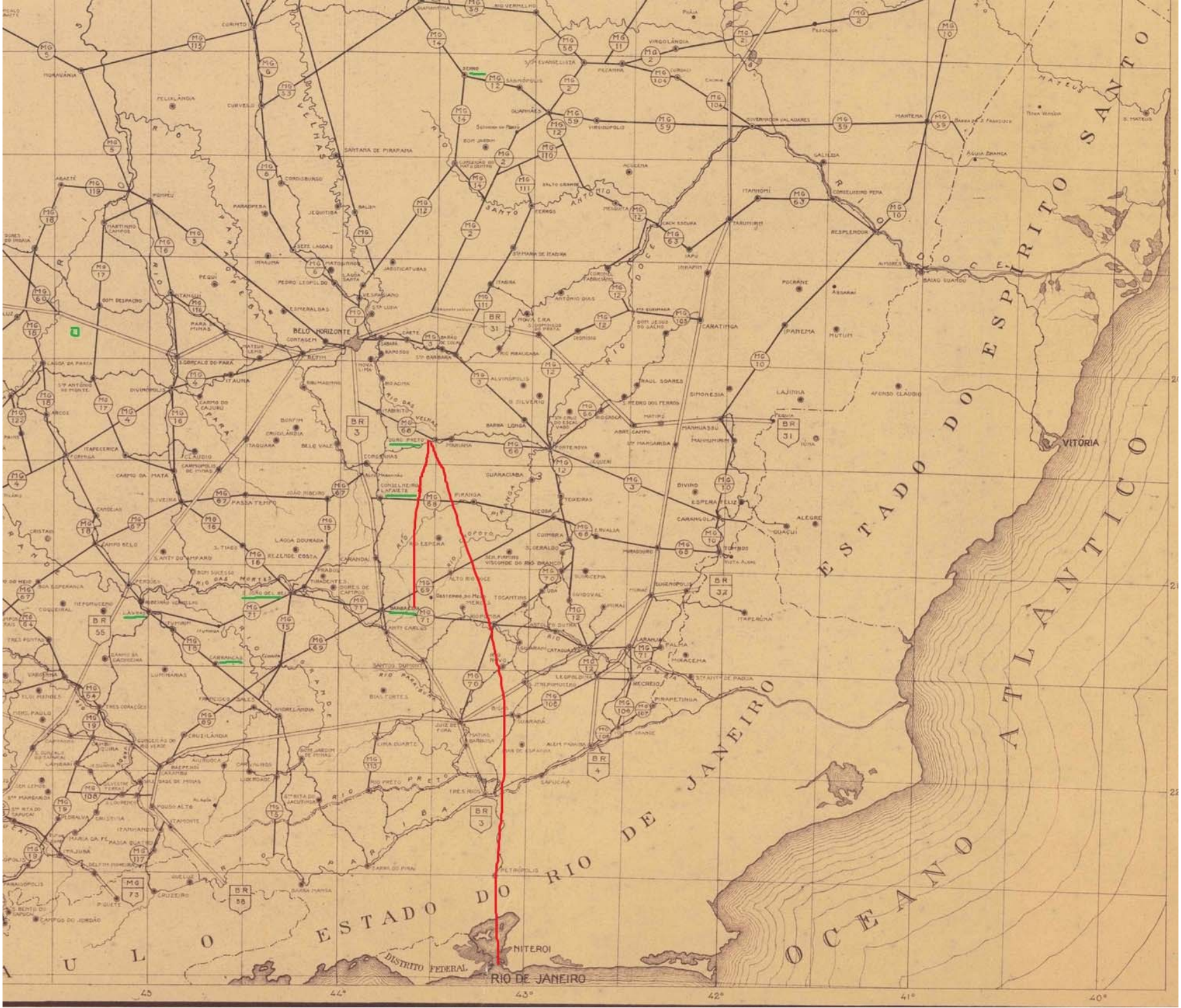
16	1770		projetocompartilhar.org	Conselheiro Lafaiete	Hipolita em 25-12-1770. Barbacena,MG; Registro Velho aos 25-12-1770 HIPOLITA nascido aos 07, f.l. do Cap. Manoel da Costa Gontijjo natural da freguesia de S. Vitor Arc. de Braga e Antonia Maria da Costa natural da freguesia de Carijós deste bispado; np de Paulo da Costa natural da freguesia de S. Vitor e Elena Francisca natural da freguesia de S. Martinho de Domi do mesmo arcebispado; nm de José da Costa de Oliveira natural de S. Vitor Arc. de Braga e de Leonora Theresa de Jesus natural da freguesia de Carijós. Padr.: Cap. Mor Pedro Teixeira de Carvalho e sua filha D. Hipolita Teixeira de Carvalho por pp.
17	1772	Batizado da filha Hipolita	IPHAN São João del Rei, MG	Rio das Mortes (distrito de São João del Rei)	Grafia Manoel da Costa Gontijo 
18	1774	Nomeado Alferes		São João Del Rei	Inventariante de Antônio da Fonseca
19	1774	Inventariante	IPHAN São João del Rei, MG	Rio das Mortes (distrito de São João del Rei)	Grafia Manoel da Costa Gontijo 
20	1776	Promovido a Capitão	IPHAN São João del Rei, MG	Rio das Mortes (distrito de São João del Rei)	Testamento de 28.09.1776 feito por um capitão Manuel da Costa Gontijo na Vila de São José do Rio das Mortes, onde este se diz natural da Freguesia de São Vitor, cidade de Braga, em Portugal, e que era casado com Antônia Maria da Costa, em cujo matrimônio tiveram sete filhos, sendo seus nomes João, Maria, Ana, Bernardina, Vicente e Manuel, não se identificando o sétimo filho. Cristiano Machado Gontijo afirma ques está escrito Manoel da Costa GONYIJO (Y e T se parecem)
21	1776	Testamento	IPHAN São João del Rei, MG	Rio das Mortes (distrito de São João del Rei)	Grafia Manoel da Costa Momtijo com dois "M" e não Montijo 
22	1785	Tutor dos filhos	projetocompartilhar.org	Barbacena	Cap. Manoel Rodrigues da Costa faleceu em Barbacena aos 17-12-1785, com testamento: Sou tutor dos órfãos do casal do falecido Capitão Manoel da Costa Gontigio e do casal do defunto Jose de Carvalho da Costa.
23	1794	Inventário		Barbacena	Lista alfabética de nomes de inventariados constantes nos arquivos de *25* cidades mineiras (Deve ter morrido antes de 1785 e o inventário durado anos)
24	1810	Venda da Sesmaria de Cabo Frio	Arquivo Nacional do Brasil (ANB), Sesmarias, BI 15.1535, mf	Barbacena	Diz Ellena Maria de Jezus, Viuva do Alferez João Pinto Coelho, moradora no Rio de São João Destricto da Cidade de Cabo Frio, que o fallecido seu marido comprou em sua vida, hua Legoa de terras em quadra ao Capitam Joze Antonio Barboza, como Procurador bastante de Dona Antonia Maria da Costa, Viuvado Capitam Manoel da Costa Gontijo…

Observações

1	As razões da sua vinda para o Brasil, a data da viagem não são conhecidas
2	A data da vinda para o Brasil é desconhecida
3	A atividade inicial dele no Brasil é desconhecida
4	Seu primogênito, João da Costa Gontijo ☆08/07/1756, portanto deve ter-se- casado em 1755, com cerca de 40 anos, atípico para época. Como era imigrante estava tentando ganhar a vida primeiro.
5	Morando na Fazenda dos Macacos, em Queluz (Conselheiro Lafaiete), do Sogro José da Costa de Oliveira, entre 1755 e 1765, quando nasceram os quatro primeiros filhos
6	Morando na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, onde nasceram pelos menos as três filhas seguintes
7	A Sesmaria só foi concedida em 1763, mas o pedido foi bem antes, cerca de 1757 (não temos este documento). Prazos Legais: dois anos para a demarcação judicial e, uma vez, obtida a sentença da demarcação, dentro de 4 anos devia ser pedida a confirmação ao Rei.
8	Seu inventário é de 1794, mas em 1785 seus filhos órfãos já tinham tutor, portanto morreu entre seu testamento de 28/09/1776 e 17/12/1785



Trajetória de Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai), de Braga A Barbacena


BELO HORIZONTE
VITÓRIA
NITERÓI
RIO DE JANEIRO
DISTRITO FEDERAL
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESTADO DO ESPIRITO SANTO
OCEANO ATLANTICO
RIO DOCE
RIO PARAIBA
RIO PARDO
RIO GRANDE
RIO VELHAS
RIO SÃO FRANCISCO
RIO PARANAIBA
RIO PARANAHYBA
RIO PIRACICABA
RIO PARAHYBA
RIO PARAHYBUNA
RIO PARAHYBA DO SUL
RIO PARAHYBUNA
RIO PARAHYBA
RIO PARAHYBUNA
RIO PARAHYBA
RIO PARAHYBUNA
RIO PARAHYBA

Estrutura Geral da Família GONTIJO, com Ancestrais de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai), seu filhos e Netos >

Link para 189 Fontes Primárias que Corroboram os Fatos

Links para Ancestrais de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	15
Links para Mulher de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	33
Links para Filhos de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	13
Links para Vida de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	27
Links para João, Filho Natural de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	12
Links para Dorothea, Filha de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	14
Links para Leonor, Filha de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	13
Links para Anna Candida, Filha de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	7
Links para Vicente, Filho de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	8
Links para MANOEL, Filho de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)	34
Links para FANCISCA ROMANA DE MENDONÇA, MULHER de MANOEL DA COSTA GONTIJO (II ou Filho)	13

Total de Links 189

Links para Documentos de Família de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I) em Portugal

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
		Arquivo Distrital de Braga	Paróquia de Dume http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1002801
		Arquivo Distrital de Braga	Paróquia de São Vitor http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1002841
1	30/03/1637	Arquivo Distrital de Braga	① [Sebastião Dias (casou em 30.3.1637, com Catherina Francisca, T. António Francisco, Francisco Gonçalves, aldea de gontijo, Padre André Mendes da Costa, Prior)] => Dume => Casamentos => Livro B-414 (1620 a 1691) => Prancha 10 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008431&FileID=279885
2	13/08/1666	Arquivo Distrital de Braga	② [Sebastião Gonçalves, gontijo – f. 13.8.1666 – fez manda – h. filho Lourenço Gonçalves] => Dume => Óbitos => Livro B-4141 (1620 a 1673) => Prancha 38 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008447&FileID=280298
3	03/09/1658	Arquivo Distrital de Braga	③ [Lourenço Gonçalves (casou em 3.9.1658, com Maria Francisca, desta, T. Sebastião Gonçalves, Joseph Francisco, Francisco Alvares, cacavelos, Padre Paulo Mendes Botelho, Prior)] => Dume => Casamentos => Livro B-414 (1620 a 1691) => Prancha 21 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008431&FileID=279896
4	29/11/1690	Arquivo Distrital de Braga	④ [Lourenço Gonçalves, gontijo – f. 29.11.1690 – h. filha Maria Francisca, na escrita de dote, quando casou com genro, Domingos Ferreira] => Dume => Óbito => Livro B-415 (1673 a 1703)=> Prancha 27 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008448&FileID=280331
5	25/10/1659	Arquivo Distrital de Braga	⑤ Maria, b. 25.10.1659, filha de Lourenço Gonçalves e Maria Francisca, gontijo, P. Padre Gonçalo Leite e Luzia Jorge, todos desta, Padre Paulo Mendes Botelho, prior => Dume => Batizados => Livro B-415 (1649 a 1693) => Prancha 28 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008412&FileID=278329
6	14/11/1688	Arquivo Distrital de Braga	⑥ [Domingos Ferreira, S. Maria de Aveleda, 'Braga' (casou em 14.11.1688, com Maria Francisca, filha de Lourenço Gonçalves, gontijo, desta] => Dume => Casamentos => Livro B-414 (1620 a 1691) => Prancha 44 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008431&FileID=279919
7	03/02/1661	Arquivo Distrital de Braga	⑦ 2) Anna, b. 3.2.1661, filha de Lourenço Gonçalves e Maria Francisca, gontijo, P. Domingos Jorge, rego e Maria, filha de Domingos Gonçalves, rego, Padre Paulo Mendes Botelho, prior => Dume => Batizados => Livro B-415 (1649 a 1693) => Prancha 31 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008412&FileID=278335
8	26/02/1668	Arquivo Distrital de Braga	⑧ 5) Ilena, b. 26.2.1668, gontijo, sopiada (batizada) em casa pelo Padre Manoel de Basto, por a criança parecer mortal e restantes cerimonias na igreja, com sua presença, Padre Paulo Mendes Botelho, prior => Dume => Batizados => Livro B-415 (1649 a 1693) => Prancha 49 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008412&FileID=278371
9	14/05/1692	Arquivo Distrital de Braga	⑨ [Joseph Ferreira, filho de Antonio Ferreira, falecido e Ilena Ferreira, chãos de cima, Braga (casou em 14.5.1692, com Francisca Gonçalves, filha de Lourenço Gonçalves, falecido e Maria Francisca, gontido)] = => Dume => Casamentos => Livro B-430 (1691 a 1779) => Prancha 4 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008432&FileID=279926
10	30/02/1697	Arquivo Distrital de Braga	⑩ [Francisco Alvares, viuvo de Ursula Duarte, filha de Estevão Nogueira, falecido e Angela Duarte, cacavelos e ele filho de Andre Alvares, falecido e Maria Francisca, lamas, desta (casou em 20.2.1707, com Ilena Francisca, filha de Lourenço Gonçalves e Maria Francisca, falecidos, gontijo)] => Dume => Casamentos => Livro B-430 (1691 a 1779) => Prancha 27 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008432&FileID=279949
11	28/08/1689	Arquivo Distrital de Braga	⑪ Agostinho, b. 28.8.1689, filho de Domingos Ferreira e Maria Francisca, gontijo, P. Francisco Ferreira, s. Vicente, Braga e Francisca, solteira, filha de Lourenço Gonçalves, gontijo, Padre Simão Alvarenga Peixoto, prior => Dume => Batizados => Livro B-415 (1649 a 1693) => Prancha 127 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008412&FileID=278575
12	25/12/1691	Arquivo Distrital de Braga	⑫ 2) Joseph, b. 23.12.1691, filho de Domingos Ferreira e Maria Francisca, gontijo, P. Paulo Duarte, rego e Ilena, solteira, filha de Maria Francisca, viuva, gontijo, Padre Simão Alvarenga Peixoto, prior => Dume => Batizados => Livro B-415 (1649 a 1693) => Prancha 135 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008412&FileID=278591
13	14/05/1713	Arquivo Distrital de Braga	⑬ Livro B-430 (Casamentos), de São Martinho de Dume, de1691 a 1779, prancha 042 Certidão de Casamento de Helena Francisca, Gontijo e Paulo da Costa (de Lemos) em 14/05/1713 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1008432&FileID=279964
14	22/03/1714	Arquivo Distrital de Braga	⑭ Livro de batismos nº 269 de São Vitor (Sam Victor), período de 1710 a 1715 Certidão de Batismo de Joseph da Costa, Gontijo ☆22/03/1714 => Prancha 133 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1012312&FileID=444729
15	15/10/1715	Arquivo Distrital de Braga	⑮ Livro de batismos nº 270 de São Vitor (Sam Victor), período de 1715 a 1719 Certidão de Batismo de Manoel da Costa, Gontijo (I ou Pai) ☆15/10/1715. Prancha 04 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1012313&FileID=444794

Links para Documentos de Antonia Maria da Costa > mulher de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
16	09/07/1730	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1741, Maio-1762, Abr > Certidão de Batismo, em Queluz (Conselheiro Lafaiete) de escravo de Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCS6-2?i=49&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FXS-TGSW
17	16/01/1733	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 097 > Certidão de Obito, em Queluz (Conselheiro Lafaiete) de escravo de Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3S-B?i=96&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XHK-VQRY
18	24/08/1730	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 125 > Padrinho de Casamento em na Igreja Matriz deNossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena) > Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCSG-N?i=124&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XHK-J2LC
19	16/09/1731	Fa milySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 151 > Padrinho de Casamento em na Igreja Matriz deNossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena) > Sargento Mor Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCS2-X?i=150&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XHK-V3VG
20	25/06/1732	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 127 > Padrinho de Casamento em na Igreja Matriz deNossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena) > Sargento Mor Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCS1-V?i=126&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XHK-V3NM
21	04/02/1732	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página > Certidão de Casamento de Leonor Pereira de Jesus (ou da Conceiçam) ☆circa 1715 Recife †25/09/1761 Freguesia NS Conceição dos Carijos (Lafaiete), casou-se em 04/02/1732 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCS1-V?i=126&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XHK-V3FW
22	29/08/1742	FamilySearch	Nossa Senhora da Candelária > Registros de casamento 1737–1751 > Página > Certidão de Casamento, na Candelaria/RJ, de Alexandre Pereira de Araujo e Perpetua Maria de Jesus https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-G238-1?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6X8P-BX6Z&action=view&groupId=M9HQ-2J2
23	23/07/1809	Family Search	Freguesia do Andirá > Batismos 1734–1757 > Página 137 > Certidão de Óbito, na Sé/RJ, Quiteria Flora de Jesus, filha Alexandre Pereira de Araujo Caldas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-GJ9Q-ZY?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6X8R-P2FN&action=view&groupId=M9SH-F1W
24	25/05/1751	FamilySearch	Rio de Janeiro > Nossa Senhora do Monte do Carmo da Antiga Sé. Batismos 1744–1759 > Página 113 > Antonia ☆1749 Nossa Senhora do Monte do Carmo da Antiga Sé/RJ batizada 01/07/1749 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-WWDH-3?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6X8T-564J&action=view&groupId=M9SH-FT9
25	01/09/1729	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728 > Página 005 > Certidão de Batismo, em Queluz, de Felipe filho legitimo de Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC32-S?i=4&wc=M5FJ-L2Z%3A369590501%2C369593702%2C369884901&cc=2177275
26	13/01/1732	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728 > Página 013 > Certidão de Batismo, em Queluz, de José filho legitimo de Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3Z-M?i=12&wc=M5FJ-L2Z%3A369590501%2C369593702%2C369884901&cc=2177275
27	09/06/1734	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 025 > Certidão de Batismo, em Queluz, de Felis / Felix filho legitimo de Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC77-7?i=24&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XHK-JW36
28	16/09/1736	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728 > Página 043 > Certidão de Batismo, na Igreja Matriz deNossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena), de Domingos, filho do Sargento Mor Alexandre Pereira de Araujo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3Q-1?i=42&wc=M5FJ-L2Z%3A369590501%2C369593702%2C369884901&cc=2177275
	06/08/1759	Family Search	Certidão de Batismo, em Ouro Branco, de Maria, filha de Anna Maria de Jesus
29	23/9/1734	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 026 > Certidão de Batismo, em Queluz, Antonio, filho legitimo de Jose da Costa de Oliveira https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3D-5?i=25&wc=M5FJ-L2Z%3A369590501%2C369593702%2C369884901&cc=2177275
30	27/05/1736	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 039 > Certidão de Batismo, em Queluz, de Anna Maria da Conceição ☆1736 Freguesia de NS da Conceição dos Carijos, Barbacena batizada 27/05/1736 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3D-Y?i=38&wc=M5FJ-L2Z%3A369590501%2C369593702%2C369884901&cc=2177275

31	17/11/1737	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 052 > Certidão de Batismo, em Queluz, de Joanna, filha legitima de Joze da Costa de Oliveira https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3Z-R?i=51&wc=M5FJ-L2Z%3A369590501%2C369593702%2C369884901&cc=2177275
32	11/09/1739	Family Search	Conselheiro Lafaiete Nossa Senhora da Conceição > Batismos, matrimônios, óbitos 1728, Mar-1743, Ago > Página 060 > Antonia Maria da Costa ☆1739 Freguesia de NS da Conceição dos Carijos, Barbacena batizada 11/09/1739 †Serro (provavelmente) https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3D-T?i=59&wc=M5FJ-L2Z%3A369590501%2C369593702%2C369884901&cc=2177275
	25/03/1754	Family Search	Padrinhos de Batismo, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conseissam Campo Alegre dos Carijos (Barbacena): Manoel da Costa Azevedo Pereira ou Manoel Pereira da Costa e Antonio Jose de Azevedo Pereira ou Antonio da Costa, filhos de Joze da Costa de Oliveyra
33	29/08/1745	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1741, Maio-1762, Abr > Página 045 >Certidão de Batismo, em Queluz, de Joze, filho legitimo de Jose da Costa de Oliveira https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCSX-D?i=44&wc=M5FJ-L2C%3A369590501%2C369593702%2C369908801&cc=2177275
34	22/01/1769	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1768, Ago-1780, Dez > Página 009 > Madrinha de Batismo, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena): Agueda, Solteira, filha de Joze da Costa de Oliveyra https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCR3?i=8&wc=M5FJ-L2H%3A369590501%2C369593702%2C369940301&cc=2177275
35	20/01/1755	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1754, Jun-1768, Ago > Páginas 011 e 012 > Certidão de Batismo, em Queluz, de João, filho legitimo de Jose da Costa de Oliveira https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC9T-Z?i=10&wc=M5FJ-L29%3A369590501%2C369593702%2C369923701&cc=2177275 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC91-J?i=11&wc=M5FJ-L29%3A369590501%2C369593702%2C369923701&cc=2177275
	07/02/1757	Family Search	Certidão de Batismo, em Queluz, de Felisberto, filho legitima de Joze da Costa de Oliveira
36	07/08/1795	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1794, Jun-1798, Nov > Página 007 > Certidão de Batismo, em Queluz, de Joze, filho de Felisberto da Costa Pereira https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCQ4-F?i=6
37	29/09/1755	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1754, Jun-1768, Ago > Página 017 > Certidão de Batismo, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena), de Anna, filha de Anna Maria da Conceição > Padrinho Manoel da Costa Gontigio https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC9L-R?i=16&cc=2177275&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FDC-VZMD
38	11/09/1757	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1754, Jun-1768, Ago > Página 041 > Certidão de Batismo, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena), de Francisco, filho de Anna Maria da Conceição https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC9K-Y?i=40&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FDC-VXMY
	02/09/1764	FamilySearch	Certidão de Batismo, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena), de Bartholomeo, filho de Anna Maria da Conceição
	27/02/1778	Family Search	Certidão de Batismo, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conseissam Campos dos Carijos (Barbacena), de Vicente, filho de Anna Maria da Conceição
	22/07/1758	FamilySearch	Certidão de Casamento, em Prados, de Domingos Pereira Soares e Anna Thereza de Jezus
39	14/06/1888	Arquivo Público Mineiro	Requerimento do capitão Domingos Pereira Soares sobre a Concessão de Sesmaria em São Matheus, na Aplicação de Nossa Senhora da Piedade > CONSTAM DESPACHO DATADO DE 14/06/1788 EM VILA RICA E ATESTADO. http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=15150
40	18/09/1782	Arquivo Público Mineiro	Registro de entrada de Domingos Pereira soares no Caminho Novo com cargas de seco, barras de ferro e enxadas > 18/09/1782 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=14340
41	1768	FamilySearch	Prados > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1739, Nov-1867, Nov > Página 058 > Certidão de Batismo, na Capella da Senhora da Lapa de Olhos d'Agoa, Prados, de Alexandre, filho do Capitam Domingos Pereira Soares https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939L-9R91-VM?i=57&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMX-L5VY
42	19/02/1772	Family Search	Prados > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1741, Maio-1789, Mar > Página 009 > Certidão de Batismo, na Capella da Senhora da Lapa de Olhos d'Agoa, Prados, de Joanna, filha de Domingos Pereira Soares https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939L-9RS3-W6?i=8&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMF-M7PT
43		FamilySearch	Batismos de Santo Antônio de Casa Branca: 1799-1780 > Página 044 > Certidão de Batismo, na Capella de Santa Rita, Saõ Joaõ d'El Rey, de Domingo, filho do Capitaõ Domingos Pereira Soares > Domingos Pereira de Araujo Caldas ☆1780 batizado 04/10/1780 São João d'El Rey † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHN-RQV2-2CZC?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6KRP-K6RQ&action=view&groupId=TH-7705-124820-8395-32

44	27/07/1797	FamilySearch	São João del Rei Nossa Senhora do Pilar Batismos 1796, Jun-1799, Maio > Página 011 > Certidão de Batismo, na Capella de Santa Rita, Saõ Joaõ d'El Rey, de escravo do Capitaõ Domingos Pereira Soares https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9K-BG?i=10&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMX-8GDC
	22/01/1801	Family Search	Certidão de Batismo, na Matriz de Saõ Joaõ d'El Rey, de escravo do Capitam Domingos Pereira Soares
45	30/05/1783	Family Search	Batismos de Santo Antônio de Casa Branca: 1745-1797 > Páginas 074 e 075 > Certidão de Batismo de Honoria Felisbina Pereira e Caldas ☆1783 batizada 30/05/1783 São João d'El Rey †, casou-se 20/10/1799 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHK-8QV2-6S6S-8?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6KXK-8JGP&action=view&groupId=TH-7782-124814-25914-37 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHK-6QV2-F2XB?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6KXK-8JGP&action=view&groupId=TH-7782-124814-25914-37
46	07/01/1800	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1802, Jan-1806, Set > Página 065 > Certidão de Batismo, na Matriz de NS Pilar, de Saõ Joaõ d'El Rey, de afilhado do Alferes Domingos Pereira Soares https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GC3R-J?i=64&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMV-FGT8
47		FamilySearch	1999 Ouro Preto Nossa Senhora da Conceição Batismos 1740, Jan-1774, Jan > Página 489 > Certidão de Batismo de Francisco ☆1771 Ouro Preto batizado 06/02/1771 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DNS6-TG?i=488&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6N1M-6PZW
48		FamilySearch	1999 Ouro Preto Nossa Senhora da Conceição Batismos 1740, Jan-1774, Jan > Página 355 > Certidão de Batismo de Francisco ☆1775 Ouro Preto batizado 03/04/1775 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DNSF-MY?i=354&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6N1M-7QDP

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCQQ-6?i=24&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FX3-SXX5
https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCSS-X?i=89&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FXS-FNBZ
https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3X-Z?i=37&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XHK-JWD6

Links para Documentos de Filhos de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
	1775	Family Search	Casamento de Manoel da Costa Gontijo
			Sem Informação até o momento
49	27/07/1756	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1754, Jun-1768, Ago > Página 025 > João da Costa Gontijo ☆08/07/1756 Fazenda dos Macacos, Queluz, batizado 26/07/1756 †1777-8 Barbacena, aos 21 anos https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC9V-C?i=24&wc=M5FJ-L29%3A369590501%2C369593702%2C369923701&cc=2177275
	1777-8	Family Search	Óbito de João da Costa Gontijo ☆08/07/1756 Fazenda dos Macacos, Queluz, batizado 26/07/1756 †1777-8 Barbacena, aos 21 anos
			Sem Informação até o momento
50	01/06/1758	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1754, Jun-1768, Ago > Página 042 > Capitam Manoel Jozé da Costa Gontijo (Filho ou II) ☆25/05/1758 Fazenda dos Macacos, Queluz, batizado 01/06/1758 †25/01/1830 BD, casado em 13/07/1786 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC9T-7?i=41&wc=M5FJ-L29%3A369590501%2C369593702%2C369923701&cc=2177275
51	15/08/1759	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1741, Maio-1762, Abr > Página 109 > Certidão de Batismo, em Queluz (Conselheiro Lafaiete), de escravo do Sargento Mor Manoel da Costa Gontijo, 1859 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PCSQ-7?i=108&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FXS-8R34
52	05/05/1760	FamilySearch	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1754, Jun-1768, Ago > Página 059 > Maria Dorothea da Costa ☆04/04/1760 Fazenda dos Macacos, Queluz batizada 05/05/1760 †1801 São João Del Rei, casou-se 24/11/1777 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC98-V?i=58&wc=M5FJ-L29%3A369590501%2C369593702%2C369923701&cc=2177275
53	07/12/1763	Family Search	Conselheiro Lafaiete > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1754, Jun-1768, Ago > Página 094 > Leonor Pereira da Costa ou de Jesus (Neta) ☆07/12/1763 Fazenda dos Macacos, Queluz, batizada 20/01/1764 †08/08/1829 Lavras https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PC3Z-S?i=93&wc=M5FJ-L29%3A369590501%2C369593702%2C369923701&cc=2177275
54	02/10/1765	FamilySearch	Barbacena Nossa Senhora da Piedade > Batismos 1763, Out-1771, Abr > Página 044 > Anna Candida da Costa ☆24/09/1765 Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, batizada 02/10/1765 †1820 Diamantina (Inventário) https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-65MQ-29G?i=43&wc=M5N6-HZ3%3A369591901%2C369591902%2C369786801&cc=2177275
55	22/03/1768	Family Search	Barbacena Nossa Senhora da Piedade > Batismos 1763, Out-1771, Abr > Páginas 101 e 102 > Bernardina Flora de Jesus ☆27/02/1768 Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, batizada 22/03/1768 †13/10/1866 Serro (Inventário) https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-65MQ-2X4?i=100&wc=M5N6-HZ3%3A369591901%2C369591902%2C369786801&cc=2177275 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-65MQ-KR1?i=101&wc=M5N6-HZ3%3A369591901%2C369591902%2C369786801&cc=2177275
56	25/12/1770	FamilySearch	Barbacena Nossa Senhora da Piedade > Batismos 1763, Out-1771, Abr > Página 166 > Hippolita da Costa ☆07/12/1770 Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, batizada 25/12/1770 †<1776 Barbacena https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-65MQ-K5S?i=165&wc=M5N6-HZ3%3A369591901%2C369591902%2C369786801&cc=2177275
57	<1776	Family Search	Óbito de Hippolita da Costa †<1776 Barbacena
			Sem Informação até o momento
58	18/06/1775	Family Search	Barbacena Nossa Senhora da Piedade > Batismos 1771, Out-1776, Jun> Página 172 > Goarda Mor Vicente da Costa Gontijo ☆18/05/1775 Fazenda Registro Velho, batizado 18/06/1775 †19/08/1832 Serro (Inventário), casou-se circa 1807 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y33Z-QL7?i=171&wc=M5F2-J4M%3A369591901%2C369591902%2C369961801&cc=2177275
59	28/09/1776	FamilySearch	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Óbitos 1778, Ago-1783, Nov > Página 065 > Óbito do Capitam Mor nas Ordenanças Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I) †28/09/1776 Barbacena https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y338-G22?i=64&wc=M5FL-2NR%3A369591901%2C369591902%2C370445101&cc=2177275
60	28/09/1776	Family Search	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Obitos 1778, Ago-1783, Nov > Páginas 066, 067 e 068 > Testamento do Capitam Mor nas Ordenanças Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I) †28/09/1776 Barbacena https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y338-GPF?i=65&wc=M5FL-2NR%3A369591901%2C369591902%2C370445101&cc=2177275 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y338-GP8?i=66&wc=M5FL-2NR%3A369591901%2C369591902%2C370445101&cc=2177275 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y338-GL3?i=67&wc=M5FL-2NR%3A369591901%2C369591902%2C370445101&cc=2177275
61	25/02/1781	FamilySearch	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Matrimônios 1739, Nov-1781, Jun > Páginas 017 e 018 > Casamento de Antonia Maria da Costa e Manoel Monteiro da Silva casou-se 25/02/1781 NS Piedade, Barbacena https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-62F9-CH?i=16&wc=M5N3-PTY%3A369591901%2C369591902%2C369898601&cc=2177275 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-62FS-V5?i=17&wc=M5N3-PTY%3A369591901%2C369591902%2C369898601&cc=2177275

Links para Documentos de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I) Eventos

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
	1729		Imigração aos 14 anos de idade com o tio Agostinho Ferreyra (Gontijo) Sem Informação até o momento
	1729		Alistamento Militar aos 14 anos de idade Sem Informação até o momento
	1735		Solicitação de Admissão na Irmandade de Nossa Senhora do Pillar em Ouro Preto (Tramitação estimada em 3 anos) Sem Informação até o momento
62	1737	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1737 > Manoel da Costa Gontijo http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=76391 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-38/76391.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-38/76393.jpg
63	1737	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1737 > Manoel da Motta > Averbação de Manoel da Costa Gontijo (comprador de sua casa) http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=76570 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-38/76570.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-38/76571.jpg
64	1738	Universidade Federal de Juiz de Fora	Admissão Irmandade de Nossa Senhora do Pillar em Ouro Preto https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3078/1/monalisapavonneoliveira.pdf
65	1749	Museu da Casa dos Contos Ouro Preto	Documento ORIGINAL (Só temos transcrição) de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai) sobre o Zimbório da Igreja do Pilar de Ouro Preto Solicitado em 19/05/1923
66	1750	Arquivo Público Mineiro	CC - Cx. 143 - 21311 de 07.05.1750 > Requerimento de Manoel da Costa Gontijo sobre Concessão de Lista em 07/05/1750 > Aguarda Digitalização do APM http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=8849
67	1751	Museu da Casa dos Contos Ouro Preto	LATA 162, 2o Pacote > MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai), em Ouro Preto seja o feitio de 2 pares de foles para a Casa de Fundição 1751 Vila Rica > Ainda não Solicitado em 20/07/2023
	1754		Solicitação de Sesmaria em Cabo Frio (Tramitação Média de 7 anos) Sem Informação até o momento
68	1756		Residência na Fazenda dos Macacos, Queluz Informação contida nos registros de batismo dos filhos
69	1763	Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal	Carta de Sesmaria em Cabo Frio > Registo Geral de Mercês de D. José I, liv. 18, f. 32 https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1934746
70	1765	Museu da Inconfidência Ouro Preto	Processo em Ouro Preto 1765 > Solicitado em 17/05/2023 http://sahmi.museus.gov.br/login.xhtml
71	1765		Residência na Fazenda Registro Velho, Barbacena Informação contida nos registros de batismo dos filhos
72	1767	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1767 > Manoel da Costa Gontijo > Pag 142 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=94839 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-92/94839.jpg
73	1767	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1767 > Manoel da Costa Gontijo > Pag 182 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=95074 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-92/95074.jpg
74	1767	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1767 > Manoel da Costa Gontijo > Pag 183 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=95081 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-92/95081.jpg
73	1767	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1767 > Manoel da Motta > Averbação de Manoel da Costa Gontijo (comprador de sua casa) > Pag 184

			http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=95087 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-92/95087.jpg
74	1767	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1767 > Agostinho Ferreyra Gontijo > Pag 479 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=96225 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-92/96225.jpg
75	1767	Arquivo Público Mineiro	Casa de Ouro Preto 1767 > > Agostinho Ferreyra Gontijo > Pag 478 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmopdocs/photo.php?lid=96222 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP-92/96222.jpg
76	1768	Arquivo Público Mineiro	Quilombo do Rio Pomba http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtdocs/photo.php?lid=20957&cid=105&cpage=13&perPage=10 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SC-103/21436.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SC-103/21440.jpg
77	1770	IPHAN São João del Rey	Testamenteiro de Andre Lopes Rayo > nomeia como testamenteiros: Primeiro > o capitão Capitão-mor Manoel Rodrigues da Costa. Segundo > Manoel Rodrigues Valle. Terceiro > Manoel da Costa Gontijo. Em dúvida se solicito, pois é muito secundário
78	1772	Biblioteca Nacional	Pedido de Promoção Militar Sem Link, mas documento tem o carimbo da Biblioteca Nacional
79	1774	IPHAN São João del Rey	Inventariante de Antonio Fonseca > Inventariado > FONSECA, Antônio da. Título > INVENTARIANTE > GONTIJO, Manoel da Costa ANO > 1774 CARTORIO > LOC. 1 > Registro Velho T1 > F LOC. 2 > Borda do Campo T2 > Fr LOC. 3 > T3 > LOC. 4 > T4 > LEG. > R CAIXA > 89 Ainda não Solicitado em 20/07/2023
80	1774	Biblioteca Nacional	Pedido de Promoção Militar Sem Link, mas documento tem o carimbo da Biblioteca Nacional
81	1776	Biblioteca Nacional	Pedido de Promoção Militar Sem Link, mas documento tem o carimbo da Biblioteca Nacional
82	1777	Museu da Inconfidência Ouro Preto	Processo em Ouro Preto 1777 > Solicitado em 17/05/2023 http://sahmi.museus.gov.br/login.xhtml
83	15/12/1785	FamilySearch	Em seu Testamento, em 15/12/1785 o Coronel Manoel Rodrigues da Costa diz ser, Tutor dos filhos menores do Capitam Mor nas Ordenanças Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I) †28/09/1776 Barbacena. Pag055 > https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y33D-MGJ?i=54&wc=M5FL-YWY%3A369591901%2C369591902%2C370409801&cc=2177275 Pag056 > https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y33D-MP5?i=55&wc=M5FL-YWY%3A369591901%2C369591902%2C370409801&cc=2177275 Pag057 > https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y33D-MP2?i=56&wc=M5FL-YWY%3A369591901%2C369591902%2C370409801&cc=2177275 Pag058 > https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y33D-MPQ?i=57&wc=M5FL-YWY%3A369591901%2C369591902%2C370409801&cc=2177275
84	1794	Museu de Barbacena	Apartado do Inventário de Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai) 1794 > Vicente da Costa Gontijo Associação Cultural do Arquivo Histórico Municipal Professor Altair Savassi (ACAHMPAS)
85	1794	Museu de Barbacena	Justificação de Capacidade no Inventário de Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai) 1794 > Vicente da Costa Gontijo Associação Cultural do Arquivo Histórico Municipal Professor Altair Savassi (ACAHMPAS)
86	1794	Museu de Barbacena	Justificação de Capacidade no Inventário de Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai) 1794 > Bernardina Flora de Jesus Associação Cultural do Arquivo Histórico Municipal Professor Altair Savassi (ACAHMPAS)
87	1794	TJMG	Mina de Enxofre do Contijo > Citação nos autos da Devassa de 11 Volumes > 4.786 Páginas > 1 Linha escrito MANOEL DA COSTA CONTIJO com "C"" Citação Página 055 > Vol 01 > 419 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-1.pdf Vol 02 > 534 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-2.pdf Vol 03 > 515 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-3.pdf Vol 04 > 341 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-4.pdf Vol 05 > 575 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-5.pdf Vol 06 > 497 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-6.pdf Vol 07 > 475 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-7.pdf

			Vol 08 > 438 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-8.pdf Vol 09 > 508 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-9.pdf Vol 10 > 400 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-10.pdf Vol 11 > 174 Páginas > https://ejef.tjmg.jus.br/wp-content/uploads/2022/06/atos_volume-11.pdf
88	17/05/1810	Arquivo Nacional	Venda da Sesmaria de Cabo Frio > Diz Ellena Maria de Jezus, Viuva do Alferez João Pinto Coelho, moradora no Rio de São João Destricto da Cidade de Cabo Frio, que o fallecido seu marido comprou em sua vida, hua Legoa de terras em quadra ao Capitam Joze Antonio Barboza, como Procurador bastante de Dona Antonia Maria da Costa, Viuvado Capitam Manoel da Costa Gontijo https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Exibe_Pesquisa_Reduzida.asp?v_CodReferencia_ID=1307110 http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_BI/0/R15/1535/BR_RJANRIO_BI_0_R15_1535_d0001de0001.pdf

Links para Documentos de Filhos de João, filho natural de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
89	11/02/1780	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Matrimônios 1773, Ago-1781, Ago > Página 079 > João da Costa Gontijo, pardo, forro ☆circa 1760 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey †, casou-se 11/02/1780 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-G463-3?i=78&wc=M5FF-SPV%3A369991501%2C369991502%2C370814101&cc=2177275
90	08/07/1781	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1779, Set-1782, Maio > Página 101 > Joanna ☆1781 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizada 08/07/1781 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW7V-6?i=100&wc=M5FX-C6V%3A369991501%2C369991502%2C370208801&cc=2177275
	1783	FamilySearch	Possível gravidez
91	06/07/1784	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1782, Maio-1784, Set > Página 147 > João ☆1784 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizado 06/07/1784 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWQS-4?i=146&wc=M5FX-4WL%3A369991501%2C369991502%2C370246601&cc=2177275
92	05/06/1786	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1784, Mar-1789, Maio > Página 002 > Anna ☆1786 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizada 05/06/1786 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW33-9?i=1&wc=M5F6-16D%3A369991501%2C369991502%2C370274501&cc=2177275
93	27/10/1788	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1791, Maio-1793, Ago > Página 063 > Antonio ☆1788 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizado 27/10/1788 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-41?i=62&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6JZD-Z45K
94	05/12/1790	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1784, Jul-1791, Jan > Página 111 > Joze ☆1790 NS da Conceição do Porto do Saco (Carrancas), de Santa Anna de Lavras do Funil batizado 05/12/1790 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWW5-V?i=110&wc=M5F6-BZD%3A369991501%2C369991502%2C370286501&cc=2177275
95	30/11/1792	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > > Página > Manoel ☆1792 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizado 30/11/1792 †
96	29/09/1794	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar >Batismos 1778, Set-1792, Maio> Página 039 > Thomaz ☆1794 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizado 29/09/1794 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9F-L4?i=38&wc=M5FX-C66%3A369991501%2C369991502%2C370337701&cc=2177275
97	05/11/1796	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > > Página > Maria ☆1796 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizada 05/11/1796 †
98	03/11/1798	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1799, Maio-1800, Dez > Página 020 > Antonia ☆1798 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizada 03/11/1798 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GC7T-1?i=19&wc=M5FN-T3X%3A369991501%2C369991502%2C370374501&cc=2177275
99	20/10/1800	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1802, Jan-1806, Set > Página 111 > Pedro ☆1800 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizado 20/10/1800 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GCS6-1?i=110&wc=M5FN-RM7%3A369991501%2C369991502%2C370413601&cc=2177275
	1803	FamilySearch	Possível gravidez
100	25/04/1805	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1802, Jan-1806, Set > Página 122 > Joanna ☆1805 São Miguel do Cajuru, distrito de São João del Rey batizado 25/04/1805 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GC38-H?i=121&wc=M5FN-RM7%3A369991501%2C369991502%2C370413601&cc=2177275

Links para Documentos de Filhos de Maria Dorothea, filha de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
101	1856	Arquivo Distrital de Braga	Certidão de Batismo > Capitão Francisco Fernandez Medellas ☆1756 Lugar Medellas, Freguesia de São Romão de Uxa, termo do Prado, Arcebispado de Braga > Pesquisadas Lâminas 20 a 50 e não encontrado > anos 1752 até 1761 > Lugar MEDELLA http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1018840&FileID=725645 http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1018840&FileID=725645
101	04/11/1777	FamilySearch	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Matrimônios 1752, Out-1781, Fev > Página 203 > Certidão de Casamento em Barbacena > Maria Dorothea da Costa ☆04/04/1760 Fazenda dos Macacos †1801 São João Del Rei, casou-se 04/11/1777 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-62FS-XH?i=202&wc=M5N3-PTT%3A369591901%2C369591902%2C369900801&cc=2177275
102	27/03/1779	FamilySearch	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Batismos 1776, Jun-1780, Fev > Página 145 > Certidão de Batismo > Francisca Dorothea da Costa ☆27/03/1779 batizada 02/05/1779 †, com 22 anos em 1802; casou-se 06/02/1804 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y33Z-Q57?i=144&wc=M5F2-VZ3%3A369591901%2C369591902%2C369985801&cc=2177275
103	25/12/1781	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1779, Set-1782, Maio > Página 119 > Certidão de Batismo > Carlos Fernandes Medellas ☆1781 Saõ Joaõ d'El Rey batizado 25/12/1781 †, solteiro em 1815 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWW3-N?i=118&wc=M5FX-C6V%3A369991501%2C369991502%2C370208801&cc=2177275
104	29/06/1784	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1782, Maio-1784, Set > Página 146 > Certidão de Batismo > Joanna Carlota do Nascimento ☆1784 batizada 29/06/1784 †19/06/1869 Conceição da Barra de Minas, São João del Rei https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWQ8-S?i=145&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMJ-YGRK
105	22/01/1786	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1784, Out-1787, Fev > Página 062 > Certidão de Batismo > Jozê Fernandes Medellas ☆1785 NS Conceição da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey batizado 22/01/1786 †30/10/1840 Fazenda Moinhos https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW3R-K?i=61&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMN-7KYV
106	28/05/1787	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1784, Mar-1789, Maio > Página 013 > Certidão de Batismo > Anna Maria da Conceição ☆1787 NS Conceição da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey batizada 28/05/1787 †, casou-se 29/07/1817 NS Piedade, Barbacena https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW3L-Q?i=12&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A66RM-DBWX
107	04/10/1789	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1791, Maio-1793, Ago > Página 018 > Certidão de Batismo > Antonia Dorothea da Costa ☆1789 NS Conceição da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey batizada 04/10/1789 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-KQ?i=17&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6JZ8-JKHP
108		FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1779, Set-1782, Maio > Página 110 > Certidão de Batismo, em Conceiçaõ da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey, de escrava do Capitão Francisco Fernandes Medellas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWW3-2?i=109&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMJ-PK4B
109		FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1792, Jun-1796, Nov > Pagina 082 > Certidão de Batismo, em Conceiçaõ da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey, de escrava do Capitão Francisco Fernandes Medellas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW92-QW?i=81&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FDX-JCLM
110		FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1791, Maio-1793, Ago > Página 022 > Certidão de Batismo, em Conceiçaõ da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey, de escrava do Capitão Francisco Fernandes Medellas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-KS?i=21&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6JZ8-DCZ7
111	11/04/1810	Arquivo Público Mineiro	Secretaria de Governo da Capitania > 11/04/1810 > Carta de Nomeação de José Fernandes Medelas para Guarda-Mor Substituto dos Distritos de Santo Antonio de Ibertioga e Santana do Garambéu, Comarca do Rio das Mortes http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=5512 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtdocs/photo.php?lid=105951 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.81-Doc.46/105951.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.81-Doc.46/105954.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.81-Doc.46/105957.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.81-Doc.46/105966.JPG
112		Projeto Compartilhar	São João del Rei > Inventários 1814 > Capitão Francisco Fernandez Medellas e 1801 > Maria Dorothea da Costa http://www.projetocompartilhar.org/DocsMgAF/franciscofernandesmedela1814mariadoroteadacosta1801.htm
113		Projeto Compartilhar	São João del Rei > Inventários 1844 > Guarda Mor Jozê Fernandes Medellas

			http://www.projetocompartilhar.org/DocsMgGL/josefernandesmedellas1840.htm
114		UNESP	São João del Rei > Fazenda dos Moinhos > Guarda Mor Jozê Fernandes Medellas https://www2.faac.unesp.br/extensao/mhar/pesquisas/evolucaourbana/evolucaourbana.pdf

112		FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1791, Maio-1793, Ago > Página 029 > Certidão de Batismo, em Conceiçaõ da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey, de Ritta, escrava do Capitão Francisco Fernandes Medellas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-Q4?i=28&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6JZD-MPFT
113		FamilySearch	São João del Rei >Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1791, Maio-1793, Ago > Página 018 > Certidão de Batismo, em Conceiçaõ da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey, de Mathiaz, escravo do Capitão Francisco Fernandes Medellas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-KQ?i=17&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6JZ8-JKZ7
114		FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1791, Maio-1793, Ago > Página 019 > Certidão de Batismo, em Conceiçaõ da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey, de Eva, escrava do Capitão Francisco Fernandes Medellas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-K3?i=18&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6JZD-CZ22
115		FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1784, Maio-1793, Ago > Página 118 > Certidão de Batismo, em Conceiçaõ da Barra, Saõ Joaõ d'El Rey, de Vicente, escravo do Capitão Francisco Fernandes Medellas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHK-CQV2-89HT-R?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6KX2-ZL6Z&action=view&groupId=TH-7779-124811-34974-92

Links para Documentos de Filhos de Leonor, filha de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
115	01/11/1755	FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1742, Maio-1780, Fev > Página 131 > Alferes Joaquim Pereira do Amaral ☆01/11/1755 Lavras do Funil https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW98-2J?i=130&wc=M5FX-4WT%3A370934801%2C369593702%2C370938001&cc=2177275
116	02/02/1780	FamilySearch	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Matrimônios 1752, Out-1781, Fev > Página 225 > Certidão de Casamento > Leonor Pereira de Jesus ou da Costa (Neta) ☆07/12/1763 Fazenda dos Macacos, batizada 20/01/1764 †08/08/1829 Lavras, casou-se 02/02/1780 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-62FS-C6?i=224&wc=M5N3-PTT%3A369591901%2C369591902%2C369900801&cc=2177275
117	25/05/1781	FamilySearch	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Batismos 1777, Mar-1782, Fev > Página 061 > Certidão de Batismo em Barbacena > Antonia ☆25/05/1781 Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena batizada 15/06/1781 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y33Z-QTT?i=60&wc=M5F2-VZQ%3A369591901%2C369591902%2C370004901&cc=2177275
118	25/09/1781	FamilySearch	Barbacena > Nossa Senhora da Piedade > Óbitos 1778, Ago-1783, Nov > Página 112 > Antonia ☆25/05/1781 Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena batizada 15/06/1781 †25/09/1781 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y338-GLY?i=111&cc=2177275
119	27/10/1792	FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1790, Out-1798, Jan > Página 056 > Certidão de Batismo em Carrancas > Marianna Zeferina de Sam Joze ☆1792 Capela NS do Porto, Carrancas 27/10/1792 †1834 (Inventário), casou-se 28/10/1810 Lavras https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWBF-9?i=55&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMF-ZWYW
120	20/11/1810	FamilySearch	Lavras > Sant'Ana > Batismos 1805, Nov-1829, Dez > Página 041 > Madrinha Leonor Pereira da Costa https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-G495-K6?i=40&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMN-B34K
121	08/08/1829	FamilySearch	Lavras > Sant'Ana > Óbitos 1814, Nov-1866, Jul > Página 046 > Óbito de Leonor Pereira da Costa †08/08/1829 Lavras https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW98-V1?i=45&wc=M5FX-7MW%3A370940601%2C369591102%2C371168101&cc=2177275
122	26/04/1786	Arquivo Público Mineiro	Secretaria de Governo da Capitania > 26/04/1786 > Requerimento do Comandante Joaquim Pereira do Amaral referente a uma solução, pois os moradores do Distrito de Cajuba se recusam a contribuir para a conclusão do trabalho de conquista das terras e civilização do índios http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=1193 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.16-Doc.15/87679.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.16-Doc.15/87684.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.16-Doc.15/87690.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.16-Doc.15/87694.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.16-Doc.15/87701.JPG
123	10/03/1796	Arquivo Público Mineiro	CC > Cx. 152 > 21488 > Carta de sesmaria passado por Antonio Ramos da Silva Nogueira a Joaquim Pereira do Amaral > 10/03/1796 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=10327
124	25/07/1798	Arquivo Público Mineiro	CC > Cx. 148 > 21419 > Requerimento Joaquim Pereira do Amaral sobre a concessão de sesmaria no sitio chamado Borges, paragem nas vizinhanças da Ressaca > 25/07/1798 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=16136
125	31/05/1771	Genealogia VillasBoas	Inventário e Testamento de Manoel Pereira do Amaral > Inventariante: Anna Maria do Nascimento > Inventário Redigido: São João del-Rei em 31/05/1771 > Testamenteira: Anna Maria do Nascimento > Testamento Redigido: São João del-Rei em 17/10/1770 http://www.genealogia.villasboas.nom.br/Inv-Test/ManoelPereiraDoAmaral.html
126	01/11/1808	Genealogia VillasBoas	Inventário e Testamento de Anna Maria do Nascimento > Testamento Redigido: Porto do Saco em 06/11/1802 > Data de abertura : 01/11/1808 (falecimento) http://www.genealogia.villasboas.nom.br/Inv-Test/AnaMariaDoNascimento.html
127	01/11/1755	Genealogia VillasBoas	Capitão Joaquim Pereira do Amaral > http://www.genealogia.villasboas.nom.br/DescAncestrais/mgc/pafg06.htm#3655

Links para Documentos de Filhos de Anna Candida, filha de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
128	13/11/1635	Universidade de Coimbra	Alunos da Universidade de Coimbra > desde 1635 https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=140852&detailsType=Description https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=140560&ht=ant%c3%b3nio%7cara%c3%bajo%7cabreu&detailsType=Description https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=268946&ht=manuel%7cbernardino%7cara%c3%bajo%7cabreu&detailsType=Description https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=268949&ht=manuel%7cbernardino%7cara%c3%bajo%7cabreu&detailsType=Description https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=140980&ht=jos%c3%a9%7cbernardino%7cara%c3%bajo%7cabreu&detailsType=Description https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=141091&ht=manuel%7cbernardino%7cara%c3%bajo%7cabreu&detailsType=Description
129	25/01/1786	Genealidade e Genealogia de Ary Barroso	Certidão de Casamento > Anna Candida da Costa ☆24/09/1765 Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, batizada 02/10/1765 †1820 Diamantina (Inventário), casou-se 25/01/1786 Villa do Principe do Serro Frio > LIVRO 2o DE CASAMENTOS DA MATRIZ (VILA DO PRINCIPE - SERRO) F. 75 v. https://val51mabar.wordpress.com/2014/04/14/genealidade-e-genealogia-de-ary-barroso/ https://val51mabar.wordpress.com/
130	1795 ?	Arquivo Público Mineiro	Carta particular de Sebastião de Araujo e Abreu sobre uma besta que arrematou para pagamento de um crédito de João José Barbosa > Sem data 1795 ? http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=8151 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtdocs/photo.php?lid=115540 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.123-Doc.23/115540.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.123-Doc.23/115543.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.123-Doc.23/115550.JPG http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.123-Doc.23/115554.JPG
131	26/08/1797	Arquivo Público Mineiro	Requerimento do Guarda Mor Sebastiam de Araujo e Abreo referente à carta se semsria de meia legoa de terra junto a fazenda edificada por ele chamda Bomjardim, por compreender nela um córrego do mesmo nome que é nas vertentes do Turvo, comprada de seu descobridor Sargento Mor Manoel Monteiro da Silva > 26/08/1797 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=2395 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtdocs/photo.php?lid=92328 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92333.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92337.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92345.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92352.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92356.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92360.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92362.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92363.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.33-Doc.14/92364.jpg
132	20/02/1813	Família Pinho Tavares de Sabinópolis/MG	Certidão de Casamento > Quiteria Jesuina de Araujo ☆circa 1795 Capela de São João de Goanhães, filial da Matriz de Conceição da Villa do Principe †, casou-se 20/02/1813 Diamantina > Em fevereiro de 1813, o alferes Bernadino José veio a casar-se com Quitéria Jesuína de Araújo, filha de Sebastião de Araújo Abreu e de Ana Cândida da Costa. Com efeito, assim se lê na Certidão de Casamento, encontrada no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina (Caixa 335, Livro de Registro de Casamentos do período de 1808 a 1821, fl. 6): https://www.pinhotavares.com.br/de-portugal-ao-brasil/
133	06/02/1884	Find A Grave	Lápide > Dr. Marcos Antonio Araujo Abreo ☆25/04/1805 Freguesia Santo Antonio, Arraial do Tejuco †06/02/1884 Wiesbaden; Visconde de Itajubá, Direito Universidade de Coimbra, Portugal https://pt.findagrave.com/memorial/33558203/marcos-antonio-araujo
134	15/05/1834	FamilySearch	Rio de Janeiro > Registros de casamento 1866–1873 > Página 006 > Certidão de Casamento > Dr. Marcos Antonio Araujo Abreo ☆25/04/1805 Freguesia Santo Antonio, Arraial do Tejuco †06/02/1884 Wiesbaden; Visconde de Itajubá, Direito Universidade de Coimbra, Portugal; casou-se 15/05/1834 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-R8SM-R8?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6X8G-W9DF&action=view&groupId=M9HQ-9W1

Links para Documentos de Filhos de Vicente, filho de Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
135	16/05/1795	Arquivo Público Mineiro	Requerimento de Vicente da Costa Gontijo sobre a Concessão de Patente para o Posto de Alferes > Consta despacho datado de 16/05/1795 em Vila Rica e Nomeação http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=14829
136		Arquivo Público Mineiro	Mapa de População em 1838 de do Distrito de Sonhora May dos Homens > Villa de Principe do Serro Frio http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/mapas_populacao_docs/viewcat.php?cid=940 http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/mapas_populacao/MP-CX.09-DOC.21/65355.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/mapas_populacao/MP-CX.09-DOC.21/65357.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/mapas_populacao/MP-CX.09-DOC.21/65367.jpg http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/mapas_populacao/MP-CX.09-DOC.21/65359.jpg
137	14/10/1859	Coarpe-TJMG	Candida Flora de Jesus ☆circa 1808 Fazenda NS Piedade do Turvo, NS May dos Homens do Turvo, Termo do Serro †14/10/1859 Serro (Inventário) https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
138	18/05/1833	Coarpe-TJMG	Certidão de Óbito de Maria Flora de Nazareth ☆1810 Fazenda NS Piedade do Turvo, NS May dos Homens do Turvo, Termo do Serro †18/05/1833, aos 23 anos (Pag 78 do Inventário do pai) https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
	13/10/1866	Coarpe-TJMG	Bernardina Flora de Jezus ou da Costa ☆1811 Fazenda NS Piedade do Turvo, NS May dos Homens do Turvo, Termo do Serro †13/10/1866 Serro (Inventário) https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
139	05/06/1887	Coarpe-TJMG	Barbara Ricardina de Jesus ☆1815 Fazenda NS Piedade do Turvo, NS May dos Homens do Turvo, Termo do Serro (aos 17 anos em 19/08/1832) †05/06/1887 https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
140	02/02/1897	Coarpe-TJMG	Carlota Leopoldina ou Ricardina de Jesus ☆1821 Fazenda NS Piedade do Turvo, NS May dos Homens do Turvo, Termo do Serro †02/02/1897 Serro https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
141	02/04/1853	Coarpe-TJMG	Cassemiro da Costa Gontijo ☆1823 Fazenda NS Piedade do Turvo, NS May dos Homens do Turvo, Termo do Serro (aos 9 anos em 19/08/1832) †02/04/1853 Serro (Inventário) https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
142	19/08/1832	Coarpe-TJMG	Goarda Mor Vicente da Costa Gontijo ☆18/05/1775 Fazenda Registro Velho, batizado 18/06/1775 †19/08/1832 Serro (Inventário), casou-se circa 1807 https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1

Links para Documentos de Manoel da Costa Gontijo (Filho ou II)

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
143	28/05/1786	FamilySearch	Lavras Sant'Ana > Matrimônios 1780, Fev-1793, Jun > Página 090 > Capitão Manoel Jozé da Costa Gontijo Padrinho Lavras https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GH99-HH?i=89&wc=M5FN-6TP%3A370940601%2C369591102%2C371120001&cc=2177275
144	13/07/1786	FamilySearch	Lavras Sant'Ana > Matrimônios 1780, Fev-1793, Jun > Página 089 > Capitão Manoel Jozé da Costa Gontijo (Filho ou II) ☆25/05/1758 Fazenda dos Macacos, Queluz (Conselheiro Lafaiete) †25/01/1830 BD, casou-se 13/07/1786 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GH99-58?i=88&wc=M5FN-6TP%3A370940601%2C369591102%2C371120001&cc=2177275
			Major Francisco da Costa Gontijo (Gontijo do Choro) ☆05/01/1788 Carrancas †22/07/1880 Chôro, aos 92 anos Ainda não encontrado
145	22/07/1880	EmRedes	Major Francisco da Costa Gontijo (Gontijo do Choro) †22/07/1880 Chôro, aos 92 anos https://www.emredes.com.br/imagens/arquivos/AESI-LAO-1880-P-18.jpg
			Manoel da Costa Gontijo (Primeiro) ☆05/01/1790 Carrancas †<1846 Ainda não encontrado
146	07/08/1891	FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1790, Out-1798, Jan > Página 035 > Certidão de Batismo, na Capella de Nossa Senhora do Porto do Saco, Carrancas, de escravo do Capitaõ Manuel da Costa Contigio https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW1N-3?i=34&wc=M5FX-MN5%3A370934801%2C369593702%2C370962701&cc=2177275
147	12/09/1891	FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1790, Out-1798, Jan > Página 039 > Silveria Candida da Costa ☆1791 Carrancas batizada 12/09/1891 †1876, casou-se *circa* 1809 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW1N-3?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMF-XMRB&action=view
		IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Silveria Candida da Costa ☆1791 Carrancas batizada 12/09/1891 †1879, casou-se circa 1809 Solicitado
148	22/01/1892	FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1790, Out-1798, Jan > Página 036 > Certidão de Batismo, na Capella de Nossa Senhora do Porto do Saco, Carrancas, de escravo do Capitaõ Manuel da Costa Contigio https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWB3-5?i=35&wc=M5FX-MN5%3A370934801%2C369593702%2C370962701&cc=2177275
149	21/12/1892	FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1790, Out-1798, Jan > Página 056 > Certidão de Batismo, na Capella de Nossa Senhora do Porto do Saco, Carrancas, de escravo do Capitaõ Manoel da Costa Gontijo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWBF-9?i=55&wc=M5FX-MN5%3A370934801%2C369593702%2C370962701&cc=2177275
150	22/12/1892	FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1790, Out-1798, Jan > Página 086 > Certidão de Batismo, na Capella de Nossa Senhora do Porto do Saco, Carrancas, de escravo do Capitaõ Manoel da Costa Gontijo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWY6-G?i=85&wc=M5FX-MN5%3A370934801%2C369593702%2C370962701&cc=2177275
		FamilySearch	José da Costa Gontijo ☆*circa* 1793 NS Pillar, Sam Joam d'El Rey †1886, mudou-se para Tiros em 1843 Ainda não encontrado
		FamilySearch	João Evangelista da Costa Gontijo ☆1795 NS Pillar, Sam Joam d'El Rey †1858 Ainda não encontrado
151	1836	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Placidina Candida de Jesus > João Evangelista da Costa Gontijo > 1836 > Caixa 021 > Doc 06 https://ihpitangui.com.br
152	11/07/1797	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1796, Jun-1799, Maio > Página 076 > Anna Hyppolita da Costa ☆1797 NS Pillar, Sam Joam d'El Rey batizada 11/07/1797 †14/05/1869 (Inventário 3503395), casou-se *circa* 1815 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9K-C1?i=75&wc=M5FX-82S%3A369991501%2C369991502%2C370361701&cc=2177275
153	14/05/1869	Coarpe-TJMG	Inventário de Anna Hyppolita da Costa ☆1797 NS Pillar, Sam Joam d'El Rey batizada 11/07/1797 †14/05/1869 Araguary (Inventário 3503395), casou-se circa 1815 https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
154	06/11/1855	Coarpe-TJMG	Inventário de Capitam Antonio Vieira de Brito ☆circa 1793 †06/11/1855 Araguary (Inventário 3503415), mudou-se para Freguesia dos Indios da Aldeia de Santana do Rio das Velhas (Indianópolis) https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
155	10/04/1898	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1796, Jun-1799, Maio > Página 092 > Certidão de Batismo, na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João d'El Rey, de escravo do Capitam Manoel da Costa Gontijo

			https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-PW?i=91&wc=M5FX-82S%3A369991501%2C369991502%2C370361701&cc=2177275
		FamilySearch	Joaquim da Costa Gontijo ☆1795 NS Pillar, Sam Joam d'El Rey †15/08/1864, aos 65 anos, Fazenda do Doce, Moema (Inventário) Ainda não encontrado
156	1866	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Candida Vieira da Costa >Joaquim Gontijo da Costa >1866 https://ihpitangui.com.br
157	01/01/1799	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1796, Jun-1799, Maio > Página 124 > Certidão de Batismo, na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João d'El Rey, de escravo do Capitam Manuel da Costa Gontijo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-KH?i=123&wc=M5FX-82S%3A369991501%2C369991502%2C370361701&cc=2177275
158	12/03/1799	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1796, Jun-1799, Maio > Página 127 > Antonio da Costa Gontijo ☆1799 NS Pillar, Sam Joam d'El Rey batizado 12/03/1799 †07/08/1863 Fazenda do Doce, Moema (Pitangui 1865 Inventário) https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9V-XW?i=126&wc=M5FX-82S%3A369991501%2C369991502%2C370361701&cc=2177275
159	1863	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Antonio da Costa Gontijo > Felisbina Candida de Macedo > 1863 https://ihpitangui.com.br
160	28/04/1799	FamilySearch	São João del Rei > Nossa Senhora do Pilar > Batismos 1796, Jun-1799, Maio > Página 129 > Certidão de Batismo, na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João d'El Rey, de escravo do Capitam Manuel da Costa Gontijo https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9K-7M?i=128&wc=M5FX-82S%3A369991501%2C369991502%2C370361701&cc=2177275
161		IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Francisca Romana de Mendonça <>Pedro Ferreira da Silva https://ihpitangui.com.br
162	1870	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Alferes Pedro Ferreira da Silva †08/07/1870 Fazenda do Doce Moema (Inventário Pitangui) https://ihpitangui.com.br
163	01/06/1858	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Domingos da Costa Gontijo ☆1801 Moema †06/1858 Fazenda do Doce, Moema (Pitangui Inventário) https://ihpitangui.com.br
	10/10/1805	Arquidiocese de Mariana	Dispensa Matrimonial Manoel da Costa Gontijo (Neto ou III) ☆1805 batizado Capela Samonte 10/10/1805 †15/02/1863 BD Não é possível imagens no local
164	12/01/1856	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Antonia Carolina Josefa Leopoldina †12/01/1856 (Inventário Pitangui) https://ihpitangui.com.br
165	1802	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Perpetua Flora de Jesus <> Manoel Tavares da Silva https://ihpitangui.com.br
166	1816	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Manoel Tavares da Silva <> Anna Lucinda da Silva https://ihpitangui.com.br
167	1863	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Manoel da Costa Gontijo (Coronel) Maria da Gloria Fernandes 1863 > Caixa 083 > Doc 19 https://ihpitangui.com.br
	15/02/1863	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Manoel da Costa Gontijo (Neto ou III) ☆1805 batizado Capela Samonte 10/10/1805 †15/02/1863 BD Ainda não encontrado
168	14/12/1875	Coarpe-TJMG	Inventário de Vicente da Costa Gontijo (Sobrinho) ☆1808 Moema †14/12/1875 (Inventário), casou-se 21/11/1827 em Samonte https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe7sDkDAvws9Wwn8mbJv-_5NpagLGKMHFmAjclurC9Uqh8XRw/viewform?pli=1
169	1840	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Maria Theodora de Mendonça ☆1813 BD batizada 12/09/1813 †1840 (Inventário Pitangui), casou-se circa 1830 https://ihpitangui.com.br
170	1836	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Thereza Francelina de Mendonça ☆1813 batizada 15/06/1815 BD (II, 561, AJP) †1836 Fazenda Queimado do Ribeirão de Santo Antônio, Moema (Inventário), casou-se 1933 (Dispensa Matrimonial) https://ihpitangui.com.br
171	12/01/1852	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Gabriel da Costa Gontijo ☆20/01/1815 Fazenda de Santo Antonio, Moema †12/01/1852 Pitangui (Inventário XXII, 1685 AJP) https://ihpitangui.com.br
172	25/01/1830	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Capitão Manoel da Costa Gontijo (Capitão) > Francisca Romana de Mendonça > 1829 > Caixa 001 > Doc 01 https://ihpitangui.com.br
173	25/01/1830	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Manoel da Costa Gontijo (Capitão) > Affonso Vieira de Brito (Alferes) 1831 > Caixa 006 > Doc 03 https://ihpitangui.com.br

174	25/01/1830	IHP=Instituto Histórico de Pitangui	Inventário de Manoel da Costa Gontijo (Capitão) > Francisca Romana de Mendonça > 1836 > Caixa 021 > Doc 05 https://ihpitangui.com.br
175	25/10/1847	FamilySearch	Bom Despacho > Imaculado Coração de Maria > Batismos 1822, Jul-1867, Set > Páginas 016, 017 e 018 >Testamento de Francisca Romana de Mendonça, viúva de Manoel da Costa Gontijo (II ou Filho), em 25/10/1847 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-8PQH-4M?i=15&wc=M5FC-VZ7%3A370168001%2C371129801%2C371139502&cc=2177275 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-8PQH-NY?i=16&wc=M5FC-VZ7%3A370168001%2C371129801%2C371139502&cc=2177275 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-8PQC-7D?i=17&wc=M5FC-VZ7%3A370168001%2C371129801%2C371139502&cc=2177275
176	25/01/1830	UFOP=Universidade Federal Ouro Preto	A administração fazendária na América portuguesa: a Junta da Real Fazenda e a política fiscal ultramarina nas Minas Gerais > Lista dos devedores da Junta da Real Fazenda Comarca do Rio das Velhas (Sabará), 1805 > Manoel da Costa Gontijo > MS 580 (108), Documento 17 > Seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro https://www.scielo.br/j/alm/a/xSLgNTgyt5mKxcNJ5sg7VXG/?format=pdf&lang=pt

Links para Documentos da Família do Alferes Joze Pereira de Carvalho, pai de Francisca Romana de Mendonça

Seq	Data	Depositário	Conteúdo
177		FamilySearch	Lavras > Sant'Ana > Batismos 1773, Jan-1784, Jul > Página 123 > Mariana Candida de Sam Jozeph ☆07/08/1773 Lavras †Caldas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9W-MC?i=122
178		FamilySearch	Lavras > Sant'Ana > Batismos 1773, Jan-1784, Jul > Página 030 > Capitão Francisco Theodoro de Carvalho ou Mendonça ☆17/07/1774 Lavras Sant'Anna †19/02/1839 Carrancas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW94-MJ?i=29&cc=2177275&cat=32823
179		FamilySearch	Francisco Theodoro de Mendonça Foto https://www.familysearch.org/photos/artifacts/155671101?p=47064121&returnLabel=Capit%C3%A3o%20Francisco%20Teodoro%20de%20Mendon%C3%A7a%20(LJYX-PMD)&returnUrl=https%3A%2F%2Fwww.familysearch.org%2Ftree%2Fperson%2Fmemories%2FLJYX-PMD
180		FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Matrimônios 1815, Fev-1888, Set > Página 032 > Certidão de Casamento, em Carrancas, de Bernardino José de Andrade, filho de Francisco Theodoro de Mendonça https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWNF-6?i=31
181		FamilySearch	Lavras > Sant'Ana > Batismos 1773, Jan-1784, Jul > Página 065 > Certidão de Batismo de Ana Bárbara Zeferina de Mendonça > Anna Barbara Zeferina de Mendonça ☆03/09/1775 batizado Lavras †1842 São João Nepomuceno https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9W-BD?i=64&cc=2177275 https://www.familysearch.org/photos/artifacts/11256679
182		FamilySearch	Carrancas Nossa Senhora da Conceição Batismos 1779, Dez-1884, Abr > Página 016 > Alferes Joseph Venancio de Carvalho ☆1778 Carrancas †07/02/1857 Carrancas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWYB-R?i=15&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FDH-KDN4
183		FamilySearch	Aiuruoca > Nossa Senhora da Conceição > Matrimônios 1787, Mar-1814, Maio > Página 192 > Certidão de Casamento, em Aiuruoca, de Joseph Venancio de Carvalho e Maria Theodora de São Joseph > Alferes Joseph Venancio de Carvalho ☆1778 Carrancas †07/02/1857 Carrancas, casou-se 26/02/1805 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-6RSS-PGB?i=191&cc=2177275&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQG6C-2SQ2
184		FamilySearch	Lavras > Sant'Ana > Batismos 1773, Jan-1784, Jul > Página 096 > Antonia Constancia do Espirito Santo ☆19/10/1784 Lavras † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9W-R3?i=95
185		FamilySearch	Carrancas Nossa Senhora da Conceição Batismos 1790, Out-1798, Jan > Página 025 > Barbara Maria de Jesus / Eufrazia da Encarnação ☆circa 1784 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWB4-Q?i=24&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMX-VS8N
186		FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1790, Out-1798, Jan > Páginas 056 e 085 > Certidão de Batismo, em Carrancas, de Jeronimo, filho do Alferes Joze Pereira de Carvalho > Jeronimo Joze de Carvalho ☆1792 Carrancas, NS Conceição do Porto batizado 11/10/1792 † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWBF-9?i=55&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6XMF-ZWR1 https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWYP-G?i=84&wc=M5FX-MN5%3A370934801%2C369593702%2C370962701&cc=2177275
187		FamilySearch	Tenente-Coronel Joaquim Inácio de Carvalho > Foto https://www.familysearch.org/photos/artifacts/72679572?p=21392931&returnLabel=Tenente-Coronel%20Joaquim%20In%C3%A1cio%20de%20Carvalho%20(KC95-RNQ)&returnUrl=https%3A%2F%2Fwww.familysearch.org%2Ftree%2Fperson%2Fmemories%2FKC95-RNQ
188		FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Óbitos 1816, Jun-1874, Jan > Página 222 > Alferes Joaquim da Silva Paes †23/04/1868 Carrancas https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GW9H-FQ?i=221
189		FamilySearch	Carrancas > Nossa Senhora da Conceição > Batismos 1779, Dez-1884, Abr > Página 016 > Jozé Manoel de Carvalho ☆1795 Carrancas, NS Conceição do Porto † https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-GWYB-R?i=15&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A6FDH-KDN4

São Victor (Braga)

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

São Victor é uma freguesia portuguesa do concelho de Braga, com 4,08 km² de área e 29 642 habitantes (2011).[1] A sua densidade populacional é de 7 265,2 hab/km².

Índice

- **População**
- **Património**
- **Instituições**
- **Resultados eleitorais**
  - Eleições autárquicas (Junta de Freguesia)
- **Referências**

População

População da freguesia de Braga (São Vítor) (1864 – 2011) [2]														
1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2011
5 201	5 775	6 816	7 149	6 599	6 000	4 452	6 275	7 229	8 312	8 383	14 594	18 870	25 407	29 642

Património

- Igreja de São Victor ou Igreja Paroquial de São Victor
- Igreja Senhora-a-Branca
- Sete Fontes de São Victor - Sistema de Captação do Sistema de Água do Século XVIII, à cidade de Braga.
- Capela de Guadalupe

Instituições

- Velha-a-Branca — Estaleiro Cultural

Resultados eleitorais

Eleições autárquicas (Junta de Freguesia)

Partido	%	M	%	M	%	M	%	M	%	M	%	M	%	M	%	M	%	M	%	M	%	M
	1976		1979		1982		1985		1989		1993		1997		2001		2005		2009		2013	
PS	**30,1**	4	**37,4**	8	**41,5**	8	**36,1**	5	**45,3**	7	**42,5**	6	**40,3**	6	37,8	6	28,3	4	24,7	5	32,3	7
CDS-PP	29,8	3	23,8	5			35,5	5	8,4	1	8,4	1	9,4	1								
FEPU/APU/CDU	16,9	2	17,5	3	17,5	3	15,9	2	11,9	1	15,8	2	13,8	2	11,8	1	9,4	1	7,5	1	10,0	2
PPD/PSD	15,5	2	18,5	3					29,3	4	28,6	4	29,8	4								
AD					37,5	8																
PRD							9,2	1	2,0	-												
PSD-CDS-PPM															**40,3**	6	**51,2**	7	**58,2**	12	**45,0**	9
B.E.															5,1	-	6,7	1	5,9	1		
IND																					7,2	1

Referências

1. «População residente, segundo a dimensão dos lugares, população isolada, embarcada, corpo diplomático e sexo, por idade (ano a ano)» (http://www.ine.pt/investigadores/Quadros/Q601.zip). Informação no separador "Q601_Norte". Instituto Nacional de Estatística. Consultado em 6 de Março de 2014. Cópia arquivada em 4 de dezembro de 2013 (https://web.archive.org/web/20131204165051/http://www.ine.pt/investigadores/Quadros/Q601.zip)
2. Instituto Nacional de Estatística (Recenseamentos Gerais da População) - https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

São Victor
Portugal

Freguesia

Localização



Localização de São Victor em Portugal

Coordenadas	41° 33' 19" N 8° 24' 35" O
Concelho	Braga

Administração

Tipo	Junta de freguesia
Presidente	Ricardo Jorge Pereira da Silva (PPD/PSD.CDS-PP.PPM)

Características geográficas

Área total	4,08 km²
População total (2011)	29 642 hab.
Densidade	7 265,2 hab./km²
Website	http://www.juntasvictor.pt



Aqui pode ter sido batizado Manoel da Costa Gontijo, natural da freguesia de São Victor da cidade de Braga



Igreja de São Victor

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=São_Victor_(Braga)&oldid=55258891"

Esta página foi editada pela última vez às 06h36min de 24 de maio de 2019.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Compartilhalgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

http://pesquisa.adb.uminho.pt/viewer?id=1012313&FileID=444794

Livro de batismos nº 270 de São Vitor (Sam Victor), período de 1715 a 1719

Livro de batismos nº 270 de São Vitor (Sam Victor), período de 1715 a 1719

Certidão de Batismo de Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai) ☆15/10/1715

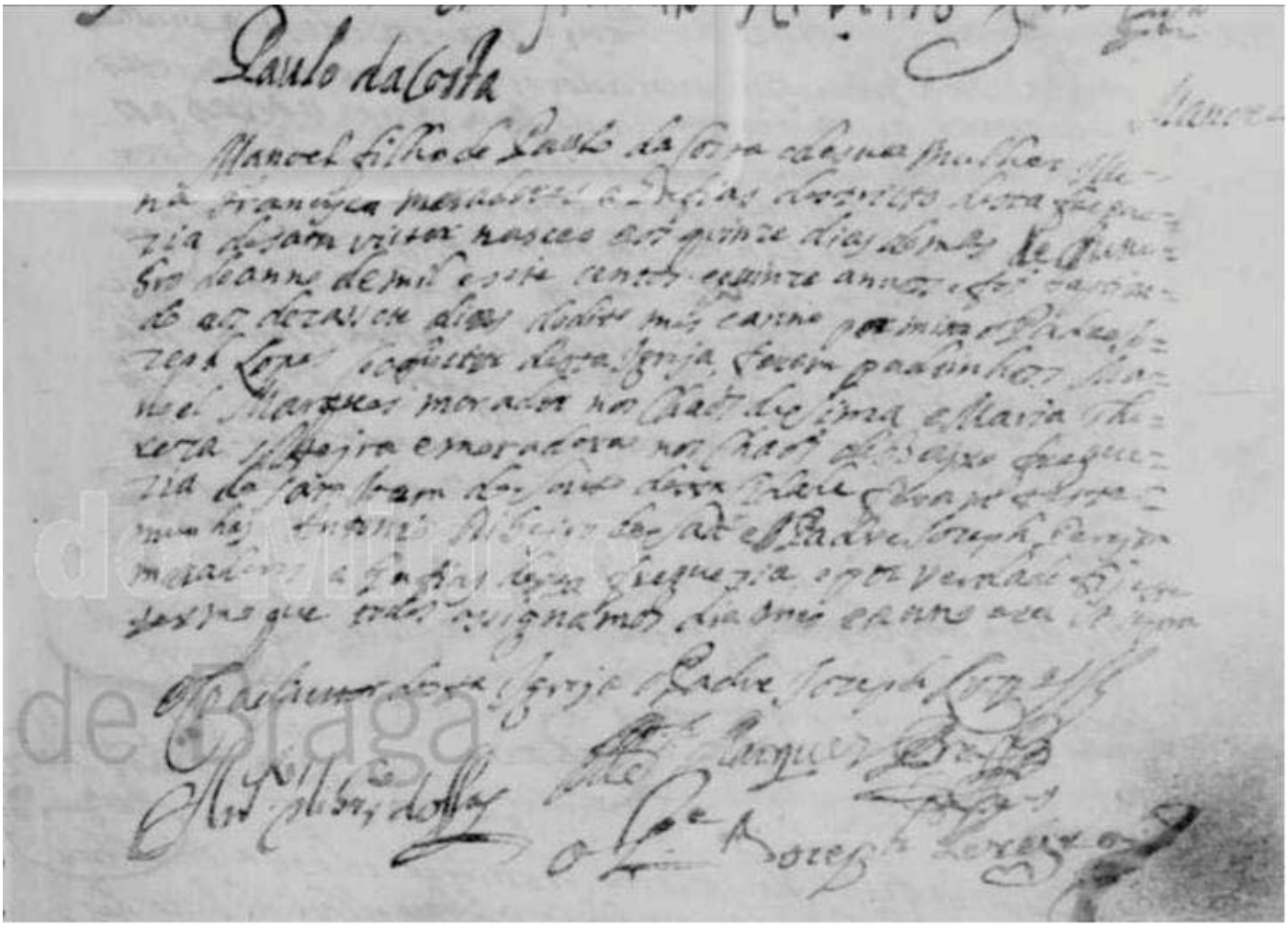
Paulo da Costa

Manoel, filho de Paulo da Costa e sua mulher Helena Francysca, moradores a[rua] Enfias, dezoito desta freguezia de Sam Victor, nasceo aos quinze dias do mes de outubro do anno de mil e setecentos e quinze anos e foi baptizado aos dezassete dias do dito mes e anno por mim Padre Joseph Lopes coadjutor desta Igreja, foram padrinhos Manoel Marques morador nos Chãos de Cima e Maria Thereza de Oliveyra e moradora nos Chãos de Baixo freguezia de Sam Joam do Souto dessa cidade fora por testemunhas Antônio Ribeiro de Sá e Padre Joseph Pereyra moradores a Enfias desta freguezia e por verdade fiz este termo que todos assignamos dia mes e anno [ilegível]

O Coadjutor desta Igreja, Padre Joseph Lopes

Antônio Ribeiro de Sá *Manoel Marques Pretto*

Padre Joseph Pereyra



Detalhe da Certidão de Batismo

SANTUARIO MARIANO,

E Hiſtoria das Imagẽs milagroſas DE NOSSA SENHORA,

E das milagroſamente apparecidas, que ſe veneraõ em o Arcebiſpado Primás de Braga, & nos Biſpados ſeus ſuffraganeos,

Em graça dos Prégadores, & dos devotos da meſma Senhora.

TOMO QUARTO,

QUE CONSAGRA, DEDICA, E OFFERECE,

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DOM RODRIGO DE MOURA TELLES,

Arcebiſpo Primás de Braga, do Conſelho de Eſtado de Sua Mageſtade,

Fr. AGOSTINHO DE SANTA MARIA,

Ex-Diffinidor gèral da Congregaçaõ dos Deſcalços de Santo Agoſtinho, natural da Villa de Eſtremoz, & Chroniſta da meſma Congregaçaõ.

LISBOA,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças neceſſarias.

Anno de 1712.

Carmo Figl. ser. c.ª

TITULO XXXIX.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Pilar, da Quinta de Flores junto a Braga.

NO deſtrito da Freguesia de Sam Victor para a parte do Norte da Cidade de Braga, (em os seus arrebaldes, no ſitio mais agradavel daquella Cidade, porque fica nos principios da rua, que chamaõ de Enfias, com hum ſouto de caſtanheyros a hum lado, & huma fermoſa fonte) ſe vé o Santuario de N. Senhora do Pilar de Flores, ſituado junto à Quinta das Flores, que poſſue Joaõ Borges Pereyra, & encoſtado à meſma quinta, & caſas della com a porta principal para a eſtrada publica. He Caſa muyto grande, porque faz noventa palmos de comprido, & he toda fechada de abobada, com ſeu coro, & pulpito, & com huma tribuna de donde ouvem Miſſa os Padroeyros, & Adminiſtradores. Da parte da Epiſtola ſe vé hum arco com hum tumulo encoſtado à parede, para jazigo dos Padroeyros, & tem Miſſa todos os dias Santos, & de preceyto por obrigaçaõ do morgado.

Neſta Ermida, que he publica, (ſem duvida com o meſmo motivo, que teve Andre da Silva Machado, ou à ſua imitaçaõ, como diſſemos acima no titulo 26. deſte livro) collocou o referido Joaõ Borges Pereyra eſta Santiſſima Imagem, com o meſmo titulo do Pilar, em o anno de 1697. E ſe foy emulaçaõ, naõ ficará nella ſem merecimento, & ſem remuneraçaõ; porque deſtas emulações ſe paga muyto Deos, & a ellas parece que nos aconſelha Saõ Paulo, quando diz: *Æmulamini charismata meliora.* He hoje buſcada eſta Santiſſima Imagem da Senhora com fervoroſa devoçaõ; porque desde o dia em que a collocáraõ naquelle Santuario, a illuſtrou Deos com muytos prodigios, maravilhas, & milagres. 1. *Ad Corint.* 12.

Sem

Sem duvida, parece, quiz Deos renovar neſte ſimulacro de ſua Santiſſima Mãy as memorias do ſeu devoto ſervo, o Apoſtolo Santiago, que foy o primeyro q̃ em Braga euangelizou a fé do Salvador Jeſus Chriſto, & levantou na meſma Cidade o primeyro Altar à Mãy de Deos, que teve na Eſpanha, (ou o ſeu Diſcipulo Saõ Pedro de Rates) & que em Çaragoça de Aragaõ mereceo ſer viſitado da Senhora, aonde os Anjos lhe apreſentáraõ huma Imagem obrada no Ceo, collocada ſobre hum pilar. E para que Braga naõ careceſſe do favor, que na primitiva Igreja fizera a Senhora em Çaragoça, decorando-a com aquella celeſtial Imagem ſua, aqui neſtes ultimos tempos honrar por outra Imagem ſemelhante, & favorecer com os prodigios, & milagres, que obra, por meyo da invocaçaõ deſta ſua nova Imagem.

He eſta Santiſſima Imagem de eſcultura de madeyra ricamente eſtofada, ſua eſtatura ſaõ pouco mais de dous palmos, em que parece foy copiada pela da Cidade do Porto, que he tambem copia da de Çaragoça; ſenaõ he, que foy obrada em Lisboa, & feyta pela milagroſiſſima que ſe venera no Convento de Saõ Vicente. Tem em ſeus braços ao Menino Deos. Eſtá ſobre hum pilar de pedra, que tem quatro palmos em alto. Feſteja-ſe eſta Senhora em a primeyra Oytava do Eſpirito Santo, & neſte dia he muyto grande, & particular o concurſo; & todo o anno he frequentado aquelle Santuario naõ ſó do povo de Braga, mas de todos os circumvizinhos, & todos em ſeus trabalhos recorrem à Senhora a implorar o ſeu remedio, & ſempre o alcançaõ da clemencia daquella miſericordioſa Senhora, como o apregoaõ as muytas mortalhas, & outros muytos ſinaes, & memorias de cera, & outras couſas deſte argumento, que ſe vem pender das paredes daquella ſua Capella. Da Senhora do Pilar faz mençaõ o Author da Corografia Portugueza tom. 1. liv. 1. trat. 2. cap. 1.

TITULO

WIKIPÉDIA

Casa de Ínfias

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

A **Casa de Ínfias**, também referida como **Solar de Ínfias** e **Casa de Vale de Flores** localiza-se na freguesia de São Vicente, cidade e concelho de Braga, distrito de mesmo nome, em Portugal.

Índice

- História
- Lista de proprietários
- Características
- Ver também
- Ligações externas

Casa de Ínfias



Apresentação

Tipo	Casa, património cultural
Estatuto patrimonial	Imóvel de Interesse Público

Localização

Endereço	Braga (São Vicente) Portugal
Coordenadas	41° 33′ 22″ N, 8° 25′ 24″ O



História

Foi edificada no último quartel do século XVII por João Borges Pereira Pacheco, fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

A capela privada tem um papel preponderante no conjunto. Sob a invocação de Nossa Senhora do Pilar, era pertença do Bispo de Elvas D. Alexandre da Silva Botelho, passando para a posse da irmã D. Natália da Silva após a sua morte, que mais tarde deixou o templo à Irmandade de Santa Cruz.

João Borges Pereira Pacheco adquiriu a capela à irmandade cerca de 1687, época em que a casa estava em construção, colocando uma inscrição evocativa do seu padroado sobre a porta do templo.

Encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1977.

Lista de proprietários

Seguem-se os proprietários da Casa de Vale de Flores:

1. João Borges Pereira Pacheco, fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo (1652-1716), casou com D. Mariana da Silva, Senhora da Casa de Vale de Flores.
2. Jácome Borges Pereira Pacheco (1680-1762), casou com D. Rosa Maria Vieira da Maia Pimentel.
3. Pedro Caetano Borges Pereira Pacheco Vieira da Maia Pimentel (1724-1800), Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real, casou com D. Sebastiana Maria Angélica Pereira Malheiro Sotomaior.
4. José Borges Pereira Pacheco Vieira da Maia Pimentel (1761-1831), Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real, casou com D. Ana Carolina Faria Machado de Miranda Pereira (Casa das Hortas, 1785), filha de António José de Faria Machado da Cunha e Gusmão da Rocha Tinoco (1726-1796), Senhor da Casa das Hortas, e de D. Maria Tomásia de Miranda de Abreu e Lima (1756-1822).
5. João Borges Pacheco Pereira Vieira da Maia Pimentel (1807-1873), casou segunda vez com D. Maria Cândida Falcão Cota de Bourbon e Menezes.
6. José Borges Pacheco Pereira da Faria (1850-1931), casou com D. Maria Inácia da Conceição de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira da Rocha Tinoco:
    1. João Borges de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira (1875-1904), oficial da Armada Portuguesa.
    2. Sebastião Luís de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira (1883-1915), oficial do Exército Português.
    3. Álvaro Faria Machado Pinto Roby (1885-1922), casou com D. Maria do Céu Couceiro da Guerra de Santa Clara.
        1. Frederico Álvaro de Faria Roby (1919-1985), casou com D. Maria Henriqueta Teixeira de Sousa da Silva Alcoforado (1918-1995), 4.ª Condessa de Vila Pouca e 2.ª Viscondessa de Peso da Régua.
        2. D. Maria Guilhermina de Santa Clara Faria Roby (1921-)

O actual proprietário é filho de Frederico Álvaro de Faria Roby e de D. Maria Henriqueta Teixeira de Sousa da Silva Alcoforado, 4.ª Condessa de Vila Pouca e 2.ª Viscondessa de Peso da Régua: Nuno Augusto Alcoforado Borges Pacheco Pereira de Faria Roby[1] (1941), 5.º Conde de Vila Pouca.

Características

O solar, disposto segundo planimetria em "U" de inspiração francesa, é considerado o exemplo da casa nobre seiscentista, quer pela regularidade da planta quer pela sobriedade das fachadas.

A planta da casa é fechada pela disposição do portão nobre, que através do muro onde se insere, une as alas laterais, ficando desta forma o edifício inserido num grande rectângulo que comporta ao centro um pátio. Tal como era habitual na época, os andares da casa estavam divididos segundo as suas funções específicas. O piso térreo albergava as divisões destinadas aos serviços da casa, o andar nobre acolhia o espaço habitacional.

A capela, situada numa das alas laterais, foi integrada ao conjunto da casa de forma harmoniosa, não perturbando a simetria do edifício.

Ver também

- Lista de património edificado no distrito de Braga

Ligações externas

- Casa de Infias (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=767) na base de dados SIPA da Direção-Geral do Património Cultural

1. Nóbrega, Vaz-Osório da (1971). *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol. I Tomo II*. Braga: Junta Distrital de Braga. p. 415. 415 páginas

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Casa_de_Ínfias&oldid=58514935"

Esta página foi editada pela última vez às 14h57min de 15 de junho de 2020.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Compartilhalgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

Casa histórica, próxima à da família de Manoel da Costa Gontijo

Casa histórica, próxima à da família de Manoel da Costa Gontijo




BRAGA — Infias

Projeto Imigrantes

Fiz uma tentativa de encontrar a data (e o motivo da imigração) do MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai):

Manoel da Costa Gontijo (Pai ou I) ☆15/10/1715 Freguesia de Sam Victor, Braga, Portugal †28/09/1776 Barbacena

Possuía casa em Ouro Preto em 1737, aos 22 anos:

Teoricamente a imigração se deu entre **1715 e 1737 (Intervalo de 22 anos)**

O "Projeto Imigrantes" possui dados a partir de 1737, quando MANOEL DA COSTA GONTIJO tinha 22 anos.

Não foi encontrado registro de sua imigração. Hipóteses:

1) O nome é só MANOEL DA COSTA; GONTIJO é a região de sua procedência. Até 1800, as pessoas simples tinham somente um sobrenome. A diferenciação de homônimos se dava pela profissão, local de origem (Toponímico), filiação (Patronímico ou Matronímico).

2) MANOEL DA COSTA GONTIJO emigrou antes de 1737.

3) Os dados do "Projeto Imigrantes" não são completos.

Há ainda a discussão sobre a motivação da imigração:

1) Imigrou, por iniciativa própria, em busca de novas oportunidades.

2) Já era militar em Portugal e foi designado para o Brasil. Temos exemplo disso na família CARDOSO: o avô de MANOEL NUNES CARNEIRO, militar em Portugal, foi mandado a serviço para o Brasil.



transferência Pix realizada

15/10/2021, 10:42:00, via app Itaú

valor
R$ 100,00

de
Pedro Goulart Gontijo
Itaú Unibanco S.A - 7007/17487-8

para
Projeto Imigrantes LTDA
Bco Bradesco S.A. - 3271/5479991
contato@projetoimigrantes.com.br

ID da transação
E60701190202110151340DY5ML0O6YCW

projetoimigrantes.com.br/?g

Projeto imigrantes

Descubra seus antepassados

Atendemos todo Brasil
Fone (51) 3472-4488

IMIGRANTES
Temos 2,8 milhões cadastrados

com informações registradas de cada imigrantes em sua chegada
ideal para dupla cidadania e encontros de familia

CLIQUE AQUI

|| Principal
|| Quem Somos
|| Serviços
Listagens de Imigrantes
|| Orientação para Dupla Cidadania
|| Um pouco de História
|| Fotos
|| Fale Conosco

Site Seguro

nosso site conta com certificado de segurança

Agiplan

VISA

Hipercard

CREDZ

PIX -> chave email: contato@projetoimigrantes.com.br

Pague em até

6x

sem juros
(parcela mínima R$ 50,00)

Atendemos todo Brasil
Central:
Av. Getúlio Vargas, 6780<
CEP 92010-013 Canoas/RS

https://digitarq.ahu.arquivos.pt/details?id=1119440

AHU

1728 - 1735
LIVRO DE REGISTO de despacho de navios
1 vol., 300x225 mm., 23 fls.
AHU_ACL_CU, DESPACHO DE NAVIOS, Cod. 2041.

Estrutura do Texto: Destino > Data de Partida > Nome do Comandante > Nome do Imediato

Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai) e seu tio, **Agostinho Ferreyra Gontijo**, emigraram para o Brasil cerca de 1729-30, portanto em um destes navios

1728 a 1758

Regt. von Navarre

A.H.U.
Cód. 2041

AHU

AHU

Em 7 de Abril de dito anno entrou o Navio N.
Nauarell de [illegible] Pilotto Joseph da Silua que veyo
[illegible]

Em 8 de Abril do mesmo anno e Galera N. S. da Oraõ
Em. Alipaz e vay para a Italya

Em 13 de Maio de dito anno entrou o Navio N. S. da Boa Hora e sog
Gran. Xpe de que He Mre Gran. Xpe. Lo. M. que vay para o Rio de Janeiro

Em [illegible] de Junho de dito anno entrou o Navio N. S. da Victoria
[illegible]

Em 27 de Julho de dito anno entrou o Navio N. S. da Victoria
[illegible]

Em 28 de Julho de dito anno entrou o Navio
[illegible]

Em [illegible] de Julho de dito anno entrou o Navio N. S. da Victoria

21/05/1728

Angolla

Bª (Bahia)

AHU

Perco (Pernambuco)

18/02/1729

AHU

AHU

Maranhaó

AHU

06/02/1730

N.Sª do Bomfim

N.Sª da Conceycao

Nossa Sª da Bonança

N.Sª do Rozario

Nossa Senhora Madre de Deus

Nossa Senª da Piedade

Nossa Srª do Trimpho

AHU

Santa Anna

AHU

Cabinda

11/11/1730

Cacheu

Em 22 de Novembro de 1730 despachou-se a galera Nossa Senhora da Soledade e Almas de que hé Mestre Manoel Dias Ennes que vay p.ª a Villa de Cacheu.

Cabo Verde e Cacheu

Em 1.º de Dez.º de 1730 despachou-se a Nau Santo Antonio e Almas de que hé Mestre Manoel Dias Ennes que foi da Residencia de Cabo Verde e Cacheu.

Rio de Sam.ª

Em 18 de Dez.º mez e anno despachou-se o Bergantim Sam Boaventura e Romão de que hé Mestre Gonçalo Nunes que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Bergantim

26/01/1731

Bza

01

Em 26 de Jan.º de 1731 despachou-se a Nau Nossa Senhora da Guia e Santo Antonio de que hé Capm. Manoel Gomes Pereira que vay p.ª a Bza

Rio de Sam.ª

02

Em 2 de Fev.º de 1731 despachou-se a Galera N.ª S.ª dos Prazeres e Sto Andre de que hé Mestre Romão Fernandes Pereira que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Rio de Sam.ª

03

Em 15 de Março de 1731 despachou-se a Nau Santissima Trindade e N.ª S.ª do Rosario de que hé Capm. Manoel Lopes Pereira que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Rio de Sam.ª

04

Em 4 de Abril despachou-se a Nau N.ª S.ª da Penha e Santa Cruz de que hé Mestre Miguel Nunes Chaves que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Rio de Sam.ª

05

Em 4 de Abril despachou-se a Nau Nossa Senhora do Rosario e Almas de que hé Mestre Manoel Rodrigues Pereira que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Rio de Sam.ª

06

Corveta

Em 4 de Abril despachou-se a Corveta N.ª S.ª da Guia e Santa Rita de que hé Mestre Antonio Pereira Pinto que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Rio de Sam.ª

07

galera

Em 10 de Abril despachou-se a galera N.ª S.ª da Conceição de que hé Mestre Ventura Lopes de Sá que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Rio de Sam.ª

08

Em 13 de Abril despachou-se a Nau N.ª S.ª da Penha em que hé Capm. Manoel Gomes Pereira que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Rio de Sam.ª

09

Em 16 de Abril despachou-se a Nau Nossa Senhora da Guia e Santo Antonio de que hé Capm. Manoel Gomes Pereira que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Bza

10

Em 19 de Abril despachou-se a Nau Nossa Senhora da Guia e Santo Antonio de que hé Capm. Manoel Gomes Pereira que vay p.ª a Bza

Rio de Sam.ª

11

Em 20 de Abril despachou-se a Nau Nossa Senhora da Guia e Santo Antonio de que hé Capm. Manoel Gomes Pereira que vay p.ª o Rio de Sam.ª

Sta Anna de Loanda

Angolla

12

galera

Em 2 de Maio despachou-se a galera N.ª S.ª da Piedade e Santa Anna de que hé Capm. Manoel Gomes Pereira que vay p.ª a Cidade de Sto Paulo de Loanda.

13 Em 16 de Março de 1731 despachou o Vice Rei Vasco[n]d[e] da Gama e S[ã]o Joaõ Baptista do Reb[e]llo Diogo Mendes de Vasc[o]n[ce]llos de Sam

14 Em 19 dia mes e anno despachou ao Sar[gen]to M[o]r da Ilha da Madeira e Sam Joaõ Baptista de Castro Antonio Guarbosa Coel[h]o de Sam

15 Em 20 dias mes e anno despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Ilha da Madeira e S[ã]o Miguel e Sam

16 Em 21 dias mes e anno despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Ilha da Madeira e S[ã]o Miguel e Sam

17 Em 21 dia mes e anno despachou o Vice Rei Bombeyro de Villa Nova de Portel Antonio de Sousa Faria Vay[a] p[ar]a o Reconcavo de Sam

18 Em 22 dia mes e anno despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Ilha da Madeira e S[ã]o Miguel e Sam

19 Em 22 dia mes e anno despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Ilha da Madeira e S[ã]o Miguel e Sam

20 Em 23 dia mes e anno despachou a Gallera Nossa Sr[a] da Guia de Portel Estacio da Silva p[ar]a o Reconcavo de Sam

21 Em 24 de Abril de 1731 despachou a Gallera Nossa Sr[a] Joaõ de Portel Estacio da Silva p[ar]a o Reconcavo de Sam

22 Em 26 dias mes e anno despachou a Gallera Nossa Sr[a] e Alma de Portel Antonio de Vay[a] p[ar]a o Reconcavo de Sam

23 Em 27 dias mes e anno despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Ilha da Madeira e S[ã]o Miguel e Sam

24 Em 25 de Mayo de 1731 despachou o Vice Rei N[o]s[so] Sr[o] de Aguia de Portel Joaõ Moreira de Carvalho Francisco Teyxeira Vay[a] p[ar]a Bahia

25 Em 26 dia despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Madre de Deus S. Joseph e Alma de Portel Paulo Nogueira Alves Vay[a] p[ar]a Angolla

26 Em 27 dia despachou ao Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Maria de Portel e Alma de Crato Vay[a] p[ar]a a Bahia

27 Em 28 dia mes e anno despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Nossa Sr[a] Joseph de Portel Luis Lamprea de Aguiar Vay[a] p[ar]a a Bahia

28 Em 28 dia mes e anno despachou o Vice Rei Conde de Sam[pa]io e Norõa a Nossa Sr[a] Antonio de Aguia de Portel Joaõ Teyxeira de Carvalho Vay[a] p[ar]a a Bahia

AHU

Em 25 de Abril de 1731 despachou-se Navio N. S.ra
Bonança e Rey Rey de Fe e Pilotto Melchior
29 Joseph Rey, Santos Veiga q vay p.a a Bah.a

Em 25 de Abril de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Victoria e S.to Bertholameu de Fe Melchior
Joseph Rey, Santos Veiga q vay p.a a Bah.a

Em 29 de Abril de 1731 despachou-se Navio
30 Nossa Snr.a da Nazareth de Fe Hieronimo Corr.a
Teixr.a q vay p.a a Bah.a

Em 30 de Abril de 1731 despachou-se Navio
31 Nossa Snr.a do Monte do Carmo e Santo Antonio de Fe
Joseph Dafonseca Lisboa q vay p.a a Bah.a

Em 30 de Abril de 1731 despachou-se Navio
Corveta
Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Theodosio Dias
de Deus e Almas q vay p.a Pern.co

Em 30 de Abril de 1731 despachou-se Navio
32 Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Manoel
Alz.z Leitão q vay p.a a Bah.a

Em 30 de Abril de 1731 despachou-se Navio
33 Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Manoel
Alz.z Leitão q vay p.a a Bah.a

Em 1.o de Maio de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Boa viagem e Santo Antonio de
34 Fe Manoel Alz.z Veiga q vay para
a Bah.a

Em 2 de Maio de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Penha de França e Almas de Fe
35 Caetano Gonçalves Lima q vay
para a Bah.a

Em 2 de Maio de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Penha de França e Almas de Fe
36 Caetano Gonçalves Lima q vay
para a Bah.a

Em 25 de Abril de 1731 despachou-se Navio N. S.ra
37 Bonança e Rey Rey de Fe e Pilotto Melchior
Novacolonia
Vay p.a Pern.co

****

Em 29 de Abril de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Manoel
38 Alz.z Leitão q vay para
do Sacramento a Nova Colonia do Sacram.to

Em 29 de Abril de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Antonio
39 Lourenço Dalmaz q vay p.a Pern.co

Em 30 de Abril de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Antonio
40 Lourenço Dalmaz q vay p.a Pern.co

Em 30 de Abril de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Manoel
41 Alz.z Leitão q vay p.a Pern.co

Em 1.o de Maio de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a do Rozario e S.to Antonio de Fe
Benguella Joseph Gonçalves Lima q vay p.a
42 Benguella

Em 1.o de Maio de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Manoel
43 Alz.z Veiga q vay p.a Pern.co

Em 1.o de Maio de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a da Victoria e Almas de Fe Manoel
44 Alz.z Veiga q vay p.a Pern.co

Em 3 de Maio de 1731 despachou-se Navio
Nossa Snr.a do Rozario e S.to Antonio de Fe Ignacio
45 Delbreu q vay p.a Pern.co

Nau

46

Em 3 de Set.ro de 1731 despachou a Nau Nossa Senhora do Rozario e S.to Domingo, de que hé Mestre (illegible) Viag.m de Pern.co

Fragata

47

Em 4 de dia mes e anno despachou a fragata N.ra S.ra do Paradizo e Santos de que hé Capp.m (illegible) Viag.m a Pernambuco

Galera

48

Em 3 de 9.bro mes e anno despachou a galera Triunfo de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Paraiba

49

Em primr.o de Outub.o de dito anno despachou a Nau Nossa Senhora da Graça (illegible) de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Pern.co

galera

01/10/1731

Em 1 de Outub.o de 1731 despachou a galera N.ra da Conceição e Santo Antonio e S.to Jozé de que hé Mestre Antonio Joseph Viag.m de Rio de Janr.o Commandante (illegible) Viag.m de Cabo Verde

50

12/02/1732

Em 12 de Fever.o de 1732 despachou a galera N.ra da Piedade e Almas de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Cabo Verde e Caxeu

Cabo Verde

Caxeu

Em 7 de Abril de 1732 despachou a galera N.ra de Deos de que hé Mestre Joseph Alz.a Viag.m de Rio de Janr.o

Em 12 de dito mes e anno despachou a Nau (illegible) de que hé Mestre (illegible) e Sargento Mor da Fortaleza do Pillar e Padroeira de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Rio de Janr.o

Em 4 de dia mes e anno despachou a galera N.ra da Victoria de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Rio de Janr.o

Em 17 de dito mes e anno despachou a Barca N.ra da Conceição de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Rio de Janr.o

Em 4 de dia mes e anno despachou a Nau (illegible) de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Rio de Janr.o

Em 4 de dia mes e anno despachou a galera N.ra da Victoria de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Rio de Janr.o

Em 18 de Outubro de 1732 despachou a (illegible) de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Rio de Janr.o

Em 4 de dia mes e anno despachou a Nau Nossa Senhora do Rozario e Santo Antonio de que hé Mestre (illegible) Viag.m a Rio de Janr.o

AHU

Rio de Janr.º — Em 18 de Abril de 1732 largou o Navio Santo Antonio de Lix.ª de q.e hé Mestre Manoel Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Rio de Janr.º — Em 4 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Penha de França, e Almas de q.e hé Mestre Manoel Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Rio de Janr.º — Em 4 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Penha de França, e Almas de q.e hé Mestre Antonio Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Rio de Janr.º — Em 4 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Assumpção e Santo Antonio de Bayona de q.e hé Mestre Diogo Alz.º Mendes p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Rio de Janr.º — Em 4 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Conceição de Villa Nova de q.e hé Mestre Domingos Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Rio de Janr.º — Em 4 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Lembrança e Santo Antonio de q.e hé Mestre Antonio Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Bahia — Em 4 de Mayo carregou a Galliota Santa Anna de q.e hé Mestre Antonio de Sz.ª Vianna p.ª viagem p.ª a Bahia

Rio de Janr.º — Em 4 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Penha de França, e Almas de q.e hé Mestre Manoel Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Maranhão — Em 5 de Mayo carregou o Navio Santo Antonio e Almas de q.e hé Mestre Estevão da Silva p.ª viagem p.ª o Maranhão

Rio de Janr.º — Em 6 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Conceição e Santo Antonio de q.e hé Mestre Antonio Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Rio de Janr.º — Em 6 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Assumpção e Santo Antonio de q.e hé Mestre Diogo Alz.º Mendes p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Rio de Janr.º — Em 6 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra da Penha de França, e Almas de q.e hé Mestre Manoel Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Rio de Janr.º

Maranhão — Em 6 de Mayo carregou a Galliota Nossa S.ra da Conceição e Santo Antonio de q.e hé Mestre João da Silveira p.ª viagem p.ª o Maranhão

Angolla — Em 6 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra do Cabo e Santo Antonio da Cruz de q.e hé Mestre Manoel Alz.º Vianna p.ª viagem p.ª o Reyno de Angolla

Em 6 de Mayo carregou o Navio Nossa S.ra de Deos, Santo Antonio e Almas de q.e hé Mestre Manoel da Silveira p.ª viagem p.ª abb.ª

Rio de Janr.
Em 18 de Abril de 1732 despachou a Nãa
Virgem Sta Catherina e Almas de gs Ee Mel Mano
el Lopes Rebello q vay p.a o Rio de Janr.

Alagoas
Despachou pello Consulado desta Cidade em
Abril de 1732 a Nãa N.ra da Conceição e
Bom Sucesso de 250 Cayxas de gs Ee Mel Lemos
Barros q vay p.a o Rio de Janr

Maranhão
Em 6 de Maio mesmo despachou a
Galera Sta Thereza de Lemos de gs Ee Mel Anto
nio de Sampayo Brandão q vay p.a o Mara
nhão

Rio de Janr.
Em 8 de Maio mesmo despachou a
Nãa Nossa Sra da Conceição e Santos de gs
Ee Mel Manoel Cardoso de Silva q vay para
o Rio de Janr

Bahya
Em 8 de Maio mesmo despachou a
Nãa Nossa Sra da Saude de gs Ee Mel Antonio
Gonçalves Dalmeyda q vay de Licença para
a Bia

Pernambuco
Em 8 de Maio mesmo despachou a
Nãa Nossa Sra da Conceição e Santos de gs
Ee Mel Lemos da Franca q vay p.a o Rio de Janr

Angolla
Em 13 de Maio de 1732 despachou a Galera
N.ra da Conceição e Santos de gs Ee Mel Velho de
Couto q vay p.a o Reyno de Angolla

Rio de Janr.
Em 23 de Maio de 1732 despachou a Nãa
Sn.ta Anna Maria e S.to Antonio de gs Ee Mel
Joaõ de Barros Lemos q vay p.a o Rio de Janr.

Maranhão
Em 28 de Maio de 1732 despachou a Nãa
Nossa Senhora da Guadalupe de gs Ee Mel Manoel
Alz Barreto q vay p.a o Maranhão

Bia
Em 24 de Set.bro de 1732 despachou a Nãa
Nossa Senhora da Conceição e Almas de gs Ee Mel
Antonio de Arabo q vay p.a a Bia

Rio de Janr.
Em 8 de Janr.o de 1733 despachou a Nãa
Sancta Anna Joseph e gs Ee Mel Joaõ Pinto
Ribeiro q vay p.a o Rio de Janr.

Rio de Janr.
Em 20 de Janr.o despachou a Nãa Conceição
de gs Ee Mel Joaõ Pinto de Queyroz q vay p.a
o Rio de Janr.

Rio de Janr.
Em 8 de Janr.o de 1733 despachou a Nãa
N.ra da Conceição e Santos de gs Ee Mel
Lemos da Franca q vay p.a o Rio de Janr.

Bia
Em 8 de Janr.o de 1733 despachou a Nãa Sta Anna
e Santos de gs Ee Mel Jose Dias de gs
Leal q vay p.a a Bia

Bia
Em 8 de Janr.o de 1733 despachou a Nãa N.ra
da Bia Virgem e Sto Antonio de gs Ee Mel Joaõ Gomes
de Figr.a de gs q vay p.a a Bia

Bia
Em 8 de Janr.o de 1733 despachou a Nãa S.ta Bar
ventura e Almas de gs Ee Mel Joaõ Alz Correa q vay
p.a a Bia

AHU

Bia — Em 5 de d.o Mez e anno despachou a Nao N.a S.ra da Guia, q.e Joaõ Marcos de q.m he M.e Fran.co Vr.a q. vay p.a a Bia

Bia — Em 6 de d.o dia Mez e anno despachou o Navio S.ta Clarera, e N.S.ra do Monte do Carmo de que he M.e Joaõ Fern.z Vr.a Marcos q. vay p.a a Bia

Bia — Em 6 de d.o dia despachou o Navio N.a S.ra da Neve, e S.ta Rosa e Alma, de q. he M.e Matheus Fern.z q. vay p.a a Bia

Bia — Em 6 de d.o Mez e anno despachou o Navio N.a S.ra do Rozario e S.to Ant.o de q. he M.e Ignacio de Abreu Vr.a q. vay p.a a Bia

Bia — Em 16 do d.o Mez e anno despachou o Navio N.a S.ra da Neve de q. he M.e Antonio Gonçalves Teixr.a q. vay p.a a Bia

Em 22 de d.o Mez e anno despachou o Navio S. Gonçalo, e S. Felix de q. he M.e Bras Fran.co q. vay p.a a Bia

Bia — Em 6 de d.o de Mez e anno despachou o Navio N.a S.ra [illegible] a de França e S.t.o Bom Fim de q. he Fran.co [illegible] q. vay p.a [illegible]

Pernambuco — Em 22 de d.o dia Mez e anno despachou a Bateria Bom Jesu, e S.ta Quiteria de q. he M.e Manoel Fran.co Belem q. vay p.a Pernambuco

Pernambuco — Em 6 de d.o dia Mez e anno despachou a Igreja da N.a S.ra do Rozario e Santos e Almas de q. he M.e [illegible] q. vay p.a [illegible]

Rio de Jan.o — Em 5 de Novembro de 1732 despachou a Igreja Santo Antonio e Almas de q. he M.e Antonio Rod.es Leal q. vay p.a o Rio de Jan.o

Rio de Jan.o — Em 6 de dita despachou a Igreja N.a S.ra do Bom Sucesso e Santa Isabel de q. he M.e Joseph Ribeiro q. vay p.a o Rio de Jan.o

Em 25 de d.o Mez despachou a Igreja [illegible] de Deus e Almas de q. he M.e Antonio [illegible] q. vay p.a o Rio de Jan.o

Em 6 de Dez.o de 1732 despachou a Igreja N.a S.ra da Conceiçaõ e Almas de q. he M.e Jozeph Ribeiro q. vay p.a o Rio de Jan.o

Em 16 de Dez.o de 1732 despachou a Igreja N.a S.ra da Ajuda e Santos de q. he M.e Antonio [illegible]

AHU

Nova Colonia

Em 7 de Junho de 1733 despachou o Navio N. S.ra da Boa despacho ao Antonio Gray p.a a Nova Colonia do Sacramento de q.e hé Capp.am Fran.co Xavier da Cruz.

Rio de Janr.o Comezalla por Benguella

Em 10 de Setembro de 1733 despachou o Navio N.a Senhora da Conceyção e Sambuco de q.e hé Mestre Manoel Gomes Gray p.a o Rio de Janr.o Comezalla por Benguella

Rio de Janr.o

Em 22 de Agos.to de 1733 despachou o Hyate N.a S.ra do Bom Sucesso e Almas de q.e hé Mestre Antonio Dias Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 3 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra da Boa Viagem de q.e hé Mestre Antonio Dias Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 8 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra do Monte do Carmo de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 8 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra do Monte do Carmo de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 20 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra da Boa Viagem e Almas de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 20 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra da Boa Viagem e Almas de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 20 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra da Boa Viagem e Almas de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 20 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra da Boa Viagem e Almas de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 20 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra da Boa Viagem e Almas de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

Rio de Janr.o

Em 20 de Novembro de 1733 despachou o Navio N.a S.ra da Boa Viagem e Almas de q.e hé Mestre Antonio Gray p.a o Rio de Janr.o

AHU

Em 2 de Dez.ro de 1733 despachou-se a Nau N.ra Snr.a do Rozario e Almas, q.e foi Mestre Joseph Ribr.o de Carvalho, p.a viag.m de

Angolla

Em 9 de Dez.ro de 1733 despachou-se a Charrua N.ra Snr.a do Rozario e Almas, q.e foi Mestre Joa.m Jacome Ra. p.a viag.m a Angolla

Pernco

Em 9 de Dez.ro de 1733 despachou-se a Nau N.ra Snr.a do Rozario e Almas, q.e foi Mestre Joseph Lopes Hobbe p.a viag.m a Parahiba Commercio por Pern.co

Bia

Em 14 de Dez.ro de 1733 despachou-se a Nau N.ra Snr.a da Penha de França e Almas, q.e foi Mestre Manoel Marques p.a viag.m a Bia.

Rio de Jan.ro

Em 2 de Dez.ro de 1733 despachou-se a galera N.ra Snr.a do Rozario e Almas, q.e foi Mestre Joseph Alz.a p.a viag.m ao Rio de Jan.ro

Bia

Em 15 de Dez.ro de 1733 despachou-se a Nau N.ra Snr.a da Ajuda, q.e foi Mestre Bento Victor Manoel p.a viag.m a Bia

Benguella

Em 11 de Fev.ro de 1734 despachou-se a Nau Snr.a Sant Joseph e Almas, q.e foi Mestre Joseph [illegible] p.a viag.m a Benguella

Cabinda

Em 2 de Março de 1734 despachou-se a galera N.ra Snr.a da Soledade e Almas, q.e foi Mestre Bento Barbosa p.a viag.m a Cabinda e Cacheu

AHU

28/03/1734

Garatiba

Cabo Verde

Cabo Verde

Em 21 de Fevereiro de 1734 despachou a Charrua Nossa Snr.ª da Boa Viagem, e Santo Christo da Barca de que he Mestre Valerio Domingues p.ª viagem de Cabo Verde e Caxeu

Bah.ª

Em 10 de Julho de 1734 despachou a Nao Nossa Snr.ª da Conceição de que he Mestre Antonio Gonçalves Pereira p.ª viagem da Bah.ª

Recife

Em 12 de Dezembro de 1734 despachou a Charrua Nossa Snr.ª da Assumpção e Santo Antonio de que he Mestre Bartholomeu Nunes Pereira p.ª viagem de Recife

Angola

Em 13 de Dezembro de 1734 despachou a Nao Nossa Snr.ª da Graça e Santo Antonio de que he Capitão e Mestre Domingos Manoel Chaves p.ª viagem de Angola

Benguela

Em 16 de Dezembro de 1734 despachou a Nao Nossa Snr.ª da Barroquinha de que he Mestre Manoel Vaquinha Pereira p.ª viagem de Benguela

Bah.ª

Em 18 de Dezembro de 1734 despachou a Nao Nossa Senhora da Nazareth, e Santa Anna de que he Mestre Gregorio Ramos Pereira p.ª viagem da Bah.ª

Em 20 de Dezembro de 1734 despachou a Charrua Nossa Snr.ª da Ponta de França de que he Mestre Manoel Nunes Pereira p.ª viagem de Angola e Benguela

Nova Colonia do Sacramento

Em 11 de Outubro de 1734 despachou a Galera Nossa Senhora do Rosario e Santo Antonio de que he Mestre Francisco Xavier da Cruz p.ª viagem da Nova Colonia do Sacramento

Rio de Janr.º

Em 23 de Dezembro de 1734 despachou a Nao Nossa Senhora do Bom Fim e Nossa Senhora da Guia de que he Mestre Antonio Lobo Coelho p.ª viagem do Rio de Janeiro

Benguela

Em 12 de Novembro de 1734 despachou a Charrua Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio de que he Mestre Bento Rodrigues Pereira p.ª viagem de Benguela

Rio de Janr.º

Em 22 de Novembro de 1734 despachou a Nao Nossa Snr.ª da Guia, e Alma de que he Mestre Joseph Lopes Pereira p.ª viagem do Rio de Janeiro

Em 5 de Dezembro de 1734 despachou a Nao Nossa Snr.ª da Ponta de França de que he Mestre Antonio Gomes Pereira p.ª viagem do Rio de Janeiro

Angola

Em 23 de Dezembro de 1734 despachou a Nao Nossa Snr.ª de Deos de que he Mestre Antonio Gomes Pereira p.ª viagem de Angola

Em 2 de Janeiro de 1735 despachou a Nao Nossa Senhora da Guia e Santo Antonio de que he Mestre Manoel Gomes Pereira p.ª viagem de Angola

Em 22 de 2br.º de 1734 despachou
o Navio Nossa Senhora do Carmo
e Santo Antonio de Lisboa
[illegible]

Em 14 de 9br.º de 1734 despachou
o Navio N.ª S.ª da Conceição e Almas
Bom Viagem de Lisboa
[illegible]

Em 29 de 9br.º de 1734 despachou a galera
N.ª de Deos e Almas de Lisboa
Barão [illegible]

Em 2 de 8br.º de 1735 despachou a galera
Nossa S.ª da Conceição e Almas
[illegible]

Em 3 de 8br.º de 1735 despachou a Na-
vio Nossa Senhora da Boa Ventura e Almas
Fran.co Gomes Barão [illegible]

Em 4 de 8br.º de 1735 despachou o Navio
Santa Anna e Nossa S.ª da Piedade de
N.ª Senhora da Luz Estrangeiro
[illegible]

Em 8 de 8br.º de 1735 despachou o Navio
Nossa S.ª de Bonança e Santa Cruz de
N.ª Senhor Bom Jesus [illegible]

Em 5 de 8br.º de 1735 despachou a
galera N.ª da Monte do Carmo e Santo
Antonio de N.ª Senhora Bom Jesus
[illegible]

Em 9 de 8br.º de 1735 despachou a Na-
vio [illegible] de Braga e Antonio de N.ª
Senhora [illegible]

Em 11 de 8br.º de 1735 despachou o
Navio Nossa Senhora da Estrella e Es-
pirito Santo de N.ª Senhora
[illegible]

Em 13 de 8br.º de 1735 despachou a Nau
Santissima Trindade de N.ª Senhora
[illegible]

Em 14 de 8br.º de 1735 despachou o
Navio Nossa Senhora do Rozario de N.ª
Senhora [illegible]

Em 17 de 8br.º de 1735 despachou a Na-
vio N.ª da Candelaria de N.ª Senhora
[illegible]

Em 19 de 8br.º de 1735 despachou o
Navio Nossa S.ª Joseph e S.to Antonio de Deus
de N.ª Senhor Bom Jesus [illegible]

AHU

01/01/1735

Maram (Maranham)

AHU

Rio de Janr.o Em 13 de Abril de 1735 despachou
a Mattias Cezar da Cunha Senhor
de Sam Miguel do Rio de Janeiro
Rio de Janr.o

Angola Em 13 de Janeiro despachou a
Nuno Alvares Pereira de Mello Governador
de Angola

Rio de Janr.o Em 13 de Janeiro despachou a
Gomes Freire de Andrada Governador
do Rio de Janeiro

Maranhão Em 13 de Janeiro despachou a
Joseph de Mendonça Governador
do Maranhão

Pará Em 13 de Janeiro despachou a
Alexandre de Sousa Freire Governador
do Pará

Rio de Janr.o Em 13 de Janeiro despachou a
Gomes Freire de Andrada Governador
do Rio de Janeiro

Maranhão Em 13 de Janeiro despachou a
Joseph de Mendonça Governador
do Maranhão

AHU

https://academia.marinha.pt/pt/edicoes/historiadamarinha/HistoriaMarinhaPortuguesa_1669-1823.pdf

Navios Portugueses que atuaram de 1728 a 1735

Nossa Senhora Madre de Deus, S. Francisco Xavier e Santo António (1697-1732)
Nau de duas cobertas que armava com 56 ou 60 peças de artilharia. Também aparece como fragata.
Guarniçao – 634 homens (1727).

Nossa Senhora da Assunção (1705-1731)
Nau de 60 peças, também conhecida como Nossa Senhora da Assunçao de Nossa Senhora e Nossa Senhora da Assunçao e S. Pedro. Armava com 44 peças de artilharia.
Guarniçao – 502 homens (1717).

S. Jorge, Nossa Senhora das Necessidades (1708-1737)
Nau que armava com 66 peças de artilharia, quase toda de bronze. Primeira bateria (calibre 18), segunda bateria (calibre 12), tolda e castelo (calibre 8).
Guarniçao – 500 homens.

Nossa Senhora da Palma e S. Pedro (1715-1729)
Nau construída no Brasil e que também aparece como fragata.

Nossa Senhora do Pilar, o Padre Eterno (1715-1740)
Nau construída no Brasil e que armava com 70 peças de artilharia e 84 peças (1717). Primeira bateria (calibre 38), segunda bateria (calibre 18 e 12) e tolda e castelo (calibre 8).
Guarniçao – 700 homens (1717)

S. Lourenço (1716-1734)
Nau construída em Lisboa para a Junta do Comércio e que armava com 58 peças de artilharia.
Guarniçao – 350 homens.

Nossa Senhora da Penha de França (1717-1730)
Nau construída em Lisboa e que armava com 70 peças de artilharia. Também aparece como Nossa Senhora da Penha de França e Santa Teresa.
Guarniçao – 624 homens (1727)

Nossa Senhora Madre de Deus e S. Joao Evangelista (1717-1734)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa, que armava com 66 peças de artilharia.

Nossa Senhora da Atalaia (1719-1733)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa, com 52 portinholas.
Nossa Senhora Madre de Deus e S. Francisco Xavier (1720-1732)
Nau feita em teca.

Nossa Senhora da Vitória (1720-1730)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa e que armava com 64 ou 62 peças de artilharia.

Nossa Senhora da Oliveira (1721-1737)
Nau construída em Lisboa e que armava com 50 peças de artilharia. Também aparece como fragata.

Nossa Senhora da Nazaré (1721-1741)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa e que armava com 50 peças de artilharia. Também aparece como fragata.

Nossa Senhora do Rosário (1723-1740)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa e que armava com 50 peças de artilharia. Também aparece como fragata.

Nossa Senhora do Livramento e S. Francisco Xavier (1723-1735)
Nau construída na Baía (Brasil) para a carreira da Índia e que armava com 66 peças de artilharia.
Guarniçao – 432 homens (1725)

Nossa Senhora da Boa Viagem (1724-1728)
Nau construída no Brasil.

Santa Teresa de Jesus (1724-1735)
Nau construída na Baía (Brasil) e que armava com 66 peças de artilharia.
Guarniçao – 176 homens (1726).

Nossa Senhora da Lampadosa (1727-1757)
Nau construída em Lisboa, que armava com 50 ou 64 peças de artilharia.
Também aparece como fragata.

Nossa Senhora da Conceição e Santo António (1728-1734)
Nau.

Nossa Senhora da Estrela (1729-1736)
Nau construída em Lisboa e que armava com 64 peças de artilharia.

Nossa Senhora do Rosário e Santo André (1732-1737)
Nau.

Nossa Senhora da Conceição (1733-1745)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa e que armava com 74 peças de artilharia.
Guarniçao 142 homens (1742).

Nossa Senhora da Boa Viagem (1734-1752)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa e que armava com 60 peças de artilharia.

Nossa Senhora da Vitória (1735-1746)
Nau construída na Ribeira das Naus em Lisboa e que armava com 74 peças de artilharia.

Nossa Senhora da Esperança (1735-1742)
Nau construída em Lisboa e que armava com 70 peças de artilharia.
Guarniçao – 158 homens (1740).

Bergantim

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Bergantim é uma embarcação do tipo da galé, de um a dois mastros e velas redondas ou vela latinas. Levava trinta remos e era utilizado como elemento de ligação, exploração, como auxiliar de armadas ou em outros serviços do género. Era um navio escolhido pelos reis, e grandes senhores, para sua utilização em cerimónias.[1]



Bergantim *Irving Johnson*

Referências

1. Serrão, Joel. «Bergantim». *Dicionário de História de Portugal*. **1**. Porto: Livraria Figueirinhas e Iniciativas Editoriais. p. 337. 3500 páginas

Ligações externas

- Descrição do Bergantim na página do Instituto Camões (http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/c05.html)
- Descrição do Bergantim Real na página da Revista da Armada (https://www.marinha.pt/conteudos_externos/Revista_Armada/1999/index.html#p=362)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bergantim&oldid=64166134"

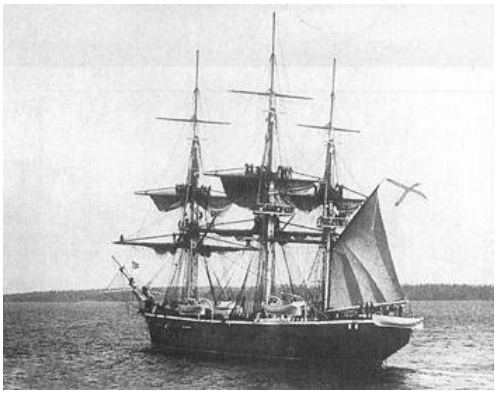
Corveta

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

A **corveta** é um tipo de navio de guerra. Atualmente, o termo é utilizado, por diversas marinhas de guerra, para classificar uma gama de navios que vai dos navios de patrulha maiores aos navios de escolta oceânica menores.

A palavra "corveta" é derivada do termo latino "*corbita*" (pequeno corvo), chegando à língua portuguesa através do termo francês "*corvette*". Este termo designava originalmente uma embarcação de guerra à vela, de dimensões inferiores às da fragata, surgida nos finais do século XVIII. As corvetas possuíam menores dimensões do que as fragatas, embora também possuíssem três mastros de velame. Ao contrário das fragatas, as corvetas não dispunham de uma bateria inteira coberta de canhões.

O posto naval de capitão de corveta — existente em alguns países como o Brasil — refere-se ao comando de uma corveta.



Corveta à vela *Boyarin* da Marinha Russa — 1855.

As corvetas à vela e a vapor

Provavelmente foi a *Marine royale* francesa a iniciar o uso do termo "corveta" para designar pequenos navios de guerra, no final do século XVII. O termo generalizou-se, nas marinhas dos outros países, no final do século XVIII e no início do XIX.

As corvetas do início do século XIX, eram navios semelhantes às fragatas, mas de menores dimensões e, normalmente, sem nenhuma bateria inteira coberta. Tinham mais de 30 metros de comprimento, um deslocamento médio de 400 toneladas, três mastros com velas redondas e estavam armadas com cerca de 24 peças, a maioria delas no convés.

Durante o século XIX, as corvetas seguem um desenvolvimento paralelo ao das fragatas.

Com a introdução da propulsão a vapor nos navios, surgiram as **corvetas a vapor**. Estas, eram, na verdade, navios mistos, já que mantinham mastros com velas, sendo o vapor apenas uma forma alternativa de propulsão. A construção dos cascos em madeira também foi substituída, progressivamente, pela construção em ferro. Mais tarde, foram instaladas blindagens em alguns destes navios, surgindo as **corvetas couraçadas**.



Corveta a vapor *Bartolomeu Dias* da Marinha Portuguesa — 1858.

No final do século XIX estes navios tornaram-se completamente obsoletos, sendo substituídos — tal como as fragatas — pelos cruzadores.

Corvetas na Segunda Guerra Mundial

O termo "corveta" ressurgiu durante a Segunda Guerra Mundial para designar um tipo de navio de escolta e de patrulha oceânica, de construção económica, ao serviço da *Royal Navy* britânica. O projetista naval William Reed desenhou um pequeno navio, baseado num baleeiro de uma hélice. A simplicidade do projeto permitiria a rápida construção de um grande número de navios em pequenos estaleiros navais sem experiência em embarcações de guerra.

As primeiras corvetas foram as da Classe Flower, projetadas para a patrulha oceânica. Estes navios eram bastante marinheiros e manobráveis. No entanto, as suas capacidades antisubmarinas e antiaéreas eram bastante limitadas. Além disso, tinham uma autonomia limitada, eram lentas — com uma velocidade inferior à dos submarinos alemães à superfície — e com alojamentos para a tripulação com poucas condições.

As limitações das corvetas levaram à sua substituição progressiva pelas fragatas — navios com características semelhantes, mas maiores, mais rápidos, melhor armados e com duas hélices.



Corveta da classe Flower HMCS *Kenogami* da Marinha Real Canadiana — 1940.

Corvetas modernas

A seguir à Segunda Guerra Mundial passaram a ser classificados como corvetas alguns navios de escolta ou de patrulha, com deslocamentos que vão das 500 às 2 000 toneladas. As corvetas são, normalmente, navios com armamento superior ao dos navios patrulha, mas inferior ao das fragatas ou contratorpedeiros.

Apesar de menores que as fragatas e contratorpedeiros, algumas modernas corvetas são bastante bem armadas, com peças de grande calibre, lança-mísseis e lança-torpedos. Algumas delas dispõem, inclusive, de hangar para helicópteros. Estas caraterísticas, associadas à sua elevada rapidez e manobralidade, permitem-lhes fazer frente a navios de maior porte. É essa a razão pela qual, marinhas de países com reduzidas áreas litorais ou oceânicas, tenham feito da corveta o seu principal tipo de navio de combate de superfície.

Atualmente, o critério para a classificação de uma embarcação de guerra como "corveta" é bastante vago. Existem marinhas que não usam essa classificação, como a Marinha dos EUA e a *Marine nationale* francesa que classificam os seus navios com características desse tipo, respectivamente como "navios de combate do litoral" e como "avisos". Por outro lado, algumas marinhas classificam como "corvetas", navios que poderiam ser classificados de outro modo, como a Marinha Portuguesa e a Armada Argentina, cujas corvetas, respectivamente, das classes Baptista de Andrade e Espora seriam normalmente consideradas "fragatas" segundo os padrões internacionais.



Corveta furtiva HMS *Helsingborg* da Marinha da Suécia — 2000.

Corvetas em várias marinhas

Brasil

Originalmente conhecido no Brasil como **fragatim** ou pequena Fragata nos Estaleiros e Arsenais navio versátil e geralmente de Corsários ligados ao Império do Brasil de 1808–1850, a corveta é um tipo de navio. A palavra é derivada do latim "*corbita*" (pequeno corvo), através do francês "*corvette*", referindo originalmente uma embarcação de guerra e Mercante — de — guerra (entre Corsários), à vela, de dimensões inferiores às da fragata, surgida nos finais do século XVIII com esse nome no Brasil.

Portugal

As corvetas aparecem na Marinha Portuguesa, no início do século XIX por reclassificação das fragatas menores, até aí conhecidas por "fragatinhas". A corveta passa então a ser um navio de três mastros, armado com 24 peças, com características semelhantes às da fragata, mas com dimensões menores.

Em 1858, começam a ser incorporadas as corvetas a vapor — a primeira das quais a *Bartolomeu Dias* — que se tornam, durante o resto do século XIX, o principal tipo de navio de combate oceânico da Marinha Portuguesa. Em 1875 é aumentada ao efetivo a corveta couraçada *Vasco da Gama*, o único couraçado da história da Marinha Portuguesa.



Corveta Cv Jaceguai da Marinha do Brasil.

No final do século, as corvetas restantes são abatidas ao serviço e inteiramente substituídas pelos novos cruzadores.

A Marinha Portuguesa só volta a usar o termo "corveta", para classificar um dos seus navios, em 1964. Nesse ano, por necessidades decorrentes da Guerra do Ultramar, o antigo navio hidrográfico NRP *Almirante Lacerda* é transformado em navio de combate, sendo rebatizado *Cacheu* e classificado como corveta. Mais tarde são classificados como corvetas os navios das novas classes *João Coutinho* em 1970 e *Baptista de Andrade* em 1973. Os navios destas novas classes — tal como a NRP *Cacheu* — estavam vocacionados para missões de soberania e presença naval nos territórios ultramarinos portugueses, de uma maneira semelhante às antigas canhoneiras do final do século XIX e aos avisos coloniais da década de 1930. No entanto, apesar de classificados como corvetas, pela sua elevada autonomia e capacidade oceânica, os novos navios inseriam-se mais na categoria de fragatas ligeiras.



Corveta NRP *António Enes* da Marinha Portuguesa — 1971.

Atualmente, as corvetas restantes das classes *João Coutinho* e *Baptista de Andrade* são usadas, essencialmente, em missões de patrulha oceânica. Deverão ir sendo substituídas, sucessivamente, pelos novos navios de patrulha oceânica da classe *Viana do Castelo*. Depois da desativação da totalidade daqueles navios, a Marinha Portuguesa deixará, novamente, de ter embarcações classificadas como corvetas.

Ver também

- Fragata
- Navio-patrulha
- Navio de escolta

Referências

- Museu Naval do Rio de Janeiro (Marinha de Corsários Brasileiros 1808–1850)
- ESPARTEIRO, A. Marques, *Catálogo dos Navios Brigantinos (1640–1910)*, Centro de Estudos da Marinha, 1976

Ligações externas

- Poder Naval — Reclassificação de meios navais de superfície (https://web.archive.org/web/20071122030945/http://www.naval.com.br/opiniao/reclassificacao/reclassificacao.htm)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Corveta&oldid=66105714"

Fragata

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Fragata é um tipo de navio de guerra. O termo tem sido usado, ao longo dos séculos, para designar uma gama alargada de navios, com diferentes tamanhos e funções.

No século XVIII, eram designadas fragatas navios de guerra com três mastros de velas redondas, com comprimento semelhante ao das naus, mas menores, mais rápidos e com armamento mais ligeiro, usados em missões de escolta e de reconhecimento. As fragatas dispunham de uma única bateria coberta de canhões, em comparação com as duas ou mais baterias cobertas das naus.

Na segunda metade do século XIX, algumas marinhas desenvolveram **fragatas couraçadas** que se tornaram nos mais poderosos navios de combate da época. No final daquele século, as fragatas couraçadas foram substituídas pelos cruzadores, desaparecendo o uso do termo "fragata".

O termo ressurgiu durante a Segunda Guerra Mundial para designar alguns navios de escolta oceânica, destinados a dar proteção antiaérea e antisubmarina a comboios navais.

Modernamente, as fragatas são usadas na proteção de navios mercantes, de forças navais anfíbias e de navios de reabastecimento. A classificação de um navio como fragata é, no entanto, muito genérica. As modernas fragatas podem ter poucas ou nenhumas diferenças em relação a outros navios classificados como corvetas, contratorpedeiros ou cruzadores.



Fragata USS *Constitution* da Marinha dos EUA. Lançada em 1797, é o navio de guerra mais antigo dos EUA ainda em comissão de serviço.

O posto de capitão de fragata, existente em várias marinhas, deriva da designação deste tipo de navio.

Fragatas clássicas

Origens

Aparentemente, o termo "fragata" teve origem no Mediterrâneo, no final do século XV, para se referir a um tipo ligeiro de galeaça, com remos, velas e armamento ligeiro, construído tendo em vista a velocidade e a manobrabilidade.

Em 1583, durante a Guerra dos Oitenta Anos os Hasburgos de Espanha recuperaram o controlo dos Países Baixos do Sul aos Holandeses rebeldes. Esta situação levou a que os portos ocupados se tornassem bases usadas por corsários - os chamados "Corsários de Dunquerque" - para atacar a navegação dos Holandeses e dos seus aliados. Para isso, os Corsários de Dunquerque desenvolveram navios pequenos e manobráveis à vela, que se tornaram conhecidos como "fragatas". O termo "fragata" acabou por se tornar mais genérico e passou a ser aplicado pelas marinhas regulares a qualquer dos seus navios relativamente rápidos e elegantes à vela, e, normalmente, com maior autonomia que as fragatas dos Corsários de Dunquerque.

A Marinha das Províncias Unidas dos Países Baixos foi a primeira marinha regular a construir as fragatas oceânicas maiores. Esta Marinha tinha três principais tarefas no combate contra a Espanha: proteger os navios mercantes holandeses no mar, bloquear os portos flamengos em poder dos Espanhóis e combater a esquadra espanhola, impedindo o desembarque de tropas. As primeiras duas tarefas requeria navios velozes, de reduzido calado - para as águas pouco profundas dos Países Baixos - e uma capacidade de aprovisionamento suficiente para manter um bloqueio. A terceira tarefa requeria armamento suficientemente pesado para fazer frente à esquadra espanhola. As primeiras novas fragatas de maiores dimensões e com capacidade para combate foram construídas, em Hoorn, por volta de 1600.[1] No final da Guerra dos Oitenta Anos, os holandeses tinham trocado, quase completamente, as embarcações pesadas de modelos semelhantes às usadas pelas restantes marinhas, pelas fragatas ligeiras de 300 toneladas e armas com cerca de 40 peças.

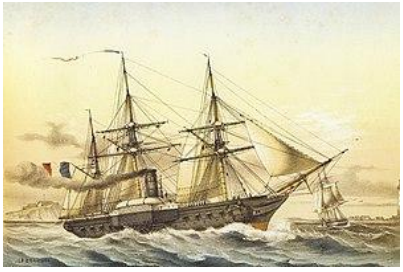
A eficiência das fragatas holandesas destacou-se na Batalha das Dunas em 1638, levando à sua adopção pelas marinhas de outros países.



Fragatas à vela *Recherche* e *Espérance* da Marinha da França, em 1827.



Fragata à vela *Thetis* da Marinha da Prússia, em 1867



Fragata de rodas *Decártes* da Marinha da França, em meados do século XIX.

Projeto clássico de fragatas

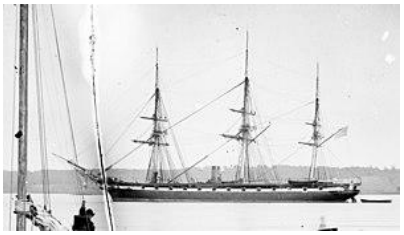
A origem da clássica fragata à vela, conhecida hoje pelo seu papel nas Guerras Napoleónicas, pode ser traçada aos desenvolvimentos franceses no segundo quartel do século XVIII. A fragata francesa *Médée*, de 1740, é, muitas vezes, considerada como o primeiro exemplo deste tipo de navios. Estes navios aparelhavam três mastros de velas redondas e concentravam todos os seus canhões numa única bateria coberta, correspondente à bateria superior nos anteriores navios, de tamanho semelhante, com duas baterias cobertas. A coberta inferior deixou de ter armamento, ficando, inclusive abaixo da linha de água. As novas fragatas tinham capacidade para combater com todos os seus canhões, mesmo em situações de mar bravo, onde os navios de duas baterias cobertas tinham que manter fechadas as escotilhas dos canhões da bateria inferior.

Funções

As fragatas eram, talvez, os navios mais empregues pelas marinhas dos séculos XVIII e XIX. Apesar de menos poderosas que as naus de linha, podiam enfrentar facilmente embarcações de guerra menores, já para não falar de navios mercantes. Capazes de aprovisionar mantimentos para seis meses, dispunham de uma autonomia bastante elevada, podendo operar de forma isolada e independente - ao contrário das naus de linha que eram consideradas demasiado importantes e valiosas para operarem sem escolta.

As fragatas realizavam o reconhecimento em proveito da esquadra, o ataque à navegação mercante, patrulhas, escoltas e missões de estafeta. Normalmente, as fragatas operariam em pequeno número ou isoladamente, contra outras fragatas. Normalmente evitariam o combate com naus de linha.

As fragatas mantiveram-se como um elemento crucial das marinhas até meados do século XIX. Os primeiros couraçados foram classificados como "fragatas" devido ao número e disposição do seu armamento. A terminologia naval, no entanto, foi mudando à medida que o vapor e o aço se tornaram na norma. O papel das antigas fragatas foi assumido, primeiro, pelos cruzadores protegidos e, depois, pelos contratorpedeiros.



Fragata de hélice USS *Pensacola* da Marinha dos EUA, em 1861.

As fragatinhas e as corvetas

No final do século XVIII começa a individualizar-se um modelo menor de fragata, conhecido por "**fragatinha**" na Marinha Portuguesa. Tendo todas as restantes caraterísticas das fragatas maiores, as fragatinhas distinguem-se apenas por serem menores e disporem de menos de 30 canhões. No início do século XIX, as fragatinhas tornam-se num tipo distinto de navio designado "corveta". A corveta, sendo, essencialmente, uma fragata menor, vai acompanhar o desenvolvimento daquela, no que diz respeito à propulsão a vapor e à blindagem, até final do século XIX.

Fragatas a vapor

Embarcações classificadas como "fragatas" continuaram a desempenhar um papel importante nas marinhas, ao ser adoptada a propulsão a vapor, no século XIX. Na década de 1830 as marinhas começaram a experimentar grandes navios a vapor de rodas, armados com canhões de grande calibre, montados numa única coberta, os quais eram referidos como "**fragatas de rodas**". A partir de meados da década de 1840 as rodas nas fragatas a vapor foram substituídas por hélices, tornando-as mais semelhantes, em termos de aspeto exterior, às clássicas fragatas à vela. As **fragatas de hélice**, primeiro construídas em madeira e, depois, em metal, continuaram a desempenhar o tradicional papel da fragata até final do século XIX.

A partir de 1859 foram acrescentadas blindagens aos navios que mantinham as restantes caraterísticas das já existentes fragatas e naus de linha. O peso adicional da blindagem destes primeiros navios couraçados obrigava ao limite de só disporem de uma bateria coberta de canhões, sendo, por isso, tecnicamente, fragatas, apesar de serem mais poderosos que as naus de linha existentes e de desempenharem a sua função estratégica. A designação "**fragata-couraçada**" manteve-se, em uso, durante algum tempo, para designar um tipo de couraçado, de canhões laterais, também aparelhado com velas.

No final do século XIX, o termo "fragata" caiu em desuso. Os navios blindados passaram a ser designados "couraçados" ou como "cruzadores-couraçados" e os navios não blindados passaram a ser classificados como cruzadores.

Fragatas modernas

Fragatas da Segunda Guerra Mundial

Praticamente a única ligação entre as fragatas modernas e as clássicas é a sua designação.



Fragata HMS *Swale* da classe River da *Royal Navy*, em 1943.

O termo "fragata" foi readoptado, durante a Segunda Guerra Mundial pela *Royal Navy* britânica, para descrever um novo tipo de navio de escolta, antisubmarino, maior que a corveta - termo também readoptado pouco tempo antes - mas menor que o contratorpedeiro. A fragata foi introduzida para colmatar algumas limitações inerentes ao projeto das corvetas, nomeadamente o armamento limitado, a forma do casco inadequada à operação oceânica, uma única hélice, limitando a velocidade e a manobrabilidade e uma reduzida autonomia. Tal como a corveta, a fragata foi desenhada de acordo com os padrões de construção de um navio mercante, permitindo a sua construção em estaleiros sem experiência em navios de guerra. O primeiro modelo de fragatas - a classe River de 1941 - consistia, basicamente, em dois conjuntos de maquinarias de corveta, instalados num casco maior e armado com as novas armas antisubmarinas Hedgehog. A fragata possuía menor poder de fogo e menor velocidade que um contratorpedeiro, mas essas caraterísticas não eram necessárias para a luta antisubmarina, já que os submarinos eram lentos e o equipamento ASDIC não funcionava bem a velocidades superiores a 20 nós. A fragata era pois um navio austero, apropriado a uma construção em massa, mas equipado com as últimas inovações em termos de luta antisubmarina.



Destroyer escort USS *Dufilho* da Marinha dos EUA, em 1944.

Como a fragata se destinava apenas comboiar navios mercantes, não operando com a esquadra de batalha, tinha velocidade e autonomia, relativamente limitadas. Só em 1944 foi introduzido um modelo de navio classificado como fragata - a classe Bay - capaz de acompanhar a esquadra, ainda que com alguma limitação de velocidade. Estas fragatas eram semelhantes aos *destroyers escorts* - escoltas contratorpedeiros - desenvolvidos pela Marinha dos EUA, ainda que com menor velocidade e menos armamento que estes. Aliás, os *destroyers escorts* de origem americana em serviço na *Royal Navy* e em outras marinhas europeias - como na Marinha Portuguesa - foram classificados como "fragatas".

Fragatas antiaéreas atuais

A introdução de mísseis superfície-ar, depois da Segunda Guerra Mundial, permitiu a navios relativamente pequenos, tornarem-se úteis para defesa antiaérea, dando origem às **fragatas de mísseis guiados**. Apesar desses navios serem classificados como fragatas pela maioria das marinhas da NATO, a Marinha dos Estados Unidos classificou-os como escoltas oceânicos até 1975 - com os códigos "DE" ou "DEG" nos seus números de amura, como uma reminiscência dos *destroyers escorts* da Segunda Guerra Mundial.

Desde a década de 1950 que a Marinha dos Estados Unidos vinha utilizando o termo "fragata" para classificar navios de defesa antiaérea, equipados com mísseis superfície-ar, construídos com base em cascos de contratorpedeiros e com as dimensões de cruzadores. Alguns desses navios - como os das classes Truxtun, California e Virginia - dispunham de propulsão a energia nuclear. Estes navios eram consideravelmente maiores que as fragatas das

outras marinhas, mas o uso do termo "fragata" justificava-se mais, devido à analogia entre as suas funções e as funções das antigas fragatas. Em 1975, no entanto, a Marinha dos Estados Unidos adoptou o sistema de classificação padrão da NATO, reclassificando a maioria das suas anteriores fragatas, como "cruzadores" ou "cruzadores de mísseis guiados".

Quase todas as fragatas modernas estão equipadas com alguma forma de mísseis ofensivos ou defensivos, sendo, por isso, classificadas como "fragatas de mísseis guiados". O desenvolvimento dos mísseis superfície-ar permite às fragatas atuais constituírem-se no núcleo da maioria das marinhas e serem usadas como uma plataforma de armas de defesa da esquadra, não existindo a necessidade de fragatas antiaéreas especializadas.



Fragata antiaérea *Almirante Latorre* da Armada do Chile, em 2007.

Fragatas antisubmarinas atuais

No outro lado do espectro existem as fragatas especializadas em luta anti-submarina. A crescente velocidade dos submarinos desde o final da Segunda Guerra Mundial, reduziu acentuadamente a margem de superioridade da fragata em relação ao submarino. A fragata já não podia ser um navio lento, propulsado por máquinas da marinha mercante. As fragatas do pós-guerra tornaram-se, portanto, mais rápidas. Estes navios têm equipamento sonar aperfeiçoado, morteiros, torpedos e mísseis antisubmarinos. Mísseis ar-superfície e superfície-superfície dão-lhes capacidades defensivas e ofensivas, cada vez maiores.



Fragata antisubmarina *Bosísio* da Marinha do Brasil, em 2008.

Especificamente para a luta antisubmarina, a maioria das fragatas modernas, possui uma plataforma de pouso e hangar à ré, permitindo a operação de helicópteros. Os helicópteros permitem às fragatas atacar os submarinos nucleares mais rápidos que as embarcações de superfície. O helicóptero amplia, também, o raio de deteção de ameaças submarinas e de superfície, por parte da fragata. Para estas tarefas, os helicópteros estão equipados com sensores especializados, tais como sonobóias, sonares mergulhantes, detetores de anomalias magnéticas, bem como armamento para atacar os seus alvos, como torpedos e cargas de profundidade. Os seus radares de bordo também podem ser usados para o reconhecimento além do horizonte e guiamento dos mísseis superfície-superfície da fragata. O helicóptero também é bastante útil em tarefas complementares tais como busca e salvamento, introdução de equipas de abordagem e transporte.



Fragata multiusos NRP *Corte Real* da Marinha Portuguesa, em 2008

Desenvolvimentos futuros

Os projetos das novas fragatas caraterizam-se, especialmente, pela introdução da tecnologia furtiva. As formas da fragata são desenhadas de maneira a ofereceram uma assinatura radar mínima, tornando-as, também mais aerodinâmicas. A manobrabilidade obtida com o seu elevado aerodinamismo tem sido comparada à das antigas fragatas à vela.

De observar que, continua a não existir uma diferença clara entre as classificações das embarcações de guerra, como fragatas, contratorpedeiros ou corvetas. Os critérios continuam a variar de marinha para marinha. Assim, por exemplo, a Marinha Francesa classifica como fragatas tanto os seus "contratorpedeiros" - identificados pelo prefixo "D" de *destroyer* no seu número de amura - como as suas fragatas, propriamente ditas - identificadas pelo prefixo "F". Outro exemplo é a Marinha Portuguesa que apenas classifica como "fragatas" os escoltas oceânicos de deslocamento superior a 2 000 toneladas, sendo os de deslocamento inferior classificados como "corvetas" apesar de ambos se identificarem pelo prefixo "F" no seu número de amura.

Há, no entanto, uma tendência, na maioria das marinhas, para ir sendo abandonando o uso do termo "contratorpedeiro", passando todos os escoltas oceânicos a ser classificados como "fragatas". Assim, por exemplo, os novos escoltas oceânicos alemães da Classe F125, serão classificados como fragatas, apesar de terem um deslocamento de 7 200 toneladas, bastante superior ao dos contratorpedeiros que vão substituir.



Fragata furtiva RSS *Seadfast* da Marinha de Singapura, em 2008.

Ver também

- Classe Aquitaine
- Contratorpedeiro
- Corveta
- Escolta oceânico
- Lista das embarcações da Marinha do Brasil
- Marinha Portuguesa



Fragata multi-missão FREMM *Carlo Bergamini* da Marinha Italiana, em 2011.

Referências

1. Parker, Geofrrey. *The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West 1500–1800*. [S.l.: s.n.] p. 99

Ligações externas

- Poder Naval - Reclassificação de meios navais de superfície (https://web.archive.org/web/20071122030945/http://www.naval.com.br/opiniao/reclassificacao/reclassificacao.htm)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fragata&oldid=64353484"

Galeão

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Um **galeão** é um navio que se distingue dos restantes navios do mesmo tipo pelo facto de possuir quatro mastros, de alto bordo, armado em guerra, frequentemente utilizado no transporte de cargas que possuíam alto valor na navegação oceânica entre os séculos XVI e XVIII. Alguns deslocavam 1200 toneladas e continham 40 bocas de fogo. O número de velas era variável e tinham duas ou três cobertas. Uma das suas características é a existência do chamado "castelo", à sua popa, apresentando até à proa uma pequena curva.[1]



Imagem de um **galeão espanhol**

O termo galeão vem do italiano e o nome "galeone" aparece pela primeira vez nos anais genoveses no século XII, quando Gênova era uma importante república naval. O termo, assim como outros nomes semelhantes usados para embarcações antigas (galé, galera, galeaça etc.), tem origem no verbo italiano galleggiare, flutuar. Contudo, nessa altura, o galeão era uma pequena galé com uma vela e uma só ordem de remos, e de formas finas. Fontes documentais indicam o surgimento do galeão em 1528 como uma nova classe de navios criada por Matteo Bressan no Arsenal de Veneza.[2] Mais tarde aplicou-se o termo a navios de alto bordo e de velas nas carreiras da América, da África e das Índias.

Em 1705, durante a guerra da sucessão da Espanha, vários galeões carregados de ouro afundaram na baía de Vigo.

Em maio de 2007 foi descoberto um carregamento de moedas de prata de um galeão espanhol, com equivalência superior a 230 milhões de euros.

O galeão além de servir às diversas marinhas, também era usado por piratas.

Referências

1. Caravelas, Naus e Galés de Portugal, Enciclopédia pela Imagem, Lello e Irmãos-Editores, Porto
2. Gould, Richard A. (29 de abril de 2011). *Archaeology and the Social History of Ships* (https://books.google.com/?id=hlKUhgBcSacC&pg=PA216&lpg=PA216&dq=galleon+origins#v=onepage&q=galleon%20origins&f=false). [S.l.: s.n.] ISBN 9781139498166

Ver também

- Galé

Ligações externas

- O traçado das naus e galeões portugueses de 1550-80 a 1640, por João da Gama Pimentel Barata, ars nautica - International Committee for the History of Nautical Science, Coimbra, 1970 (https://www.academia.edu/11442286/_I_BARATA_João_da_Gama_Pimentel_-_O_traçado_das_naus_e_galeões_portugueses_de_1550-80_a_1640)
- Os galeões da Coroa de Portugal o período Filipino. Influências e Características, por Augusto A. Alves Salgado, Cuadernos de Estudios Borjanos, L-LI, 2007-2008 (https://www.academia.edu/2456764/_Portuguese_shipbuilding_in_the_XVII-XVIII_centuries_XV_Reuni%C3%A3o_Internacional_de_Hist%C3%B3ria_da_N%C3%A1utica_e_da_Hidrografia_Borja_2008)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Galeão&oldid=64769394"

Galé

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Em geral, **galé** ou **galera** - do grego (γαλέα) - podem designar qualquer tipo de navio movido a remos. Algumas variações possuem mastros e velas para auxiliar a propulsão; eram navios muito usados no Mediterrâneo.



Uma representação de uma galé

Visão Geral

Uma galera é um tipo de navio que é impulsionado principalmente por remos. A galera é caracterizada por seu casco longo e esbelto, calado raso e borda livre baixa (espaço entre o mar e a amurada). Praticamente todos os tipos de galeras tinham velas que podiam ser usadas em ventos favoráveis, mas o esforço humano sempre foi o principal método de propulsão. Isso permitiu que as galeras navegassem independentemente de ventos e correntes. A galera originou-se entre as civilizações marítimas ao redor do Mar Mediterrâneo no final do segundo milênio a.C. e permaneceu em uso de várias formas até o início do século XIX na guerra, comércio e pirataria.[1][2][3][4][5][6]

As galés eram os navios de guerra usados pelas primeiras potências navais do Mediterrâneo, incluindo os gregos, ilírios, fenícios e romanos. Eles permaneceram os tipos dominantes de navios usados para guerra e pirataria no Mar Mediterrâneo até as últimas décadas do século XVI. Como navios de guerra, as galeras carregavam vários tipos de armas ao longo de sua longa existência, incluindo aríetes, catapultas e canhões, mas também contou com suas grandes tripulações para dominar os navios inimigos em ações de embarque. Eles foram os primeiros navios a usar efetivamente canhões pesados como armas anti-navio. Como plataformas de armas altamente eficientes, eles forçaram mudanças no design das fortalezas medievais à beira-mar, bem como o refinamento dos navios de guerra à vela.

As galeras eram os navios de guerra mais comuns no Oceano Atlântico durante a Idade Média, e mais tarde viram uso limitado no Caribe, nas Filipinas e no Oceano Índico no início do período moderno, principalmente como embarcações de patrulha para combater piratas. A partir de meados do século XVI, as galeras estavam em uso intermitente no mar Báltico, com suas curtas distâncias e extensos arquipélagos. O auge do uso da galera na guerra veio no final do século XVI com batalhas como a de Lepanto em 1571, uma das maiores batalhas navais já travadas. Houve um pequeno renascimento da guerra de galeras no século XVIII nas guerras entre a Rússia, Suécia e Dinamarca.[1][2][3][4][5][6]

Galera

Algumas fontes definem com mais precisão o que é uma galera: um tipo de veleiro de três ou mais mastros e vela redonda,[7] em todos eles, movida a remos ou a vela. Longa e de baixo bordo, este navio servia tanto a marinha de guerra, como a mercante.[8]



Representação artística de uma frota de galés de guerra da Grécia Antiga.

Galeriano

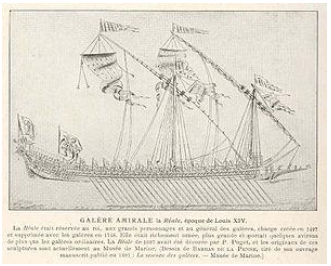
Galeriano é o nome dado aos remadores das galés ou galeras como condenado ou como cativo.[9]

Contrariamente à crença generalizada, não eram usados escravos como remadores nas galés, nem pelos Bizantinos nem pelos Árabes, nem sequer pelos seus predecessores Romanos e Gregos.[10] Ao longo da existência do Império, as tripulações bizantinas eram maioritariamente constituídas por homens nascidos livres de classes baixas, que eram soldados profissionais, obrigados por lei a prestar serviço militar (*strateia*) em troca de pagamento ou terras.

Os pagamentos eram duas a três libras (0,91 a 1,4 kg) de ouro.[11][12] No entanto, eram também empregues estrangeiros prisioneiros de guerra, os cativos.

Na literatura

A obra de Victor Hugo, *Os Miseráveis*, conta a história do forçado Jean Valjean, condenado à trabalhar nas galés. Nela, o autor relata detalhes do serviço forçado nas galés francesas do século XIX, revelando um trabalho causticante em condições sub-humanas.



Galé com mastros e velas

Ver também

- Galeão

Referências

1. Rose, Susan, *Medieval Naval Warfare, 1000–1500.*Routledge. London. 2002. ISBN 978-0415239776
2. Glete, Jan, *Warfare at Sea, 1500–1650: Maritime Conflicts and the Transformation of Europe.* Routledge, London. 2000. ISBN 0415214556
3. Morrison, John S. & Gardiner, Robert (editors), *The Age of the Galley: Mediterranean Oared Vessels Since Pre-Classical Times.* Conway Maritime, London, 1995. ISBN 0851775543
4. Gardiner, Robert & Lavery, Brian (editors), *The Line of Battle: Sailing Warships 1650–1840.* Conway Maritime Press, London. 1992. ISBN 0851775616
5. Pryor, John H., *Geography, technology and war: Studies in the maritime history of the Mediterranean 649–1571.* Cambridge University Press, Cambridge. 1992. ISBN 0521428920 Geography, Technology, and War: Studies in the Maritime History of the Mediterranean, 649-1571 (https://books.google.com/books?id=M3hGBGZnibAC&hl=sv&source=gbs_ViewAPI&printsec=frontcover)
6. Hattendorf, John B. & Unger, Richard W. (editors), *War at Sea in the Middle Ages and the Renaissance.* Woodbridge, Suffolk. 2003. ISBN 0851159036 War at Sea in the Middle Ages and the Renaissance (https://books.google.com/books?id=YVbAwbQrJtAC&hl=sv&source=gbs_ViewAPI&printsec=frontcover)
7. «Navio-escola *Pedro Nunes*» (https://web.archive.org/web/20080514210916/http://www.marinha.pt/extra/revista/ra_abr2005/pag_14.html). Revista da Armada. Consultado em 14 de dezembro de 2010. Arquivado do original (http://www.marinha.pt/extra/revista/ra_abr2005/pag_14.html) em 14 de maio de 2008
8. Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse-Seleções
9. Dic. Enciclopédico Lello Universal - Volume II, Pág. 199
10. Casson 1991, p. 188.
11. Pryor 1988, p. 76.
12. Haldon 1999, p. 267.

Ligações externas

- Descrição da Galera na página da Revista da Armada (https://web.archive.org/web/20080607130709/http://www.marinha.pt/extra/revista/ra_fev2007/pag_35.html)
- Chisholm, Hugh, ed. (1911). «Galley». *Encyclopædia Britannica* (em inglês) 11.ª ed. Encyclopædia Britannica, Inc. (atualmente em domínio público)
- John F. Guilmartin, "The Tactics of the Battle of Lepanto Clarified: The Impact of Social, Economic, and Political Factors on Sixteenth Century Galley Warfare". A very detailed discussion of galley warfare at the Battle of Lepanto (https://web.archive.org/web/20040703063753/http://www.angelfire.com/ga4/guilmartin.com/Lepanto.html)
- Rafael Rebolo Gómez – *"The Carthaginian navy"*. (http://www.grijalvo.com/Rebolo_Gomez_Rafael/Armada_Cartaginesa/0_Indice.htm), 2005, Treballs del Museu Arqueologic d'Eivissa e Formentera. (em castelhano)
- *"Some Engineering Concepts applied to Ancient Greek Trireme Warships" (http://www.soue.org.uk/souenews/issue5/jenkinlect.html)*, John Coates, University of Oxford, The 18th Jenkin Lecture, 1-10-2005.

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Galé&oldid=64534847"

Nau

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Nau é denominação genérica dada a navios de grande porte com capacidade de 200 pessoas, até o século XV usados em viagens de grande percurso. Em vários documentos históricos a nau surge com a denominação de **nave** (do latim *navis,* "navio"), termo utilizado quase sempre entre 1211 e 1428. Opõe-se-lhe o termo *embarcação*, aplicado a barcos de menores proporções, utilizados em percursos pequenos. Que foi muito utilizada em meados do século XV e XVI.



Réplica da nau *Santa Maria*, o maior dos navios comandados por Cristóvão Colombo em 1492, no porto do Funchal

Durante a época dos Descobrimentos, houve uma evolução dos tipos de navio utilizados. A *barca*, destinada à cabotagem e pesca, era ainda utilizada ao tempo de Gil Eanes, quando, em 1434, dobrou o Cabo Bojador, e seria sucedida pela caravela.

Concretamente, na Baixa Idade Média, mais precisamente entre o século XIII e a primeira metade do século XV, as naus, ainda tecnicamente longe daquilo que seriam nos Descobrimentos, serviam essencialmente para transportar mercadorias que provinham dos portos da Flandres, no norte da Europa, para a península Itálica, no mar Mediterrâneo, e vice-versa.



Carracas portuguesas: navios de carga e de guerra empregues no final do século XV e no século XVI. Ao centro a grande nau Santa Catarina do Monte Sinai, construída em 1512. Estas naus, desde o período das primeiras naus oceânicas como a Santa Maria, foram alvo em pouco tempo de um enorme desenvolvimento e inovação no seu design e tamanhos - especialmente em Portugal, devido ao confronto armado no Oceano Índico, à grande carga e às longas distâncias percorridas.

À época de Fernando I de Portugal as naus desenvolveram-se em termos náuticos e multiplicaram-se de forma assinalável em Portugal. Devido à pirataria que assolava a costa portuguesa e ao esforço nacional de criação de uma armada para as combater, as naus passaram a ser utilizadas também na marinha de guerra. Nesta altura, foram introduzidas as bocas-de-fogo, que levaram à classificação das naus segundo o poder de artilharia: naus de três pontas (100 a 120 bocas) e naus de duas pontas e meia (80 bocas). A capacidade de transporte das naus também aumentou, alcançando as duzentas toneladas no século XV, e, as quinhentas, no século seguinte.

Com a passagem das navegações costeiras às oceânicas, houve necessidade de adaptar as embarcações aos novos conhecimentos náuticos e geográficos. À medida que se foi desenvolvendo o comércio marítimo e se tornou necessário aumentar a capacidade do transporte de mercadorias, armamento, marinheiros e soldados, foram sendo modificadas as características dos navios utilizados. Surgiam então as *caravelas de armada* e, posteriormente, as *naus*.

Em 1492, Cristóvão Colombo zarpou das Ilhas Canárias rumo ao descobrimento da América com a nau Santa Maria, a caravela redonda Pinta e a caravela latina Niña. Em 1497 Vasco da Gama partiu para a Índia já com três naus e uma caravela.

De grande porte, com castelos de proa e de popa, dois, três ou quatro mastros, com duas ou três ordens de velas sobrepostas, as naus eram imponentes e de armação arredondada. Tinham velas latinas no mastro da ré. Diferentes das caravelas, *galeões* e *galé*, as naus tinham, em geral, duas cobertas.

No século XVI tinham tonelagem não inferior a 500, embora, segundo o testemunho do Padre Fernando de Oliveira, no seu livro *Livro da Fábrica das Naus*, em meados desse século as naus eram armadas com crescente tonelagem, chegando a ter 600 toneladas no auge da Carreira da Índia.

Bibliografia

- Silva, Libório Manuel (2010), *A Nau Catrineta e a História Trágico-Marítima: Lições de Liderança*, ISBN 978-989-615-090-7, Centro Atlântico, Portugal.

Ligações externas

- O Livro da fábrica das naus no contexto da construção naval oceânica do século XVI (Fernando Oliveira: um humanista genial), por Filipe Vieira de Castro, 2010 (https://www.academia.edu/2032524/O_Livro_da_f%C3%A1brica_das_naus_no_contexto_da_constru%C3%A7%C3%A3o_naval_oce%C3%A2nica_do_s%C3%A9culo_XVI)
- O traçado das naus e galeões portugueses de 1550-80 a 1640, por João da Gama Pimentel Barata, ars nautica - International Committee for the History of Nautical Science, Coimbra, 1970 (https://www.academia.edu/11442286/_I_BARATA_João_da_Gama_Pimentel_-_O_traçado_das_naus_e_galeões_portugueses_de_1550-80_a_1640)
- Reconstrução Virtual de uma Nau Quinhentista. FCT Report, 2010, por Filipe Castro, Tomás Vacas, Nuno Fonseca e T. A. Santos, Instituto Superior Técnico, Lisboa (https://www.academia.edu/26058699/Reconstrução_Virtual_de_uma_Nau_Quinhentista._FCT_Report_2010)
- Levantamento das características náuticas de uma Nau Quinhentista, por Filipe Castro, Tomás Vacas, Nuno Fonseca e T. A. Santos, Actas das X Jornadas Técnicas de Eng. Naval (Inovação e Desenvolvimento nas Actividades Marítimas, 2006. (https://www.academia.edu/2091764/Levantamento_das_caracter%C3%ADsticas_n%C3%A1uticas_de_uma_Nau_Quinhentista)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nau&oldid=64711843"

Manoel da Costa Gontijo pode ter vindo para o Brasil em embarcações como estas

«NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO»



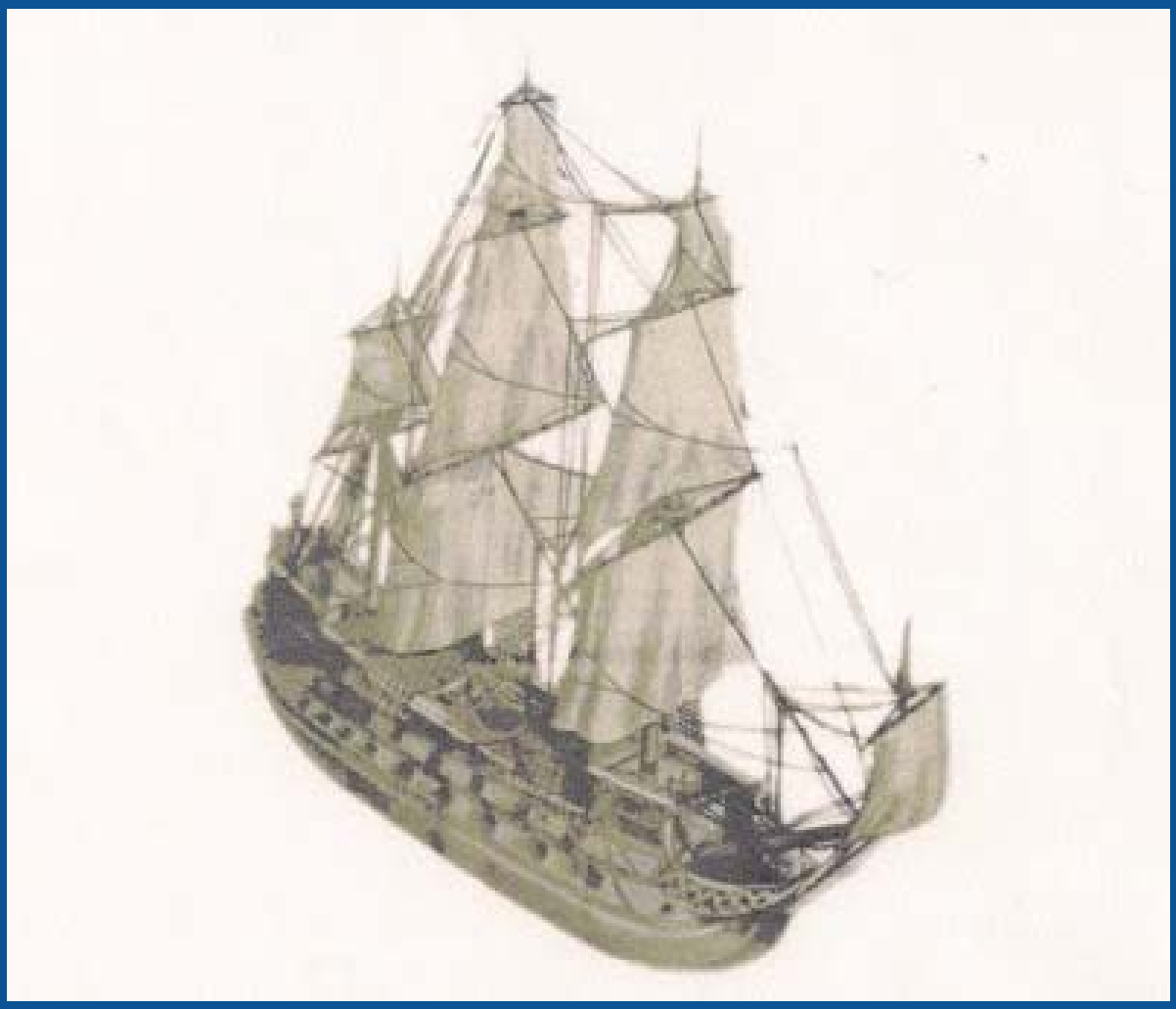
Nau portuguesa do século XVIII construída na Ribeira das Naus em Lisboa e lançada à água em 1707. Este navio de grande porte estava armado com 80 peças de artilharia e tinha uma guarnição de 700 homens. Devido ao seu visível poderio, teve acção notável na repressão da pirataria que infestava as nossas costas. Em 1716, na sua qualidade de navio-almirante da esquadra do conde do Rio Grande, foi ao Mediterrâneo para obrigar os turcos a levantar o cerco à ilha de Corfu. E, no ano seguinte, perante nova ameaça dos otomanos, a «Nossa Senhora da Conceição» voltou àquele mar para se juntar à armada cristã do tenente-general Bellefontaine, constituída por navios papais, venezianos, florentinos, malteses e toscanos. Um primeiro incidente teve lugar entre Bellefontaine e o almirante conde do Rio Grande, quando este recusou, firmemente, arrear o pavilhão português dos seus navios para, em seu lugar, hastear a bandeira do papa Clemente XI. Na manhã de 19 de Junho, ao largo do cabo Matapão (na costa grega) a esquadra cristã entrou, finalmente, em contacto com o inimigo. Surpreendentemente, logo no início das hostilidades, deu-se novo e desagradável incidente, quando Bellefontaine mandou retirar os seus navios da zona de combate, deixando, vergonhosamente, os portugueses sozinhos face à numerosa armada turca. A esquadra de Rio Grande assumiu galhardamente as suas responsabilidades e investiu o adversário com tal ímpeto, que, depois de várias horas de luta, os navios do sultão Ahmed III acharam por bem retirar para os seus portos. A esquadra portuguesa (da qual a «Nossa Senhora da Conceição» era o navio principal) venceu assim, sozinha, a batalha naval de Matapão.

«SANTA ROSA»



Navio da armada de D. João V, rei de Portugal. Foi lançado à água em 1715 pelo arsenal da Ribeira das naus, onde foi construído. Deslocava 1.100 toneladas e media 56 metros de longitude. O «Santa Rosa» estava armado com 70 canhões e fez parte da frota de sete navios (superiormente comandada pelo conde do Rio Grande) que el-rei mandou ao Mediterrâneo oriental combater os Turcos do sultão de Constantinopla. Participou activamente na batalha naval do cabo Matapão (travada ao largo das costas gregas), que os Portugueses venceram sozinhos, depois da desonrosa deserção da armada papista, composta por navios venezianos, malteses e da própria Santa Sé. Depois dessa vitória, a nau «Santa Rosa» regressou ao Atlântico, onde participou em acções contra a pirataria internacional, protegendo, nomeadamente, os comboios navais em proveniência do Brasil. Essas missões eram de alto risco, já que os navios de guerra portugueses também participavam no transporte de mercadorias preciosas (especialmente ouro, pedrarias, tabaco, madeiras exóticas, açúcar e couros) produzidas na América do sul e eram, assim, o alvo preferencial de flibusteiros e outros piratas. Em 1726, a «Santa Rosa», então comandado pelo Capitão Bartolomeu Freire de Araújo, encontrava-se em águas brasileiras até onde (na companhia da nau «Nossa Senhora da Nazaré») havia escoltado um comboio de 16 navios mercantes; que deveriam transportar na viagem de retorno à capital do Reino (com outros que se lhe haviam de juntar em Salvador da Baía) um carregamento de valor incalculável, entre o qual figuravam 10 toneladas de moedas de ouro (cunhadas no Brasil), ouro em barra e em pó e muitas pedras preciosas. Depois de ter zarpado para Lisboa, a «Santa Rosa» foi assaltado por violenta tempestade e procurou a salvação num qualquer porto da costa brasileira. Mas, por razões nunca esclarecidas, foi vítima (no dia 6 de Setembro de 1726) de uma violentíssima explosão ocorrida num dos seus paióis. Não se sabe com exactidão onde ocorreu o desastre que dizimou a quase totalidade dos seus 700 tripulantes.

«RAINHA DOS ANJOS»



A nau portuguesa «Rainha dos Anjos», de 54 canhões, foi construída em 1716. Em 1722 embarcou no porto de Macau um valioso carregamento, do qual fazia parte um lote de objectos artísticos em vidro esmaltado da era Kangxi, enviado como presente ao Rei de Portugal D. João V e ao papa Clemente XI; cuja amizade e respeito o imperador da China queria conquistar. No seu regresso à Europa, o capitão do navio optou pela chamada 'volta larga', que compreendia uma escala técnica no Rio de Janeiro. Na noite de 17 de Junho de 1722, a «Rainha dos Anjos» estava fundeada na baía da Guanabara, quando, no seu paiol, se produziu uma medonha explosão, que a destroçou e afundou, matando muitos dos seus tripulantes. O desastre deu-se num local próximo da ilha das Cobras e foi muito comentado (existem relatos desse tempo) pela população local. Depois caiu (durante quase três séculos) no esquecimento total.

«SÃO SEBASTIÃO»



Nau setecentista da armada real portuguesa. Não foi o primeiro navio de concepção europeia construído na cidade do Rio de Janeiro (onde a indústria naval se iniciou em 1531 com a realização de dois bergantins), mas foi o primeiro a ser arquitectado no núcleo industrial que, é o actual arsenal da armada brasileira. O «São Sebastião», construído sob a responsabilidade de António Silva, era um navio de 1.400 toneladas, com as seguintes proporções: 59,60 metros de longitude; 15,50 metros de boca; e 13 metros de pontal. Foi construído em madeira de pinho Paraguaná, uma essência autóctone que se revelou excelente para a construção de navios. A madeira foi oferecida pelo mosteiro de São Bento e pelo convento do Carmo, proprietários das densas florestas que, ainda então, cobriam os arrabaldes da cidade. O «São Sebastião» recebeu o seu nome em honra do padroeiro da cidade do Rio, mas foi popularmente designado pelo apodo de 'nau serpente', pelo facto de a sua proa estar ornamentada com um dragão. Apresentava a particularidade das suas cobertas terem uma altura de 2,55 metros, o que não era habitual nos vasos de guerra do seu tempo. Estava armado com 64 canhões (de vários calibres) e a sua guarnição completa compreendia 574 homens. A viagem inaugural da nau «São Sebastião», que se revelou ser um navio com excelentes qualidades náuticas, principiou a 19 de Agosto de 1767, dia em que zarpou da baía do Rio de Janeiro com destino à capital do Reino. O navio esteve implicado nos combates navais da guerra do Rossilhão e (quando pertenceu à Esquadra do Oceano, comandada pelo marquês de Nisa) em várias outras campanhas que tiveram lugar no mar Mediterrâneo. Foi a nau «São Sebastião» que levou para Espanha (em Julho de 1816) as infantas Dona Maria Isabel e Dona Maria Francisca de Assis, para ali contraírem casamento, respectivamente, com o rei Fernando VII e com o príncipe D. Carlos Maria Isidoro, irmão do soberano. Este navio também fez parte da esquadra que trouxe para Lisboa em 1817, a princesa Dona Maria Leopoldina (filha de Francisco II de Áustria) que desposou o príncipe Dom Pedro de Alcântara, futuro Rei de Portugal e imperador do Brasil. Do navio «São Sebastião» sabe-se, ainda, que sofreu um grande restauro em 1807, que foi desactivada em 1818 e que foi desmantelada, no arsenal de Lisboa, no ano de 1832.

Imigração de transição (1700-1850)



Ouro Preto, principal destino do fluxo de imigração durante esse período.

No final do século XVII, a descoberta de ouro nas regiões do atual estado de Minas Gerais, teria um papel importante na expansão territorial e na reordenação administrativa da colônia. No início do século XVIII, ocorrem os primeiros conflitos entre bandeirantes e portugueses vindos de outras regiões da colônia em busca de ouro e pedras preciosas. Esses conflitos ficaram conhecidos como Guerra dos Emboabas. O desenvolvimento e riqueza trazidos pelo ouro atraíram para o Brasil um grande contingente de colonos portugueses em busca de riqueza. Nessa época, surge o *mineiro*, que era o colono português que enriqueceu no Brasil graças ao ouro e as pedras preciosas.[5]pg.27

A partir do final do século XVII, o tráfego de portugueses para o Brasil pode ser mais coerentemente descrito como "emigração" do que como "colonização". De fato, na história da emigração portuguesa, é muito difícil distinguir quem poderia ser inscrito na categoria de "colonizadores" daqueles cuja categoria de "emigrantes" seria mais apropriada. De um ponto de vista lógico, emigrante é gênero e colonizador é espécie. Mais profundamente, colonizador é o indivíduo que abandona sua pátria natal com destino a uma colônia, em decorrência de uma iniciativa estatal ou integrado em empresa de âmbito nacional por ela promovida. Emigrante, por outro lado, é aquele que optou por abandonar seu país por motivos pessoais, independentemente de solicitações oficiais e, até mesmo, em oposição a estas (como foi no caso da corrida do ouro).[31]

Seguindo essa linha de raciocínio, até o final do século XVII, predominou no Brasil uma emigração colonizadora. A partir de então, com o *rush* produzido pela descoberta das minas de ouro, tomou um caráter de emigração *stricto sensu*. Porém, não houve a eliminação da emigração de caráter colonizador, uma vez que colonizadores e simples emigrantes sempre coexistiram.[31]

A corrida do ouro

O surto urbano que se deu na colônia graças à mineração fez crescer as ofertas de emprego para os portugueses. Antes, os colonos eram quase que exclusivamente rurais, dedicando-se ao cultivo da cana-de-açúcar, mas agora surgiriam profissões como de pequenos comerciantes.

A maior parte da imigração foi de pessoas originárias do Minho. De início, a Coroa Portuguesa incentivou a ida de minhotos pobres para o Brasil, onde se fixaram principalmente na região de Minas Gerais e na Região Centro-Oeste do Brasil, onde foram encontradas minas de ouro. Porém, a imigração tomou proporções altíssimas, e a Coroa passou a controlar a ida de portugueses para o Brasil. "Viu-se em breve tempo transplantado meio Portugal a este empório", nas palavras de Simão Ferreira Machado em *Triunfo Eucarístico*, livro publicado em Lisboa em 1734.[32]

Pela vinda em larga escala de colonos, a língua portuguesa tornou-se dominante no Brasil em meados do século XVIII, em substituição ao tupi-guarani, ou língua geral.[33]

A notícia de que ouro havia sido achado correu a colônia. Em pouco tempo, legiões de pessoas de diferentes partes da colônia abandonaram suas terras e partiram para a região mineradora. A notícia também atravessou o Atlântico e chegou a Portugal. Em pouco tempo, milhares de portugueses atravessaram o oceano em busca de fortuna no Brasil. O surto migratório que se deu de portugueses do Minho em direção às áreas mineradoras da colônia foi tão intenso que Portugal teve que baixar três leis proibindo a migração de pessoas do Noroeste português para o Brasil, nos anos de 1709, 1711 e 1720. Em relação à lei editada em 1720, autoridades portugueses afirmaram: "Tendo sido o mais povoado, o Minho hoje é um estado no qual não há pessoas suficientes para cultivar a terra ou prover para os habitantes".[34]

A corrida do ouro praticamente despovoou vilas inteiras da região do Douro e de Trás-os-Montes. Em 1703, o embaixador francês em Lisboa informava ao Rei Luís XIV que "O grande número de pessoas que vai à procura do ouro faz com que reste menos (pessoas) para trabalhar no cultivo da terra". Milhares de portugueses venderam tudo o que tinham para conseguir comprar uma vaga em algum navio que partia para o Brasil. Funcionários da Coroa e comerciantes radicados na África e na Ásia abandonaram seus empregos e rumaram para o Brasil. Nesse período vieram pessoas de todos os estratos sociais para o Brasil. Portugueses miseráveis que viram essa como sendo a oportunidade de mudar de vida, pessoas perseguidas pela justiça e pela Inquisição, assim como fidalgos a procura de fortuna e aventura. A maioria deles não tinha parentes ou amigos na colônia, tampouco recurso financeiro. Até 1693, Minas Gerais tinha uma população não indígena quase inexistente. Dezesseis anos depois, a população de brancos, mestiços e negros envolvidos na mineração já chegava a 30 mil pessoas. Só de Portugal, nesse período, saía uma média de oito a dez mil pessoas por ano em direção ao Brasil, totalizando aproximadamente 600 mil pessoas no decorrer de sessenta anos. Nunca antes na História da colônia houve uma migração tão maciça.[34]

Os colonos enfrentavam uma média de oitenta a noventa dias de viagem pelo oceano, até chegar a Salvador ou a outra cidade costeira. De lá, tinham que penetrar o interior do Brasil até conseguir chegar à região mineradora. O caminho até as minas era dificílimo de ser transposto. Muitos morriam pelo caminho, de fome, de doença, devorados por alguma fera ou envenenados por animais peçonhentos. Aqueles que conseguiram chegar até as minas só se preocupavam em extrair o ouro e fazer fortuna o mais rápido possível.[34] Em decorrência, no período de 1697-1698 e 1700-1701 não havia disponibilidade de comida na região. Os mantimentos que vinham de outras regiões da colônia não eram suficientes para abastecer aquela crescente população. Assim, um boi que valia 10 gramas de ouro na Bahia passou a valer 359 gramas na região mineradora. Um alqueire de milho (equivalente a 36 litros) que em São Paulo custava 1,5 grama de ouro, nas minas custava 143 gramas. Um pedaço de queijo ou uma galinha tinham preço equivalente a 25 dias de trabalho. Desta forma, muitas pessoas se viam cercadas de ouro, mas simplesmente não tinham o que comer e acabavam morrendo de fome. O caos foi instalado e pessoas se matavam umas às outras por um pedaço de comida. Com o passar dos anos, o cultivo de alimentos foi estabelecido e a onda de fome foi superada. Mas além da fome, os aventureiros tiveram que enfrentar epidemias de varíola e ataques de bandidos. Mais tarde, cresceu a animosidade entre os paulistas (descobridores das minas) e os forasteiros, a maioria deles portugueses, que brigavam pelo controle das lavras. Muitos conflitos daí se originaram mas, por fim, os forasteiros acabaram vitoriosos e muitos paulistas foram expulsos da região mineradora.[34]

Durante esse período, cerca de mil toneladas de ouro foram retiradas da região mineradora, sendo que do total, 800 toneladas foram encaminhadas para a Europa. A exploração de pedras preciosas na colônia sustentou Portugal por um longo período. A Coroa portuguesa gastou grande parte do ouro brasileiro para viabilizar seu modo de vida luxuoso e pomposo. O ouro brasileiro

também serviu para reconstruir Lisboa após o sismo de 1755. Mas pouco dele ficou em Portugal. A maior parte teve como destino final a Inglaterra, pois Portugal dependia financeiramente dos ingleses. O ouro brasileiro ajudou o nascente capitalismo europeu, pulverizando-se por toda a Europa: só a França utilizou, no século XVIII, 86 toneladas do ouro brasileiro para cunhar moedas.[34]

A corrida do ouro também teve efeitos decisivos para o Brasil. De apenas 300 mil habitantes, a colônia saltou para uma população de 3,6 milhões de pessoas em apenas cem anos, graças ao afluxo de colonos portugueses e escravos africanos. O interior do Brasil foi povoado graças a esse fenômeno.[34]

A imigração de portugueses do Norte para Minas Gerais influenciou profundamente as características sociais daquela capitania, como escreveu o historiador Kenneth Maxwell: "entre a minoria branca de Minas Gerais predominavam os valores e costumes das províncias do norte português, especialmente do Minho, Trás-os-Montes, Porto, Douro e as Beiras (...)."[35] Os colonos transplantaram para a região mineradora "um conjunto particular de valores sociais e culturais que, no ambiente social e cultural mineiro, apesar das diferenças superficiais, era muito semelhante ao que haviam deixado para trás". O Norte de Portugal era uma região com características socioeconômicas que o distanciavam das outras regiões portuguesas. No Norte de Portugal havia a predominância de mulheres entre a população e uma grande porcentagem de casas chefiadas por mulheres, o mesmo acontecia em Minas Gerais. No caso português, as mulheres predominavam pois muitos homens emigravam para outras regiões do reino ou para as colônias, sobretudo para o Brasil, deixando as mulheres para trás, que ficavam incumbidas muitas vezes de gerir o lar. Em Minas Gerais, embora nas primeiras décadas de exploração mineradora houvesse uma verdadeira escassez de mulheres, no final do século XVIII elas já compunham a maioria da população livre mineira, a maioria delas ex-escravas, de acordo com Donald Ramos (com base em alguns testamentos por ele examinados), sendo em número bastante superior às portuguesas entre a população livre mineira, pois estas raramente emigravam.[36] Curiosamente, as poucas portuguesas cujos matrimônios foram registrados na Paróquia de Antonio Dias, em Minas, eram sobretudo açorianas, e não nortenhas como a maioria dos homens. Em 1807, o escritor Ramalho Ortigão registrou que "Os Açores são a parte do país que exporta maior número de mulheres".[37]

Também cristãos novos estiveram presentes na corrida do ouro.[38]

Naturalidade dos testadores na Comarca do Rio das Velhas, Minas Gerais (século XVIII)[39]								
Ilhas	**Outros Reinos**	**Alentejo**	**Minho**	**Estremadura**	**Algarve**	**Trás-os-Montes**	**Beiras**	**Não identificado**
10,39%	0,47%	0,47%	**66,93%**	5,98%	0,15%	5,59%	5,82%	4,17%

Tanto o Norte português quanto Minas Gerais apresentavam "predominância demográfica de mulheres livres, uma grande proporção de famílias chefiadas por mulheres, baixas taxas de casamento, idade de se casar mais tardia que o esperado, uma tendência entre as mulheres solteiras de estabelecerem em domicílios independentes, altas taxas de ilegitimidade e abandono infantil e baixas proporções de famílias nucleares sacramentadas pelo matrimônio". Essas características aproximavam a capitania de Minas Gerais do Norte de Portugal que, por sua vez, se distanciava do resto do país.[36] Como observou o historiador Antônio Augusto de Lima Júnior, "ao contrário do que se verificou em outras partes do Brasil, nas Minas Gerais se constatou o fenômeno de uma integral transplantação do espírito e da civilização portuguesa" pois, apesar da miscigenação generalizada entre homens portugueses e mulheres africanas que se deu na capitania mineira, os mestiços acabavam adotando a língua, os costumes, a religião e a mentalidade do pai português.[40]

Em Minas Gerais, no início de sua construção, a carestia de vida era enorme. Antonil em "Cultura do Brasil por suas drogas e minas" conta que especialmente difícil para os portugueses de Minas Gerais era o preço elevado dos negros usados na mineração do ouro. Antonil registrou em Minas Gerais preços de escravos de mesma idade e qualidade como sendo o dobro dos preços praticados na Capitania de São Vicente e na Capitania de Itanhaém (Taubaté).[41]

Agostinho Ferreyra Gontijo

Também emigrou para o Brasil, muito provavelmente junto com seu sobrinho Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai).

Em 1737, aos 48 anos, já possuía 2 chãos (lotes / terrenos) em Ouro Preto e Manoel, aos 22 anos, um chão.

A emigração ocorreu antes de 1737, portanto, hoje em 2022, temos pelo menos **285 anos de Gontijos no Brasil**.

Como tio e sobrinho já estavam bem estabelecidos em Ouro Preto em 1737 e, considerando a origem simples em Portugal, imagino que a imigração se deu talvez 1728-1729, quando Manoel tinha 13-14 anos.

Estando em Portugal, teria de servir ao exército português, e ir para uma colônia aleatória. Vindo para o Brasil, a colônia melhor no momento, poderia servir ao exército português no Brasil.

Em 1767, Agostinho já havia falecido, antes dos 78 anos, ou voltado para Portugal, e o sobrinho Manoel, agora aos 52 anos, já casado, possuía 3 chãos em Ouro Preto.

Possivelmente Agostinho morreu antes de 1756, pois seria um fortíssimo candidato a padrinho do primogênito do sobrinho Manoel: João da Costa Gontijo ☆08/07/1756 Fazenda dos Macacos, batizado 26/07/1756 †1777-8 Barbacena, aos 21 anos.

Agostinho provavelmente morreu solteiro, não teve inventário, e pode ter doado ou vendido seus dois chãos em Ouro Preto para o sobrinho Manoel.

Anexo 4 – Relação dos foreiros e número de terrenos nos *Livros de Tombo* de Vila Rica de 1737 e 1767

Livro de Tombo de 1737

HOMENS

48 anos

Foreiros	Terrenos
Agostinho Ferreira Gontigo	2
Alberto Gomes	1
Alexandre da Silva	2
Alexandre Jorge Botelho, Padre	2
Alexandre Pinto de Miranda	3
Amaro de Souza	1
Anastacio de Crasto Lima	1
Andre Alves de Azevedo	1
Andre Alves Rainho	2
Andre João	1
André João	2
Andre Rodrigues	1
Andre Teixeira	1
Antonio Afonso	1
Antonio Alves	1
Antonio Antunes de Araujo, defunto	1
Antonio Coelho da Silva	1
Antonio Coelho de Barros	1
Antonio Correa [ ], pardo forro	1
Antonio da Câmara	1
Antonio da Costa Cintra	1
Antonio da Costa Ribeiro	3
Antonio da Costa Sintra	1
Antonio da Silva	1
Antonio da Silva Dias	1
Antonio da Silva Porto	1
Antonio de Faria Barros	1
Antonio de Meireles Rabelo	1
Antonio de Noronha da Câmara	1
Antonio de Oliveira	1
Antonio de Oliveira Soares	1
Antonio de Oliveira, Capitão	1
Antonio de Souza	1
Antonio de Souza Lobo, Licenciado	1
Antonio Dias Ferreira	1
Antonio Dias Soares	1
Antonio dos Santos Lisboa	1
Antonio dos Santos, preto forro	1
Antonio Fernandes Guimarães	1
Antonio Fernandes Serra	1
Antonio Ferreira de Carvalho	1
Antonio Francisco da Silva	1
Antonio Gomes Cardoso	2
Antonio Gomes da Silva	1
Antonio Gomes de Souza	1
Antonio Gomes Loureiro	1
Antonio Guedes de São Paio	1

Foreiros	Terrenos
Antonio Henriques	1
Antonio Jose de Passos	1
Antonio Labidrene, Licenciado	1
Antonio Leite de Almeida	1
Antonio Lopes de Carvalho	3
Antonio Luiz	1
Antonio Martins Fagundes	1
Antonio Moreira	1
Antonio Peixoto de Vasconcelos	3
Antonio Pereira	1
Antonio Pereira Vilanova	6
Antonio Pinto	1
Antonio Ramos da Cruz	2
Antonio Ramos dos Reis, Mestre de campo	1
Antonio Ramos, preto forro	1
Antonio Rodrigues Pereira	1
Antonio Simoes	2
Antonio Teixeira Braga	1
Antonio Teixeira de Carvalho	1
Antonio Varela Santiago	3
Bartolomeu Gomes Pombo, Reverendo Doutor	1
Bento da Rocha Correa	1
Bento da Silva, pardo forro	1
Bento Peixoto	1
Bento Soares Camelo	1
Bernadino de Serna, Licenciado	1
Bernando Fernandes	2
Bernardo Fernandes	2
Bernardo Ribeiro de Carvalho	1
Caetano Fernandes	2
Carlos Jose da Silva	1
Carlos Jose da Silva, Alferes	1
Clemente Filho	1
Constantino da Mota Silva	1
Custodio Correa Salazar	1
Custodio Duarte	1
Diogo Vaz de Freitas	1
Domingos Antonio	1
Domingos Borges	1
Domingos da Costa Guimarães	1
Domingos da Cruz	2
Domingos da Silva Braga	1
Domingos de Andrade	1
Domingos Dias Santiago	1
Domingos Esteves	1
Domingos Fernandes Leite	1

Domingos Fernandes Souto	2
Domingos Ferreira de Matos	2
Domingos Francisco de Carvalho	1
Domingos Francisco do Couto	1
Domingos João Ferreira	4
Domingos Lopes de Avelar e sua mulher Maria da Conceição	1
Domingos Lourenço Sampaio	1
Domingos Machado	2
Domingos Machado de Azevedo	1
Domingos Pereira	1
Domingos Velho	1
Felix Mendes	1
Francisco Alves	1
Francisco Alves Chaves	1
Francisco Alves da Cruz, mestre sapateiro	1
Francisco Alvres	1
Francisco Antunes	3
Francisco Barbosa, preto forro	1
Francisco Borges Guimarães	1
Francisco Coelho da Silva, cabo de esquadra	1
Francisco da Silva e Almeida, Reverendo Vigário	1
Francisco de Azevedo	2
Francisco de Vilas Boas [ ], Doutor	1
Francisco Esteves de Araujo	1
Francisco Gomes Maia	1
Francisco Jose Bandeira	2
Francisco Jose de Menezes	1
Francisco Lopes	1
Francisco Lopes de Carvalho	1
Francisco Meixa Migueis	1
Francisco Pereira da Silva	2
Francisco Pinto de Lima	1
Francisco Roiz Barros	1
Francisco Vieira	1
Francisco Xavier	1
Francisco Xavier Ramos, Doutor	1
Francisco Xavier Vieira	2
Gaspar Vicente	1
Gonçalo Nunes da Silva	1
Gregorio de Magalhães	1
Gregorio de Matos Lobo	2
Gregorio Marques	1
Henrique Ribeiro	3
Hieronimo Gomes Peixoto	2
Ignacio Duarte	1
Ignacio Mendes de Vasconcelos, Licenciado	3
Ignacio Pereira do Amaral	1
Jacinto Borges	1
Jacinto Ferreira	1
Jeronimo da Silva	1
Jeronimo dos Santos	1
Jeronimo Pereira de Andrade, defunto	1

João Alves Antunes	1
João Batista, soldado dragão	1
João Correa de Macedo, Doutor	1
Joao Correa dos Santos	1
João da Cruz da Mota	1
João da Graça	1
João da Silva Guimarães	1
João de Figueiredo Pereira	1
João de Graça	1
João de Moura	1
João de Siqueira Lima	1
João de Souza	2
João Denis Duarte	1
João Domingues Veiga	1
João Felix de Moura	1
João Felix de Moura Teles	1
João Fernandes de Oliveira	1
João Ferreira de Moraes	1
João Ferreira dos Santos	2
João Fragoso dos Santos	1
João Francisco	1
João Francisco dos Santos	1
João Francisco Vaz	1
João Gonçalves	1
João Gonçalves da Cruz	1
João Luiz de Azevedo	1
João Marques de Oliveira	1
João Martins	1
João Peixoto	2
João Pereira da Silva	1
João Pereira de Sá	1
João Ribeiro Guimarães	1
João Rodrigues de Lima	1
Joao Roiz de Oliveira	1
João Teixeira	1
Jose Alves [Roseiro]	1
Jose da Cunha de Macedo	1
Jose da Silva	2
Jose da Silva Ferreira	1
Jose da Silva Terra	1
Jose de Andrade Novaes	1
Jose de Oliveira, Padre	5
Jose de São Boaventura Vieira, Capitão-mor	1
Jose de Souto, Doutor	1
Jose de Souza de Vasconcelos	1
Jose Francisco	1
Jose Gonçalves	1
Jose Lopes Ribeiro	1
Jose Lopes Viçoso	1
Jose Lopes, mestre ferreiro	1
Jose Magalhães da Costa	3
Jose Martins Maia	1
Jose Mina, preto forro	1
Jose Pereira	1
Jose Pereira de [Lacerda]	1
Jose Pinto	1
Jose Pinto Monteiro	1

Jose Ribeiro Guimarães	1
Jose Soares	1
Lourenço de Lemos	1
Lourenço Dias [Rosa]	1
Lourenço Dias Rosa, Capitão	2
Lourenço Gonçalves	1
Lourenço Pires Ramalho	1
Luiz de Souza Coelho	2
Luiz Pires Lopes	1
Luiz Pita Loureiro	1
Manoel Alves de Azevedo	1
Manoel Alves de Carvalho	1
Manoel Andre Pinto	1
Manoel Antonio, mestre sapateiro	1
Manoel Antonio, vendeiro	1
Manoel Borges da Cunha Barreto	2
Manoel Borges de Brito	1
Manoel Carvalho da Cruz, mestre pedreiro	1
Manoel Carvalho Pinto	1
Manoel da Corte Freitas	1
Manoel da Costa Coelho	1
22 anos **Manoel da Costa Gontigo**	1
Manoel da Costa Marques	2
Manoel da Mota Agrelo	2
Manoel da Mota Sª	2
Manoel da Rocha	1
Manoel da Silva Coelho	1
Manoel da Silva Couto	1
Manoel da Silva Godinho	1
Manoel da Silva Peixoto	1
Manoel de Abreu	1
Manoel de Almeida Coutinho, Coronel	5
Manoel de Andrade	1
Manoel de Andrade Dias	1
Manoel de Novaes	1
Manoel de Souza de Oliveira	3
Manoel de Souza Portugal	1
Manoel de Tavora	1
Manoel de Távora	1
Manoel Dias Teixeira	1
Manoel do Couto, ausente	1
Manoel dos Santos, preto forro	3
Manoel Esteves	1
Manoel Fernandes	2
Manoel Fernandes Casal de Ouro	1
Manoel Ferreira	2
Manoel Ferreira da Costa	1
Manoel Ferreira de Macedo	1
Manoel Ferreira Rego	1
Manoel Francisco	1
Manoel Francisco de Oliveira	1
Manoel Francisco de Souza	1
Manoel Francisco, [m.e] sapateiro	1
Manoel Freire Batalha, Reverendo Doutor	1
Manoel Gomes Correia	1

Manoel Gomes da Costa	1
Manoel Gomes Martins	1
Manoel Gonçalves, mestre sapateiro	1
Manoel Jorge de Carvalho	1
Manoel Jose dos Santos	1
Manoel Jose dos Santos Cordeiro	1
Manoel Lopes da Cruz	5
Manoel Lopes Ferreira	1
Manoel Lopes Pereira	1
Manoel Lopes, mestre ferreiro	1
Manoel Luiz da Silva	1
Manoel Martins Viana, Tenente	1
Manoel Mateus Tinoco	1
Manoel Nunes	2
Manoel Nunes Duarte	1
Manoel Pacheco Ribeiro	1
Manoel Pereira, pardo forro	1
Manoel Pereira, Reverendo Padre	1
Manoel Pinto Ferreira	2
Manoel Pires de Carvalho	3
Manoel Rabelo Borralho	1
Manoel Rodrigues de Oliveira	1
Manoel Rodrigues, preto forro	1
Manoel Roiz da Costa	1
Manoel Soares Fereira, Licenciado	1
Manoel Soares Ferreira, Licenciado	1
Manoel Teixeira de Matos	1
Manoel Vaz Fagundes	1
Manoel Vieira	1
Marcos da Afonseca	1
Marcos de Afonseca	2
Maria Alves Braga, preta forra	1
Mateus Alves	2
Mathias Barbosa	1
Mathias Borges	1
Miguel Moreira Silva	1
Pantaleão da Costa Dantas	2
Patricio de Sá	1
Paulo Correia Vieira	1
Pedro Alves da Silva	2
Pedro Carvalho	1
Pedro de Araujo Pereira	3
Pedro Gomes Lima, Ajudante	1
Pedro Mendes Barto	1
Rafael Pires de Azevedo	2
Rodrigo de Brum	2
Romana Tereza	1
Roque Domingues Marques	2
Sebastião Martins	2
Sebastiao Roiz, mestre ferreiro	1
Silvestre da Silva Araujo	1
Simão Martins	1
Teodósio da Costa	1
Tomas Antunes	1
Tomas de Magalhães de Pinto	1
Tomas de Magalhães Pinto	1
Tomas Gomes de Meireles	2

Tome Dias	2
Tome Ferreira da Cruz	1
Valentim Pereira [Rermao]	1
Ventura Marques	2

Verissimo de Oliveira	1
Verissimo Dias Ferreira	1
Vicente Jose de Passos, preto forro	1

MULHERES

Foreiras	Terrenos
Ana Rodrigues, preta forra	1
Angela Teixeira, preta forra	1
Anna Gomes	1
Antonia Peneda	1
Antonia Pimenta	3
Antonia Vieira, preta forra	1
Catherina Gonçalves	2
Clara Barbosa, preta forra	1
Feliciana de Souza, preta forra	1
Felipa Ribeira	1
Francisca de Matos Lobo, preta forra	1
Francisca Dias Leme, preta forra	1
Hieronima da Silva, mulher parda	1
Isabel, preta forra	1
Joana Fernandes Lima, preta forra	1
Joana Gonçalves, preta forra	2
Joana Peregrina	2
Joana Vieira, preta forra	1
Josefa de Souza	1

Foreiras	Terrenos
Leandra Moreira	2
Luiza Fernandes, preta forra	1
Luzia Maria da Conceicao	1
Maria da Cruz, preta forra	1
Maria Fernandes, preta forra	1
Mariana de [Pega], parda forra	1
Micaela Bernarda, preta forra	1
Micaela de Matos, preta forra	1
Micaela Rodrigues, preta forra	2
Quiteria de Matos	1
Quiteria, preta forra	1
Rosa Gonçalves	1
Rosa Moreira, preta forra	1
Rosa, preta escrava de Gaspar de Vilas Boas Jacomé	1
Sebastiana Gonçalves, preta forra	1
Teodosia Gomes, preta forra	1
Tereza de Jesus, preta forra	3
Tereza Rosa, preta forra	1

Fonte: APM. CMOP, Códice 38 e 40

Casa de Manoel da Costa Gontijo



Livro do Tombo de 1767

HOMENS

Foreiros	Terrenos
[ ] Manoel Pinheiro de Faria	1
[Domingos] de Freitas Braga	1
[Lucas] Pereira Coelho	1
Agostinho Monteiro de Barros, Doutor	2
Agostinho Peixoto de Faria	1
Alexandre de Viveiros	2
Alexandre Gomes de Barros	1
Alexandre Pinto de Miranda	1
Amaro Alves Pinto	4
Anastacio de Crasto Lima	1
Andre de Magalhães	1
Andre Machado Coelho	2
Andre Teixeira Costa	1
Antonio Alvarez	1
Antonio Alvarez de Almeida	1
Antonio Alves	1
Antonio Correa	1
Antonio Correa Guerra	1
Antonio da Costa Ferreira	1
Antonio da Costa Guimaraes, Capitão	1
Antonio da Costa Pontes	1
Antonio da Costa Ribeiro	1
Antonio da Costa Sintra	3
Antonio da Cunha	1
Antonio da Silva	3
Antonio da Silveira Gato	1
Antonio de Amorim Pereira	1
Antonio de Barros	1
Antonio de Castro Lobo	1
Antonio de Castro Peixoto	2
Antonio de Macedo Campos	4
Antonio de Meireles Rabelo, Reverendo	2
Antonio de Souza	2
Antonio de Souza Coelho	2
Antonio de Souza e Lira	1
Antonio Dias Ferreira	1
Antonio Dias Gonçalves	1
Antonio dos Santos	1
Antonio dos Santos Correa	1
Antonio Fernandes de Araujo	1
Antonio Fernandes Guimarães	1
Antonio Fernandes Ribeiro	1
Antonio Fernandes Veiga, preto forro	4
Antonio Ferreira	2
Antonio Ferreira [Canaes], por seu testamenteiro Reverendo Doutor Manoel Pinto Freire	1

Foreiros	Terrenos
Antonio Ferreira da Fonseca	2
Antonio Ferreira de Carvalho	1
Antonio Ferreira dos Santos	1
Antonio Ferreira Mendes	2
Antonio Francisco Carvalho	1
Antonio Francisco de Souza	3
Antonio Garcia de Medeiro, Sargento	1
Antonio Gomes da Silva	1
Antonio Gomes de Barrros	1
Antonio Gomes Loureiro	1
Antonio Gomes Xavier, Reverendo	1
Antonio Gonçalves	1
Antonio Gonçalves Dinis	1
Antonio Henriques	1
Antonio Jose Alfonso	1
Antonio Jose Carneiro, Capitão	1
Antonio Jose da Costa	1
Antonio Jose de Lima	1
Antonio Jose de Matozinhos	1
Antonio Jose de Souza	1
Antonio Jose Martins	1
Antonio Jose Martins Correa	4
Antonio Jose Pimenta, Doutor	1
Antonio Jose Vieira	1
Antonio Leite da Silva, pardo forro	1
Antonio Lopes de Leão	1
Antonio Lopes Sobreira e Francisco Barroso Pereira, sócios	1
Antonio Luiz	1
Antonio Luiz da Rocha	1
Antonio Luiz de Araujo Barros	1
Antonio Macedo Campos	3
Antonio Machado Borges	1
Antonio Martins Dias	1
Antonio Martins Fagundes, Reverendo Padre	1
Antonio Martins Viana	1
Antonio Mesquita	1
Antonio Moreira Duarte	1
Antonio Peixoto de Vasconcelos	1
Antonio Pereira Vila Nova	2
Antonio Pereira Vilela	1
Antonio Ramos dos Reis, Capitão-mor	2
Antonio Ramos dos Santos [ ]	1
Antonio Rebelo da Silva	1
Antonio Ribeiro Guimaraes	1
Antonio Ribeiro Quintal	1
Antonio Rodrigues Braga	1
Antonio Rodrigues Ferreira	1

Antonio Simoes	2
Antonio Teixeira	1
Antonio Texeira dos Guimaraes	1
Baltazar Ferreira Chaves	1
Baltazar Gomes de Azevedo	1
Baptista Ferreira da Silva, Reverendo	1
Bartolomeu Gonçalves	3
Bento da Rocha Gonçalves	1
Bento Gonçalves Baltar	1
Bento Leite	1
Bento Peixoto Reis	1
Bernardo da Silva Ferrão, Ajudante de Tenente	1
Bernardo de Araujo Franco	2
Bernardo Gonçalves	1
Bernardo Martins	1
Bernardo Ventura de Amorim	1
Caetano Antunes	1
Calixto Jose de Arantes, Capitão	1
Carlos Francisco de Lemos	1
Carlos Jose da Silva, Tenente	2
Carlos Luiz	1
Claudio Manoel da Costa, Doutor	1
Clemente Ferreira da Silva	1
Custodia de Souza Pereira	1
Custodia Duarte Braga	1
Custodio Alves de Araujo	1
Custodio de Sá Ferreira	1
Custodio Duarte Braga	1
Custodio Fernandes da Cruz	2
Custodio Ferreira Coelho	1
Custodio Francisco Moreira	1
Custodio Francisco Pequeno	1
Custodio Vieira dos Santos	1
Davi de [doreira]	1
Diogo da Silva Ribeiro	1
Diogo da Silva Saldanha	1
Diogo José da Silva Saldanha, Capitão	1
Domingos Antonio Malta	1
Domingos da Costa Braga	1
Domingos da Cruz, Capitão	4
Domingos da Cunha	1
Domingos da Silva	1
Domingos de Andrada	1
Domingos de Carvalho Araujo	1
Domingos Dias Lopes	1
Domingos dos Santos Lisboa	1
Domingos Fernandes Barroso	2
Domingos Fernandes Souto	1
Domingos Ferreira	1
Domingos Francisco da Costa, Reverendo	4
Domingos Francisco do Couto, Alferes	3
Domingos Francisco Neves	1
Domingos Gomes Cruz	3
Domingos Gomes Rodrigues	1
Domingos Gonçalves Bragança	1
Domingos João Ferreira	3
Domingos Lopes Sobreira	1
Domingos Lourenço de São Paio	1
Domingos Martins	1
Domingos Moreira de Oliveira	1
Domingos Nogueira da Costa	2
Domingos Rodrigues de Araujo	2
Domingos Tome da Costa, herdeiro da primeira proprietária	2
Domingos Vaz de Carvalho, Reverendo	1
Estacio Ferraz de Sam Paio	6
Estevão Fernandes, preto forro	1
Estevão Rodrigues	1
Eusebio da Costa [ ]	1
Eusebio Pereira Trindade	2
Euzebio Alvarez	1
Faustino Vieira de Souza	1
Felipe de Oliveira dos Santos	2
Fernando da Mota	1
Francisca da Trindade, preta forra	1
Francisco Alexandrino, Capitão	3
Francisco Alvares da Cruz	1
Francisco Alvares de Araujo	2
Francisco Antonio de Barros	1
Francisco Antunes	3
Francisco Borges Guimarães	1
Francisco Correa Fortuna	3
Francisco Correa Salazar, preto forro	2
Francisco da Costa Pereira	2
Francisco de Almeida Pinto	1
Francisco de Araujo Ferreira	1
Francisco de Souza Brito	3
Francisco de Souza e Silva	1
Francisco do Amaral	1
Francisco Domingues de Carvalho e Jose Souza da Silva, socios	1
Francisco Esteves	2
Francisco Gomes Ferreira	1
Francisco Gonçalves Barroso	1
Francisco Gonçalves de Mesquita	2
Francisco Guimarães	1
Francisco João	1
Francisco Jose Bandeira	1
Francisco Jose Pereira de [Fraga]	1
Francisco Lopes de Souza	1
Francisco Machado Coelho	1
Francisco Machado Luiz	1
Francisco Manoel Pereira da Cunha	2
Francisco Marques de Oliveira	1
Francisco Mendes Pimentel	1
Francisco Nogueira	1
Francisco Pereira da Fonseca	1
Francisco Pereira da Silva, Capitão	1
Francisco Pereira de Matos	1

Francisco Pereira Duarte, Capitão	2
Francisco Ribeiro	1
Francisco Rodrigues da Costa	3
Francisco Rodrigues Laje	1
Francisco Soares de Araujo	1
Francisco Vieira do Vale	1
Francisco Xavier de Souza	1
Francisco Xavier de Souza, Tenente	1
Gabriel Fernandes Aleixo, Sargento-mor	2
Gaspar de Barros	1
Gaspar de Vilas Boas Jacome	1
Gaspar Gonçalves de Oliveira, Sargento-mor	2
Gaspar Lourenço	1
Gonçalo Nunes da Silva	1
Gregorio de Matos Lobo, Tenente Coronel	2
Gregorio de Oliveira	1
Guilherme Teixeira, Alferes	1
Henrique da Costa Guimarães	1
Henrique Ribeiro	1
Ignacio Ferreira da Conceição	1
Ignacio Gomes da Silva	1
Ignacio Mendes de Vasconcelos, Sargento-mor	7
Ignacio Ramos dos Reis	1
Jacinto Borges	1
Jacinto Gomes Tibaes	1
Jeronimo Alves Pereira	1
Jeronimo da Costa de Oliveira	1
Jeronimo da Silva	1
Jeronimo de Souza Lobo Lisboa	1
Jeronimo Fernandes de Carvalho	1
Jeronimo Fernandes do Vale	1
Jeronimo Nicolau de Carvalho	1
Jeronimo Pereira de Souza	1
Jeronimo Rodrigues de Macedo	1
João [da Ponte Espiga]	1
João Alvares Antunes	1
João Antonio Pereira	1
João Antonio Rodrigues, Padre	1
João Batista da Rocha	1
João Carvalho	2
João Coelho da Silveira	1
João Coelho Diniz	2
João Correa dos Santos	1
João da Costa Soares	1
João da Cruz	1
João da Fonseca Neto	2
Joao da Mota Magalhaes	1
João da Rocha Pereira	1
João da Silva Barbosa	1
João da Silva Freitas	1
Joao da Silva Nogueira	1
João da Siqueira Lima	1
João de Amorim Pereira	1
João de Melo Magalhães	2

João de Moura Pinto	1
João de Oliveira	1
João de São Bernardes	1
João de Siqueira, Sargento-mor	4
João de Souza	1
Joao de Souza Barbosa	1
João de Souza Costa	2
João de Souza Lisboa, Coronel	6
João de Souza Maia	1
João Dias Coutinho	1
João Domingues dos Santos	1
João Duarte Braga	3
João Felix de Moura	1
João Felix de Moura Teles	1
João Fernandes de Oliveira	1
João Ferraz de Figueredo	1
João Ferreira da Silva	1
João Ferreira Oliveira	1
João Francisco	1
João Francisco dos Reis	1
João Francisco dos Santos	1
João Francisco Teles	1
João Francisco Vieira	1
João Gomes	3
João Gomes Cardoso	1
João Gonçalves	3
João Gonçalves Dias	1
João Gonçalves Pereira	3
João Lobo Leite	1
João Lopes da Cruz	3
João Marques	1
João Marques de Oliveira	1
João Mendes Ribeiro, Capitão	2
João Peixoto de [zado]	1
João Pereira da Silva, Alferes	1
João Pinto da Costa	1
João Pinto de Miranda, Alferes	1
João Pinto de Souza	1
João Pires Ribeiro, Reverendo	1
João Ribeiro Guimarães	1
João Rodrigues [Serna]	1
João Rodrigues de Souza, preto forro	1
João Soares Gomes	2
João Xavier	1
Joaquim dos Reis	2
Joaquim Gonçalves de Figueredo	1
Jose [ ] de Carvalho	1
Jose Alvares [ ], Capitão mor	1
Jose Alves Roserio	1
Jose Antonio Gonçalves	2
Jose Antonio Martins	1
Jose Antonio Ribeiro Guimaraes, Alferes	3
Jose Antunes	2
Jose da Costa Pinheiro	2
Jose da Costa Rabelo, Capitão	1
Jose da Cunha de Souza Carneiro	1

Jose da Mota Araujo	1
Jose da Silva Aragão	1
Jose da Silva da Fonseca	1
Jose de Barros	2
Jose de Barros de Araujo	1
Jose de Faria Pereira, Capitão	7
Jose de Siqueira Leão	1
Jose Fernandes	4
Jose Fernandes dos Santos	1
Jose Fernandes Leite, Reverendo	1
Jose Ferreira da Cunha, preto forro	1
Jose Francisco de Avelar	1
Jose Francisco de Sá Mota	1
Jose Francisco Fernandes	1
Jose Francisco Vieira	1
Jose Gomes	1
Jose Gomes da Rocha	1
Jose Gonçalves	2
Jose Gonçalves Bragança	1
Jose Gonçalves Reis	1
Jose Lopes, mestre ferreiro	1
Jose Manoel de Moura, Furriel	2
Jose Manoel de Siqueira, Doutor	1
Jose Martins Maia	1
Jose Mina, preto forro	1
Jose Pereira da Gama	1
Jose Pinto Pereira, Doutor	1
Jose Ribeiro de Melo	1
Jose Rodrigues de Souza	1
Jose Rodrigues Pereira	1
Jose Teixeira da Mota	1
Jose Vieira Rego	1
Leandro Machado	2
Leandro Soares de Carvalho	1
Lourenço Cordeiro	4
Lourenço de Lemos	1
Lourenço Dias Rosa, Capitão	1
Lourenço Mendes Coelho	1
Lourenço Pereira, preto forro	1
Lourenço Pires Ramalho	1
Lourenço Rodrigues de Souza, Alferes	1
Lucas de Souza Guimarães	2
Luis Alves de Carvalho	1
Luis de Almeida Guimarães, Alferes	1
Luiz Amorim da Costa	1
Luiz Antonio Cabral	1
Luiz Barreiro de Araujo	1
Luiz da Silva Maia	2
Luiz da Silva, Sargento-mor	1
Luiz de Amorim Costa	1
Luiz de Souza Coelho	3
Luiz Gonçalves	2
Luiz Henrique de Freitas, Doutor	1
Luiz Jose Ferreira de Gouvea, Coronel	1
Luiz Mendes, Reverendo	1

Luiz Pedroso Sintra	1
Luiz Pereira da Silva	3
Luiz Pires Lopes	1
Luiz Pita Loureiro	1
Luiz Pita Loureiro de Souza	1
Manoel [ ] Braga	1
Manoel [Lucas], Licenciado	1
Manoel Alvarez de Araujo	1
Manoel Alvarez de Azevedo, Capitão	3
Manoel Alves Jorge	1
Manoel Antonio da Silva	1
Manoel Antonio Dias	1
Manoel Bernandes de Almeida	1
Manoel Cardoso	1
Manoel da Assunção Costa	2
Manoel da Assunção Rocha	1
Manoel da Costa	2
Manoel da Costa Alvarez	2
Manoel da Costa Freitas	1
Manoel da Costa Gontijo	3
Manoel da Costa Lima	1
Manoel da Costa Pinto	1
Manoel da Costa Silva	1
Manoel da Fonseca Neto	2
Manoel da Mota Botelho	1
Manoel da Rocha	1
Manoel da Rocha Andrada	1
Manoel da Rocha Reynam	1
Manoel da Silva Araujo	4
Manoel da Silva Carmo	1
Manoel da Silva Carvalho	2
Manoel da Silva Couto	1
Manoel da Silva da Conceição	1
Manoel da Silva Freitas	1
Manoel da Silva Maciel	1
Manoel de [ ], Licenciado	1
Manoel de Araujo [ ]	1
Manoel de Castro Lobo, pardo forro	2
Manoel de Ferraz Lima	1
Manoel de Souza Braga	1
Manoel de Souza de [Mendonça]	1
Manoel de Souza de Azevedo	1
Manoel de Souza de Mendonça	1
Manoel de Souza Lobo, Licenciado	1
Manoel de Souza Martins	1
Manoel de Souza Pereira, Coronel	1
Manoel de Souza Viana	1
Manoel de Torres Lima	1
Manoel Dias da Costa	1
Manoel Dias de Souza	1
Manoel Dias Teixeira	1
Manoel do Couto	1
Manoel dos Santos Marques	1
Manoel dos Santos Silva	1
Manoel Fagundes Costa	1
Manoel Fagundes da Costa	3
Manoel Fernandes	2

52 anos

Manoel Fernandes Borges	1
Manoel Fernandes Campos	3
Manoel Fernandes de Carvalho	1
Manoel Fernandes dos Santos	2
Manoel Fernandes Melo, preto forro	1
Manoel Ferndandes	1
Manoel Ferreira	1
Manoel Ferreira [Paradelas]	1
Manoel Ferreira de Andrada	1
Manoel Ferreira Pinto	1
Manoel Ferreira Pires	1
Manoel Francisco de Carvalho	1
Manoel Francisco de Oliveira	1
Manoel Francisco Mendes	1
Manoel Freire Batalha, Reverendo Doutor	1
Manoel Gomes de Azevedo	1
Manoel Gomes Leitão	2
Manoel Gomes, preto forro	1
Manoel Gonçalves	1
Manoel Gonçalves da Costa	1
Manoel Gonçalves Ferreira	1
Manoel Gonçalves Guimarães	1
Manoel Gonçalves Leite	1
Manoel Gonçalves Pereira	1
Manoel Gonçalves Santiago	1
Manoel Jose de Brito	1
Manoel Jose de Melo e Jose de Souza Pacheco	3
Manoel Jose dos Santos Cordeiro	1
Manoel Jose Lourenço	1
Manoel Jose Tinoco	1
Manoel Jose Veloso	2
Manoel Leal	1
Manoel Leite da Silva	1
Manoel Leite Pereira	1
Manoel Lopes de [Faria]	1
Manoel Luiz dos Santos	2
Manoel Manso da Costa Reis, Doutor	4
Manoel Marques	1
Manoel Martins Crespo	2
Manoel Martins Machado	1
Manoel Mateus Tinoco	1
Manoel Mendes Barreto	1
Manoel Moreira Crespo	1
Manoel Nunes	3
Manoel Pereira de Magalhães	1
Manoel Pereira Ramos	3
Manoel Pinto de Queiroz	1
Manoel Pinto de Souza	2
Manoel Pinto Ferreira	1
Manoel Ribeiro Carvalho	1
Manoel Ribeiro Coelho	1
Manoel Ribeiro dos Santos, Capitão	4
Manoel Rodrigues de Almeida, Capitão	1
Manoel Rodrigues Graça	1
Manoel Teixeira Couto	1
Manoel Teixeira da Silva	1
Manoel Teixeira Magalhães	1
Manoel Teixeira Pacheco	1
Manoel Timoteo	1
Manoel Vaz Fagundes	1
Martinho Rodrigues	1
Martinho Rodrigues Meira	1
Mateus da Fonseca	1
Mateus Gomes da Cunha	1
Mateus Simoes da Silva	1
Mathias Gonçalves Lima	1
Matias Barbosa da Silva	1
Matias Pereira Pena	1
Miguel Alvares da Costa	1
Miguel Borges	1
Miguel da Costa Peixoto	1
Miguel da Rocha Pereira	1
Pantaleão da Costa Dantas	2
Pantaleão Rodrigues de Queiroz	1
Paulo da Cunha Coutinho	1
Paulo Pereira de Souza, Capitão	1
Pedro Afonso do Rego	1
Pedro Correia Velho	1
Pedro da Costa Vieira	1
Pedro de Carvalho	1
Pedro Ferreira Matoso	1
Pedro Gomes da Silva	1
Pedro Gonçalves Lemes	1
Pedro João da Fonseca	1
Pedro Leão de Sá, Reverendo	1
Pedro Pereira dos Santos	1
Pedro Teixeira [ ]	1
Pedro Teixeira de Souza	1
Rafael Pires de Azevedo	1
Roque da Costa	1
Sebastiao Alvares Teixeira	1
Sebastião Fernandes de Paiva e Manoel Gonçalves da Cunha, sócios	1
Sebastião Francisco Barroso	1
Silvestre da Silva de Araujo, Capitão	1
Silvestre de Araujo Lima	1
Silvestre Fernandes da Costa	1
Simão Carvalho dos Santos	1
Simão da Costa Xavier, Reverendo	2
Simão da Rocha Pereira, Capitão	4
Simão dos Santos Ferreira	1
Simão Martins	1
Tadeu Mendes	1
Teodosio Bernardo da Fonseca	1
Teodosio Correa Andrade	1
Teodosio Gonçalves	3
Teodosio Gonçalves Cardoso	1
Tomas de [ ] Belo, Doutor	1
Tomas de Magalhães Pinto	2

Tomas Gomes de Figueredo, Sargento-mor	1
Tomas Magalhães Pinto	1
Tomas Rodrigues da Costa	1
Tomé Cardoso	1
Tomé Ferreira da Cruz	1
Tome Moreira de Araujo, Sargento-mor	1
Valentim Monteiro	1
Valentim Pereira Casado, preto forro	1
Valerio Simoes de Matos	1
Ventura Alves	1
Ventura Alves Carneiro	1
Ventura Fernandes de Oliveira, Sargento-mor	1
Ventura Marques	1

Ventura Vieira de Carvalho	2
Verissimo da Costa Pereira, Alferes	1
Verissimo Dias Pereira	1
Verissimo Morais de Sá	1
Verissimo Vieira dos Santos e sua mulher Teodora Rodrigues da Assunção	1
Vicente Ferreira de Almeida Costa	1
Vicente Jose dos Passos, preto forro	4
Vicente Moreira de Oliveira	1
Vicente Moreira de Oliveira e [ ] Gomes, sócios	1
Vitorino Caetano Ferreira, Alferes	1
Vitorino Pereira [ ]	1
Vitorino Pereira, casado, criolo forro	1

MULHERES

Foreiras	Terrenos
[rina] Fernandes de Araujo, parda forra	1
[Violanda] dos Prazeres	1
Ana Alvarez dos Santos, preta forra	1
Ana Barbosa	1
Ana da Silva Barbosa, preta forra	1
Ana de Lima, parda forra	1
Ana Domingues, preta forra	1
Ana Ferreira de Andrada	1
Ana Gomes, preta forra	1
Ana Gonçalves, preta forra	1
Ana Machada de Lima	2
Ana Machada Luiz	1
Ana Mendes, preta forra	1
Ana Pereira, preta	1
Ana Pinta, preta forra	2
Ana Rodrigues de Oliveira	1
Ana Soares, parda forra	1
Angela Teixeira, preta forra	1
Antonia Correa, preta forra	1
Antonia da Rocha, preta forra	1
Antonia de Menezes	1
Antonia de Menezes, forra	1
Antonia Ferreira Brandão	1
Antonia Gomes da Silva, preta forra	1
Antonia Guida	1
Antonia Pimenta	1
Antonia Vieira, preta forra	1
Caetana Rodrigues de Souza, preta forra	1
Catarina da Costa, preta forra	1
Catarina Gomes, preta forra	1
Catarina Maria, preta forra	1
Catarina Varela Santiago, preta forra	1
Cipriana Maria Monteira	1

Foreiras	Terrenos
Clara Barbosa, preta forra	2
Custodia da Costa	1
Custodia da Costa Braga	1
Dorotea Cardosa, preta forra	2
Elena Rosa Pereira Coelha	1
Felicia de São Jose	1
Feliciana Maria dos Prazeres	1
Francisca Arcangela de Souza	2
Francisca Maria de Brito	1
Ignacia de Passos, preta forra	1
Ignacia de Santana, preta forra	2
Ignacia de Souza de Oliveira	2
Ignacia Francisca da Rosa	1
Ignacia Pereira Moreira, preta forra	1
Iria de Souza Ferreira, preta forra	1
Isabel de Oliveira	1
Isabel do Rosario	1
Isabel Machada da Conceição	2
Jacinta Luiza das Almas	1
Jeronima [Roiz] Aragão	1
Jeronima Gonçalves, preta forra	1
Jeronima Rodrigues Aragão	2
Joana Correa de Andrade	1
Joana da Costa, preta forra	1
Joana da Silva, preta forra	2
Joana de Barros	1
Joana Fernandes Lima, preta forra	1
Joana Ferreira de Moraes, preta forra	2
Joana Lopes	1
Joana Marques	1
Joana Pereira, preta forra	1
Joana Pinta de Magalhães	2
Joana Rodrigues, preta forra	1
Joana Soares, preta forra	2
Joana Vieira	1

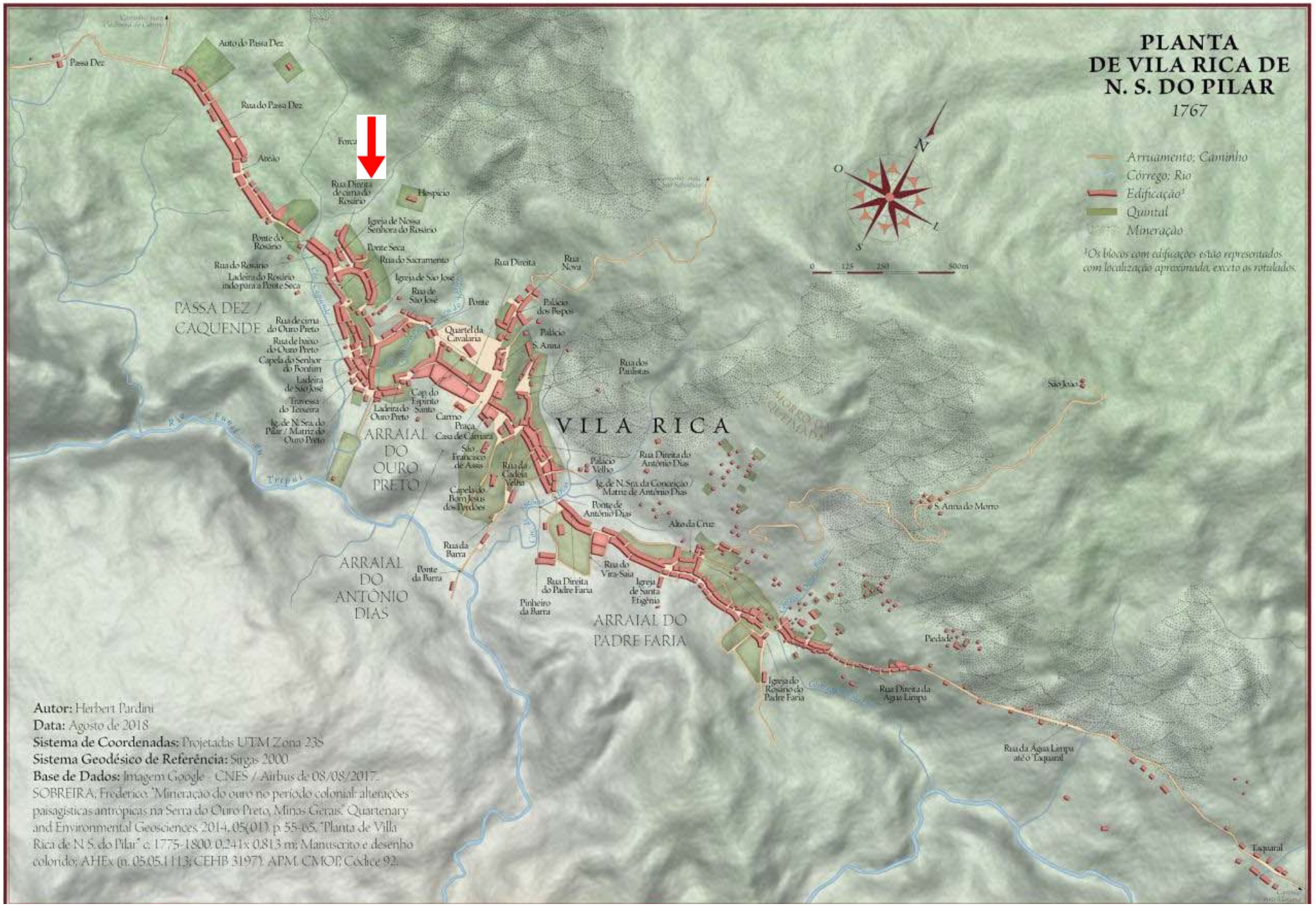
Josefa Antonia	1
Josefa Brandoa	1
Josefa de Lima	1
Josefa de Souza	1
Josefa Francisca Guimarães	1
Josefa Gomes, preta forra	1
Josefa Gonçalves de Oliveira	1
Josefa Maria da Conceição	1
Josefa Pereira de Lima, preta forra	2
Josefa Rodrigues, preta forra	1
Josefa Soares, preta forra	2
Leonor Maria da Cunha	1
Luiz de Abreu Lobato	1
Luiza de Sena, preta forra	2
Luiza de Souza, preta forra	1
Luiza Ferreira	2
Luiza Pereira da Silva	1
Luzia de Oliveira, preta forra	1
Luzia de Souza Costa	1
Macelina de Freitas	1
Maria [Leandra]	1
Maria Alvarez Braga, preta forra	1
Maria Correa Campos	1
Maria da [Apresentação]	1
Maria da Assunção	1
Maria da Costa, preta forra	1
Maria da Silva	1
Maria da Silva de Aguiar	1
Maria de Magalhães, preta forra	1
Maria de São Tomé	1
Maria de Souza	2
Maria de Souza, preta forra	1
Maria dos Anjos	1
Maria Fernandes, preta forra	1
Maria Francisca da Conceição, preta forra	1
Maria Francisca, parda forra	1
Maria Joaquina	1
Maria Pimenta, preta forra	1
Maria Rodrigues, preta forra	1
Mariana da Costa, preta forra	1
Mariana de Lima, sua mulher	1
Mariana Pereira de Jesus	1
Mariana Pereira de Oliveira, preta forra	2
Marta Maria da Gama	1
Micaela de Matos	1
Micaela de Souza, preta forra	1
Narcisa Maria de Jesus, preta forra	1
Natalia de Almeida, preta forra	1
Perpetua Pereira, preta forra	1
Quiteria da Siqueira dos Santos, parda forra	1
Quiteria de Souza	1
Quiteria do Couto, preta forra	1
Quiteria Fernandes de São Paio	1
Quiteria Maria da Assunção	1
Quiteria Marques, preta forra	1
Quiteria Pereira de Lima, preta forra	1
Quiterira Rodrigues Pires, preta forra	1
Rita Alves Antunes	1
Rita Custodia da Silva	1
Rita da Cruz	2
Rita da Silva, preta forra	2
Rita de Almeida, preta forra	1
Rita Francisca Lisboa	1
Rita Lopes de Leão	1
Rita Miranda Portugal	1
Rosa Maria Antunes de Oliveira	3
Rosa Maria dos Santos	1
Rosa Pereira, preta	1
Rosa Pinta, preta forra	1
Rosa Teixeira, preta forra	2
Sebastiana Gonçalves de Lima	1
Teodosia Gomes Pereira, preta forra	1
Tereza da Rocha, preta forra	1
Tereza da Rosa, preta forra	1
Tereza da Silva	1
Tereza de Andrada de Azevedo, preta forra	1
Tereza de Jesus, preta forra	2
Tereza Ferreira da Silva	1
Tereza Ferreira, preta forra	2
Tereza Gomes da Costa, preta forra	1
Tereza Lopes, preta forra	1
Tereza Machada, preta forra	1
Tereza Rodrigues de Jesus Baganha	1
Tereza Rodrigues de Souza	1
Vitoria Pimenta	1

INSTITUIÇÕES

Foreiros	Terrenos
Camara	1
Capela de Santo Antonio do Taquaral	1
Confraria de Santo Antonio	1
Devotos de Nossa Senhora do Monte do Carmo	1
Irmandade de Nossa Senhora do Pilar	1
Irmandade de Nossa Senhora do Pilar do Taquaral	1
Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos do Padre Faria	1
Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	1
Irmandade do Santíssimo Sacramento	2
Santa Casa de Misericórdia	4
Tesoureiro de Santa Rita	1
Venerável Ordem Terceira de São Francisco	1

Fonte: APM. CMOP, Códice 92.

Casa de Manoel da Costa Gontijo



Anexo 3 – Relação dos logradouros nos *Livros do Tombo* de Vila Rica de 1737 e 1767

Logradouros - 1737

Arraial	Logradouro	Nº de terrenos	
Caquende e Passa Dez	Alto do Caquende para a Rua do Rosário	4	**41**
	Caquende para a Rua do Rosário, da parte do morro	1	
	Caquende para a Rua do Rosário, pela parte do córrego	3	
	Monjahi, Alto do Caquende	1	
	Rua do Passa Dez, alto	16	
	Rua do Passa Dez, ao pé do córrego do Caquende	4	
	Rua do Passa Dez	8	
	Rua e estrada do Passa-Dez até o Rosário	4	
Ouro Preto	Ladeira do Ouro Preto	6	**214**
	Ladeira do Ouro Preto, da ponte até a Casa de Câmara, pela parte do sul	16	
	Rua de cima do Ouro Preto	14	
	Rua debaixo do Ouro Preto	3	
	Rua Direita da Casa de Câmara	19	
	Rua Direita da Casa de Câmara, canto da Praça	1	
	Rua Direita da Casa de Câmara, pela parte do Norte	56	
	Rua Direita de cima do Rosário, para a ponte do Ouro Preto	1	
	Rua Direita de cima do Rosário, para a ponte do Ouro Preto pela parte de cima	22	
	Rua do Ouro Preto que vai para Casa de Câmara	2	
	Rua do Rosário	19	
	Rua Nova do Sacramento	3	
	Rua Nova do Sacramento, pela parte de São Jose	4	
	Rua Nova [da Paz]	5	
	Rua Nova do Sacramento, pela parte do córrego	11	
	Rua Nova, pela parte do poente	16	
	Travessa de São José, da parte do nascente	15	
	Travessa do Teixeira, canto da Rua debaixo do Ouro Preto	1	
Antônio Dias e Arraial dos Paulistas	Paço de trás da Cadeia	1	**13**
	Ponte de Antônio Dias	1	
	Rua dos Paulistas, da parte do córrego	5	
	Rua e arraial dos Paulistas	1	
	Rua da Barra	5	
Padre Faria, Água Limpa e Taquaral	Caminho do Córrego do Bomsucesso	1	**178**
	Caminho do Córrego do Bomsucesso, no Padre Faria	1	
	Caminho do Taquaral pela parte de baixo que vai pelo rego de água	1	
	Caminho que vai para a Olaria do Rio do Bomsucesso	1	
	detrás da Capela do Rosário do Padre Faria	1	
	Primeira Travessa do TapanhuaCanga no Padre Faria, parte	1	

	do nascente		
	Primeira Travessa do TapanhuaCanga no Padre Faria, parte do poente	3	
	Rua da Agua Limpa até o Taquaral, parte do norte	11	
	Rua da Agua Limpa até o Taquaral, parte do sul	58	
	Rua da Agua Limpa até o Taquaral, parte do sul, fronteira a Capela	1	
	Rua Direita da Agua Limpa	81	
	Segunda Travessa do TapanhuaCanga no Padre Faria, parte do nascente, correndo morro abaixo	1	
	Segunda Travessa do TapanhuaCanga no Padre Faria, parte do poente	11	
	Taquaral, fronteira ao Marco	1	
	Taquaral	5	
Outros	Travessa que vai para o Morro	5	**10**
	Praça, parte do poente	5	
Total Geral		**456**	

Fonte: APM. CMOP, Códice 38 e 40.

Logradouros – 1767

Arraial	Logradouros		Nº de terrenos		
Passa Dez	Passa Dez	Alto do Passadez	5		116
		fundo do Morro do Ramos, parte debaixo do caminho que vem do Passadez	1		
		Rua e entrada do Passa Dez, até o Rosário	110		
Ouro Preto	Rua Direita da Casa de Câmara	Rua Direita da Casa de Câmara que principia ponte até a Praça pela parte do norte	52	91	332
		Rua Direita da Casa de Câmara, indo para a Ladeira do Ouro Preto	2		
		Rua Direita da Casa de Câmara, indo para o Ouro Preto a mão esquerda	1		
		Rua Direita da Casa de Câmara, junto a ponte	7		
		Rua Direita da Casa de Câmara, na Praça	6		
		Rua Direita da Casa de Câmara, no canto da Praça	1		
		Rua Direita da Casa de Câmara, que principia a Ponte do Ouro Preto até a Praça	22		
	Rua Nova do Sacramento	Rua Nova do Sacramento	35	91	
		Rua Nova do Sacramento da parte de São José que principia ao Rosário	20		
		Rua Nova do Sacramento e Praça do Chafariz, junto a Ponte de São José	1		
		Rua Nova do Sacramento, ao diante da Ponte de São José	3		

		Rua Nova do Sacramento, ao pé da calçada nova e chafariz de São Jose	1		
		Rua Nova do Sacramento, junto a Ponte de São José	8		
		Rua Nova do Sacramento, paragem da Ladeira de São Jose	1		
		Rua Nova do Sacramento, pela parte do corrego	15		
		Rua Nova do Sacramento, perto da Ponte de São José	2		
		Rua Nova do Sacramento, que vai para o Rosário	5		
	Rua Nova	Rua Nova, pela parte do Poente	20	42	
		Rua Nova, pela parte do Nascente	22		
	Rua e Ladeira de São José	Ladeira de São José, que principia na Rua de cima do Ouro Preto até a Rua Nova do Sacramento	16	26	
		Rua e Ladeira de São José, indo para a Capela	9		
		Rua e Ladeira de São José, indo para a Capela (por detrás das casas)	1		
	Rua de cima do Ouro Preto	Rua de cima do Ouro Preto, junto a Ponte do Ouro Preto	1	18	
		Rua de cima do Ouro Preto, junto ao Senhor do Bonfim	2		
		Rua de cima do Ouro Preto, na travessa do Meireles	1		
		Rua de cima do Ouro Preto, perto do Senhor do Bonfim	1		
		Rua de cima do Ouro Preto, que principia na ponte seca até a ponte do Ouro Preto	13		
	Ladeira do Ouro Preto	Ladeira do Ouro Preto, junto do caminho da Barra	1	16	
		Ladeira do Ouro Preto, onde finda a Ladeira de Santa Quiteria	1		
		Ladeira do Ouro Preto, que principia a ponte que vai para a Casa de Câmara	14		
	Rua Direita do Ouro Preto (de cima do Rosário)	Rua Direita de cima do Rosário de Ouro Preto	4	16	
		Rua Direita de cima do Rosário de Ouro Preto, para a ponte do Ouro Preto, pela banda de baixo	6		
		Rua Direita de cima do Rosário, ou do Ouro Preto	2		
		Rua Direita de cima do Rosário, ou do Ouro Preto, junto ao córrego do mesmo Ouro Preto	1		
		Rua Direita de cima do Rosário, ou do Ouro Preto, Largo da Igreja	1		
		Rua Direita de cima do Rosário, ou do Ouro Preto e Ladeira e ponte do Ouro Preto	1		
		Rua Direita de cima do Rosário, ou do	1		

		Ouro Preto, na Travessa do Teixeira			
	Rua do Rosário	Rua do Rosário, princípio a Ponte		15	
	Ladeira do Rosário	Ladeira do Rosário indo para a Ponte Seca		9	
	Rua do Vigário	Rua do Vigário		6	
	Rua de baixo do Ouro Preto	Rua de baixo do Ouro Preto		2	
Antônio Dias	Arraial dos Paulistas	Arraial dos Paulistas, junto ao córrego	1	48	169
		Arraial dos Paulistas, na fralda do morro	1		
		Arraial dos Paulistas, no caminho de carro que vai para as pedreiras do morro desta Vila	1		
		Arraial dos Paulistas, no caminho que vai para as Lajes	1		
		Arraial dos Paulistas, no Tapanhuacanga ao pe da [ ] que vem para o Chafariz da Praça	1		
		Arraial dos Paulistas, parte do norte	28		
		Arraial dos Paulistas, parte do sul	15		
	Barra	Barra	8	47	
		Barra e paragem do Pinheiro	3		
		Barra, ao pé da ponte e corrego junto ao paredão	1		
		Caminho da Barra que vai para o córrego de Santa Quiteria	1		
		Rua da Barra	5		
		Rua da Barra e Arraial do Pinheiro, indo para o Padre Faria	4		
		Rua da Barra que vai para o Ouro Preto, pela parte do córrego que compreende até o Arraial do Pinheiro, com anexos inclusive	13		
		Rua da Barra, indo para o Padre Faria	2		
		Rua da Barra, junto ao Pinheiro	1		
		Rua da Barra, paragem do Pinheiro	4		
		Rua da Barra, pela parte do poente	5		
	Rua Direita de Antônio Dias	Rua Direita de Antonio Dias, parte do norte	25	43	
		Rua Direita de Antonio Dias, na travessa que vai para o Palácio Velho	2		
		Rua Direita de Antonio Dias, junto a Ponte	1		
		Rua Direita de Antonio Dias, junto a Igreja	1		
		Rua Direita de Antonio Dias, de fronte do Passo	1		
		Rua Direita da Praça para Antonio Dias, pela parte do Sul	12		
		Rua Direita da Praça para Antonio Dias, na paragem do beco que vai para as casas do Doutor Ouvidor	1		

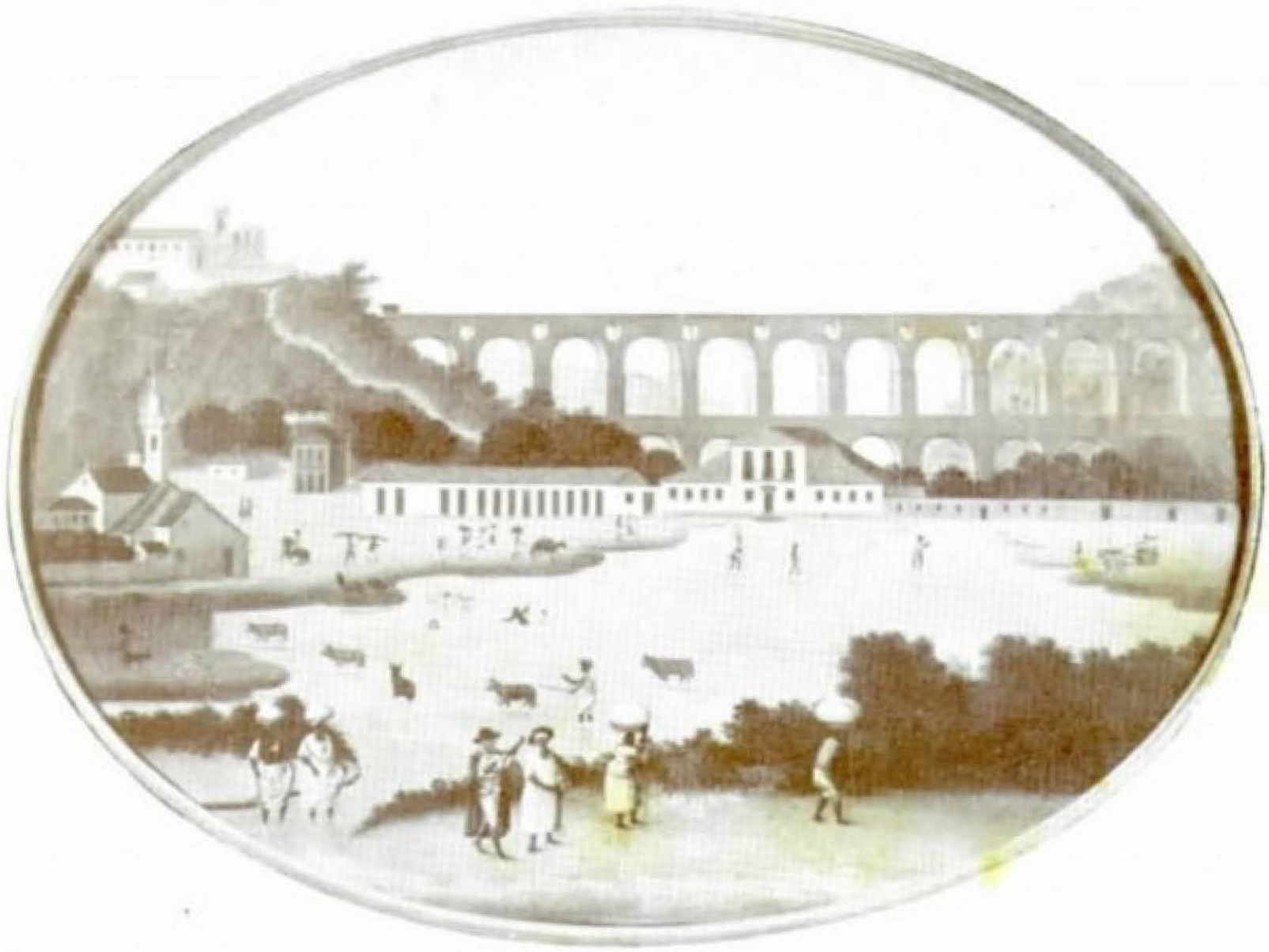
	Rua da Cadeia Velha	Rua da Cadeia Velha, pela parte do sul	17	20	
		Rua da Cadeia Velha, pela parte do norte	3		
	Praça e Freguesia de Antonio Dias	Praça desta Vila e freguesia de Antonio Dias, pela parte do nascente		7	
	Rua do Senhor do Bonfim	Rua do Senhor Bom Jesus dos Perdões, incluindo até a capela		4	
Padre Faria, Água Limpa e Taquaral	Agua Limpa	Rua Direita da Agua Limpa para o Taquaral	3	166	322
		Rua da Agua Limpa até o Taquaral, pela parte do norte	7		
		Rua da Agua Limpa até o Taquaral, pela parte do sul	39		
		Rua da Agua Limpa para o morro	3		
		Rua Direita que corre da 1ª e 2ª ponte, até a Agua Limpa, pelo nascente	16		
		Rua Direita que vai para a Agua Limpa, pela parte do Sul, principiando no canto da casa de Manoel Fernandes Cal	86		
		Rua Direita que vai para Ponte Grande para Agua Limpa, pelo poente e norte	5		
		Rua Direita que vem da 1º ponte para a 2º ponte, pelo poente e norte para a Agua Limpa	7		
	Rua Direita do Padre Faria	Rua Direita do Padre Faria, até o alto da Cruz que principia na ponte de Antonio Dias, pela parte do norte	32	63	
		Rua Direita do Padre Faria, que principia a Ponte de Antonio Dias, pela parte do Sul, até o Alto da Cruz	20		
		Rua Direita do Padre Faria, seguindo para a do Vira Saia	10		
		Rua Direita do Padre Faria, seguindo para o Vira Saia	1		
	Capela Velha do Rosário do Padre Faria	Ladeira da Capela do Rosário no fundo do Padre Faria	5	59	
		Ladeira da Capela do Rosário do Padre Faria, que desce para as duas pontes pela parte do Sul	25		
		Ladeira da Capela do Rosário do Padre Faria por baixo pela parte do norte, até o canto da Travessa que vai para Rua Direita das duas pontes	16		
		Detrás da Capela Velha do Rosário do Padre Faria	1		
		Alto do Cruz, detrás da Capela Velha do Rosário do Padre Faria, incluindo a Rua da mesma e o beco chamado do Marques que vai para o Morro	1		
		Rua da Capela Velha do Rosário, indo para o Morro	11		
	Taquaral	Estiva, na estrada que vai para o Taquaral	1	12	
		Caminho do Taquaral pela parte de baixo que vai pelo rego de agua	1		

		Taquaral	6		
		Tapanhuacanga, caminho adiante do Taquaral que vai para a cidade	1		
		Taquaral, junto a Capela de Nossa Senhora do Pilar	3		
	Segunda Travessa do Tapanhuacanga do Padre Faria	Segunda Travessa do Tapanhuacanga do Padre Faria da parte do poente	6	11	
		Segunda Travessa do Tapanhuacanga do Padre Faria da parte do nascente, correndo Morro abaixo	5		
	Beco do Marques	beco do Marques indo para o morro		4	
	Caminho do Córrego do Bom Sucesso	Caminho do Córrego do Bom Sucesso e chácara da Olaria	1	2	
		Caminho do Córrego do Bom Sucesso	1		
	Ladeira do Padre Faria	Ladeira do Padre Faria		2	
	Primeira Travessa do Tapanhuacanga do Padre Faria	Primeira Travessa do Tapanhuacanga do Padre Faria da parte do poente a encontrar a ponte		2	
	Beco do Padre Faria, adiante da ponte de pau	junto ao beco que vai para o Morro do Padre Faria, adiante da ponte de pau		1	
TOTAL GERAL				**939**	

Fonte: APM. CMOP, Códice 92.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL



12

RIO DE JANEIRO — 1955

Casas de Manuel Carvalho da Cruz.
Casas de João Gonçalves.

Pág. 108 V.:

RUA DIREITA DE CIMA DO ROSÁRIO PARA A PONTE DE OURO PRETO PELA BANDA DE BAIXO

Casas do tenente Manuel Martins Viana.
Casas do mestre de campo Antônio Ramos dos Reis.
Chãos de Henrique Ribeiro, ao nascente com um beco ao pé das casas do padre Manoel Lopes, ao poente com casas de Antônio Ramos dos Reis.
Casas de Francisco Coelho da Silva, cabo de esquadra.
Casas de Manuel Pinto Ferreira.
Casas de Antônio Francisco da Silva.
Casas de Gregório de Matos Lobo.
Casas de João Pereira da Silva.
Casas de Domingos Machado.
Casas do mesmo, ao nascente com a rua que vai para o córrego, ao poente com o mesmo Domingos.
Casas de Gregório de Matos Lobo, ao nascente com a rua Direita, ao poente com as casas caídas de Antônio da Silva Pôrto.
Casas de João de Siqueira Lima, que partem do nascente com Domingos da Silva Neves e do poente com a travessa do Teixeira.
Casas de Antônio Gomes de Sousa, que partem do nascente com a rua que vai para o córrego de trás da Igreja e do poente com a Igreja do Ouro Preto.
Casas de Manuel Fernandes Casal de Ouro (sic).
Chãos do capitão-mór José de São Boaventura Vieira.

Pág. 123 V.:

RUA DIREITA DE CIMA DO ROSÁRIO PARA A PONTE DE OURO PRETO PELA PARTE DE CIMA

Chãos do reverendo padre Miguel Moreira da Silva, ao nascente com um beco que vai para a rua Nova do Sacramento, ao poente com João Ferreira da Costa.
Casas de Sebastião Martins.
Casas de Bernardo Ribeiro de Carvalho.
Casas de Teresa de Jesus, prêta fôrra.
Casas de Sebastião Martins.

Casas de Licenciado Antônio de Souza Lobo.
Casas de Manuel Rabelo Borralho que foi preso e mandado para Portugal por culpa de moeda falsa.
Chãos de Antônio de Meireles Rabelo.
Casas de Micaela de Matos, prêta fôrra.
Casas de Antônio da Silva Pôrto.
Casas de Domingos da Costa Guimarães.
Casas de Silvestre da Silva Araújo.
Casas de Antônio Fernandes Guimarães.
Casas de Manuel Pires de Carvalho, ao nascente com a travessa de São José e do poente com Antônio Fernandes Guimarães.
Casas de Domingos Francisco do Couto, ao nascente com Manoel Cardoso Pinto, ao poente com a travessa que vai para São José.
Casas de Constantino da Mota Silva.
Casas de Luís Pires Lopes.
Casas de Manuel Teixeira de Matos.
Casas de ajudante Pedro Gomes Lima.
Casas de Manuel José dos Santos.
Casas de Manuel da Costa Gontijo.
Casas de Domingos de Carvalho, ao nascente com o córrego do Ouro Preto, ao poente com Manuel da Costa Gontijo.

Pág. 145 V.:

TRAVESSA DE SÃO JOSÉ DA PARTE DO NASCENTE

Casas de Manuel Pires de Carvalho, ao norte com Domingos Lourenço Sampaio, ao Sul com um beco.
Casas de Domingos Lourenço Sampaio.
Casas de Manuel Pires de Carvalho.
Casas de Quitério de Matos.
Casas de Manuel da Costa Coelho.
Casas de Diogo Vaz de Freitas.
Casas de Domingos Fernandes Souto.
Casas de Manuel Dias Teixeira.
Casas de Manuel Pires de Carvalho.
Casas de Domingos Fernandes Souto.
Casas de José Pinto.
Casas de João da Graça.
Casas de João Marques de Oliveira.

A casa de Manoel da Costa Gontijo em Ouro Preto era próxima à Igreja do Rosario dos Pretos



A casa de Manoel da Costa Gontijo em Ouro Preto era próxima à Igreja do Rosario dos Pretos

A casa de Manoel da Costa Gontijo em Ouro Preto era próxima à Igreja do Rosario dos Pretos

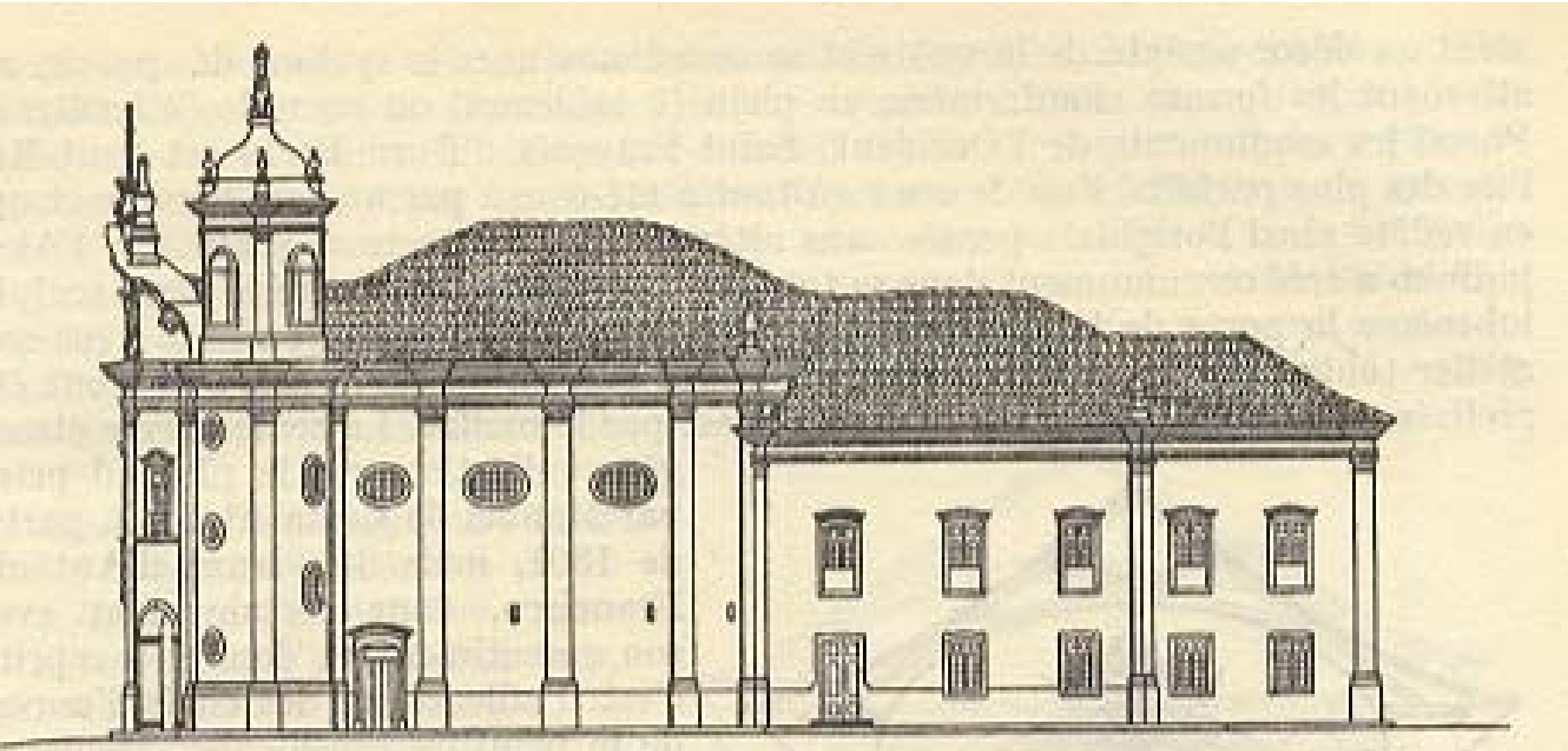


Fig. 90. — *Élévation latérale du Rosário de Ouro Preto. (D'après* P. F. Santos, A arquitetura religiosa em Ouro Preto.)

A casa de Manoel da Costa Gontijo em Ouro Preto era próxima à Igreja do Rosario dos Pretos

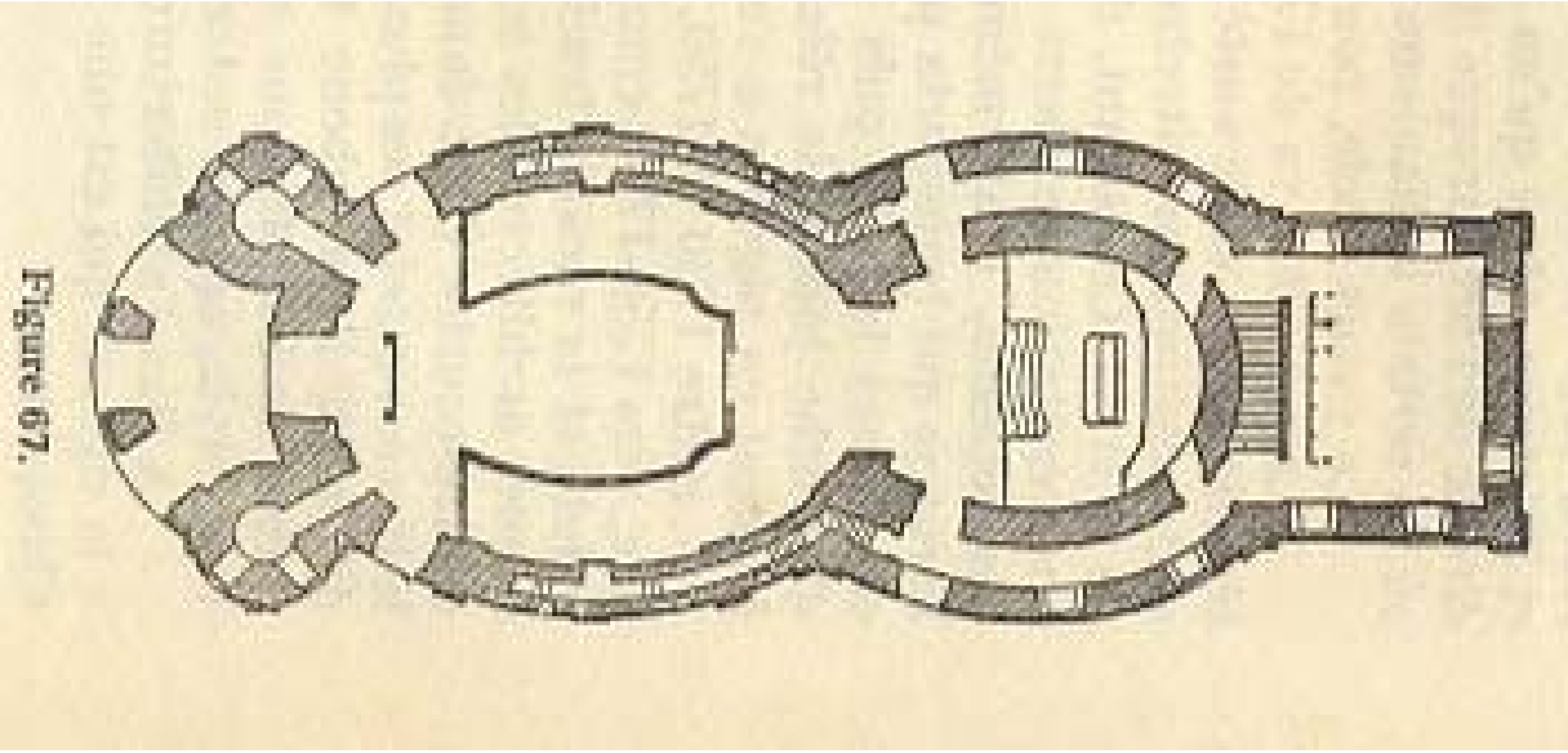


Figure 67.

A casa de Manoel da Costa Gontijo em Ouro Preto era próxima à Igreja do Rosario dos Pretos



Dona Francisca foi a segunda dos dezoito filhos de dona Teodora Maria de Mendonça, natural de Aiuruoca, e do alferes José Pereira de Carvalho, natural da atual São João Del Rei[473].

Quanto ao capitão Manuel da Costa Gontijo, encontramos docu-mento de 07.03.1750 onde aparece um Manoel da Costa Gontijo, dizendo possuir casas de morada na Ladeira do Ouro, em Vila Rica, e pedindo licença para se ausentar[474].

---

470 Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1957 – Minas Gerais, verbete Moema.

471 Declarações de sua viúva à fl. 52 de seu segundo processo de inventário – AJP.

472 AJP-II/256 - ano de 1830.

473 http://www.genealogia.villasboas.nom.br/Inv-Test/JosePereiraDeCarvalho.html

474 CC - Cx. 143 - 21311 de 07.05.1750.

MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou PAI)

Foi aceito na Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, em 1738, aos 23 anos de idade.

Passou pelo longo processo do Santo Ofício, que pelo número de diligências requeridas em Portugal, com pais e avós de Manoel, teve duração entre 3 e 8 anos. Este processo deve estar no **Arquivo do Museu da Casa dos Contos** (sem site e fechado, devido à pandemia de covid19), de Ouro Preto, em microfilmes. Talvez o documento mais desejável da família GONTIJO.

Para que cidadãos de Ouro Preto o conhecessem bem, a fim de testemunhar em seu favor no processo, teria que estar residindo por lá há algum tempo.

Pelas exigências relativas a ancestrais, ele era PORTUGUÊS, BRANCO e CATÓLICO por muitas gerações (CRISTÃO VELHO).

Seu tio, e conterrâneo, **Agostinho Ferreyra Gontijo**, não tentou ser aceito na Irmandade, ou foi recusado.

Em 1752-1754 foi testemunha no processo do habilitando Antonio Pires de Carvalho.

Museu da Casa dos Contos, em Ouro Preto



Museu da Casa dos Contos, em Ouro Preto



Museu da Casa dos Contos, em Ouro Preto



Museu da Casa dos Contos, em Ouro Preto



Museu da Casa dos Contos, em Ouro Preto



Museu da Casa dos Contos, em Ouro Preto



Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em História
Doutorado em História

Monalisa Pavonne Oliveira

Fé e distinção: um estudo da dinâmica interna e do perfil de irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto (século XVIII).

Juiz de Fora
2016

Fé e distinção: um estudo da dinâmica interna e do perfil de irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto (século XVlII).

RESUMO:

A Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, no século XVIII, era uma agremiação religiosa de leigos que assim como as outras agremiações coesas deveria: ministrar os sacramentos aos irmãos, cumprir com os itens atinentes a "boa morte", auxiliar os irmãos em estado de pobreza e doença e realizar as festividades inscritas em seu calendário litúrgico, *Corpus Christi* e a semana santa. Como particularidade, seria sua responsabilidade para com a comunidade local em geral a construção da igreja matriz e conduzir o viático aos moribundos.

A partir da documentação legada pela associação e seus associados, buscaremos conhecer o funcionamento da agremiação, sua estrutura organizacional e o perfil de seus agremiados.

Para tanto, a presente tese foi dividida em duas partes: na primeira, procuramos descrever como funcionava a Innandade do Santíssimo do Ouro Preto a partir do seu compromisso, o regimento interno da instituição, além de analisar os compromissos de associações congêneres na capitania mineira, a fim de estabelecer uma análise comparativa do funcionamento dessa confraria em diferentes localidades. Utilizamos, também, a documentação expedida pela mesa da irmandade, que são resoluções tomadas sobre diferentes matérias, como: construção e obras da matriz, festividades, reforma do compromisso, dentre outros. Analisamos, além disso, a documentação emitida por outras instituições com assuntos referentes às irmandades do Santíssimo na tentativa de identificar quais eram as principais demandas dessas instituições no âmbito das vilas onde estavam instaladas, como: os pedidos feitos às Câmaras e as representações enviadas ao Conselho Ultramarino em Lisboa.

Na segunda parte da tese, nos dedicamos a conhecer o perfil socioeconômico dos membros do Santíssimo do Ouro Preto, tentando compreender e demonstrar como as redes de sociabilidade se estabeleciam intrairmandade e a extrapolavam, a partir da documentação relativa aos próprios irmãos do Santíssimo. Para analisar a trajetória dos membros do Santíssimo em Vila Rica arrolamos, primeiramente, os nomes daqueles que exerceram cargos de oficial da mesa, sendo eles: provedor, escrivão, tesoureiro e procurador; além dos nomes dos zeladores da bacia, pessoas responsáveis pelo peditório. Chegamos ao montante de 342 irmãos ao longo do século XVIII. A partir deste rol, buscamos informações em fundos documentais de diversas naturezas como: requerimentos e petições presentes no Arquivo Histórico Ultramarino/ Minas Gerais (CD-Rom Projeto Resgate); inventários e testamentos, no Arquivo Casa do Pilar – Museu da Inconfidência (Ouro Preto/ MG); Registro Geral de Mercês, Habilitações do Santo Ofício e Habilitações da Ordem de Cristo, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa/ Portugal).

Palavras-chave: Irmandade do Santíssimo Sacramento, Minas Gerais, Século XVIII.

pessoas de boa vida e costumes, se nunca nenhum dos seus ascendentes tinha sido preso ou penitenciado pelo Santo Ofício, se eram cristão novos, ou se havia rumor de terem sangue impuro, como consta no questionário de inquirição "sem rasa alguma de judeo, christão novo, mouro, mourisco, mulato, infiel ou de outra infecta nasão dos novamente convertidos a nossa santa fé"[182] O mais importante era poder provar ser cristão velho, e as habilitações à familiares do Santo Ofício constitufam a prova documental para isso, levando, por conseguinte, o familiar a novo patamar social que poderia ser comprovado por meio da carta de familiar.

Esse documento era fulcral para os habitantes das Minas que ambicionavam algum tipo de reconhecimento e afirmação social. Por isso mesmo, assim como foi tratado pela historiadora Fernanda Olival para os falsos comissários, havia pessoas que se utilizavam das prerrogativas dos cargos de agentes inquisitoriais em benefício próprio, mesmo que não fossem utilizados legalmente. Aldair Rodrigues nos mostra como a carta de familiar do Santo Ofício exercia poder e atração entre moradores das Minas a partir do caso de um falso familiar, o Padre Dionísio de Almeida Costa. Para vingar-se do casal Antônio Araújo e Rosa Maria, o Padre Dionísio, fingiu ser familiar do Santo Ofício e procedeu à captura do casal, auxiliado por escravos e índios. Depois de prender o casal pediu para que os escravos os matassem em troca de pagamento em moedas, mas os escravos se recusaram. Findo o falso mandado de prisão, pediram-lhe que apresentasse a medalha de familiar e o padre não a apresentou, o que gerou muitas suspeitas. Por fim, o padre foi capturado por familiares e conduzido ao Rio de Janeiro, sendo condenado a pena de degredo de cinco anos no Algarve e a pagar os custos do processo (RODRIGUES, Aldair, 2007, p. 77 e 78).

A Inquisição a partir da sua especialização discriminatória se tomará uma instituição fundamental para aqueles que não tinham nobreza hereditária, mas que conquistavam altos cabedais servindo como um meio de intervenção social, possibilitando, por sua vez, a "dignificação social" (TORRES, 1994, p. 119) do sujeito que obtinha êxito no processo de familiatura.

6.2 A verificação da pureza de sangue e as diligências.

O processo de familiatura do Santo Ofício iniciava-se com uma petição enviada ao Conselho Geral do Santo Ofício na qual constava a naturalidade, morada, habitação, nomes dos

[182] ANTT - Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Manuel, mç. 97, doc. 1817.

pais e avós com suas respectivas naturalidades. Se fosse casado, deveria ser indicado o nome da esposa e de seus pais e avós e a naturalidade de todos e o mesmo se aplicava para a descendência legítima ou não. Finalmente, se tivesse algum parente servindo ao Santo Ofício deveria citá-lo. Para os habitantes das Minas, estas informações eram enviadas por meio de um procurador no Reino, juntamente com uma quantia para arcar com os custos do processo que variava de acordo com os processos. A título de exemplo temos as diligências feitas pelos comissários que deveriam deslocar-se para diferentes localidades, às vezes, pernoitar fora de suas residências, tudo isto incluído nos custos do processo. Caso os gastos superassem o valor inicial, era necessário novo depósito para garantir a continuação do processo.

Um dos primeiros procedimentos, era averiguar com o comissário local se o habilitando reunia as condições necessárias para tomar-se um familiar, se era cristão velho e tinha cabedal suficiente, esse passo chamava-se "extrajudicial", porque as informações eram tiradas extrajudicialmente, isto é, fora das inquirições que eram mais precisas e especializadas. Recolhidas as informações, era redigido um parecer com as conclusões e enviado ao Reino onde seria avaliado se as diligências teriam prosseguimento ou não. Para iniciar as diligências era necessário também que os três tribunais Évora, Coimbra e Lisboa emitissem um "nada consta" dizendo que *"certifico dizer-me o Promotor da mesma que provendo os reportórios dela, neles não acharam delato de culpa alguma a* [nome do habilitando] *nem as mais pessoas* [pais e avós, e caso houvesse, esposa e filhos] *na lista adiante confrontadas, de que passei a presente que assinei com o ditopromot01 '* [183]. As extrajudiciais, bem como as inquirições, eram feitas com base nas informações dadas por testemunhas que conhecessem o habilitando e em geral vivessem na mesma localidade, já que as informações versavam sobre a vida e costumes, por exemplo: onde residia, ocupação, idade e cabedal. Este conjunto de informações passou a ser efetivamente escrita apenas em 1680, tomando-se mais rigorosas em julho de 1720. (OLIVAL; GARCIA; LOPES; SEQUEIRA, 2013, p. 321).

Em julho de 1720, além da maior organização das extrajudiciais, diferentes pontos do processual de habilitação foram reformulados no intuito de garantir uma maior uniformização e organização nos procedimentos. Neste novo conjunto de regras estabelecido pelo Cardeal da Cunha, Inquisidor Geral, encontramos: a busca por se fazer os reportórios sobre os quatro avós do candidato, quando fosse casado também se verificaria os da esposa; informações sobre se o habilitando tinha filhos, e se ele próprio seus ascendentes ou descendentes tivessem incorrido em infâmia; incorporação dos registros de batismo do candidato, seus pais e avós, além dos

[183]ANTT - Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, João, mç. 119, doc. 1889, f. 3.

registros de recebimentos; além de perguntar sobre os avós o comissário devia acrescentar ao interrogatório se as testemunhas tinham notícias dos bisavós; por fim, nenhuma questão deveria ser suprimida (OLNAL, 2004, p. 165).

Para ilustrar, vejamos era o roteiro de inquirição das testemunhas:

> 1° Se sabe ou suspeita o para que é chamado e se a persuadiu alguma pessoa a que sendo perguntado por parte do Santo Ofício dissesse mais ou menos do que soubesse e fosse verdade.
> 2° Se conhece a [nome do habilitando e ocupação] natural [local de nascimento] e morador [local de residência]; quanto tempo há que o conhece e por que razão.
> 3° Se conhece a [pai do habilitando], [ocupação], e se conheceu a sua mulher [mãe do habilitando] naturais ele do lugar de [local de nascimento dele]; e ela [local de nascimento dela] foram moradores, e ele foi [ocupação], e hoje é [ocupação], pais do habilitando donde se diz, que razão tem de conhecimento, e de que tempo a esta parte.
> 4° Se conheceu ou teve notícia de [nome dos avós paternos do habilitando] ambos naturais, e moradores [local de origem e residência] avós paternos do habilitando, se sabe que fossem naturais e moradores donde se diz que razão tem de conhecimento ou notícia, e de que tempo a esta parte, e outrossim se teve notícia, ou conhecimento dos pais, destes avós, e se sabe como se chamavam
> 5° Se conheceu, ou teve notícia de [avô matemo], e de sua mulher [avó materna] naturais e moradores que foram [local de origem e residência] pais da dita [nome da mãe do habilitando e avós matemos] e moradores donde se diz, que razão tem de conhecimento, ou notícia e de que tempo a esta parte.
> 6° Se o dito habilitando é filho, e neto legítimo dos pais e avós paternos, e matemos acima nomeados, e por tal tido, havido, e reputado.
> 7° Se tem ele testemunha alguma razão de parentesco, ódio, ou inimizade com alguma das sobreditas pessoas.
> E declarando afirma destas coisas assinarão o seu testemunho sem ser perguntado pelos mais interrogatórios seguintes.
> 8° Se o dito habilitando seus pais, avós paternos, e matemos acima nomeados são, e foram pessoas cristãs velhas limpas de limpo sangue, e geração sem mácula, ou raça alguma de judeu, cristão novo, mouro, ou mourisco, mulato, infiel ou de outra alguma infecta nação de gente novamente convertida a Nossa Santa Fé Católica e se por legítimos e inteiros cristãos velhos são e foram sempre tidos e cada um deles tidos, havidos e reputados sem haver em tempo algum fama ou rumor em contrário, e se houver que razão tem ele testemunha para saber.
> 9° Se sabe ou ouviu dizer que o habilitando ou algum de seus ascendentes fosse preso, ou penitenciado pelo Santo Ofício, ou incurso em alguma infâmia pública, ou pena vil defeito, ou de direito.
> 10° Se tudo o que tem testemunhado e público e notório.
> [...] e as ditas perguntas fará a cada uma das ditas testemunhas as quais no princípio de seu depoimento dirão seus nomes, cognomes, ofícios, pátrias, habitações, qualidades de seu sangue, idades, e no fim assinarão com o dito comissário, e se alguma das ditas testemunhas for mulher, que não saiba escrever o escrivão da diligência assinará por ela de seu rogo e consentimento por dizer que não sabia escrever[184].

[184] ANTT - Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, João, mç. 119, doc. 1889, f. 13 e 15.

Todo este processo era repetido em quantas freguesias fossem necessárias, porque era feito nos locais de origem e residência de cada uma das pessoas listadas no processo, eram elas: o habilitando, seus pais, seus avós, caso fosse casado sua esposa e dos ascendentes dela. Este procedimento exaustivo e minucioso era inclusive reconhecido pela Mesa da Consciência e Ordens, caso o mesmo sujeito buscasse habilitar-se também junto à alguma Ordem Militar, como a Ordem de Cristo.

Ainda sobre as inquirições, na impossibilidade de fazê-la nas localidades de origem de algum dos citados, havia um recurso denominado "pátria-comum", que consistia na autorização para realizar os inquéritos de um ou mais ascendentes, ou do próprio candidato, fora dos locais de nascimento, sendo muitos realizados em Lisboa.

As inquirições tinham como objetivo investigar a vida do habilitando e seus ascendentes através dos depoimentos dados pelas pessoas mais antigas das localidades de natalidade e residência. As testemunhas deveriam ser, assim como se esperava do candidato à familiar, cristãs velhas de puro sangue e geração, capazes pela sua antiguidade de terem conhecimento dos acontecimentos mais remotos no que toca a família do habilitando, como o conhecimento de parentes distantes como os bisavós. Para complementar as inquirições os comissários deveriam localizar os registros de batismo de todos os citados, e os recebimentos quando houvesse e anexá-los ao processo. Caso esta documentação não fosse encontrada, os depoimentos das testemunhas seriam decisivos nos processos; nesse sentido, poder provar que era cristão velho de limpo sangue, era tão importante como ser reconhecido como tal, pois como vimos as testemunhas tinham o poder de referendar ou não esse estatuto social.

Os habilitandos residentes em Minas Gerais passavam pelas mesmas diligências feitas no seu local de nascimento e residência no Reino – no caso dos candidatos associados aos Santíssimo do Ouro Preto, todos eram reinóis -, eram feitas da mesma maneira, inquirições nos lugares de origem e residência de seus pais e avós; finalmente, recolhia-se depoimentos de testemunhas moradoras na atual freguesia do aspirante a familiar em Vila Rica, ou na cidade do Rio de Janeiro ou, em último caso, em Lisboa com pessoas "vindas na última frota". Assim, no que toca às testemunhas nas três últimas localidades, nos foi possível aferir que parte considerável esteve ou estava filiada ao Santíssimo na ocasião de sua inquirição, seja como irmão de anual, de mesa ou até mesmo oficial. Para melhor visualizarmos a rede em que estavam inseridos habilitandos e testemunhas observemos o quadro a seguir:

Quadro VI -Habilitandos / Testemunhas.

Período do processo	Nome do habilitando	Entrada e Cargo no Santíssimo/ ano	Nome da Testemunha (extrajudicial e diligência de inquirição) e sua participação no Santíssimo/ano
1732-40	Antônio da Silva Soares	16/junho/1737 Procurador 1725; Irmão de Mesa 1737	Simão da Rocha Pereira- Irmão de mesa 1734, 1738; Provedor 1778; Tesoureiro 1737; Escrivão 1763 João Fernandes de Oliveira- Irmão de Mesa 1722, 1733 Domingos Fernandes Souto- Irmão de Mesa: 1734, 1757, 1764, 1768 Manuel Teixeira de Matos - Entrada 1729
1748-59	Antônio Jorge Martins	28/abril/1738 Tesoureiro 1751	Domingos Sá Roiz- Entrada 1735; Irmão de Mesa: 1752 e 1755; Procurador 1749 Francisco Pereira Duarte - Mesa: 1755 Antônio Jose Freire Souza -Entrada 1731
1752-1754	Antônio Pires de Carvalho	12/junho/1742 Zelador da Bacia 1757	Coronel Manuel Ferreira Agrelos - Provedor 1725 O Familiar José Carneiro de Miranda- Entrada: 1732; Irmão de Mesa: 1737; Escrivão 1752 Serafim Gonçalves - Entrada 1728; Irmão de Mesa 1729; Procurador no morro 1739; Procurador da Bacia 1746, 1753. Manoel Luiz do Santos - Entrada 1740; Tesoureiro 1753 **Manuel da Costa Gontijo - Entrada: 1738** Manuel Ferreira da Costa - Entrada: 1740; Irmão de Mesa 1779; Tesoureiro: 1783 O Familiar Manuel Rodrigues de Almeida - Entrada: 1732; Irmão de Mesa 1757; Zelador da Bacía: 1759 Francisco Correada Silva- Entrada 1731; Irmão de Mesa: 1748, Zeladorda Bacía 1761, 1762
1747-49	Antônio Rebelo da Silva	24/abril/1738 Tesoureiro 1757	SM e Familiar Manoel da Costa Guimarães- Entrada: 1727; Irmão de Mesa 1728 e 1749; Escrivão 1735 Domingos Fernandes Souto- Irmão de Mesa; 1734, 1757, 1764, 1768 Manoel Fernandes da Costa- Irmão de Mesa: 1748, 1763,1790; Procurador 1751 Simão da Rocha Pereira - Irmão de Mesa 1734, 1738; Provedor 1778; Tesoureiro 1737; Escrivão 1763 Ventura Fernandes de Oliveira - Entrada: 1736; Escrivão 1748; Provedor 1786
1773-78	Jerônimo da Costa de Oliveira	18/outubro/1748 Irmão de Mesa 1773, 1774,1778,1779; Procurador 1780	Antônio da Mota de Magalhães Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo- Entrada: 1748; Irmão de Mesa: 1763
1751-54	João de Melo Magalhães	18/outubro/1748 Escrivão 1777	Gregório Correa- Tesoureiro 1714, 1715 José Veloso Carmo - Entrada: 1753; Zelador da Bacia: 1758, 1794; Tesoureiro 1761 Comissário Pedro Leão de Sá Vigário Colado na Matriz do Pilar- Irmãos de Mesa 1746 Miguel Lopes de Araújo - Entrada 1736; Irmão de Mesa: 1751; Escrivão 1755 Manoel Jose Veloso - Entrada: 1752; Procurador 1757 João Goncalves Pereira - Entrada 1748
1747-55	João de Cerqueira	26/maio/1733	Manoel Roiz de Oliveira - Entrada em 1733 Antônio de Sousa Lobo - Entrada: 1731; Irmão de Mesa 1732, 1736, 1781

Basílica Menor de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

A **Basílica Menor Nossa Senhora do Pilar** de Ouro Preto, Minas Gerais, popularmente chamada **Igreja Matriz Nossa Senhora do Pilar**, é uma das edificações católicas mais conhecidas entre as que foram erguidas durante o ciclo do ouro.[1] É monumento tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Está localizada na Praça Monsenhor Castilho Barbosa.

Índice

História
Aspectos arquitetônicos e artísticos
Museu de Arte Sacra do Pilar
Intervenções patrimoniais
Elevação a Basílica
Ver também
Referências

Basílica Menor de Nossa Senhora do Pilar



Tipo	igreja
	Geografia
Coordenadas	20° 23' 12.221" S 43° 30' 27.536" O



Localização	Ouro Preto - Brasil
Patrimônio	Património de Influência Portuguesa (base de dados), bem tombado pelo IPHAN

[edite no Wikidata]

História

A devoção de Nossa Senhora do Pilar foi trazida provavelmente de São Paulo, na bandeira de Bartolomeu Bueno, tendo a imagem sido entronizada na primitiva capelinha que antecedeu o templo.[2]

A presente Igreja foi construída em torno de uma capela erguida a partir de 1696[2] ou nos primeiros anos do século XVIII, e ampliada em 1712 com recursos dos devotos, embora as intervenções principais tenham seguido até o final do século.[3] Segundo consta nos registros, a construção foi incentivada pelo próprio governador.[4]

A Paróquia do Pilar foi a mais rica e populosa em Vila Rica, já que reuniu o maior número de irmandades e, por isso, a Matriz recebeu mais ornamentos em preparação para uma "boa morte".[3] As irmandades tinham lugares específicos dentro do templo, uma forma de representar e expressar a hierarquia social dos fiéis.[5] O *Livro de Compromissos* relacionava a participação da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1712), além da de Nossa Senhora do Pilar (1712), São Miguel e Almas (1712), Rosário dos Pretos (1715), Senhor dos Passos (1715), Sant'Anna (primeiro quartel) e Nossa Senhora da Conceição (até o primeiro terço do século XVIII).[6]

A construção foi iniciada pela nave, ao contrário do costume da época, quando se iniciava pela capela-mor. Isso se deve à necessidade de conservar a primitiva capela para que o culto não fosse interrompido. No entanto, isso ocorreu entre 1731 e 1733, quando a capela foi enfim demolida. Neste período o Santíssimo Sacramento foi transferido para a Igreja do Rosário. Sua volta para o Pilar se deu em uma grande festividade, a procissão do Triunfo Eucarístico, que se tornou famosa na história de Ouro Preto.[4]


Vista da nave.

A decoração da nave foi executada entre 1735 e 1737, incluindo a reinstalação de altares laterais em talha dourada datados de um período anterior. A capela-mor foi construída e decorada entre 1741 e 1754, mas as obras sofreram interrupções por motivo da falência de Antônio Francisco Pombal em 1744, e pela morte do entalhador Francisco Xavier de Brito em 1751. Neste ano o arco do cruzeiro foi concluído.[4]

A decoração levou mais vinte anos para ser terminada, ocorrendo em meio a problemas estruturais na abóbada, que sofria infiltração de chuva. Outras dificuldades vieram da instabilidade de uma das torres, que ameaçava cair, tendo sido substituída em 1781 sua estrutura de taipa por uma de alvenaria de pedra. O mesmo problema afligiu mais tarde uma das paredes laterais, substituída em 1825 também por alvenaria. Em 1848 foram concluídos o frontispício em pedra e a outra

torre.[4][3] A fachada atual, construída em meados do século XIX, substitui a do século XVIII, constituindo-se, segundo informa o IPHAN, "numa espécie de síntese dos frontispícios do Rosário e São Francisco, tendo sofrido influência ainda do Carmo no frontão, conforme assinala Germain Bazin".[4]

Aspectos arquitetônicos e artísticos



Detalhe do altar de Santo Antônio e do púlpito.

Seu projeto é atribuído ao engenheiro militar Pedro Gomes Chaves Xavier[7][8] a partir de traçado poligonal de 1736 atribuído a Antônio Francisco Pombal.[8] Na apreciação do IPHAN, o traçado segue o modelo Barroco tradicional em Minas Gerais,

"[...] caracterizado pela justaposição de duas formas quadrangulares, a primeira correspondente à nave ou corpo da igreja, e a segunda, mais alongada, à capela-mor e sacristia, tendo no segundo pavimento o tradicional consistório. O acesso à sacristia é feito por corredores laterais encimados por tribunas. A forma poligonal da nave advém de uma estrutura postiça de madeira, com pesados esteios que suportam a armação dos retábulos e as tribunas, prolongando-se até a cobertura".[4]

Uma das peculiaridades deste templo é a transposição da porta de entrada, um recurso utilizado para causar "uma sensação de surpresa e encanto".[8]



Detalhe do teto da nave.

Seu interior é ornamentado com o trabalho de carpintaria, segundo Adalgisa Campos, feito por Antônio da Silva e Antonio Francisco Pombal,[3] irmão do pai de Aleijadinho.[9] Ela refere ainda que os altares de São Miguel, dos Passos, Rosário dos Pretos e Sant'Anna foram feitos entre 1733 e 1735 por Manoel de Brito. O único altar que não teve seus trabalhos foi o de Santo Antônio.[3] O IPHAN, por outro lado, declara que ...

"Nada se conhece a respeito dos altares laterais e púlpitos construídos por confrarias particulares. Em número de seis, sabe-se que os altares dedicados a Santo Antônio e Nossa Senhora das Dores (primeiro e terceiro do lado do Evangelho) são anteriores aos demais, tendo pertencido talvez à igreja primitiva. Já os coroamentos foram provavelmente refeitos por Antônio Francisco Pombal. Os quatro altares restantes e os dois púlpitos são inteiramente dourados e caracterizam-se pelo Barroco requintado, com profusa ornamentação. Todo o conjunto deve se situar no período compreendido entre 1730 e 1740".[4]

A talha variou do Estilo Nacional Português ao Joanino, que compreendem duas fases do Barroco.[3] O trabalho de pintura e um artifício "cênico", a marmorização, foram feitos por João de Carvalhais e Bernardo Pires.[5]

A talha da capela-mor, considerada a obra-prima do gênero no período,[8] foi realizada por Francisco Xavier de Brito e executada de 1746 a 1751, ou seja, até a sua morte.[3] O trabalho inclui a Virgem do Pilar entronizada em local tradicionalmente reservado ao Santíssimo Sacramento e a coroação é rodeada por vários anjos e querubins de diferentes tamanhos. As colunas salomônicas e as pilastras chamadas de quartelões foram adotadas como elementos de suporte,[8] mas também exaltam a força e a virilidade.[5]



Detalhe da capela-mor.

O arco-cruzeiro teve o trabalho do entalhador Ventura Alves Carneiro em 1751. O resplendor do trono da capela-mor recebeu em 1754 a talha de José Coelho de Noronha.[3]

O forro da nave tem um conjunto pictórico rococó de 1768 também atribuído a João de Carvalhais.[3] São quinze painéis com molduras marmorizadas e faiscadas que retratam passagens do Antigo Testamento.[5]

Museu de Arte Sacra do Pilar

Na sacristia está o Museu de Arte Sacra do Pilar, que reúne cerca de 8 mil peças dos séculos XVII ao XIX,[10] além de documentos e algumas das vestimentas usadas na celebração do Santíssimo Sacramento e Semana Santa.

Intervenções patrimoniais

Periodicamente, ocorreram ampliações de ornamentos, mas, entre as obras necessárias para manter a estrutura física do templo devem ser destacadas: o reparo urgente de uma torre, em 1781; a subtituição de uma parede de taipa em 1825, já que desde 1818 ela ameaçava ruir; e o término do frontispício e torre do Evangelho em 1848.[5]

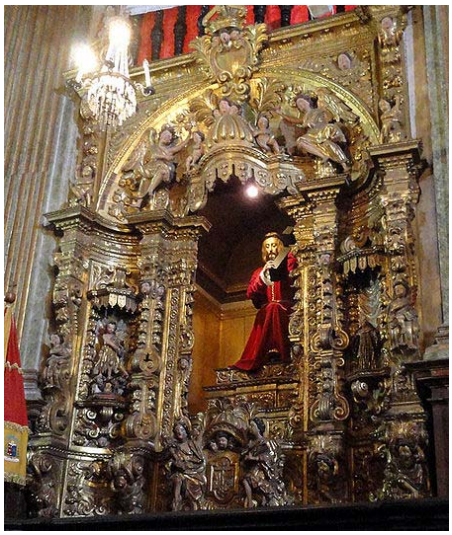
O tombamento pelo IPHAN aconteceu em 1939. O instituto realizou trabalhos de douramento e pintura entre 1952 e 1965.[5]

Em março de 2010, o IPHAN começou a realizar a pintura externa e a limpeza das cantarias e fachadas do templo.[11] A igreja também é tombada pelo IEPHA.

O templo teve também obras no telhado e instalação de para-raios.[12]

As cores seguem o padrão cromático atual e as características de uma fotografia datada de 1988, data da última vez que o templo foi pintado. As cores são vermelho sangue-de-boi, verde colonial e amarelo ocre nas janelas, portas e molduras; alvenarias em branco-neve; e gradis em preto. As molduras em massa, em amarelo claro, estão nos cunhais posteriores, cimalhas e volutas do frontão da fachada principal.[12]

A tinta utilizada, nas atuais intervenções, é mais natural, à base de silicato e com a cal, aspectos que conferem mais durabilidade, resistência, impermeabilidade e desempenho técnico.[12]



Detalhe do altar do Senhor dos Passos.

Elevação a Basílica

No dia 1º de Dezembro de 2012, em solene cerimônia, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar foi elevada à condição de Basílica Menor.[13]

Ver também

- Aleijadinho
- Barroco mineiro
- Barroco no Brasil
- Arquitetura colonial do Brasil

Referências

1. BASTOS, Rodrigo Almeida. (2007). *A ordem sagrada da república colonial (http://www.ifch.unicamp.br/ciec/revista/artigos/dossie6.pdf)*. Revista Urbana. 1 (1)
2. ALVES, Célio Macedo. *Um Estudo Iconográfico*. In: COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e Arte*. 1a edição. São Paulo: Edusp, 2005
3. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Roteiro Sagrado: monumentos religiosos de Ouro Preto*, Editora Francisco Inácio Peixoto. Belo Horizonte, 2000. p.9-16
4. IPHAN. *Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto, MG)* (http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1385).
5. FERNANDES, Luciano de Oliveira. (2009). *A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: teatro sacro e alegorias de um discurso teológico-político (http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/l525.pdf)*. II Encontro Memorial do ICHS-UFOP
6. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao Barroco Mineiro*, Editora Crisálida. Belo Horizonte, 2006. p.14
7. «Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar» (http://www.ouropreto.com.br/pgnormal/detalhe.php?idpgnormal=23). Consultado em 9 de agosto de 2008
8. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Barroco e rococó na arquitetura religiosa da Capitania de Minas Gerais*. In: *História de Minas Gerais - As Minas Setecentistas - v.2*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.365-382
9. MENEZES, Ivo Porto. (2007). *Os frontispícios na arquitetura religiosa em Minas Gerais (http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20081029100513.pdf)*. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. 14 (15)
10. Museu de Arte Sacra de Ouro Preto (http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=instituicoes_texto&cd_verbete=5401) - *Itaú Cultural*, 24 de novembro de 2006 (visitado em 1-3-2010)
11. Matriz do Pilar de Ouro Preto vai entrar em obras (http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15002&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia) - *IPHAN*, 12 de março de 2010 (visitado em 16-3-2010)
12. BRAGA, Ernesto.(2 de abril de 2010). *Vida longa para dois monumentos*. Caderno *Gerais*. Jornal *Estado de Minas*
13. "Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, é elevada a basílica" (http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/11/matriz-de-nossa-senhora-do-pilar-em-ouro-preto-e-elevada-basilica.html). *O Globo*, 30/11/2012

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Basílica_Menor_de_Nossa_Senhora_do_Pilar_(Ouro_Preto)&oldid=61196936"

Esta página foi editada pela última vez às 17h02min de 20 de maio de 2021.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Compartilhalgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

- Política de privacidade
- Sobre a Wikipédia
- Avisos gerais
-
- Programadores
- Estatísticas
- Declaração sobre "cookies"

Alpoim e o Zimbório da Igreja Matriz do Pilar em Ouro Preto: engenho e simbolismo na arquitetura religiosa do século XVIII[1]

Rodrigo Almeida Bastos[2]

Publicado na

Revista Desígnio: **revista de história da arquitetura e do urbanismo.** Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ Área de Concentração de pós-graduação: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. São Paulo, Annablume, 2009. n. 9/10, set./2009, p. 113-136. (ISSN: 18062741)

Este ensaio tem por objeto um elemento arquitetônico que já não existe mais, e as razões que nos conduzem a ele são também por isso intrigantes. O zimbório foi demolido há quase 240 anos, em agosto de 1770, do teto abobadado da capela-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, antiga Vila Rica – um elemento que devia coroar de luz e simbolismo o lugar mais importante do edifício mais importante da povoação mais importante da capitania responsável pela glória material do Império Português no século XVIII.

O zimbório é um elemento arquitetônico de uso antigo, sobretudo entre os séculos XV e XVIII, e sua finalidade principal consistia em permitir a entrada de luz zenital. Era geralmente alçado por cima de cúpulas, abóbadas e telhados, em planta poligonal ou circular, destacando-se exteriormente por seu corpo prismático ou cilíndrico, e internamente pelos efeitos que proporcionava à arquitetura e sua decoração, principalmente a de caráter religioso. Neste gênero de arquitetura, particularmente, o zimbório era o elemento mais apto a evidenciar, no decoro de um corpo místico

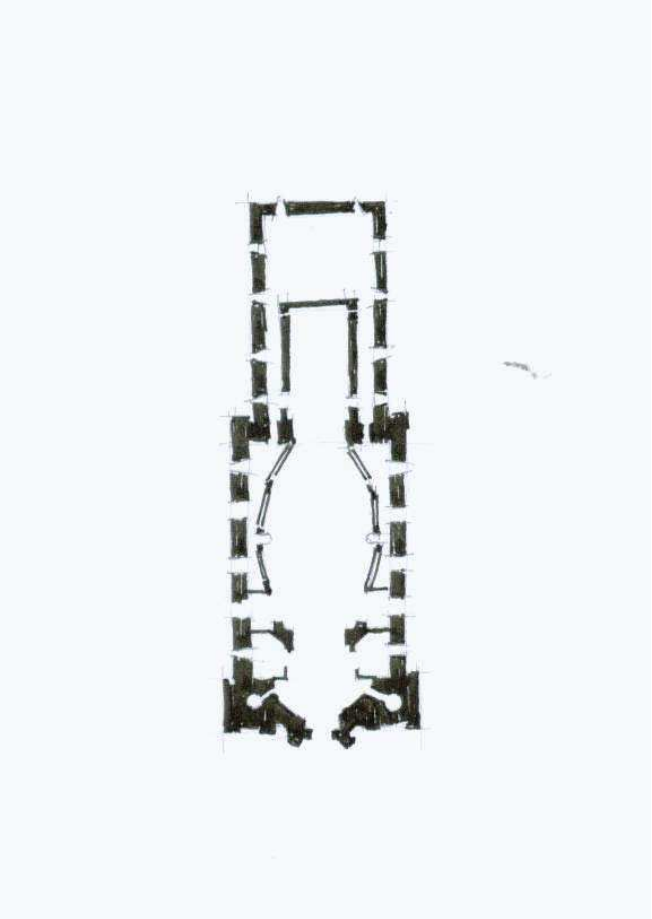
[1] Este texto é resultante da pesquisa de doutorado realizado na FAU-USP com o apoio da FAPESP, sob orientação do prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino. BASTOS, Rodrigo Almeida. *A maravilhosa fábrica de virtudes*: *o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822).* Tese de Doutorado em Arquitetura. São Paulo, FAU-USP, 2009.

[2] Arquiteto urbanista e engenheiro civil; mestre em arquitetura pela UFMG, doutor em arquitetura pela USP. Professor Adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG e do curso de especialização em Cultura e Arte Barroca do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da UFOP. Email: rodrigobastos.arq@gmail.com

de fora, a abóbada seria "escapulada"[19], com seis "pirâmides" acima das pilastras, a mesma ornamentação do risco inicial. Os arrematantes pediram acréscimo do valor ajustado pelo Risco previamente aprovado, porque esse acréscimo de ornatos, de "4" para "6" membros, demandaria mais empenho e material. Vale a pena transcrever todo o documento:

> Termo que se fez em Meza a Resp.º daobra do zimborio daCapella mor
>
> Ao primr.º dia do mes de junho demil, e Sete centos, e quarenta, e nove annos estando em Meza o Provedor, emais off.es da Irm.de do Sm.º Sacram.tº desta Matriz de N.ª Sr.ª do Pillar desta V.ª Manoel Roíz Coelho, o then.e [tenente] Juaõ de Serqr.ª Domingos deSá Roíz e João Soares de Caru.º, e por p.e [parte] da Irm.de de N. Sr.ª do Pillar o Procurador della Manoel da Costa_Pontijo pellosmais off.es estarem empedidos por p.e das ditas irmandades Seachou tam bem Manoel Fr.cº Lx.ª, e ventura Alz Carn.rº, e os Rematantes da obra de talha da Capella mor Fran.cº Xavier de Brito, e Antonio Henriques Cardozo para SeaSentar o Como se deve fazer a obra do zimborio da Capella Mayor no que Respeita aSeguranssa, e forma delle, grandeza, altura, eLargura, eaCentaraõ noque Se Segue, que **sem embargo de estar detreminado pela aprovação do Risco Ser aSua Figura otavada**, **e com quatro Janellas, e os quatro vanos ficavão tapadoz de parede,** eatendendosse aSer a ária pequena, a naõ ficar aCapella Mayor Com tam boa Ley Se detreminou aSer aSua figura Sextavada, ficando o d.º zimborio comSeiz Luzes Sem empedim.tº de parede alguma, eAcentarão mais que a Seguranssa do Barrete da Cappela Mayor do Seu madeiram.tº Seobservara na forma do modello, que tem feito Ventura Alz Carn.rº, e com toda a mais Sigurança que se lhe puder fazer, e a bola do d.º zimborio Se fará do mesmo tamanho, que se acha no d.° modello, queSão dezaceis palmos [aproximadamente 3,5 m], eaabobeda que cobre ozimbório pella p.e dedentroSera a prumo à Sacada que tiver aSacada digo aSimalha (*sic*) que guarneçe ozimborio pella p.e dedentro, edesse prumo pegara avolta Redonda; aábobada pella p.e de fora Sera ffeita escapullada a lheCubrir toda aSacada daSimalha, e tera Seis piramadas emSima dosSeis pillares na forma, que mostra o Risco.
> E porque os Rematantes Requereraõ, **que porque visto estava detreminado pelo Risco, que jáse lhe tinha aprovado Levar quatro culunas dequartelas**, eagora [?] mais delas por Ser Sextavado contados os seus ornatos pertencentes as duas culunas Selhe divia pagar, eSeaSentou, que Selhe pagaria oSeu Vallor; e de como aSim se ajustou, edetreminou fiz este termo emque todos aSignaraõ Comigo Escr.ªm Joaõ deSerq.rª Escr.ªm que o fiz escrever, ea Signey. (CECO-PILAR-Smº Stº, 1749, fl. 60v-61).

[19] Dá-se o nome de "escapo" ao meio-bocel, ou seja, ao filete ou moldura cuja seção é formada com a espessura cheia de um quarto de círculo, que faz a ligação entre dois elementos da construção, por exemplo, entre a base e a superfície de um cunhal, ou pilastra. Se, neste caso, a abóbada seria "escapulada" a "cobrir" "toda a sacada da cimalha" (ou seja, o seu ressalto), como prossegue o documento, pode significar que entre as pilastras quarteladas das faces do zimbório e a volta da abóbada que lhe cobria externamente estava prevista uma cimalha, o que seria extremamente verossímil quanto ao costume da forma. O acabamento "escapulado", além de conferir ornato, efetivaria uma transição mais segura entre a parede do zimbório e a sua abóbada exterior, porque essa "escápula" deveria ter também a função de proteger de infiltração o encaixe entre as paredes e a superfície curva da abóbada no exterior.



Figuras 1 – Planta da Igreja do Pilar. Desenho do autor sobre levantamento de Paulo Santos



Fig. 2 – Vista interna da nave, em direção à capela-mor. (Todas as fotos são do autor)



Figura 3 – Cordeiro Crucificado, painel central da nave

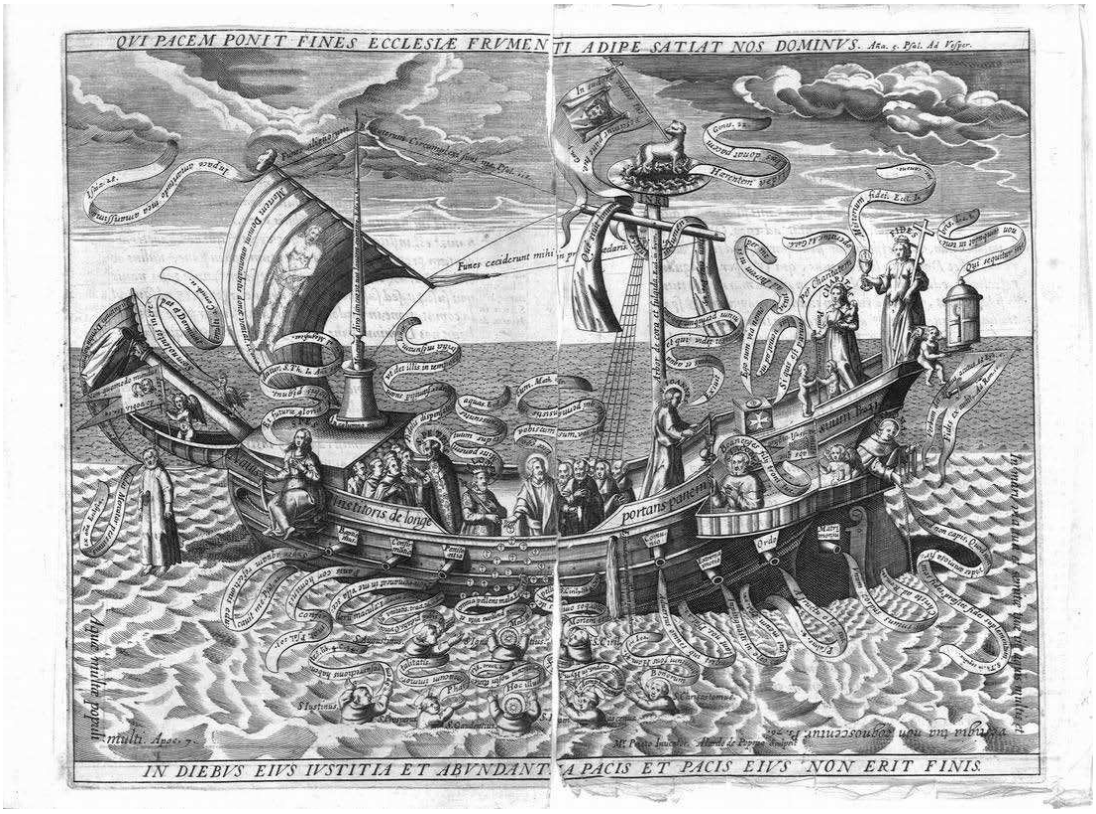


Figura 4: Gravura da *Caravela Eucarística*. *Psalmodia Eucharistica*, de Melchior Prieto (1622)



Fig. 5 – Capela-mor da Igreja do Pilar (Simulação com o zimbório)



Fig. 6 – Igreja do Pilar, vista externa (Simulação com o zimbório)



Figura 7 – Abóbada e zimbório da Igreja da Misericórdia, Viana do Castelo



Figura 8 – Zimbório da Igreja da Misericórdia, Viana do Castelo



Fig. 9 – Painel da Santa Ceia, Capela-mor da Igreja do Pilar, Ouro Preto



Fig. 10 – Teto e zimbório da Capela-mor da Igreja do Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro



Fig. 11 – Igreja e zimbório do convento de Nossa Senhora da Serra do Pilar, Gaia, Portugal



Figura 12 – Sacrário da Igreja do Pilar

O Inventário de **José de Oliveira Braga**, em 1747 Ouro Preto, registra dívida deste com **MANOEL DA COSTA GONTIJO** (I ou Pai)

Museu da Inconfidência



Ouro Preto, Minas, Brasil



Museu

OURO PRETO MINAS BRASIL

Museu da Inconfidência

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Museu da Inconfidência é um museu histórico e artístico que ocupa a antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica e mais quatro prédios auxiliares na cidade de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais. O museu é dedicado à preservação da memória da Inconfidência Mineira e também oferece um rico painel da sociedade e cultura mineiras no período do ciclo do ouro e dos diamantes no século XVIII, incluindo obras de Manuel da Costa Ataíde e Aleijadinho. Localiza-se na praça Tiradentes, em frente ao monumento a Joaquim José da Silva Xavier, o mais famoso ativista da Inconfidência.

Museu da Inconfidência



Inauguração	11 de agosto de 1944
Website	https://museudainconfidencia.museus.gov.br/
	Geografia
País	Brasil
Localidade	Ouro Preto, Minas Gerais
Coordenadas	20° 23' 10" S 43° 30' 13" O

Índice

- História
- O prédio histórico
- Estrutura e acervo
  - Panteão dos Inconfidentes
  - Arquivo Judiciário
  - Arquivo Histórico
  - Arquivo Musical
  - Biblioteca
  - Museu-Escola e Ludomuseu
  - Acervo Museológico
- Outras obras
- Ver também
- Referências
- Ligações externas

História



João Nepomuceno Correia e Castro (atribuição): Imaculada Conceição, século XVIII.

O Museu da Inconfidência teve seu embrião original na decisão de Getúlio Vargas, em 1936, de resgatar os despojos dos heróis da Inconfidência Mineira então sepultados na África, para onde tinham sido degredados. Esta decisão se inseriu em um movimento maior de recuperação da memória do período colonial brasileiro e de seus monumentos, sendo que nesta mesma época foi criado o órgão nacional de defesa do patrimônio histórico e artístico brasileiro, o IPHAN. [1][2]

Foi incumbido da missão de descobrir o local do sepultamento e repatriar os restos mortais dos conjuradores Augusto de Lima Júnior, que antes do fim do mesmo ano de 1936 desembarcava no Rio de Janeiro com o resultado de suas buscas. As urnas foram depositadas no Arquivo Histórico Nacional, onde permaneceram por um bom tempo à espera de um local definitivo. Este surgiu na antiga Casa da Câmara e Cadeia da cidade, quando foi construída uma penitenciária em Belo Horizonte, para onde o cárcere municipal foi transferido, desocupando o prédio histórico. Getúlio Vargas e sua comitiva então se deslocaram a Ouro Preto para fazer a entrega oficial das relíquias dos heróis à sua cidade de origem, mas como o edifício precisava de uma restauração e adaptação, elas foram provisoriamente deixadas, entre grandes solenidades, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a dita *Matriz de Antônio Dias*, onde permaneceram por quatro anos.[1]

Terminada a reforma na Casa da Câmara, que incluiu a supressão de acréscimos espúrios e a recuperação do aspecto original do edifício já bastante desfigurado, o Panteão foi inaugurado com o traslado dos restos mortais do grupo em 21 de abril de 1942, na comemoração do 150º aniversário da decretação da sentença condenatória dos inconfidentes. Também foi instalado numa sala contígua o túmulo de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a célebre Marília, musa de Tomás Antônio Gonzaga, e o cenotáfio de Bárbara Heliodora da Silveira, esposa e incentivadora de Alvarenga Peixoto. Entretanto o museu propriamente dito só foi inaugurado em 11 de agosto de 1944, no bicentenário de Tomás Antônio Gonzaga, e sua organização foi saudada na época como avançada para o tipo de museologia praticada no Brasil de então.[1]

As primeiras peças foram coletadas em várias cidades e vilas da região, especialmente de Mariana, Getúlio Vargas ordenou a doação ao museu do 7º volume dos *Autos da Devassa* e das traves da forca de Tiradentes que estavam no Rio, e foi adquirida a grande coleção de arte colonial de Vicente Raccioppi, e com o passar dos anos o acervo foi sendo ampliado com aquisições variadas, incluindo a transferência de grande coleção documental em depósito em outras instituições nacionais e regionais e a grande biblioteca de Tarquínio de Oliveira, com mais de 12 mil volumes e que incluía muitas obras raras.[1]

Depois do período inicial, quando a instituição gozou de grande prestígio e publicava um *Anuário* reputado pela qualidade de seus artigos, a queda de Getúlio transformou o panorama político nacional, e por causa de sua associação com antigo regime, o museu entrou em uma fase de decadência. O quadro de funcionários foi reduzido a um mínimo, o prédio histórico começou a decair sem receber manutenção, o acervo sofreu, o *Anuário* foi suspenso e todo o segundo andar teve de ser fechado à visitação. A situação só mudaria com a chegada de Delso Renault, enviado pelo IPHAN, realizando a recuperação do prédio, o restauro de numerosas peças de mobiliário, reabriu o segundo piso e instituiu a cobrança de ingressos como forma de obtenção de alguma renda.[1] A administração seguinte conseguiu manter o ritmo ascendente, e hoje o Museu da Inconfidência voltou a figurar com destaque no rol dos museus nacionais, tendo inclusive incorporado mais quatro prédios como anexos e modernizado todos os seus equipamentos e sistema museográfico. Em 2013, o museu teve 142,5 mil visitantes.[3]

O prédio histórico

A Casa da Câmara e Cadeia de Ouro Preto é um dos mais importantes remanescentes da arquitetura colonial do barroco tardio no Brasil, erguido pelo governador Luís da Cunha Meneses com um projeto de José Fernandes Pinto Alpoim na década de 1780, num período em que as riquezas das minas começavam a se esgotar e os desmandos do governador geravam críticas. O projeto original atendia às necessidades deste tipo de edifício, com salas de arsenal, campanário para convocação do povo, um cárcere, uma enfermaria, um oratório, uma cozinha e um açougue, além das salas administrativas. Traços do neoclassicismo que começava a surgir também são perceptíveis no frontão e na colunata da fachada.[1]


Detalhe do edifício.

Seu aspecto externo é imponente e de grande elegância, com uma fachada simétrica de dois pisos com elementos destacados em cantaria, e um corpo construído sobre um pódio elevado. A escadaria da frente, com uma fonte em pedra lavrada, conduz à entrada principal, com duas portas inseridas em um pórtico com colunas jônicas que se eleva até o pavimento superior, onde é coroado por um frontão triangular com o brasão real em relevo inscrito, e que continua para cima na torre sineira, onde há um relógio. As aberturas são todas semelhantes, com molduras em pedra e arremate em arco, embora no piso superior tenham sacadas com gradis de ferro trabalhado. Acima do conjunto corre uma balaustrada, com estátuas decorativas nas extremidades. Essas estátuas, são a Justiça, vista no canto à direita da foto acima, representada com espada na mão direita e balança na esquerda; a Coragem, representada com um cálice na mão direita, a Temperança, situada no canto do fundo na Coragem, representada por uma mulher com um freio de animal na mão direita e ao lado desta para o lado da igreja do Carmo, no fundo também, a Força, representada por um homem com uma coluna.[1]


Penitenciária de Ouro Preto.

Estrutura e acervo

Modernamente o Museu da Inconfidência está organizado nos seguintes setores:[1]

- *Casa de Câmara e Cadeia*, com a exposição permanente e o Panteão dos Inconfidentes.
- *Anexo I*, com a reserva técnica, o auditório, uma sala para exposições temporárias e salas de apoio.
- *Anexo II*, com o setor de museologia, os laboratórios de conservação e restauro e o setor de documentação e pesquisa.
- *Anexo III*, a Casa do Pilar, com os arquivos judiciário, histórico e musicológico, e um setor de pesquisa.
- *Casa da Baronesa*, onde funciona o Museu-Escola.

Panteão dos Inconfidentes

Um espaço especial dentro da antiga Casa da Câmara para abrigar os restos mortais dos inconfidentes. Nem todos os conspiradores ali repousam, pois alguns não puderam ter suas tumbas localizadas, e outros têm sua identificação duvidosa até os dias de hoje, a despeito dos intensos esforços de estudiosos nesse sentido. Estão no Panteão os restos de treze dos vinte e quatro sentenciados pela coroa portuguesa. Uma lápide vazia é o memento dos ausentes, entre os quais está Tiradentes, cujo corpo foi esquartejado e exposto em opróbrio.[1]


Acervo fotográfico: Vista de Ouro Preto em torno de 1875.

Arquivo Judiciário

Instalado no Anexo III do museu, a Casa do Pilar, preserva as peças judiciais levadas durante o período colonial de Ouro Preto. Dentre elas é particularmente importante o volume 7 dos *Autos da Devassa* mineira, a que foram acrescidos os traslados da Devassa carioca, os processos de réus eclesiásticos, os processos de réus comuns da justiça local e outros documentos. Em 1995 o conjunto era composto por 5.180 inventários, 1.660 testamentos, 14.350 ações cíveis, 1.570 ações criminais e 388 códices vários, formando um nítido painel da vida

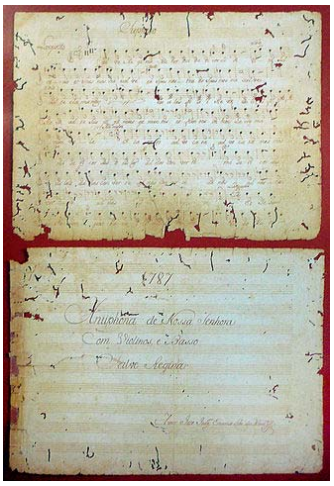
judicial e mesmo dos costumes sociais da época da colônia.[1]

Arquivo Histórico

Esta seção guarda grande número de documentos relativos à história da cidade e da região, como um relatório de despesas autografado pelo alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes; uma provisão assinada por Tomás Antônio Gonzaga em favor de Alexandre Luiz de Mello; atestados passados por Alvarenga Peixoto e Francisco de Paula Freire de Andrade, recibos assinados pelo Aleijadinho, e um diploma de José Álvares Maciel.[1]

Arquivo Musical

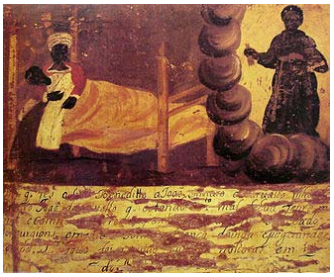
Oriundo da grande coleção de partituras coloniais reunidas pelo musicólogo Curt Lange na década de 1940, também guardado na Casa do Pilar. Este material teve, depois de penosamente redescoberto pelo alemão, uma trajetória digna de um filme de aventuras, sendo foco de intrigas políticas, difamação e mesmo durante algum tempo esteve depositado no Instituto Interamericano de Musicologia, em Montevidéu, para onde Lange o enviara temendo que o esforço de suas pesquisas, que hoje são consideradas fundamentais para a história da música brasileira, voltasse a se perder numa época em que a música colonial do Brasil era objeto de descaso. Após longas negociações esta coleção inestimável foi adquirida pelo Museu da Inconfidência, tornando-se uma das referências mais importantes para o estudo da atividade musical nas Minas Gerais durante a colônia, com itens também de outras procedências e do período imperial. Há partituras autógrafas e cópias de composições de Manoel Dias de Oliveira, Lobo de Mesquita, José Meirelles, Carlos Gomes, José Maurício Nunes Garcia e Jesuíno do Monte Carmelo, dentre muitos outros.[1]



Partitura autógrafa do *Salve Regina* de Lobo de Mesquita.

Biblioteca

Com milhares de volumes, onde muitos são obras raras. Destas se destacam as *Observações sobre as Enfermidades dos Negros*, de Dazille (1808), traduzido por Antônio José de Carvalho; o *Aureo Throno Episcopal* (1749) que narra a fundação do bispado de Mariana; o *Livro de Compromissos da Irmandade de São Miguel e Almas* (1722), com iluminuras, e exemplares das edições *princeps* do *Caramuru* (1781) de Santa Rita Durão, das *Obras* (1768) de Cláudio Manuel da Costa e da *Marília de Dirceu* (1792), de Tomás Antônio Gonzaga, além de dicionários, livros científicos e outros.[1]



Ex-voto polular com invocação a São Benedito.

Museu-Escola e Ludomuseu

Parte do projeto educativo do museu, que inclui oficinas de artes plásticas e teatro, centradas em episódios da Inconfidência e outros momentos marcantes da história local, oferece treinamento para professores e desenvolve atividades temáticas itinerantes pelo interior de Minas Gerais.[1]

Acervo Museológico

Com grande quantidade de peças artísticas e históricas, com destaque para a estatuária, as pinturas, a ourivesaria, o mobiliário, a iconografia da paisagem urbana em fotografias, desenhos e gravuras, e os objetos de uso doméstico e outros ligados à escravidão.[1]



Atelier de Mestre Ataíde: *Santa Maria e São Simão Stock*.

Dentre as esculturas são notáveis: um andor com estátua em madeira policroma da Imaculada Conceição atribuído a Francisco Xavier de Brito; uma Nossa Senhora da Conceição minuciosamente entalhada em calcita e decorada com conchas; um oratório com mecanismo móvel mostrando o Menino Jesus deitado e cercado de anjos; várias figuras de presépio atribuídas ao Aleijadinho; um grande São Jorge processional também atribuído ao Aleijadinho; um oratório com várias figuras em pedra-sabão em cenas da Crucificação e da Natividade; um *Cristo flagelado* de grande expressividade, um belo anjo tocheiro, e grande número de ex-votos, crucifixos, retábulos e estátuas de anjos e santos diversos.[1]

A ourivesaria é representada por cruzes processionais, ostensórios, cálices de comunhão, navetas, turíbulos, castiçais e coroas em prata e ouro. O mobiliário tem belos exemplares de mesas, arcazes, oratórios, cofres, cômodas, camas e cadeiras dos séculos XVII ao século XIX, como um trono episcopal do bispo de Vila Rica, atribuído ao Aleijadinho, uma cama de dossel estilo Dona Maria I, uma cama eclesiástica que teria pertencido a Santa Rita Durão, cadeirões com encosto de couro lavrado da antiga Câmara de Vila Rica, e uma cadeirinha de arruar com painéis mitológicos pintados.[1]

A pintura tem significativa representação com diversos painéis, bandeiras processionais, ex-votos e telas com retratos de santos e cenas sagradas, incluindo peças de Mestre Ataíde, João Nepomuceno Correia e Castro e vários autores anônimos da região de Ouro Preto. Merecem nota ainda os retratos oficiais de Dom Pedro III, Dona Maria I, Dom João VI infante, Dona Mariana Vitória e Dom Pedro I. Por fim, são preservados no museu uma diversidade de objetos de uso cotidiano como vasos, bacias, gomis, tinteiros, porcelanas, relógios e equipamentos de montaria decorados, e objetos usados pelos escravos.[1]

Outras obras



Anônimo: *Retrato de Dom João VI infante*, século XVIII



Anônimo: *Retrato de Dona Maria I*, século XVIII



Anônimo: *Vista do Colégio do Caraça*, século XIX



Anônimo: *Retrato de Santo Agostinho*, século XIX



Aleijadinho (atribuição): Projeto para o frontispício da Igreja de São Francisco em São João del-Rei.

Ver também

- Barroco no Brasil
- Inconfidência Mineira

Referências

1. *O Museu da Inconfidência*. Série Museus Brasileiros. São Paulo: Banco Safra, 1995
2. Cedro, Marcelo (2013). «Cultura, identidade nacional e práticas museológicas na contemporaneidade: propostas do Museu da Inconfidência em Ouro Preto» (http://www.journals.usp.br/plural/article/view/76356). *Plural - Revista de Ciências Sociais*. **20** (2): 37–60. ISSN 2176-8099 (https://www.worldcat.org/issn/2176-8099). doi:10.11606/issn.2176-8099.pcso.2013.76356 (https://dx.doi.org/10.11606%2Fissn.2176-8099.pcso.2013.76356)
3. Museu da Inconfidência completa 70 anos com a proposta de dialogar cada vez mais com a sociedade (http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2014/08/09/noticia_arte_e_livros,158174/a-casa-da-liberdade.shtml)

Ligações externas

- Página oficial (http://www.museudainconfidencia.gov.br/)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Museu_da_Inconfidência&oldid=62992218"

Esta página foi editada pela última vez às 03h08min de 9 de fevereiro de 2022.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Compartilhalgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

- Política de privacidade
- Sobre a Wikipédia
- Avisos gerais
-
- Programadores
- Estatísticas
- Declaração sobre "cookies"

Casa do Pilar, Arquivo Judiciário, anexo do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto



Casa do Pilar, Arquivo Judiciário, anexo do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto



ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

Olá, PEDRO GOULART GONTIJO (trocar senha || sair)

Resultado da Pesquisa (voltar à pesquisa)

[Exibindo de 1 a 1 no total de 1 - Página: 1/1] 1

Adicionar ao cesto de solicitações

Fundo FÓRUM DA COMARCA DE OURO PRETO
Série CÍVEL
Documento CRÉDITO
Ano 1747
Caixa 260 **Documento** 4903 **Cartório/Ofício** 1
Nomes JOSÉ CORREIA GOMES (ALFERES) - AUTOR
JOSÉ DE OLIVEIRA BRAGA - RÉU

[Exibindo de 1 a 1 no total de 1 - Página: 1/1] 1

http://sahmi.museus.gov.br/pesquisaExterna/pesquisaExterna.xhtml

José de Oliveira Braga

(Inventariado)

Inventário - 1º Ofício

1747 - 1776

FN: 71

Microfilme: 3196

142 Pag Rolo: 9 Fg: 001/142

Arquivo Museu da Inconfidência

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHK-KQVD-19SL-G?view=fullText&lang=pt&groupId=TH-7706-124506-5537-41

Páginas 481 a 626 de 785 <> 145 Páginas

918

1744

Sara de quedara capitulado
Este testimonio empeçado a hasta
Comodito Daluado Juez de Paz
Conciliador Bedoya que Blanco
Secretario de Este Juzgado

Testigos

Ante mi

Ante Nos

Sello de Cerro

Jose de cadena de Edad de Dos
anos Sin Testo Legitimo

Item nombramos de peritos Conci-
liador y Secretario de Dicho Juzga-
do para que Vean y Estimen Como
Bien Les Parezca

Item Cumplido Dicho Cabo
Ser puesto en Pregones Como
Dicho es y Hecho Entrega
Dicho Juzgado con Dicho Secre-
tario

Item Cumplido Dicho Cabo
Ser puesto en Pregones Como
Dicho es y Hecho Entrega
Dicho Juzgado con Dicho Secre-
tario

Item Una Yegua Overa Cerrada
Con Una Cortadura en Una
Oreja y Cerrada Pelo Dicho Juz-
gado y Entregada a Dicho

Item Una Cerda Domado Vieja
Valuada por Dicho Juzgado
en Dos Pesos de Oro

Item Una Cerda Domado Vieja
Valuada por Dicho Juzgado en
Un Peso de Oro Cada Una

Item

Recaó [illegible] Gray á aquella q[ue]
bra Cap[ita]l con q[ue] se remitio, el q[ue]
bido por ella dicho juramento
el dho gobernador tuvo q[ue]
gracion Cap[ita]l q[ue] este testimo
es signe q[ue] remitio como dicho es
tro Juiz dos R[eye]s Rey escribano
Rodrigues Cabeza Gobernador
Reales que aqui ben

Fray

Antodecoza

Dejuram.to

En veinte dias del mes de
febrero de mil setecientos y cua-
renta y seis años ante mi
el Alcalde Ordinario de esta
Guarapuelo y testigos de
abajo nombrados parecio
el Alferes Antonio de Veras Cabeza
de Vaca Capitan Mariano de
Vera y dicho Juiz dijo
que atento a q[ue] en virtud
de su Comision q[ue] se le
puso por mayor de este Pueblo
de Nuestra Señora de la Asun-
cion de Yaguaron y q[ue] dicho
Alferes se halla presente
es de parecer se le tome
juramento de que
use bien y fielmente

Item dos mateles de grande
e cumprimento vidrados
pelos ditos avaliadores em meya
pataca de cada hum delles

Item hũa peça de ynadegraque
vidrada em hũa Rda pelos
ditos avaliadores em tres tostões
de cada

Item hũa bacia vidrada vidrada ava-
liada pelos ditos avaliadores em
oyto tostões de cada hũa

Item dom negro de nação Congo de
vidro e avaliado pelos ditos ava-
liadores em cento e cincoenta reis de
idade de vinte e sete annos

Item hũa negra de nação Congo de vidro
vidriado pelos ditos avaliadores em cem
mil reis de idade de vinte e sete annos

Item forão mais achados na Alfandega
desta Cidade dous Rios de Tamaraco

Dizima

Item Vinte coytos cheyos apeitados velhos cavalgados pelo dito avaliador, amea patrea de Boi-ada Cum.

Item sete Pessas de cobre portuguezas velhas cavalgados pelo dito avaliador, amea patrea de Boi-ada Cum.

Item hum Cayxa e hey Barril de Cayxa velha cavalgado pelo dito avaliador, amea patrea de Boi-ada Cum.

Item hum Barril de Cayxa velha cavalgado pelo dito avaliador, em mea patrea de Boi-ada Cum.

Item hum Barril de Cayxa velha cavalgado pelo dito avaliador, em mea patrea de Boi-ada Cum.

Item hum

que ajerpeing

Fr.

Ant.o de Silva

Fr. Ant.o de Nro Sñr.a

Fr. Ant.o Hedoux

Fr. de Conc.am

Sayrente a dey dey Domy de
Encarpyra de mil e sete cento
e quarenta e sete annos nesta
Villa de Nossa Senhora da
Purificaçam do Couto Preto e Provin.a
de Minas de Ouro aonde estava o Rd.o
Padre Fr. Antonio de Silva Comissario
Geral da Ordem de Nossa Senhora
do Carmo Provincia de Portugal
Reyno de Portugal e Conquistas
onde eu Manoel Pereyra
Escrivam o escrevy

Logo logo pello Autor dette orphaõ asima mencionado
Mes.do de q.to Autos ao Escrivaõ notificado fiz notf.
de vinte e quatro deste asignou Mp. para se proceder
como hé de Direito Dia 22 de Febr.o de 1742

Fr.

Fr. de Conc.am

Sayrente a dey dey Domy
Encarpyra de mil e sete

Dvida

+ Item luis especiall que faya a Jorje Correa Daze de dyta principal Sorte oytaua de Ouro. Sonagoytaua

+ Item Jorje Dalcoforado Mayor luis aytaua Cumenzada de Ouro

+ Item Ellas Carrasco Medico Residente morador na Cidade Antonio Diaz Duay oytaua de Ouro

+ Item o Capitaõ Francisco Barreto Mordomo da Cidade de Bay que fas oytaua de Ouro

Em esta Sorte Cauo eRe Dou-
tor frey Dos Reys Veigo Sorte
Cauo elle de Mendonsa go-
dado todo o Ouro e Imenta
e proueytos atodo tempo da
a mais dequalquer Noticia q
aja q tenha e pertenssa
Lhe ou pertencer Sytos aque todo
pertencha Sob q este termo
de confissamento e enquadraçaõ
dos Imentos e cauedos
Sorte Dante frey Dos Reys
Cauo Manoel Rodrigues Ramos
Gardiaõ dos Reys Cayeira

E. vnge[illegible] Rey dela p[illegible]
e mar[illegible]pañ rellas tratarie
calcadas todas q[illegible]
tenemy e diay ache[illegible]
tario pennedegue Carende
e q[illegible] de mi[illegible]
[illegible]
[illegible]

Yo el escribano y testigos infrascriptos
damos fee como en la Villa Rica de Nuestra
Señora de Villalobos en Casa y morada de
Don Luis Hoyos Sierra y Leyva Vecino de
esta Villa doy fee conozco al otorgante
que pide el auto y como se dejara dicho
que mandaba se cumpliese y cumplio
y mando como en el se contiene de
que para constancia lo firmo y
testigos que fueron presentes Don
Luis Hoyos Sierra y Francisco Gervasio de Leyva

D. 1/2

Certifico que no se sigue ni sigue a Antonio
de Leyva pleito alguno contenido no
se sigue en este Libro que de que pido
a que me remito en fe de ello doy la presente
en Villa Rica 22 de Sept.
de 1797

Mz Rivera Escno

Pr. de Tuba

En veinte de Sept. de mil
cientos y quarenta y seis años
en la Villa Rica de Vera
cruz en casa y morada de Don
Luis Hoyos Sierra y Leyva
parezio presente Antonio de Leyva
en cuia virtud de dho poder
juramento en forma

Testo del Testamento con cui fa-
lleció Joseph de Rivera Vega.

En nombre de Santissima Trinidad Pa-
dre Hijo y Espiritu Santo tres personas
distintas y un solo Dios verdadero
que vive y reina por todos los siglos
de los siglos: Sepan quantos esta Carta
de Testamento vieren como Nos don
Nicolas de Rivera y Vega Vecino de
esta Ciudad de Santa Fe Corregidor de
Justicia Mayor y Capitan a Guerra
de ella y Teniente de Governador
por el Señor Don Joseph de Ortuño
y Arregui Governador y Capitan
General de estas Provincias del Rio
de la Plata por su Magestad que
Dios guarde por ausencia del Señor
Don Bruno Mauricio de Zavala
Governador y Capitan General
de estas Provincias del Rio de la
Plata por su Magestad que Dios
guarde por ausencia del Señor Don
Joseph de Andonaegui Governador
y Capitan General de estas Provin-
cias del Rio de la Plata por su Ma-
gestad que Dios guarde por ausencia
del Señor Don Domingo Ortiz de
Rosas Governador y Capitan Ge-
neral de estas Provincias del Rio de
la

P.º de pubLam

A

Joyunte e sete dias do mes de Fevereyro de mil e setecentos e quarenta e sete annos nesta Villa Cidade de Vosa Alteza em Estado de Villa da Audiencia publica que aos Reys e seus Juizes e Cazas de Cidade e mais e Juizes nesta Villa estava Cazendo o Douto Juiz do Civel Luis Mendes Freyre e sendo ahy por elle dito Juiz foi mandado fazer este despacho Vsto que se mandou fazer com o de fol. e goarde se como nelle se contem e declara e despacho e este he termo que eu Manoel Rodrigues Franco Escrivão do Civel o escrevy

P.º de ajuntada

Aos vinte e coyo dias do mes de Fevereyro de mil e setecentos e quarenta e sete annos nesta Villa Cidade de Vosa Alteza e Villa da Ascunção termo e meya de moradas de cazas de torno de mim Escrivão adiante nomeado e sendo ahy ajuntey aos autos ocupada do testamento que adiante se segue de que para constar fiz este termo que eu Manoel Rodrigues Franco Escrivão do Civel o escrevy

Do primeiro de Janeiro se selebra
a Circumcizão de Jesu Christo Deve
ão Dom Promotor Sinco outa
vas de Comprimento Deve ao Sa-
bado Vespora Simão de Salamanca duas outa
vas e quatro Deve mais ao Domingo
Reis Nolaque duas outavas e
meia e quatro vintens de ouro
Deve mais a Domingo Carvalho
duas outavas e meia e quatro vin
tens de ouro Deve mais ao
Recebedor duas outavas e meia
de ouro Deve mais Roque Simão de May ca
se de Tavenda Esmaou tres outa
vas e meia de ouro Deve mais ao Domingo
Dias Velejo do Padre Faria quatro
outavas e de ouro Deve mais ao Se-
nhor Reis quatro vintens de ouro
Deve ao Domingos que tem
vendas na Ribeira de Cima
Conceição Dias de Cintra ou de Em-
bu fazendas que se Comprou
duas outavas e meia Deve Simão
Pinto Velejo quatro vintens Deve ao Se-
nhor Reis Velejo Nonato de Sá Cas-
tro quatro vintens Deve mais a Ma-
noel Gonçalves Vendeiro de Sa-
ja duas outavas e meia de ouro De-
vem os Reis ao Tenente Velejo
Tenente Esmaou e que por
nesimpay ou que empresta
Esmaou tavas Deve ao Antonio
de Alque por se fazer Roma nes
peca Conselho ou que Veras Esm
cendido que Deus guarde mos tem
Semana el Rey Esmaou ta
vas e meia de trezentos vintens de ou
ro Dizem Velejo Andre de Mas Fig
Santiago que se me tem Esta
nesmo da Loja a trezentos e
quatro Cadoas e quatro mil reis
e Sera Esta trezentos e Cinco
dez Velejo que Corre este anno de 1732 Espa-
ra o tempo que entrou Deve
ao Senhor que Deus de Gloria

Devo mais

Manoel da Costa Gontijo

ditto Gontijo

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=1174

gerar pdf da FICHADESCRITIVA

CASA DOS CONTOS	
NOTAÇÃO	CC - CX. 135 - 21145
LOCAL	VILA RICA
DATAS-LIMITE	19/07/1747 - 19/07/1747
CAIXA	135
ROLO	540
CONTEÚDO	ATESTADO DE ANTÔNIO ALVARES DA CRUZ SOBRE A CONFIRMAÇÃO DA NOTIFICAÇÃO DE ANTÔNIO DE OLIVEIRA BRAGA EM VIRTUDE DO REQUERIMENTO DE LICENÇA PARA REALIZAÇÃO DA TAPAGEM.
DESCRITORES	ATESTADOS / LICENÇAS / REQUERIMENTOS / OBRAS /
ÍNDICE ONOMÁSTICO	ANTÔNIO ÁLVARES DA CRUZ ANTÔNIO DE OLIVEIRA BRAGA

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=493&op=1

visualizar ANEXO | visualizar IMAGENS | gerar pdf da FICHA+IMAGENS

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO	
TÍTULO	COLECÇÃO SUMARIA DAS PRIMEIRAS LEIS, CARTAS REGIAS, AVISOS E ORDENS QUE SE ACHAM NOS LIVROS DA SECRETARIA DO GOVERNO DESTA CAPITANIA DE MINAS GERAES, DEDUZIDAS POR ORDEM A TITULOS SEPARADOS
EDIÇÃO	IMPRENSA OFICIAL DE MINAS GERAIS
LOCAL DE PUBLICAÇÃO	BELO HORIZONTE
ANO / VOLUME	16
VOL./ NÚMERO / FASCÍCULO	1
PÁGINAS	331-474
DATA DE PUBLICAÇÃO	1911
MÊS	JAN./ JUN.

VOLUME nº: 1852

PERÍODO:

1743 a 1759

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHV-CQV9-77BG-L?view=fullText

Viagem

Por comissão do Exmo e Rmo S.r
Dom Fr. Joaõ da Cruz Bispo dosle
Bis.o de N.a de Sanr.a a Real este L.o
que hade servir p.a os assentos dos ca-
sos falecidos da fr.a douro pre-
ontumerar Subscrever Com meu Sello
Nome = Viegas = e nos sim hade levar V.a
de enserram.to segue-se este V.a que asiney
Q.a Rica 11 de Janr.o de 1743

Tomas Felix Nunes Viegas

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHV-VQV9-XS2N-H?view=fullText

1749

Dom.º Ao dezaseis dias do mez de Setembro de mil setecentos e quorenta e nove annos faleceo da vida presente com o Sacramento da Penitencia e crau. de N. Sñor. Domingos de Nação Congo e crauo de Jose da Cruz morador no Norte de Gamos, e está sepultado no Cemiterio desta Matriz de que fiz este acento.

O Vigr. Pedro Ferreira de Sá

Anna Ao trese dias do mez de Setembro de mil setecentos quorenta e nove annos faleceram da vida presente Maria, e Anna innocentes filhas de Isabel crauas de Antonio Monteyro morador na Rua de Sacho: e estam sepultadas nesta Matriz em Cova da Fabrica: de que fiz este acento

O Vigr. Pedro Ferreira de Sá

Mariana Ao vinte sinco dias do mez de Setembro de mil setecentos quorenta e nove annos faleceo da vida presente Mariana innocente filha de Rita crauda de Joaõ Monteyro de Mattos morador no Norte do Senhor de Bom=fim: e está sepultada em Cova da Fabrica de que fiz este acento

O Vigr. Pedro Ferreira de Sá

Mel

Ao vinte sinco dias do mez de Setembro de mil setecentos quorenta e nove annos faleceo da vida presente Manoel innocente filho de Luiza crauda de Manoel da Costa Gontigio: e está sepultado nesta Matriz de que fiz este acento

O Vigr. Pedro Ferreira de Sá

Leonor

Ao vinte dias do mez de Setembro de mil setecentos quorenta e nove annos faleceo da vida presente com o Sacramento da Penitencia e Extrema Unção Leonor de Nação Mina crauda de Thomas Dias dá Motta morador na Ladeyra da ponte do Ouro preto: e está sepultada no Cemiterio desta Freguezia de que fiz este acento

O Vigr. Pedro Ferreira de Sá

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHV-CQV9-77B5-Q?view=fullText

Matriz de Nossa Senhora do Pillar <> Certidão de Óbito, em Villa Rica, de Manoel, escravo de Manoel da Costa Gontigio

Aos vinte seis dias do mez deSetembro de mil settecentos quarenta, e nove annos faleceo da vida prezente Manoel Ignocente filho de Luzia escrava de Manoel daCosta Gontigio : eestá sepultado nesta Matriz deque fis este acento

*O Vig^ro^* (Vigario) *Pedro Leam de Sá*

VOLUME nº: 1853

PERÍODO:

1759 a 1792

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHV-CQV9-7WSW-8?view=fullText

Ita Liv.

Ea da Serui para o Cartorio dos Orfaons que Saluerem na Freg.ª de N.ª Snr.ª do Pillar do ouro Preto da V.ª Rica, o qual todo vay numerado, e Rubricado com a minha Rubrica que he / Correa / alem disto Sera Sem ferrão de encerramento, e para que em tempo algum se possa alleguar Sella de inteira fé, e Verdade. Ha interessante minha cultura dada ordinaria e Secreto judicial que Sempre foi este que assigney. Marianna 2.ª de Julho de 1750 =

Ignacio Correa Lobo

1765

Jozé

Aos vinte e sete dias do mez de Dezembro de mil e sete centos, e secenta, e hum annos, fallecêo da vida presente Manoel Xavier, morador no morro do Ramos. Foi sepultado no Cemiterio de que fiz este assento. O Cod.or Joaõ Carv.o da Roza

Marcelino

Aos vinte, outo dias do mez de Dezembro de mil e sete centos e secenta, e hum annos, fallecêo da vida presente Marcelino parvalo, filho da defuncta Roza da, escrava de Antonio da Costa morador no Rosario. Foi sepultado dentro da Igreja, de que fiz este assento. O Cod.or Joaõ Carv.o da Roza

Janr.o de 1766 1767

Aos vinte e tres dias do mez de Janeiro de mil e sete centos e secenta, e quatro, fallecêo da vida presente confessado, e Sequem aqui o Cemiterio do Rosario Ungido Joaquim, escravo de Joaquim Ramos dos Reys preto Velho, morador no mesmo lugar. Foi sepultado na Capella do Rosario por ser de Irmaõ, de que fiz este assento

O Cod.or Joaõ Carv.o da Roza

Aut.o

Aos dezasete dias do mez de Outubro de mil e sete centos, e secenta, e quatro, fallecêo da vida presente confessado e Ungido Antonio escravo de Agostinho Gomes, morador no Mato dentro. Foi sepultado na Capella do Rosario, por ser Irmaõ, de que fiz este assento.

O Cod.or Joaõ Carv.o da Roza

Jozé

Aos vinte dias do mez de Novembro de mil e sete centos e secenta, e quatro, fallecêo da vida presente Confessado, e Ungido Jozé escravo de Manoel dos Santos Alves, morador na Roça Limpa. Foi sepultado na Capella do Rosario por ser Irmaõ, de que fiz este assento.

O Cod.or Joaõ Carv.o da Roza

Aut.o

Aos vinte dias do mez de Fevereiro de mil e sete centos e secenta, e hum annos fallecêo da vida presente, Confessado, e Ungido Antonio escravo de Manoel da Costa Centeno, morador junto ao mesmo. Foi sepultado na Capella do Rosario por ser Irmaõ de que fiz este assento.

O Cod.or Joaõ Carv.o da Roza

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHV-CQV9-7WSH-2?view=fullText

Matriz de Nossa Senhora do Pillar <> Certidão de Óbito, em Villa Rica, de Antonio, escravo de Manoel da Costa Contijo

Aos vinte dias do mez de Fevereiro de mil, e ſete centos e secenta, e cinco falleceo da vida prezente, confessado, e ungido Antonio escravo de Manoel da Costa Contijo, morador junto aponte. Foi sepultado na Capella do Rozario por ser Irmaõ deque fis este aſsento

oCoad^{or} (oCoadjuctor) *Joaõ Car^{v}* (Carvalho) *da Roza*

gerar pdf da FICHADESCRITIVA

CASA DOS CONTOS

NOTAÇÃO	CC - CX. 143 - 21311
LOCAL	S/L
DATAS-LIMITE	07/05/1750 - 07/05/1750
CAIXA	143
ROLO	543
CONTEÚDO	REQUERIMENTO DE MANOEL DA COSTA GONTIJO SOBRE A CONCESSÃO DE LISTA.
NOTA	CONSTA DESPACHO DATADO 07/05/1750 EM VILA RICA.
DESCRITORES	REQUERIMENTOS /
ÍNDICE ONOMÁSTICO	MANUEL DA COSTA GONTIJO

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtbusca/index.php?action=results&query=manoel+da+costa+gontijo

APM: Av. João Pinheiro 372, Funcionários - 30130-180 | Belo Horizonte, MG - Brasil | Telefax: (31)3269-1060 / (31)3269-1167

BERTHOLDO *ArquivoBr: Software especializado em gestão de acervos.* ARQUIVOBR

RESULTADO de PESQUISA

confira abaixo o resultado de sua busca

Palavra-Chave: manoel da costa montijo

Os documentos:



Sua pesquisa não encontrou nenhum documento correspondente.

SUGESTÕES:

Certifique-se de que todas as palavras estejam escritas corretamente.

Tente palavras-chave diferentes.

Tente palavras-chave mais genéricas.

O que são instrumentos de pesquisa?

Saiba como utilizar a busca avançada?

O que é uma coleção?

O que é um fundo?

PESQUISAR POR ÁREA

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtbusca/index.php?action=results&query=manoel+da+costa+montijo

Termos no último mês:

1.
2. minas
3. antonio

APM: Av. João Pinheiro 372, Funcionários - 30130-180 | Belo Horizonte, MG - Brasil | Telefax: (31)3269-1060 / (31)3269-1167

BERTHOLDO *ArquivoBr: Software especializado em gestão de acervos.* ARQUIVOBR

Arquivo Público Mineiro

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

O **Arquivo Público Mineiro** foi criado pela Lei Mineira n. 126, de 11 de julho de 1895 durante a gestão do Presidente do Estado Chrispim Jacques Bias Fortes que a sancionou com o *referendum* do Secretário dos Negócios do Interior Henrique Augusto de Oliveira Diniz, a cuja secretaria ficou vinculado o órgão. O seu acervo serviu de base para a posterior criação do Museu Mineiro.[1][2]

Índice

- Histórico
- Ver também
- Referências
- Ligações externas

Histórico

A lei de criação do "Arquivo" resultou de projeto do então deputado estadual, mais tarde senador estadual, Levindo Lopes, na sessão de 24 de junho de 1894 da Câmara dos Deputados do Congresso Mineiro. Por emenda apresentada pelo senador estadual João Gomes Rebello Horta constou da lei que a cidade de Ouro Preto seria a sede da repartição.

O primeiro artigo da Lei era do seguinte teor, na grafia original:

> *Art. 1º. Fica creada em Ouro Preto uma repartição denominada "Archivo Publico Mineiro" destinada a receber e a conservar debaixo de classificação systematica todos os documentos concernentes ao direito publico, à legislação, à administração, à história e geografia, às manifestações do movimento scientifico, litterario e artistico do Estado de Minas-Geraes.*

A mesma lei de criação estabelecia qua haveria uma revista periódica a ser editada na Imprensa Oficial do Estado. O primeiro quadro de servidores era composto de oito funcionários: Diretor, Secretário-arquivista, dois oficiais sub-arquivistas, dois amanuenses, um porteiro e um contínuo.

O primeiro regulamento do Arquivo Público Mineiro foi o que constou do Decreto n. 860, de 19 de setembro de 1895 e dentre outras disposições determinava que o órgão tivesse sob sua guarda os originais da "Constituição Política do Estado", promulgada em 15 de junho de 1891 e os originais da Constituição publicada pelo governador do estado com o decreto de 31 de outubro de 1890 que convocou o primeiro Congresso de Minas Gerais; o sumário ordenado pelo governador Assumar, em 1720, contra Filipe dos Santos e as devassas de 1789 e 1792 contra Tiradentes e os mais réus da Inconfidência Mineira.

O regulamento inicial previa também que nele houvesse um armário especial, que "ofereça a indispensável segurança, para servir de pequeno *Cimeliarchum* do estabelecimento", destinado à boa guarda e conservação de objetos de valor considerável, códices importantes, autógrafos preciosos e impressos de estimação excepcional pela sua raridade ou grande interesse bibliográfico.

Estava previsto ainda que a "Revista" do arquivo teria tiragem de 1000 exemplares e que teria aproximadamente duzentas páginas. No decreto de criação do Arquivo Público Mineiro estava prevista a criação de uma revista, o que foi feito por José Pedro Xavier da Veiga, primeiro diretor do Arquivo. O primeiro número foi publicado em 1896, organizado em quatro fascículos, nele se publicou muitas fontes primárias.

Xavier da Veiga contribuiu com vários artigos para a Revista do Arquivo como "A imprensa em Minas Gerais (1807-1897)", que inaugurou os estudos jornalísticos no estado, e "Minas Gerais e Rio de Janeiro (Questão de Limites)", que ajudou na solução do litígio existente sobre a fronteira entre os dois estados.



Fachada do Arquivo Público Mineiro

Esteve na direção do órgão até falecer e foi responsável pelos cinco primeiros números da revista, que depois ficaria a cargo do jornalista, político e historiador Augusto de Lima.

O Arquivo Público Mineiro é hoje uma autarquia estadual vinculada à Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.

Arquivo Público Mineiro



Tipo	biblioteca, arquivo
Designação do patrimônio	bem tombado pelo IEPHA
Geografia	
Coordenadas	19° 55' 41.9" S 43° 56' 15.1" O



Localização	Belo Horizonte
País	Brasil

[edite no Wikidata]

Ver também

- José Pedro Xavier da Veiga

Referências

1. «Arquivo Público Mineiro» (http://www.belohorizonte.mg.gov.br/local/atrativo-turistico/artistico-cultural/arquivo-publico-mineiro). Prefeitura de Belo Horizonte. Consultado em 14 de Fevereiro de 2019. Cópia arquivada em 14 de Fevereiro de 2019 (http://archive.is/djkHE)
2. «Edifício do Arquivo Público Mineiro» (http://www.iepha.mg.gov.br/%20index.php?option=com_content&view=article&id=46). Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. 5 de junho de 2017. Cópia arquivada em 21 de agosto de 2019 (http://web.archive.org/web/20190821184109/http://www.iepha.mg.gov.br/%20index.php?option=com_content&view=article&id=46)

Ligações externas

- Sítio oficial do Arquivo Público Mineiro (http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arquivo_Público_Mineiro&oldid=56394969"

Esta página foi editada pela última vez às 16h26min de 4 de outubro de 2019.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Compartilhalgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

Elma Amaral da Silva

Núcleo de Acesso à Informação e Pesquisa

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO

(31) 3663-3751 | (31) 3663-3767

referencia.apm@secult.mg.gov.br

Av. João Pinheiro, 372, Lourdes, Belo Horizonte/MG

Trabalhando para transformar Minas no melhor lugar para viver e investir.

MINAS GERAIS
GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

ONDE TEM GESTÃO, TEM REALIZAÇÃO

Conde[illegible] q.e pede na forma
da Lei lhe mande passar Carta
Rio de Janr.o de 7.bro
de 1750

Diz Manoel da Costa q.e elle supp.e he Sol.r e
sujeito de sua morada de Caza na Rua direita desta Cid.e
Carece dar querella p.a q.e Carece de Juiz de Crime
na forma Custumada

Consedemos alis[a] *(a lista) que pede na forma .....*

V[a] (Villa) *Rica .... 7 de Mayo de 1750*

(Cinco Assinaturas)

Dis Manoel da Costa Gontijo que ele supp[te] (suplicante) *he S*[r] (Senhor) *e possuidor de hua morada de cazas na ... perto de huma... deste...na forma Cuztumada*

Pa (Para) *.... fazam... consedana.... na forma ditta* (Assinatura)

QUATRO FOLES PARA CASA DE FUNDIÇÃO

Talvez o último registro de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai), em Ouro Preto seja o feitio de 2 pares de foles para a Casa de Fundição 1751 Vila Rica.

A partir de 1720 foi proibida a circulação de ouro em pó. Todo ouro deveria ser fundido, cobrado o quinto, e moldado em lingotes com especificações técnicas:

a) Brasão de Portugal ou da Casa de Fundição
b) Número do Lingote
c) Ano ou Data de Fundição
d) Iniciais do gravador
e) Composição (Toque) ou Pureza em Quilates
f) Peso em Onças, Oitavas e Grãos

Casa de Fundição de Vila Rica de Ouro Preto foi criada em 1725, extinta em 1736, foi restabelecida em 1751 e definitivamente abolida em 1803.

Foi exatamente neste restabelecimento da Casa de Fundição que MANOEL DA COSTA GONTIJO forneceu os foles.

O documento está sob custódia do Museu da Casa dos Contos, em Ouro Preto, na LATA 162, 2º Pacote.

Casa de Fundição de Vila Rica



Prédio da Casa de Fundição de Vila Rica de Ouro Preto
A mais importante de todas, pela sua produção e pela sua influência na administração das minas. Criada em 1725, extinta em 1736, foi restabelecida em 1751 e definitivamente abolida em 1803.

Inicialmente, foi alojada junto com a Casa da Moeda de Minas em um prédio edificado especialmente para elas. Nessa construção trabalhou Manuel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho (esse edifício desabou em 1739, e em seu lugar se construiu o Palácio dos Governadores.

Seu derradeiro endereço foi a célebre Casa dos Contos de Ouro Preto, hoje sede do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento.

Exemplo de Fole Antigo



Exemplo de Fole Antigo



Exemplo de Fole Antigo



Exemplo de Fole Antigo



Exemplo de Fole Antigo



Exemplo de Fundição Antiga



Representação do trabalho na Casa de Fundição de Ouro Preto



Instrumentos para Fundição do Ouro



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
ARQUIVO NACIONAL

DIRETOR: PEDRO MONIZ DE ARAGÃO

A COLEÇÃO DA CASA DOS CONTOS DE OURO PRÊTO

(Documentos avulsos)

Por

HERCULANO GOMES MATHIAS

SÓCIO EFETIVO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO
1966

Digitized by Google

F
2651
.09
M43



OURO PRÊTO — Casa dos Contos

Aquarela de Norfini

Digitized by Google

Cobrança do contrato de Manuel Teixeira Queiroga — 1796/1797
Petição — autógrafa — de João de Sousa Lisboa — 1748
Lista de Ofícios de tôda a Capitania — 1815
Lista do 3º ano do contrato de dízimos de que é Caixa o Cel. João de Sousa Lisboa
Despesa de cavalos — 1748 — com 33 cavalos levados ao Rio de Janeiro, para condução do Real Quinto.
Fôlhas — Vila Rica — 1799
Mestre Ferrador — José Ferreira da Silva — 1749
Aluguel de Cavalos — 1749 — destinados à condução do Real Quinto
Mestre Carpinteiro Antônio Moreira Duarte — caixões do ouro que foi para o Rio de Janeiro — 1749
Mestre Ferreiro Manuel João Pereira — Obras no Palácio de Vila Rica — 1785
Recibos do naturalista Joaquim Veloso Miranda — Vila Rica — Fevereiro de 1789
Manuel João Pereira — Obras no Palácio de Vila Rica — Março de 1789
Balanço da Receita e Despesa dos Rendimentos Nacionais da Província de Minas Gerais — 1º semestre de 1828.

LATA N. 162 — 1º pacote:

Pagamentos das fôlhas de 1801 — Recibos
Diário dos Direitos de Entradas — Outubro de 1822
Idem, do Subsídio Voluntário — Janeiro de 1822
Compra de cavalos — 1763 — Vila Rica
Fôlha civil do ano de 1774
Balanço da Receita e Despesa dos Rendimentos Reais da Capitania de Minas Gerais — no ano de 1792
Despesas com fornecimento de milho e capim — 1769
Rendimento do Real Quinto no ano de 1792 — abrange Escovilhas e Subsídio Voluntário
Receita e Despesa dos Diamantes — 1792
Despesa feita pelos Tesoureiros Menores da Real Fazenda — 1791
Serventia do ofício de Escrivão do Sêrro Frio — 1751
Recibos de pagamentos a militares — 1797
Vigário Domingos Luís da Silva — 1728 — da Igreja Matriz de N. S. da Conceição das Catas Altas — cobrando duzentos mil réis que se lhe devem
Eusébio da Costa Ataíde — obras e consertos do Palácio — 1801 — Vila Rica
Oficial de Pedreiro Domingos Ferreira da Costa — Consertos no quartel Militar de Cachoeira — 1801

Digitized by Google

Condução dos Reais Quintos para o Rio de Janeiro — 1762
Cobrança de côngruas — 1761
Fôlha militar de 1789/1790 — assinaturas do Visconde de Barbacena
Passagens dos rios Jequitinhonha e Arassuaí — 1791 — Direitos
Rendimento de Ofícios — Vila do Príncipe — 1774
Fornecimentos às tropas — 1784
Cobrança de Impostos — 1745
Carta de Inquirição — Vila Rica — 1790
Fôlhas — 1816
Pagamentos — Vila do Príncipe — 1773

2º pacote

Extrato dos devedores à Casa de João Rodrigues de Macedo — 1792
Venda de cavalo — 1762
Domingos José Marques dos Reis — encadernação: 4 livros caixa e 2 de pergaminho — 1751
Manuel da Costa Gontijo — feitio de 2 pares de foles para a Casa de Fundição — 1751 — Vila Rica
Ordenados de 1751 — Vila Rica
Letras da «Assistência» à Extração de Diamantes no Tijuco — 1778 — assinatura de José da Silva e Oliveira
Procurações — 1860
Relação de escravos — 1880 — Paracatu
Idem, de outros municípios — 1881
Caderno para assento diário do Rendimento do Real Quinto produzido na Casa de Fundição do Sêrro Frio na Vila do Príncipe — 1783
Idem, do Rendimento do Real Quinto no ano de 1785
Guias de Remessa de dinheiro que vai para o Juizo da Provedoria de Ausentes da Comarca de Ouro Prêto para o Tribunal da Junta da Fazenda Pública desta Província — 1828
Fornecimento ao quartel da Cachoeira do Campo. — 1746
Mestre Carpinteiro Antônio de Oliveira Ramos — caixões para condução dos livros que foram da casa de Fundição para o Rio de Janeiro — Vila Rica — 1741
Ajuda de custo e ordenado do Dr Mateus Franco Pereira — Intendente de Sabará — 1741
Procuração passada ao dr. Cláudio Manuel da Costa — Mariana — 9 de set. 1759
Oficial de Pintor — José Gervázio de Sousa — acompanhou o naturalista Joaquim Veloso de Miranda na «ocupação da pintura dos produtos naturais desta Capitania» — de 11 de agôsto de 1791 a 27 de julho de 1792
Fôlhas de 1795 e de 1792

Digitized by Google

Produção de Ouro por Comarca de MG, em 1867



Mapa do Producto em Ouro em 1867 das quatro Comarcas da Minas Geraes [illegible]

Comarcas	Quintos							Rendimento
	20ª	10ª	5ª	2ª	1ª	½		
Villa Rica	15	4	0	2	0	0		1:833$000
Sabará	6	52	2	0	22	1		1:333$468
Rio das Mortes	6	34	7	2	0	0		3:613$970
Serro do Frio	0	19	3	3	65	1		1:503$532
Total	27	11	7	7	38	2		7:283$970
Minas Novas		7	2	3	7	1		~~~~~

Em 1º de Janeiro imperial de 1868 sahio o Quinto de 1867 [illegible]

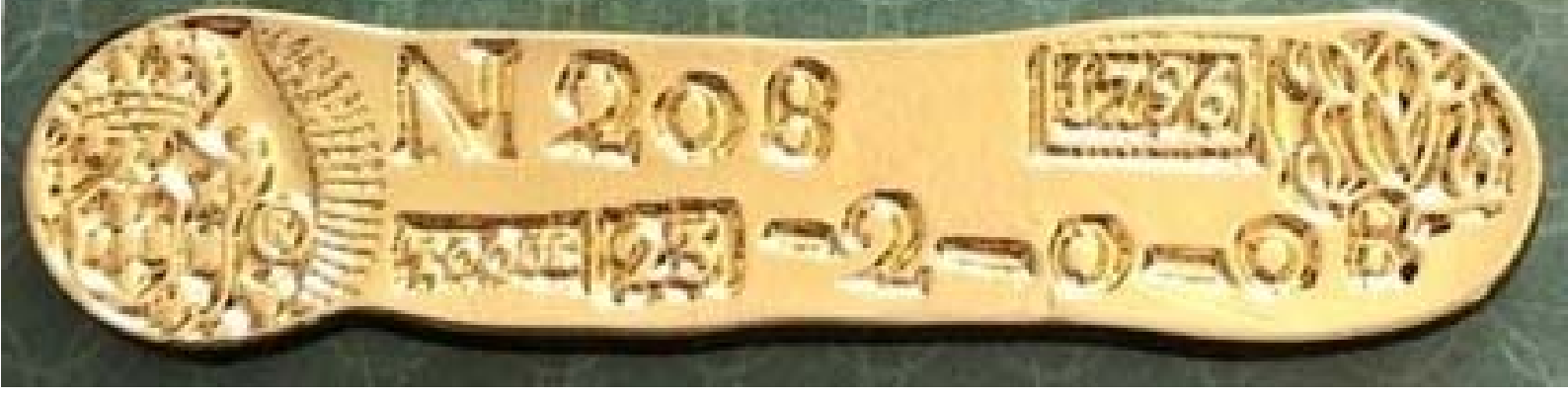
N. 126 O Intendente, e Fiſcal da Caſa da Fundiçaõ de Villa Rica abaixo aſſinados: Fazemos a ſaber, que Joze da Costa Pinto neta da V.ª Tal. fez Of.ª Bor.ª Mano meteo neſta Caſa da Fundiçaõ ——— marco Seis onça quatro oitava, e ——— grão de ouro, de que ſe tirou de quinto para a fazenda Real ——— marco Huma onça duas oitava e 18 grão $\frac{3}{5}$ de ouro; e o mais ſe fundio, e delle ſe fez huma barra, que pezou ——— marco Cinco onça quatro oitava, e 18 grão de ouro de vinte e Dez quilates ——— grão e Poque por enſayo, que nelle ſe fez, e ſe lhe entregou com eſta Certidaõ aſſinada por nós em Villa Rica a 5 de Agosto de 1763 de 1756.

MUSEU DO DINHEIRO

BANCO DE PORTUGAL

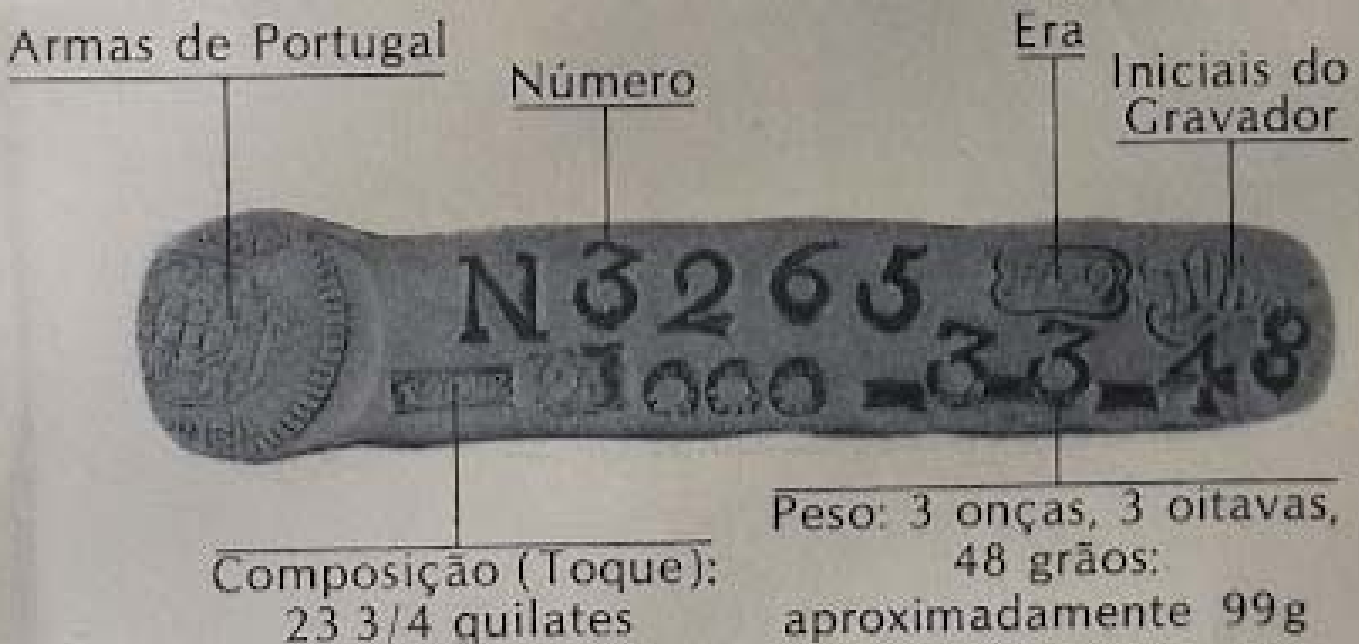
Barrinha de Vila Rica

RÉPLICA



REPRODUÇÃO DE BARRA DE OURO DA CASA DE FUNDIÇÃO DE VILA RICA

A circulação do ouro em pó foi proibida em 1720, criando-se as Casas de Fundição onde o ouro era transformado em pequenos lingotes após retirada a parte correspondente ao imposto devido a Portugal.
Estas barras circulavam como moeda, acompanhadas de um certificado que comprovava sua legitimidade.



Dimensões Reais da Barra
Comprimento: 92mm
Largura: 19mm
Espessura: 2,5mm
Acervo do Museu de Valores

Dimensões da Medalha
Comprimento: 97mm
Largura: 36mm
Espessura: 4mm
Composição: Prata 900

A Gold Bar Real
Dimensions
Lenght: 92mm (3 5/8")
Width: 19mm (3/4")
Thickness: 2,5mm (3/32")
Museu de Valores Collection

A Silver Medal
Dimensions
Lenght: 97mm (3 13/16")
Width: 36mm (1 7/16")
Thickness: 4mm (5/32")
Composition: Silver 900

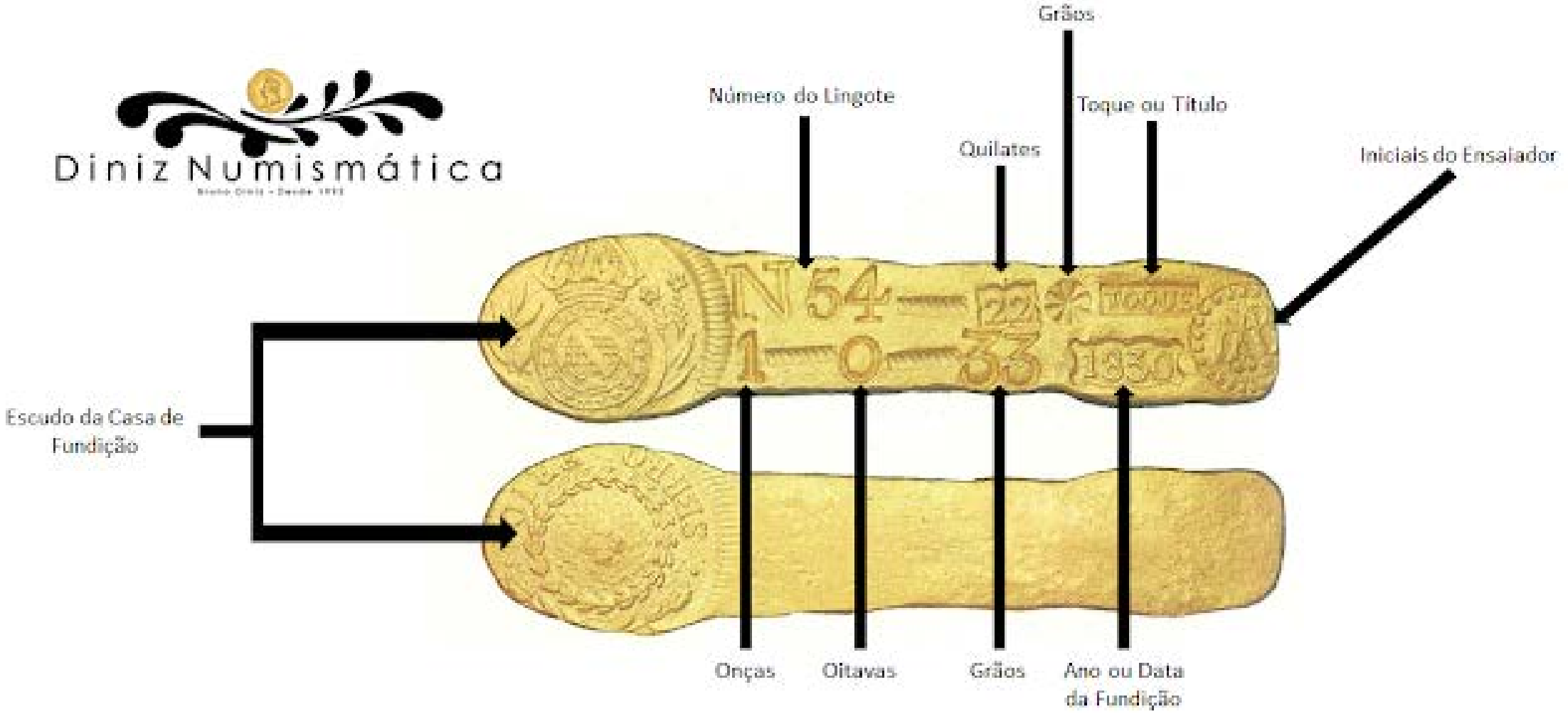

Portugal's coat of arms
Nº
Engraver's trademark
Date
N3265
1799
TOQUE 23000 -3-3-48
Composition (Touchstone):
23 3/4 Carats
Weight: 3 ounces, 3 eighths of an
ounce and 48 grains:
approximately 99 grams.
N3265
1799
TOQUE 23000 -3-3-48


BANCO CENTRAL DO BRASIL
Reprodução de barra de ouro da
Casa de Fundição de Vila Rica.


N 3265
toqu 23


Número 3711
Ano 1809
N3711
1809
AP
23
Escudo Sabará, itálico, sem ponto, utilizado entre 1808 e 1814.
Toque correspondente a 23 quilates e 3 grãos.
AP - Iniciais do ensaiador.
Peso 2 onças, zero oitavas e 12 grãos.
2012

Diniz Numismática



Barra de Ouro
da Casa de Fundição do Serro (1809)



José da Costa de Oliveira, sogro de Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), era o proprietário da Fazenda dos Macacos, Queluz (Conselheiro Lafaiete), onde nasceram seus quatro primeiros filhos, entre eles, Capitão Manoel da Costa Gontijo (Filho ou II). Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), residiu lá com a família de 1756 a 1763.

Fazenda dos Macacos

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

A **Fazenda dos Macacos** foi uma importante residência de figuras importantes da época do Brasil Colônia como de Conselheiro Lafayette e devido a isso e também por sua arquitetura colonial foi tombada pelo patrimônio histórico, chegou a abrigar um restaurante que atraia muita gente a fim de conhecer um pouca da sua história e ainda poder saborear os diversos pratos da culinária mineira, atualmente se encontra abandonada.

Fazenda dos Macacos

História	
Período de construção	Meados do século XVIII
Status	Tombada pelo patrimônio histórico
Uso	Residência de famílias coloniais Restaurante Abandonada (Atualmente)
Localização	
Localização	Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, Brasil
Endereço	Conselheiro Lafaiete Brasil

Índice

História
- Relatos do Imperador
- Nome
- Importância

Tombamento

Localização

Notas e referências

Ligações externas

História

Em meados do século XVIII, na disposição de permanecer em Minas Gerais, confiante que a lavoura representava na rica região, José Costa de Oliveira (avô do futuro Barão de Pouso Alegre), adquire vens de raiz como Capitão Felisberto da Costa Pereira, dentre seus nove filhos herdou a Fazenda dos Macacos, e de sua união com Clara Freitas de Azevedo, tiveram dois filhos.

Relatos do Imperador

Quando Dom Pedro II, esteve em Queluz, para inaugurar a estação Buarque de Macedo, parou na Fazenda dos Macacos para descansar e ali provou as saborosíssimas jabuticabas do pomar, ainda hoje existentes. Em seu diário o Imperador relata "Descansei um pouco conversando com a família de Washington, filho do Coronel Pereira. Conversei com a mulher de Washington Pereira, filha do Luiz Antônio Barbosa...". Na época, Lafayette era Ministro da Justiça e por esse motivo não pode estar em Queluz na datada vinda do Imperador D.Pedro que com certeza "se encantou com a grande mesa de jantar, com a toalha de linho puro coberta de doces e queijos, feitos na fazenda", como nos aponta D.Maria Lafayette de Andrada Ibrahim em seu livro "O que Mamãe me Contou".

Nome

A origem do nome da fazenda ainda é um mistério mas várias versões são apontadas como a real; uma justificativa para o nome seria a presença de muitos macacos atraídos pelas grande quantidade de árvores frutíferas existentes na fazenda (só de Jabuticaba são 215 pés e todos produzem).

Importância

Por toda a sua história, acontecimentos, curiosidades, figuras ilustres da história do Brasil e também por sua beleza arquitetônica é que se faz merecer preservar tão importante fazenda colonial, característica do Brasil Império, período onde escravos e famílias aristocráticas tradicionalistas de Minas Gerais estiveram presentes.

Tombamento

O tombamento da Fazenda dos Macacos deu-se em 1977, pois além de ser uma fazenda centenária contendo uma vasta e riquíssima história, a família que ali viveu, foi de grande influência política na região, além de Lafayette R.Pereira, de grande importância para o Brasil Império.

Localização

A fazenda já pertenceu ao município de Cristiano Otoni, quando os limites entre este e o município de Conselheiro Lafaiete ainda não eram bem definidos. Isso gerou uma série de conflitos judiciais pelo território juntamente com a fazenda. No fim com base em dados históricos, definiu se os exatos limites entre as duas cidades e hoje, situa-se dentro dos limites de Conselheiro Lafaiete, as margens da BR-040 na altura do km 648.

Notas e referências

«Caça ao tesouro - Tesouro» (https://web.archive.org/web/20090205091530/http://cacaaotesouro.com.br/admin?comando=TESOURO_DETALHE&codigo=3). Consultado em 14 de dezembro de 2008. Arquivado do original (http://www.cacaaotesouro.com.br/admin?comando=TESOURO_DETALHE&codigo=3) em 5 de fevereiro de 2009

Ligações externas

- Vilas e fazendas (http://www.villasefazendas.com.br/index.php) (em português)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fazenda_dos_Macacos&oldid=58198900"

Esta página foi editada pela última vez às 03h51min de 6 de maio de 2020.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

Conselheiro Lafaiete – Fazenda dos Macacos



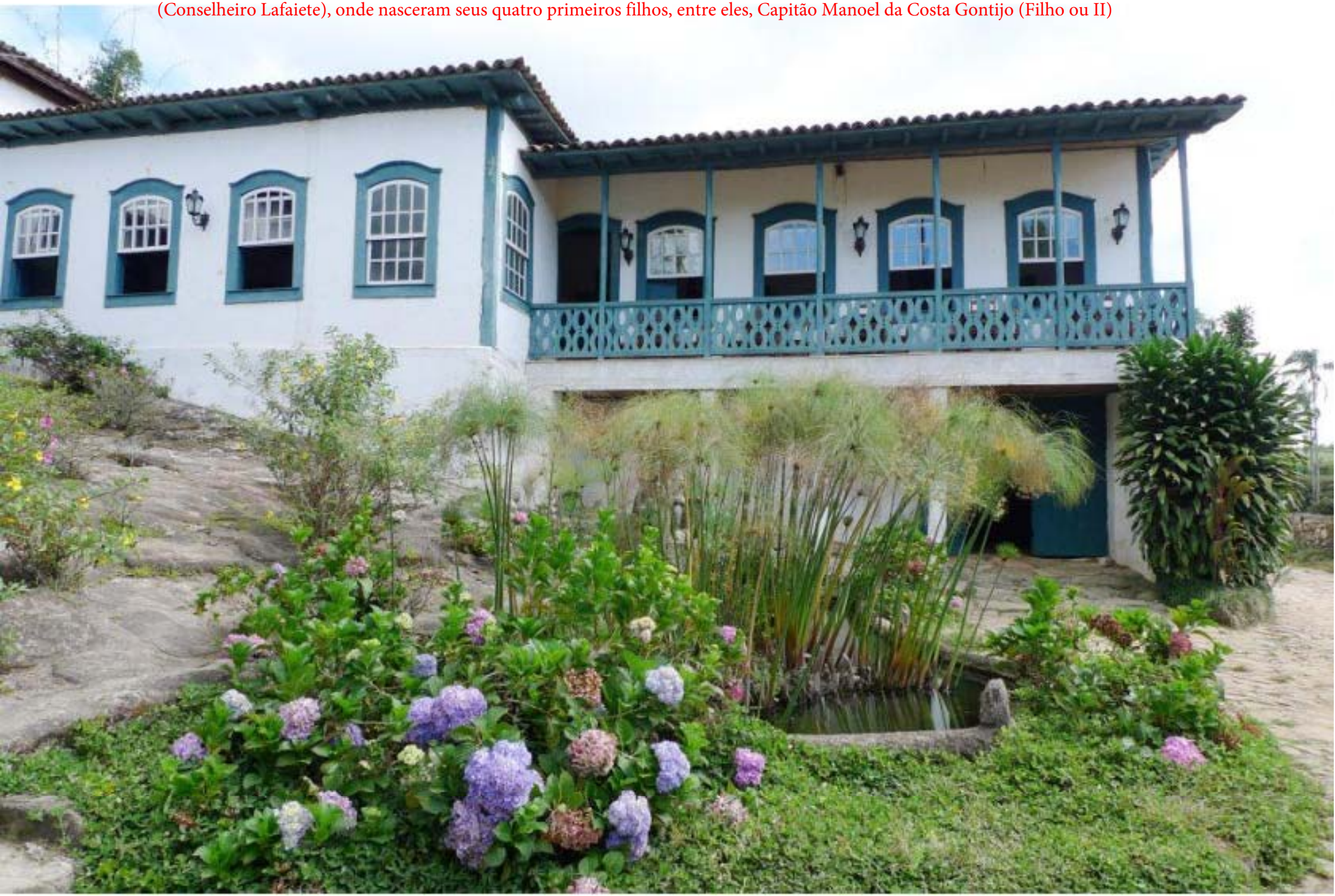
Imagem: Prefeitura Municipal

A Fazenda dos Macacos, em Conselheiro Lafaiete-MG, foi tombada por sua importância cultural.

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
Nome atribuído: Fazenda dos Macacos
Localização: Conselheiro Lafaiete-MG
Resolução de Tombamento: Decreto Nº 18.531, de 02 de junho de1977
Livro do Tombo Histórico, das Obras de Arte Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos
Descrição: A sede da fazenda dos Macacos foi construída por volta de 1748, por José da Costa Oliveira, avô do Barão de Pouso Alegre. Em sua sede nasceu e residiu o Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira, tendo sido também propriedade do Barão do Pouso Alegre – Antônio Rodrigues Pereira – chefe da Revolução Liberal de 1842.
Fonte: Iepha.
Descrição: A fazenda dos Macacos situa-se dentro dos limites de Conselheiro Lafaiete (antiga Queluz de Minas). Está distante quatro quilômetros da estação de Buarque de Macedo e doze quilômetros da sede do município de Conselheiro Lafaiete. De acordo com J. Rodrigues de Almeida, em meados do século XVIII, na disposição de permanecer em Minas Gerais, confiante que a lavoura representava na rica região, solidez, José da Costa de Oliveira (avô do futuro Barão de Pouso Alegre) adquire bens de raiz como escravos, lavouras, terras e entre esses bens, comprou a Fazenda dos Macacos.
A fazenda foi herdada pelo caçula de José da Costa de Oliveira, conhecido como Capitão Felisberto da Costa Pereira. Dentre seus nove filhos, herdou a Fazenda dos Macacos, Antônio Rodrigues Pereira (o barão de Pouso Alegre), que de sua união com Clara Ferreira de Azevedo, tiveram dois filhos, Washington Rodrigues Pereira (grande jurista e político da região (grande jurista e político brasileiro). Antônio Rodrigues Pereira lutou contra Caxias na Revolução de 1842, ocasião em que foi condecorado. O tombamento da Fazenda dos Macacos deu-se em 1977 pois, além de ser uma fazenda centenária contendo uma vasta e riquíssima história, a família que ali viveu, foi de grande influencia política na região e Lafayette Rodrigues Pereira, de grande importância para o Brasil Império.
Quando D. Pedro II esteve em Queluz para inaugurar a Estação de Buarque de Macedo, parou na Fazenda dos Macacos para descansar e ali provou as deliciosas jabuticabas do pomar, ainda existentes. Em seu diário o Imperador relata:
“Descansei um pouco conversando com a família de Washington, filho do Coronel Pereira. Conversei com a mulher de Washington Pereira, filha do juiz Antônio Barbosa…” (…). … “O barão era homem alto, de olhos claros, muito enérgico, educado e de boa saúde.”
A origem do nome “Fazenda dos Macacos” ainda é um mistério, mas várias versões são apontadas como a real; uma justificativa para o nome seria a presença de muitos macacos atraídos pelas frutas da Fazenda. Outra seria a grande quantidade de escravos presentes na fazenda, uma possibilidade é comentada pela escritora D. Mariana Maria (neta de Lafayette), onde os portugueses eram chamados pejorativamente de macacos pelos brasileiros.
Enfim, tentaram em vão mudar o nome da fazenda para Fazenda da Constituição, Fazenda Pouso Alegre, mas a tradicional Fazenda dos Macacos se manteve através dos tempos e permanece ainda hoje aguardando a real justificativa de seu nome.
Por toda a sua história, curiosidades, vultos importantes e também por sua beleza arquitetônica que se faz merecer preservar, tão importante fazenda colonial, característica do Brasil Império, período onde conviviam escravos e famílias aristocráticas de Minas Gerais.
Atualmente na Fazenda dos Macacos onde funciona o restaurante foi transferido o Memorial do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, que se encontrava no Centro Cultural Maria Andrada Resende. Com a fundação do restaurante, o local está aberto à visitação pública e os freqüentadores têm trânsito livre por todos os cômodos e por toda a verdejante área externa da Fazenda.
O imóvel foi tombado pelo Estado e pelo Município.
Fonte: Prefeitura Municipal.

José da Costa de Oliveira, sogro de Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), era o proprietário da Fazenda dos Macacos, Queluz (Conselheiro Lafaiete), onde nasceram seus quatro primeiros filhos, entre eles, Capitão Manoel da Costa Gontijo (Filho ou II). Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), residiu lá com a família de 1756 a 1763.

José da Costa de Oliveira, sogro de Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), era o proprietário da Fazenda dos Macacos, Queluz (Conselheiro Lafaiete), onde nasceram seus quatro primeiros filhos, entre eles, Capitão Manoel da Costa Gontijo (Filho ou II)

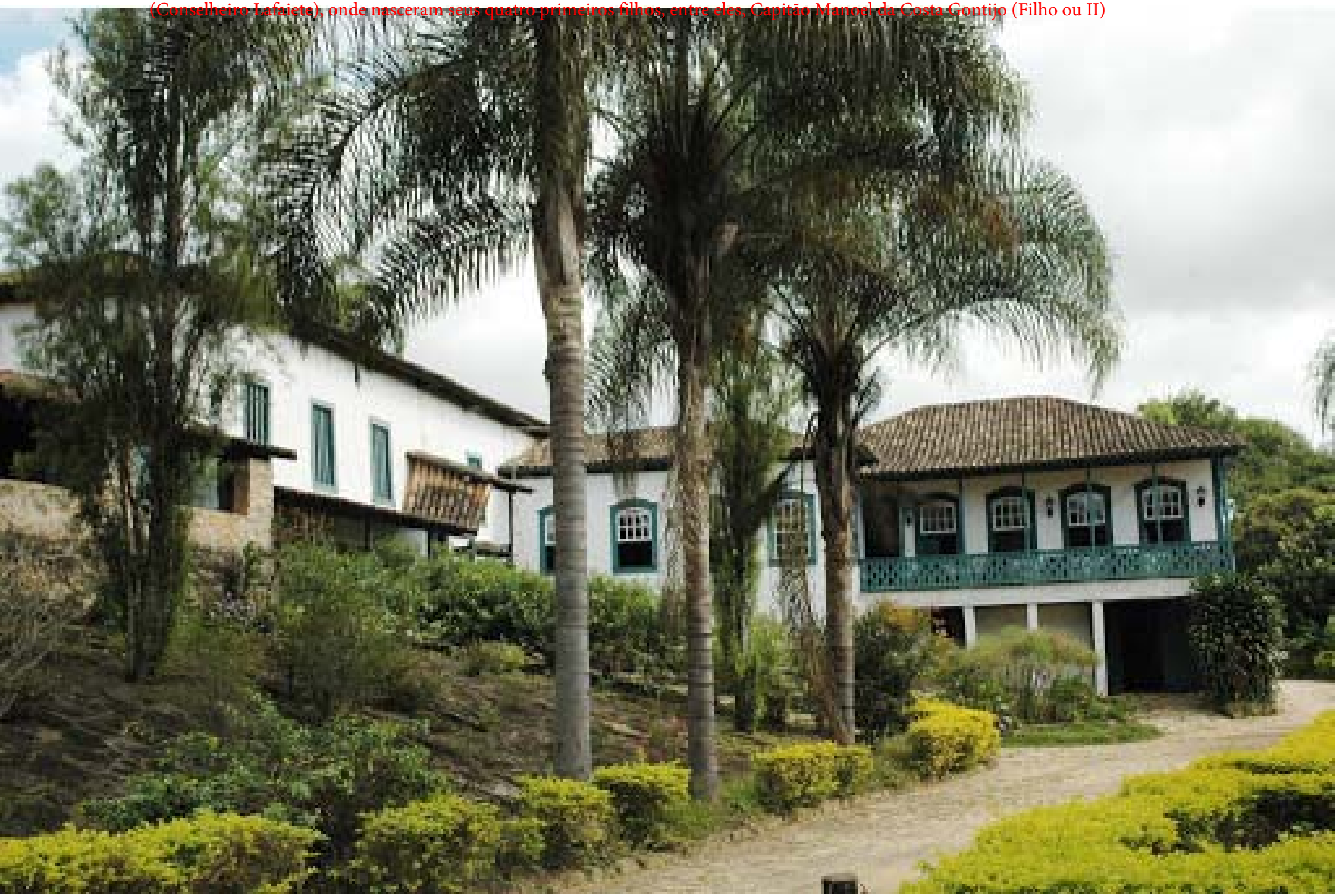


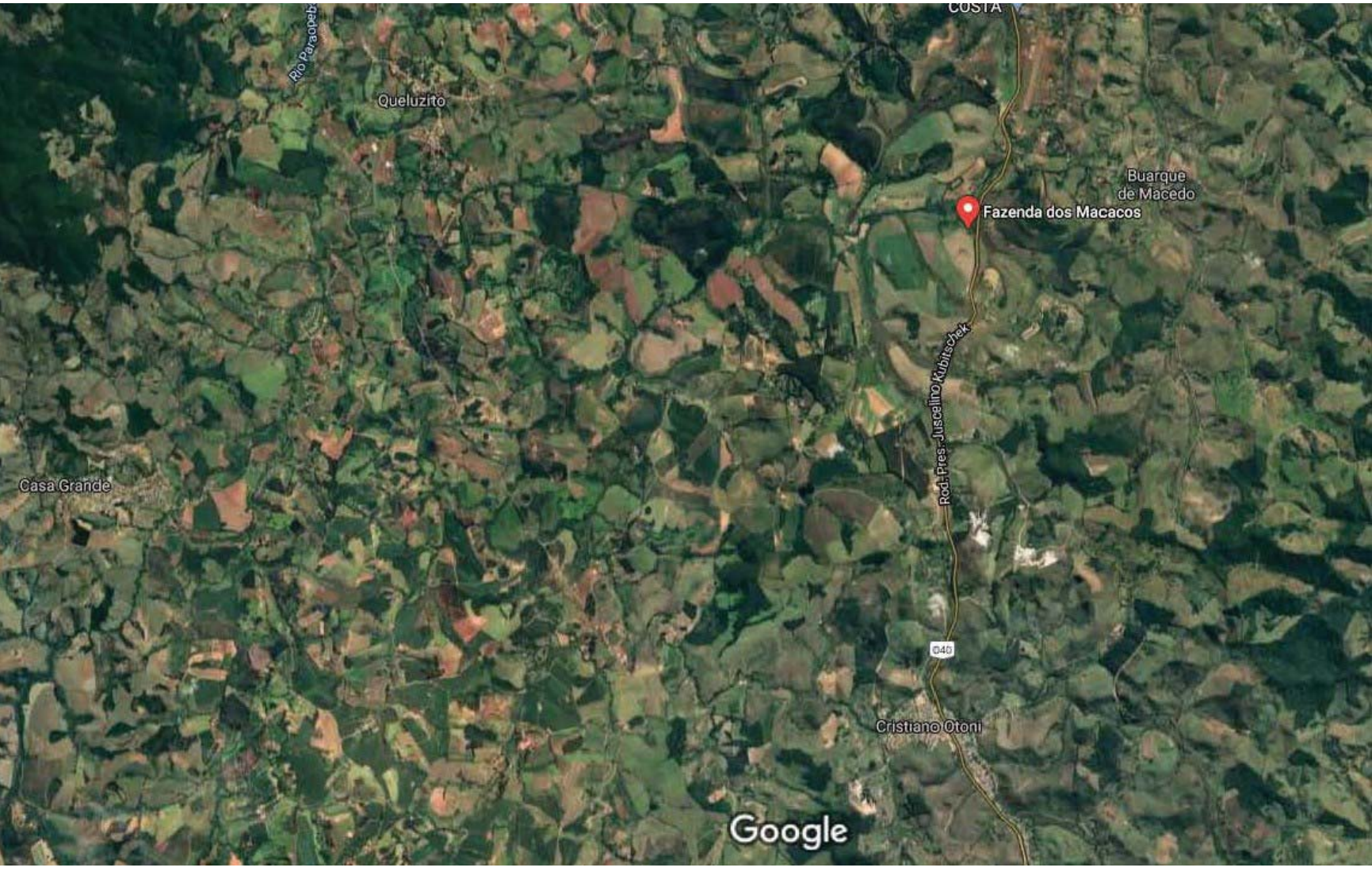
José da Costa de Oliveira, sogro de Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), era o proprietário da Fazenda dos Macacos, Queluz (Conselheiro Lafaiete), onde nasceram seus quatro primeiros filhos, entre eles, Capitão Manoel da Costa Gontijo (Filho ou II)

José da Costa de Oliveira, sogro de Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), era o proprietário da Fazenda dos Macacos, Queluz (Conselheiro Lafaiete), onde nasceram seus quatro primeiros filhos, entre eles, Capitão Manoel da Costa Gontijo (Filho ou II)



José da Costa de Oliveira, sogro de Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), era o proprietário da Fazenda dos Macacos, Queluz (Conselheiro Lafaiete), onde nasceram seus quatro primeiros filhos, entre eles, Capitão Manoel da Costa Gontijo (Filho ou II)




Rio Paraopeba
Queluzito
COSTA
Buarque
de Macedo
Fazenda dos Macacos
Rod. Pres. Juscelino Kubitschek
Casa Grande
040
Cristiano Otoni
Google

Sesmarias

De Atlas Digital da América Lusa

por **Rafael Ricarte da Silva**

As sesmarias eram doações de terras feitas pela Coroa portuguesa aos seus agentes e colonos no processo de "ocupação" da América portuguesa. O Instituto das Sesmarias foi a política de colonização posta em prática na América portuguesa no reinado de D. João III, momento de criação das capitanias hereditárias. Os donatários ficavam encarregados de repartirem as terras entre os moradores no regime de sesmarias. O Instituto das Sesmarias foi posto em prática em Portugal e na Ilha da Madeira. Para além da Ilha da Madeira, em outras possessões fora da metrópole, o instituto foi posto em prática nos Açores e em Moçambique. No caso africano a política de colonização tinha como objetivo maior a obtenção de mão-de-obra para a América portuguesa, não constituindo um corpus legislativo sobre a questão da terra e trazendo uma forma diferente de "ocupação" e legalização da terra.[1]

A legislação que regulava o Instituto das Sesmarias teve como marco inicial a Lei das Sesmarias, instituída na metrópole em 28 de maio de 1375 no reinado de D. Fernando I (1267-1383). Após esta lei o instituto teve regulamentação por meio das Ordenações - Afonsinas (1446), Manuelinas (1521) e Filipinas (1603). A partir da última década do século XVII, para o caso da América portuguesa, foi emitida uma copiosa legislação complementar com alvarás, decretos, cartas régias, avisos régios etc, buscando aprimorar a regulamentação.

As sesmarias doadas variavam de tamanho, dependendo do período e da região em que foram doadas. Para o caso dos sertões interioranos das Capitanias do norte, o tamanho padrão, nem sempre respeitado, era de três léguas de comprimento por uma légua de largura. Os pedidos, em geral, estavam estruturados da seguinte maneira: primeiro o requerimento com a apresentação dos solicitantes - nome, procedência e "qualificação" do requerente; a área solicitada e as justificativas para a solicitação da sesmaria. A segunda parte da solicitação trazia o pedido do capitão-mor governador ou outra autoridade responsável pela doação para que o escrivão averiguasse se não teria sesmaria doada na área solicitada. A etapa seguinte era resposta do escrivão relatando a possiblidade da doação. A quarta parte era constituída pelo despacho do capitão-mor governador ou outra autoridade deferindo o pedido. A última parte da solicitação era constituída da data de sesmaria com a repetição das informações já apresentadas nas etapas anteriores, acrescida dos deveres-exigências que os sesmeiros teriam que cumprir.

O Instituto das Sesmarias e a temática da terra - no período colonial e parte do imperial - contam com um número ainda restrito de pesquisas, ainda mais se pensarmos na análise das particularidades existentes nas diversas capitanias e nos períodos de aplicação. Dentre os estudos, sobre a aplicação das sesmarias na América portuguesa, podemos citar os de: Márcia Maria Menenzes Motta, Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito, 1795-1824; Nas Fronteiras do Poder: conflitos de terra e Direito Agrário no Brasil de meados do século XIX; Carmen Margarida Oliveira Alveal, História e direito: sesmaria e conflito de terras entre índios em freguesias extramuros do Rio de Janeiro – século XVIII; Converting Land into Property in the Portuguese Atlantic Worl, 16th-18th; Lígia Maria Osório Silva, A fronteira e outros mitos; Terras devolutas e latifúndio – efeito da lei de 1850; Laura Beck Varela, Das Sesmarias à Propriedade Moderna: um estudo de História do Direito Brasileiro; Virgínia Rau, Sesmarias medievais portuguesas; Ruy Cirne Lima, Pequena História Territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas; Vera Ferlini, Terra, trabalho e poder: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial; Denise Mattos Monteiro, Terra e trabalho em perspectiva histórica: um exemplo do sertão nordestino; Erivaldo Fagundes Neves, Posseiros, Rendeiros e Proprietários: estrutura fundiária e dinâmica agro-mercantil no Alto Sertão da Bahia – 1750-1850; Costa Porto, Estudo sobre o sistema sesmarial; Ruy Moreira, A formação do espaço agrário brasileiro; e coletâneas como: Campos em disputa: História Agrária e Companhia, organizada por Márcia Maria Menenzes Motta e Elione Silva Guimarães; Dicionário da Terra, organizado por Márcia Maria Menenzes Motta; e os estudos clássicos de Maria Yeda Leite Linhares com Francisco Carlos Teixeira da Silva, História da agricultura brasileira: combates e controvérsias; Terra prometida: uma história da questão agrária no Brasil.

Referências

1. ↑ MOTTA, Márcia Maria Menenzes. Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito, 1795-1824. São Paulo: Alameda, 2009, p. 19.

WIKIPÉDIA

Gomes Freire de Andrade, 1.º Conde de Bobadela

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

António Gomes Freire de Andrade (Juromenha, 1685 — Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1763) foi um nobre militar e administrador colonial português. Foi feito primeiro conde de Bobadela por carta de 20 de dezembro de 1758.

Índice

Biografia
Título e descendência
Homenagens
Ver também
Referências

António Gomes Freire de Andrade

1.º Conde de Bobadela



Governador geral do Rio de Janeiro

Período	26 de junho de 1733 a 27 de junho de 1763
Progenitores	Pai: Bernardino Freire de Andrade
Profissão	Militar e político

Títulos nobiliárquicos

1.º Conde de Bobadela	20 de dezembro de 1758

Serviço militar

Serviço/ramo	Exército Português

Biografia

Filho de Bernardino Freire de Andrade e de D. Joana Vicência de Meneses, foi moço fidalgo com exercício, acrescentado a fidalgo escudeiro, do Conselho do rei D. João V de Portugal e do rei D. José I de Portugal.

Foi governador e capitão-general do Rio de Janeiro durante trinta anos, entre 1733 e 1763.

Estudou no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, período em que assentou praça, progredindo na carreira militar durante a Guerra de Sucessão da Espanha. Diz "*Nobreza de Portugal*", tomo II, página 420: "*Sendo estudante em Coimbra, assentou praça e de tal forma se houve na Guerra de Sucessão da Espanha que conquistou alto posto.*" Provido de comando superior, terminada a campanha, teve o encargo de comissões importantes e, em 1733 foi nomeado Capitão-general da Capitania do Rio de Janeiro, tomando posse do cargo em 26 de julho.

Comissário e primeiro plenipotenciário de Portugal nas conferências sobre os limites da fronteira ou parte meridional do Estado do Brasil com as colônias espanholas da América do Sul, que alcançava desde Castilhos Grandes até a foz do rio Jauru. General da Divisão portuguesa e depois comandante em chefe das tropas auxiliares de Espanha e Portugal que foram ao Rio Grande do Sul e ao Uruguai, Buenos Aires e Colônia do Sacramento, sujeitar os índios rebeldes instigados contra o domínio português e espanhol, pelo predomínio dos jesuítas, apoiados na influência do governo inglês, que desde 1740 perscrutava a maneira de assentar o domínio da Inglaterra no rio da Prata, dominar toda a América do Sul e acabar para Portugal o domínio do Estado do Brasil.

Em 1735 recebeu o encargo de administrar também as Minas Gerais, e em 1748, havendo aumentado a população de Goiás, Cuiabá e Mato Grosso, incumbido de administrar as duas novas capitanias que se fundaram. Assim, enviado ao Brasil para ser governador da Capitania do Rio de Janeiro, acumulando sob seu comando os territórios de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e sul do Brasil.

No Rio de Janeiro, junto ao sargento-mor José Fernandes Pinto Alpoim, realizou obras como o Aqueduto da Carioca, a Casa dos Governadores terminada em 1743, e o chafariz ou fonte pública da praça do Carmo. Incentivou também a construção de importantes obras religiosas, como o Convento de Santa Teresa e o *Convento da Ajuda* (demolido). Permitiu a abertura da primeira tipografia da colônia, criada no Rio de Janeiro em 1747 por *Antônio Isidoro da Fonseca*, mas que teve de ser fechada por ordem do governo português. Incentivou a cultura também pela criação de academias de intelectuais: a *Academia dos Felizes* (1736) e a *Academia dos Seletos* (1752), ainda que nenhuma teve vida longa.

Depois da atuação notável como governador, uma vez denunciadas ao governador em 1744 pelo guarda-mor J. R. Froes as riquezas do distrito diamantino de Paracatu, cuidou logo de explorar os terrenos. Agiu para o aproveitamento das minas de Paracatu, recém descobertas, esforçando-se para tentar acabar com a falta de controle da circulação do ouro e a desorganização da coleta dos quintos. Reprimiu o contrabando, articulado a partir do Rio, estabeleceu um sistema de taxas sobre o ouro de Minas, determinou a imposição de um contrato sobre os diamantes do Tijuco, distrito que Portugal mantinha rigorosamente fechado, supervisionou a renovação urbana do Ribeirão do Carmo rebatizada Cidade Mariana em homenagem à Rainha D. Maria Ana de Áustria. Atuou intensamente em favor da cultura e instrução na colônia.



Gomes Freire de Andrade em retrato do século XVIII.

Em decorrência do Tratado de Madrid (1750), o governador deslocou-se em 1752 junto com Fernandes Alpoim à região sul para delimitar as fronteiras com as colônias espanholas. Comandou as tropas luso-espanholas que venceram os índios guaranis durante a Guerra Guaranítica (1754-1756), em que lutou contra o líder guarani Sepé Tiaraju.

Ao mesmo tempo que prestava atenção aos interesses materiais do país sujeito a seu domínio, atendia à instrução e ao amor pela literatura, empregando os meios possíveis para o seu desenvolvimento. A ele se deve o estabelecimento da oficina tipográfica do Rio, de que foi proprietário Antônio Isidoro da Fonseca. A tipografia durou pouco, porque a iniciativa desagradou ao governo da metrópole, temeroso da demasiada ilustração dos colonos, que censurou muito que o capitão general concedesse autorização para que se fundasse e ainda não satisfeito com a censura, ordenou que se fechasse.

Os primeiros escritos impressos foram:

- « Relação da entrada que fez o exmo e revmo senhor Dom Frei Antônio do Desterro Malheiros, bispo do Rio de Janeiro, em 1.º do ano de 1747, havendo sido seis anos bispo de Angola, d'onde por nomeação de Sua Majestade e bula pontificia foi promovido para esta diocese», composta pelo doutor Luís Antônio Rousado da Cunha, juiz de fora, etc.
- «Em aplauso do exmo e revmo sr D. Frei Antônio do Desterro Malheiros, dignissimo bispo d'esta cidade», romance heróico *in folio*;
- «Coleção de 11 epigramas e 1 soneto, aqueles em latim, êste em português, sobre idêntico assunto.»

Tais composições não têm grande valor, porém são muito apreciadas no Brasil por serem os primeiros trabalhos tipográficos no Rio de Janeiro.

Foi ainda durante seu governo que se fundaram duas academias, a dos Felizes e a dos Seletos. Auxiliava os que se dedicavam ao estudo e entre os muitos que mandou educar no seminário de São José esteve José Basílio da Gama que, depois de concluir sua educação à Europa, reconhecido à sua memoria, escreveu o poema «*Uruguai*» ou «O Uraguai», cujo herói é Gomes Freire, publicado em Lisboa em 1769.

Como militar, distinguiu-se na guerra do Rio Grande do Sul contra os índios, de 1750 em diante, derrotando em menos de seis meses os inimigos que os jesuítas dirigiam ocultamente.

Foi responsável por grandes contribuições para a tecnologia militar, destacando a criação, em 1762, da "Casa do Trem da Província do Rio de Janeiro", local destinado ao abrigo e reparo do equipamento de Artilharia do Exército Colonial. A Casa do Trem é o marco de origem das atividades da indústria bélica no Brasil Colônia, além de ser a precursora dos atuais Arsenais de Guerra do Exército Brasileiro.

Depois do Pacto de Família, Portugal declarou guerra à Espanha, de que resultou D. Pedro de Cevallos tomar a cidade do Sacramento, que arrasou e à qual nunca chegaram socorros do Rio de Janeiro. Diz-se que este fato lhe causou tão poderosa impressão que recebeu a notícia em dezembro de 1762 e adoeceu gravemente, morrendo em 1 de janeiro seguinte. Está sepultado na capela do convento de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Deixou em testamento um valiosíssimo morgado em favor do irmão, José António Freire de Andrade, pois não se casou nem teve filhos.

Título e descendência

Graças a seus serviços à Coroa, D. José I de Portugal (rei de 1750 a 1777) concedeu-lhe em 1758 o título de **conde de Bobadela**. O título foi herdado por seu irmão, José António Freire de Andrade, que o transmitiu a seus descendentes. O 3.º conde de Bobadela foi Gomes Freire de Andrade e o 4.º e último titular D. Nuno Manuel (28/9/1828).

No testamento, confirmou a instituição de morgado que por escritura de 13 de março de 1761 fizera nas Notas do Tabelião do Rio, Salvador Antônio Velasco, em favor do irmão José Antônio, em bens no valor d 88:066$400, que deveria ser ainda aumentado por ocasião de seu falecimento, pelo modo que determinara. O espólio foi aprovado e confirmado por provisão do Desembargo do Paço, em 21 de julho de 1778.

Por proposta do Senado da Câmara do Rio, fora ordenado em aviso de 13 de agosto de 1760 que o retrato do conde fosse colocado na sala do referido Senado.

Homenagens

O Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército Brasileiro possui, em sua homenagem, o nome histórico de **Departamento General Gomes Freire de Andrade**.[1]

Ver também

- Academia dos Felizes
- Alexandre de Gusmão
- Capitação
- Quilombo do Campo Grande
- Quilombo do Ambrósio

Precedido por **Manuel de Freitas da Fonseca**	**Governador do Rio de Janeiro** 1733 — 1763	Sucedido por **Antônio Álvares da Cunha**
Precedido por **André de Melo e Castro, Conde das Galveias**	**Governador de Minas Gerais** 1735 — 1736	Sucedido por **Martinho de Mendonça de Pina e Proença**
Precedido por **Martinho de Mendonça de Pina e Proença**	**Governador de Minas Gerais** 1737 — 1752	Sucedido por **José António Freire de Andrade**
Precedido por **José António Freire de Andrade**	**Governador de Minas Gerais** 1759 — 1763	Sucedido por **Antônio Álvares da Cunha**

Referências

1. «Patrono do DCT» (http://www.dct.eb.mil.br/index.php/patrono). Consultado em 30 de janeiro de 2019

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Gomes_Freire_de_Andrade,_1.º_Conde_de_Bobadela&oldid=58283750"

Esta página foi editada pela última vez às 06h24min de 17 de maio de 2020.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Compartilhalgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SUB-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – SR2
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE
DOUTORADO MULTIDISCIPLINAR

Olegário Nelson Azevedo Pereira

Análise das configurações socioambientais em litorais da margem atlântica: lagunas de Aveiro (PT) e Araruama (BR)

v. 2

Rio de Janeiro
2019

Rio de Janeiro, (anterior a) 1763, Setembro, 19.

Requerimento de António Pinto da Silva ao monarca, solicitando confirmação de carta de sesmaria no Distrito de Cabo Frio.

Arquivo Histórico Ultramarino, Conselho Ultramarino, Documentos Avulsos, Brasil, Rio de Janeiro, caixa 69, documento 6387 (AHU_CU_017, cx. 69, doc. 6387).

Senhor Diz Antonio Pinto da Silva que pela Carta de Sesmaria junta consta fazerlhe o Governador Gomes Freyre de Andrade em nome de Vossa Magestade merce de huma Legoa de terra no destrito da Cidade de Cabo frio na vezinhança da Lagoa de Juturnuahiba com as mais confrontaçoens declaradas na mesma Carta de Ssmaria a qual pertendeo que Vossa Magestade lhe faça a graça de lha confirmar, e mandarlhe passar sua carta de confirmação na forma do estilo para o que

Pede a Vossa Magestade lhe faça a graça de lhe confirmar a dita carta de sismaria e mandarlhe passar sua carta de confirmação na forma do estilo

Espera Receberá Mercê[300]

[fol. 1 v.]

Receby mil reis [assinatura]

[fol. 2]

Gomes Freire de Andrada, Conde da Bobadella, Comendador da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Magestade Mestre de Campo General de seus Exercitos Governador, e Capitaõ Geral das Capitanias das Minas Geraes, e Rio de Janeiro, Governador do Tribunal de Relaçaõ da mesma Cidade Commissario Principal, e Plenipotenciario do mesmo Senhor, para a divizaõ de Limites da America Meridional etc. Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que attendendo a me reprezentar por sua petiçaõ Antonio Pinto da Silva, que tinha noticia, que no destricto da Cidade de Cabo Frio na vezinhança da Lagoa de Juturnuahiba pelo Rio

[300] Na parte superior, á margem do documento: “Haja vista o Procurador da Fazenda. Lisboa setembro 19 de 1763”. Por aqui se supõe ser a data da confirmação de sesmaria anterior a esta. Mais abaixo em letra diferente: “Fiat justitia Passe Carta de confirmaçaõ de sesmaria Lisboa setembro 27 de 1763”. Mais abaixo: “Fiat Justitia Haja vista o Procurador da Coroa Lisboa Setembro 24 de 1763”. Mais abaixo “Fiat Justitia Expedida por 2 Vias em 27 de Feverero de 1764”. A todos estes despachos seguem-se assinaturas.

de São João acima havia terras devolutas, nunca cultivadas; e como o Supplicante carecia dellas, para a accommodação de seus escravos, e por ter bastantes; e posses, para as cultivar; queria que eu lhe concedesse em nome de Sua Magestade hũa legoa dellas em quadra nas margens do dito Rio de São João, aonde acabasse a data, que pedio o Sargento Mor Manoel da Costa Gontijo, pela margem do dito rio acima, com o Certão, para o rio Capivaribe, fazendo a quadra com a do dito Sargento Môr, com todas as voltas, e enseadas do rio, medindo-se a terra, rumo direito, pedindo-me me dignasse conceder-lhe as ditas terras, por ser bem comũm, e augmento da Real Fazenda; e sendo visto o seu requerimento, em que foi ouvida a Camara da Cidade de Cabo frio, a quem se não offereceo duvida, nem aos Dezembargadores, Provedor da Fazenda Real, e Procurador da Coroa della, a quem se deo vista: Hey por bem dar de Sesmaria em nome de Sua Magestade / em virtude da Ordem do dito Senhor de quinze de Junho de mil sete centos e onze / ao dito Antonio Pinto da Silva hũa legoa de terras em quadra na parte acima declarada; e com as confrontaçoẽs expressadas, sem prejuizo de terceiro ou de direito que algũa pessoa tenha a ellas; com declaração, que as cultivará e mandará confirmar esta minha Carta por Sua Magestade dentro de dous annos, e não o fazendo se lhe denegará mais tempo, e antes de tomar posse dellas, as fará medir e demarcar, judicialmente sendo para este effeito notifica [fol. 2v.] notificadas as pessoas, com quem confrontar, e será obrigado a fazer os caminhos de sua testada, com pontes, e estivas onde necessario for, e descobrindose nellas rio caudelozo, que necessite de barca, para se atravessar, ficarâ rezervado de hũa das margen delle meia legoa de terra em quadra, para a comodidade publica, e nesta data não puderá suceder em tempo algum pessoa Ecclesiastica, ou Religião, e sucedendo, será com o encargo de pagar dizimos, e outro qualquer que Sua Magestade lhe impuzer de novo, e não o fazendo se poderá dar a quem a denunciar, como tambem sendo o dito senhor servido mandar fundar no districto della algũa Villa, o poderâ fazer, ficando livre, e sem encargo algum, ou pensão para o Sesmeiro; E não Comprehenderá esta data Vieiros, ou Minas de qualquer genero de metal, que nella se descubrir, reservando tambem os páos reais, e faltando a qualquer das ditas clauzulas por serem conforme as Ordens de Sua Magestade, e as que dispoem a Ley, e Foral das Sesmarias, ficará privado desta. Pelo que mando ao Ministro, ou Official de Justiça a que o conhecimento della pertencer, dê posse ao dito Antonio Pinto da SIlva das referidas

terras na forma acima declarada. E por firmeza de tudo lhe mandei passar a prezente por mim assignada e sellada com o Sinete de minhas Armas, que se cumprirâ como nella se conthem, e se registarâ nos Livros da Secretaria deste Governo, e mais partes a que tocar; Jozê Pereira Leão a fez na Cidade de São Sebastião Rio de Janeiro aos dezanove de Janeyro de mil sete centos e sessenta e dous. O Secretario do Governo Antonio da Rocha Machado a fez escrever[301].

Conde de Bobadella[302]

Carta porque Vossa Excelencia faz merce dar de Sesmaria em nome de Sua Magestade a Antonio Pinto da Silva hũa legoa de terras em quadra com as confrontaçoẽs expressadas na parte e forma acima declarada. Para Vossa Excelência ver

[fol. 3]

Registada no Livro 14 que serve de registo de Sesmarias nesta Secretaria do Governo a folhas 222 Rio 19 de Janeiro de 1762. Antonio da Rocha Machado

Fica lançada no Livro segundo do Tombo das Cartas de Cismarias a folhas 69 athe 70 Rio de Janeyro de Janeiro 28 de 1762 Ignacio Teixeira de Carvalho

[fol. 3 v.] *Em branco*

[fol. 4]

A Antonio Pinto da Silva se hade passar carta de Confirmaçaõ de Sesmaria de huã legoa de terra em quadra na Capitania do Rio de Janeiro; E para pagar o novo direito que dever se lhe passou este bilhete Lisboa 5 de Outubro de 1763[303]

[301] Frase em caligrafia diferente.
[302] Assinatura.
[303] Letra diferente. Segue-se assinatura. Seguem-se despachos do registo nos livros de sesmarias, com respetivas assinaturas, registados em Lisboa a 6 de Outubro de 1763.

Data	Local	Estado	Sesmeiro	Confrontações	Produção	Paisagem	Observações	Fonte
1755, Setembro, 3	Iguaba Grande	Engenhoca e sua fabrica	Dona Amélia Meira como viuva do Sargento Mor Mathias da Costa	Cento e cincoenta braças de testada com meia légoa de certão sitas em Iguaba Grande, partem de huma banda com terra de Manuel Barreto de Macedo e da outra com terras de Antonio Frenandes	Huma Enginhoca com sua fabrica	Cana-de-açucar	(Terras adquiridas 1728, Outubro, 1; 1725, Março, 20; 1720, Janeiro, 1[5]) A informação consta no fl. 6	ANB, Sesmarias, BI 15.1524, mf. AN 220-2005, fl. 6-7v. ANB, Sesmarias, BI 15.1524, mf. AN 220-2005, fl. 6v. - 7v.
1758, ?,?	lugar chamado Iguaba…	Não refere	Francisco Borges da Costa morador na cidade de Cabo Frio	sincoenta braças de terra de testada com meya de sertão citas no lugar chamado Iguaba que o dito seu pay comprou a Antonio Gonçalvez Palmeira … e asy mais um pedaço de terra com meya legoa de sertão no mesmo lugar que Jozé de Moura vendeu ao pay do supplicante … e assim mais [de 170 braças] de testada com meia legoa de sertão do patrimonio do supplicante …	Não refere	Não refere	… elle houve por erança de seu pay o sargento mor Mathias da Costa … citas no lugar chamado Iguaba… Ver as escrituras de compra e venda que são as correspondentes: 1725, Março, 20, 1720, Janeiro, 1[5], 1728, Outubro,1; 1755, Setembro, 3.	ANB, Sesmarias, BI 15.1524, mf. AN 220-2005, fl. 1
1760, Mail, 16	distrito do Rio de Saõ Joaõ termo da cidade de cabo frio	Devolutas	Cipryano Luis Antunez	huma legoa de terras de testada , principiando adonde acabar a que se concedeo a Joseph Antonio Barboza, correndo de lá pello Rio de Saõ Joaõ abaixo huma legoa de certaõ em rumo de Suéste	Não refere cultivar	elle tinha notiçia que no distrito do Rio de Saõ Joaõ termo da cidade de cabo frio se achavaõ terras devolutas	como tinha posses, e escravos para cultivar as que se lhe derem de Sesmaria, e mattos maninhos, e incultos	AHU, cx. 63, doc. 6001, fl. 3
1762, Janeiro, 19	tinha noticia, que no destricto da Cidade de Cabo Frio na vezinhança da Lagoa de Juturnuahiba pelo Rio de São João acima	Devolutas	Antonio Pinto da Silva	queria que eu lhe concedesse em nome de Sua Magestade hũa legoa dellas em quadra nas margens do dito Rio de São João, aonde acabasse a data, que pedio o Sargento Mor Manoel da Costa Gontijo, pela margem do dito rio acima, com o Certão, para o rio Capivaribe, fazendo a quadra com a do dito Sargento Môr, com todas as voltas, e enseadas do rio, medindo-se a terra, rumo direito	Não refere cultivar	havia terras devolutas, nunca cultivadas	e como o Supplicante carecia dellas, para a accommodação de seus escravos, e por ter bastantes; e posses, para as cultivar;	AHU, cx. 69, doc. 6387, fl. 2



© 2008 - DGARQ - Direcção-Geral de Arquivos | Mapa do Sítio | Comentários e Sugestões | Contactos | REGULAMENTO CRAV |

MANUEL DA COSTA GONTIJO

Único resultado

NÍVEL DE DESCRIÇÃO

Documento simples

CÓDIGO DE REFERÊNCIA

PT/TT/RGM/D/0018/79342

TIPO DE TÍTULO

Formal

DATAS DE PRODUÇÃO

1763-09-19 ? a 1763-09-19 ?

ÂMBITO E CONTEÚDO

Carta de Confirmação. Terras em Cabo Frio.

COTA ATUAL

Registo Geral de Mercês de D. José I, liv. 18, f. 32

DATA DE CRIAÇÃO

10/10/2008 0:00:00

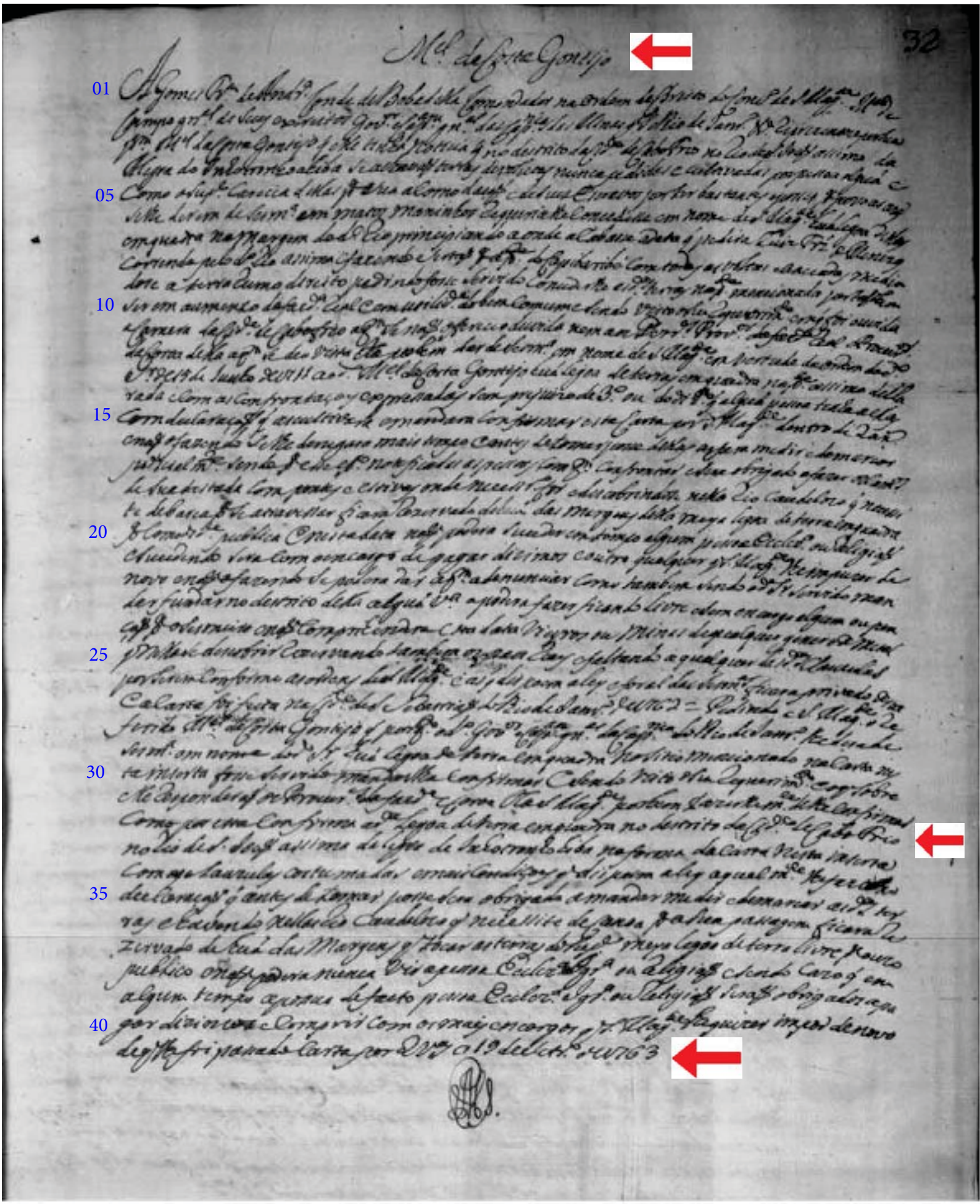
ÚLTIMA MODIFICAÇÃO

2/12/2019 17:32:07

Informação não tratada arquivisticamente.

© 2008 - DGARQ - Direcção-Geral de Arquivos | Mapa do Sítio | Comentários e Sugestões | Contactos | REGULAMENTO CRAV |

Confirmação da Sesmaria em Cabo Frio concedidada a Manuel da Costa Gontijo, em 19/09/1763
Registro Geral de Mercês de D. José I, livro 18, folha 32, guardado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.



As setas indicam três pontos inequívocos: Mel (Abreviatura de Manoel) da Costa Gontijo; Cabo Frio e ano 1763

Registro Geral de Mercês de D. José I, livro 18, folha 32, guardado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa

Mel. *(abreviação de Manoel)* *da Costa Gontijo*

01- Antonio Gomes Freire de Andrada, Conde da Bobadella, Comendador na Ordem de Christo, do [Conselho de Sua Magestade Mestre de
02-Campo General de seus Exercitos Governador, e Capitão General das Capitanias das Minas Geraes, e Rio de Janeiro, veio na presente [pessoa
03- para Manoel da Costa Gontijo que elle tinha noticia que no districto da cidade de Cabo Frio no Rio de São João assima da
04- Lagoa de Juturnuahiba se achavam por terras devoltas nunca pedidas e cultivadas por pessoa alguã e
05- como o suplicante carecia dellas para sua acomodação e de seus escravos por ter bastante ajustes e que povoaram
06 - se lhe derem de sesmaria em matos morinhos requeria-lhe concedesse em nome de Sua Magestade huã legoa dellas
07- em quadra na margem do dito rio principiando aonde acabasse ---- que pedira Luiz Fernandez Menezes
08 - correndo pelo dito rio assima e fazendo ser tão para a parte do Capibaribé com tadas as voltas cerceadas medi-
09 - dores a terra rumo direito pedindo fosse servido conceder lhe essas ditas terras nas partes mencionado por também
10- ser em aumento da fazenda real com utilidade do bem comum e sendo visto o seu requerimento em que foi ouvida
11 – a Câmera da cidade de Cabo Frio a quem se não ofereço a dúvida nem ao Desembargador Provedor da Fazenda Real Procurador
12- da Coroa dela a quem se deo vista também der de sesmaria em nome de Sua Magestade em virtude de ordem do dito
13- Senhor de 15 de Junho de 1711 ao dito Manoel da Costa Gontijo huã legoa de terras em quadra na parte assima decla-
14- rada e com as confrontações expressadas sem prejuízo de terceiro ou do primeiro que alguã pessoa tenha o eles
15- com declaração que as cultivar a mandara confirmar esta Carta por Sua Magestade dentro de [Van?]
16- e não o fazendo se lhe de negar o mais tempo e antes de tomar posse dellas e sem medir e demarcar
17 – provavelmente sendo para esse e para notificadas as pessoas com quem confrontar e será obrigado a fazer os caminhos
18- de sua testada com pontes e estiver onde necessário for e descobrindo nesse Rio caudaloso que necessi-
19- te de barca para se atravessar ficara reservado de huã das margens dessa meya de legoa de terra em quadra
20- que comodidade publica e nesta data não poderá suceder em tempo algum pessoa de Igreja ou religião
21 – sucedendo será com o encargo de pagar dízimos coutro qualquer que Sua Magestade lhe impuser de
22- novo em que o fazendo se poderá dar a quem o denunciar como também sendo o dito Senhor servido man-
23- dar fundar no distrito dela alguã via a poderá fazer ficando livre e sem encargo algum ou pen-
24- ção para o sesmeiro e não compreenderá esta data vieyros ou Minas de qualquer genero o metal
25- que nella se descobrir reservando também os por reais e faltando a qualquer dos ditos laureados
26- por serem conforme as ordens de Sua Magestade e as que despoem a ley e foral das sesmarias ficara privado de
27- com carta foi feita na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro de 1762 = Pedindo a Sua Magestade o re-
28- - ferido Manoel da Costa Gontijo que por quando o dito Governador Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro lhe dera de
29—sesmaria em nome do dito senhor huã legoa de terra em quadra no sitio mencionado na carta nes-
30- te inserto fosse servido mandar lhe confirmar E sendo visto seu requerimento e o que sobre
31- e lhe responderão os Provedores da Fazenda e Coroa na Sua Magestade por bem fazer lhe mestre de lhe confirmar
32-com por esta conforme a dita legoa de terra em quadra no districto da Cidade de Cabo Frio
33 no Rio de São João assima da lagoa de Juturnuaíba na forma da carta nesta inserto
34- com que laurelar costuma dar e mais condições que dispõem a ley o qual metade lhes [ilegível]
35 - de coração que antes de tomar posse será obrigado o mandar medir e demarcar as ditas ter-
36- ras e havendo nellas rio caudaloso que necessite de canoa da sua passagem ficara re-
37-servado de huã das margens que tocar as terras da dita meya legoa de terra livre pouco
38-publico o não poderia nunca vir a pessoa e declarar Igreja ou a religião sendo cazo que em
39-algum tempo o possua de facto pessoa declarar Igreja ou religião serão obrigados a pa-
40- gar dízimos e cumprir com os mais encargos que Sua Magestade lhe quiser impor de novo
41- de que essa foi passado carta por 2 vias. A 19 de Setembro de 1763

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

O **Arquivo Nacional da Torre do Tombo** (**ANTT**), ou simplesmente **Arquivo Nacional** antigamente designado por **Arquivo Geral do Reino**,[2] popularmente referido apenas como **Torre do Tombo**, é uma unidade orgânica nuclear da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas[3] que se constitui como arquivo central do Estado Português desde a Idade Média, tendo os seus primeiros Guardas-Mores sido, também, Cronistas-Mores do Reino. Com mais de 600 anos, é uma das mais antigas instituições portuguesas ainda ativas.

Ao longo dos séculos, a conservação dos seus documentos foi prejudicada por diversas circunstâncias: mudanças de local, incêndios, desvio de documentos para outros arquivos quando da Dinastia Filipina (1580-1640), o terramoto de 1755, a Guerra Peninsular, a transferência da corte portuguesa para o Brasil (1808-1821), e a Guerra Civil Portuguesa, entre outros.

Atualmente constitui-se numa moderna instituição, aberta a pesquisadores e ao público em geral.

Encontra-se instalado na freguesia na Cidade Universitária de Lisboa, mais concretamente em Alvalade, em Lisboa, Portugal, num edifício projetado pelo arquiteto Arsénio Cordeiro, classificado, desde 2012, como monumento de interesse público.[4]

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

TORRE DO TOMBO

Organização	
Natureza jurídica	Arquivo público
Atribuições	Funciona como Arquivo Central do Estado Português
Dependência	Governo de Portugal Ministério da Cultura[1] Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas
Chefia	Silvestre de Almeida Lacerda, Diretor
Documento institucional	Portaria n.º 192/2012 (http://dre.pt/pdf1sdip/2012/06/11700/0303903042.pdf), de 19 de junho.
Localização	
Jurisdição territorial	Portugal
Sede	Alameda da Universidade, Alvalade, Lisboa 38° 45' 17" N 9° 9' 23" O
Histórico	
Criação	1378
Sítio na internet	
	http://antt.dglab.gov.pt/

Índice

- História
- Edifício
- Lista de guarda-mores e diretores
- Arquivos "Registo Memórias do Mundo" da Unesco
- Ver também
- Notas
- Bibliografia
- Ligações externas

História

O seu nome vem do facto do arquivo ter estado instalado desde a sua génese em 1378 até 1755 numa torre do Castelo de São Jorge, denominada "Torre do Tombo". A designação de *tombo* deriva do grego *tómos* que significa «pedaço cortado, parte porção; pedaço de papiro; *daí*, tomo volume»,[5] assim, por extensão, passou a designar os suportes onde se faziam registos e os arquivos dos mesmos, sendo a Torre do Tombo o local onde se guardavam os volumes e os papéis mais importantes por ser o arquivo real.

Em 1755, em resultado do grande terramoto que atingiu Lisboa e que ameaçou de ruína a referida torre, desde então o arquivo foi transferido para o Mosteiro de São Bento (atual Palácio de São Bento). Nessas instalações manteve-se até à construção de um moderno edifício-sede, na Cidade Universitária de Lisboa, para onde foi transferido em 1990 cerca de 35km de documentação. Ocupando uma área de 54 900 metros quadrados e contando com cerca de cem quilómetros de prateleiras, este moderno edifício possui três áreas principais: uma para arquivo e investigação, uma para a realização de atividades culturais e a última para os serviços administrativos.

Arquivo Nacional Torre do Tombo



Apresentação	
Tipo	Arquivo nacional, museu
Período de construção	1378
Website	
	antt.dgarq.gov.pt (http://antt.dgarq.gov.pt/)
Localização	
Endereço	Alvalade Portugal

Entre 1997 e 2006, a Torre do Tombo, organismo dependente do Ministério da Cultura, foi oficialmente denominado **Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo** (**IANTT**), possuindo simultaneamente funções de arquivo nacional e de órgão de coordenação da política arquivística nacional. O IANTT, além do arquivo da Torre do Tombo, supervisionava também a generalidade dos arquivos distritais de Portugal.

O Decreto-Lei n.º 215/2006, de 27 de outubro,[6] extinguiu o Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo e o Centro Português de Fotografia, «sem prejuízo da preservação das respectivas identidades», e integrou as suas atribuições na então criada Direcção-Geral de Arquivos.

O Decreto-Lei n.º 103/2012, de 16 de maio,[7] procedeu à fusão da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas com a Direção-Geral dos Arquivos, dando origem à Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas onde o Arquivo Nacional Torre do Tombo se integra como unidade orgânica nuclear.

Edifício

O seu edifício correspondente à 2ª classe de patologia de estruturas de edifícios. Essa mesma classe refere-se às construções em alvenaria que suportam pavimentos horizontais suportados com vigas não ligadas à alvenaria nos pontos de apoio, este tipo de classe tem como características o suporte das cargas por flexão e corte; a autonomia estática das paredes verticais que prescindem da colaboração das vigas horizontais; ligações que não são livres, mas sim dotadas de atrito; o verso do ligamento dos pavimentos que deve ser alienadamente variados nos vários andares para que não haja desligamento das paredes ao longo da altura do edifício; imposição de restrições horizontais eficazes com notáveis benefícios para estabilidade do edifício e o deslizamento livre entre as alvenarias, por outro lado, nas empenas dos edifícios, onde o pavimento é estruturado paralelamente à parede, falta uma ligação transversal, e portanto a parede pode manifestar uma tendência para criar convexidade para o exterior.

As gárgulas esculpidas no topo do edifício consistem em cubos maciços de pedra, moleanos médio, com 2 metros de lado.

Características Físico Mecânicas: (moleanos médio)

- Resistência mecânica à compressão: 953Kg/cm2
- Resistência mecânica à compressão após teste de gelividade: 1030 kg/cm2
- Resistência mecânica à flexão: 105 kg/cm2
- Massa volúmica aparente: 2567 kg/m³
- Absorção de água à P. At. N.: 1,73 %
- Porosidade aberta: 4,44 %
- Coeficiente de dilatação linear térmica: 5x10-6 per °C
- Resistência ao desgaste: 4,2 mm
- Resistência ao choque: altura mínima de queda: 40 cm



Entrada principal da Torre do Tombo.



Pormenor exterior do edifício.

Na construção do edifício, o material utilizado foi, o betão branco. O betão é um material compósito. Os materiais compósitos resultam da mistura de pelo menos dois materiais, de modo a obter um material com determinadas características e propriedades.

Lista de guarda-mores e diretores

São indicadas as datas de nomeação para o cargo de guarda-mor e depois diretor[8]*:*

1. 1387 – João Anes
2. 1403 – Gonçalo Esteves
3. 1414 – Gonçalo Gonçalves
4. 1418 – Fernão Lopes
5. 1454 – Gomes Eanes de Zurara
6. 1475 – Afonso Eanes de Óbidos
7. 1483 – Fernão Lourenço
8. 1486 – Vasco Fernandes de Lucena
9. 1497 – Rui de Pina
10. 1523 – Fernão de Pina
11. 1548 – Damião de Góis
12. 1571 – António de Castilho

13. 1591 – Rodrigo Homem
14. 1606 – Luís Ferreira de Azevedo
15. 1612 – Diogo de Castilho Coutinho
16. 1632 – Manuel Jácome Bravo
17. 1634 – Gregório Mascarenhas Homem
18. 1640 – Cristóvão Cogominho
19. 1641 – Cristóvão de Matos de Lucena
20. 1644 – João Pinto Ribeiro
21. 1650 – António de Carvalho de Parada
22. 1656 – Aires Falcão Pereira
23. 1666 – José Carneiro de Morais
24. 1667 – João Duarte de Resende
25. 1678 – D. António Álvares da Cunha, 17.º Senhor de Tábua
26. 1690 – António da Cunha Pinheiro
27. 1695 – José de Faria
28. 1703 – Luís do Couto Félix
29. 1713 – José Couceiro de Abreu e Castro
30. 1742 – Martinho de Mendonça de Pina e Proença
31. 1745 – Eng.º Manuel da Maia
32. 1768 – José de Seabra da Silva
33. 1774 – José Pereira Ramos de Azeredo Coutinho
34. 1799 – José de Seabra da Silva
35. 1802 – Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1.° Visconde de Balsemão
36. 1806 – Francisco Velho da Costa de Mesquita Castelo-Branco
37. 1813 – Francisco José de Horta Machado
38. 1813 – António Salter de Mendonça
39. 1821 – Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.° Visconde de Santarém
40. 1834 – D. Frei Francisco de São Luís Saraiva, O.S.B.
41. 1836 – António Nunes de Carvalho
42. 1838 – António Manuel Lopes Vieira de Castro
43. 1842 – Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.° Visconde de Santarém
44. 1856 – Joaquim José da Costa Macedo
45. 1861 – António de Oliveira Marreca
46. 1887 – José Manuel da Costa Basto
47. 1902 – Roberto Augusto da Costa Campos
48. 1908 – António Eduardo Simões Baião
49. 1949 – Alfredo Augusto Lopes Pimenta
50. 1951 – João Martins da Silva Marques
51. 1966 – José Pereira da Costa
52. 1988 – Humberto Carlos Baquero Moreno
53. 1990 – Martim Eduardo Corte Real de Albuquerque
54. 1990 – Jorge Borges de Macedo
55. 1996 – José João da Conceição Gonçalves Mattoso
56. 1998 – Bernardo João da Silveira de Vasconcelos e Sousa
57. 2001 – Miriam Halpern Pereira
58. 2004 – Pedro Dias
59. 2005 – Silvestre de Almeida Lacerda
60. 2012 - José Manuel Cortês
61. 2015 - Silvestre de Almeida Lacerda

Arquivos "Registo Memórias do Mundo" da Unesco

O Programa "Memórias do Mundo" foi criado em 1992 pela Unesco para sensibilizar o público sobre a necessidade de preservar, valorizar o património documental. Nesse âmbito, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo compilou um conjunto de documentos, de destacada relevância, que se encontram inscritos no registo internacional:[9]

- Carta de Pêro Vaz de Caminha. Terra de Vera Cruz (Brasil), 1 de Maio de 1500 — primeiro documento que descreve a chegada ao Brasil, mencionando a terra e o povo;
- Tratado de Tordesillas (versão castelhana), Tordesilhas, 7 de Junho de 1494. — conjunto de acordos entre os Reis Católicos, Fernando II de Aragão e Isabel I de Castela, e o rei D. João II de Portugal, que estabelece uma nova linha de partilha entre as duas coroas, de pólo a pólo, a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde;
- Corpo Cronológico (1161-1699) — Conjunto de 83.212 documentos, predominantemente do séc. XV e primeira metade do séc. XVI, verdadeiramente único de documentos públicos manuscritos, cujo interesse reside na informação e esclarecimento sobre as relações entre os europeus, sobretudo as dos portugueses com os povos africanos, asiático e latino-americanos, no período acima indicado.

Ver também

Arquivo Nacional de Timor-Leste

Notas

1. Cf. artigo 10.º da Lei Orgânica do XIX Governo Constitucional (http://dre.pt/pdf1sdip/2011/07/13201/0000200007.pdf).
2. Torre do Tombo, Infopédia (Em linha) Porto: Porto Editora, 2003-2013 (Consult. 2013-08-15) (http://www.infopedia.pt/$torre-do-tombo)
3. Cf. artigos 1.º e 5.º da Portaria n.º 192/2012 (http://dre.pt/pdf1sdip/2012/06/11700/0303903042.pdf), de 19 de junho.
4. Lusa (21 de novembro de 2012). «Convento de Arroios, liceus e Torre do Tombo classificados como monumentos de interesse público» (http://www.publico.pt/Cultura/convento-de-arroios-liceus-e-torre-do-tombo-classificados-como-monumentos-de-interesse-publico-1573467). Jornal Público *[ligação inativa]*
5. José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. V, 7.ª ed., Lisboa, 1995, p. 313.
6. Decreto-Lei n.º 215/2006 (http://dre.pt/pdf1sdip/2006/10/20800/75397548.pdf), de 27 de outubro
7. Decreto-Lei n.º 103/2012 (http://dre.pt/pdf1sdip/2012/05/09500/0253502537.pdf), de 16 de maio.
8. «Os Guarda-Mores da Torre do Tombo, Arquivo Nacional Torre do Tombo, 2016» (http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/os-guardas-mores-da-torre-do-tombo/). antt.dglab.gov.pt
9. joanabraga (12 de novembro de 2010). «Registo da Memória do Mundo» (http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/registo-da-memoria-da-mundo/). Consultado em 21 de maio de 2020

Bibliografia

- RIBEIRO, Fernanda. «*Como seria a estrutura primitiva do Arquivo da Casa da Coroa (Torre do Tombo)?*» (http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1240.pdf) (PDF). ler.letras.up.pt. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ligações externas

- Arquivo Nacional Torre do Tombo (http://antt.dglab.gov.pt/)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arquivo_Nacional_da_Torre_do_Tombo&oldid=58317344"

Esta página foi editada pela última vez às 16h24min de 21 de maio de 2020.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Compartilhalgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.

Juturnaíba



A Lagoa de Juturnaíba é considerada santuário ecológico
Um importante espelho d'água situado no Rio São João
Parada pra um mergulho refrescante em meio á natureza

LAGOA DE JUTURNAÍBA

Outras Atrações - Silva Jardim

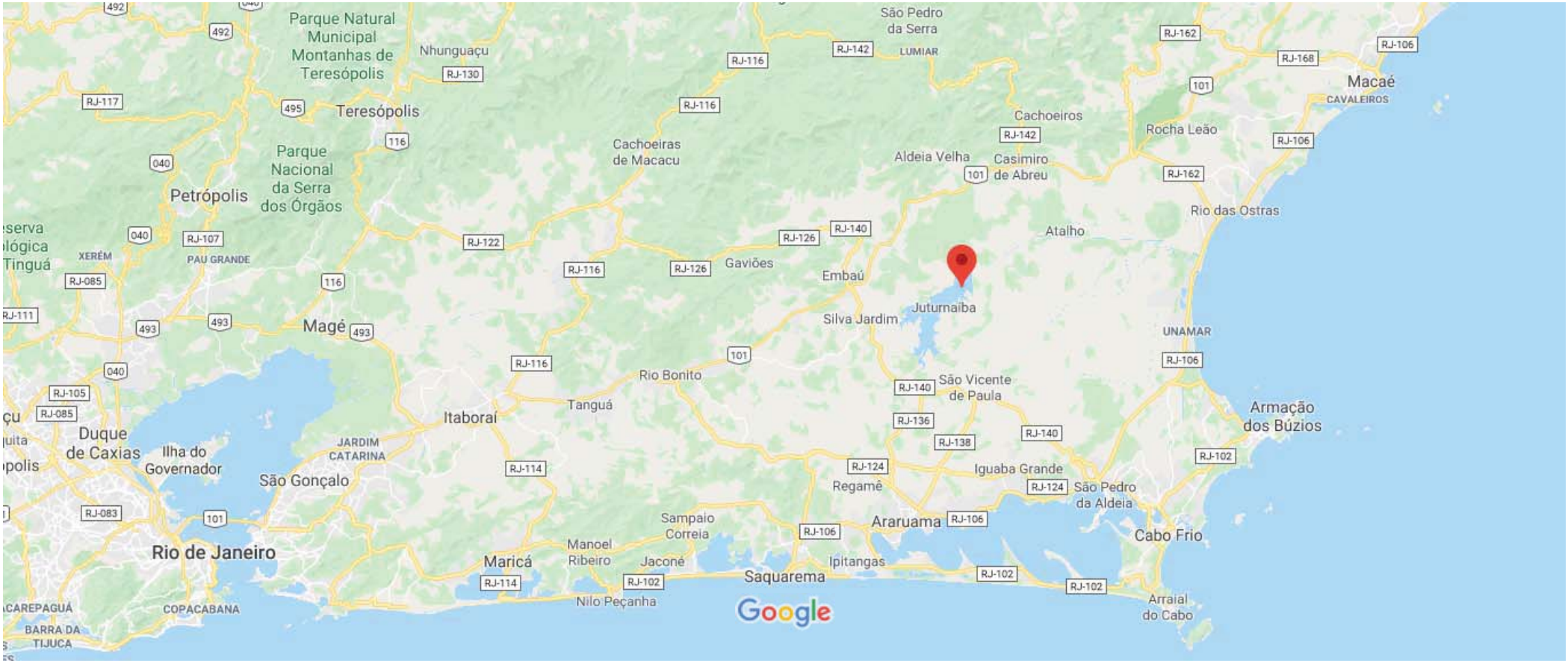
Juturnaíba é considerada santuário ecológico em razão de sua proximidade com a Reserva Biológica Poço das Antas. De água doce e limpa, é um centro de pesca esportiva.



No local encontram-se pequenas ilhas que fazem da lagoa um viveiro natural para grande diversidade de peixes, como tucunarés, bagres, piaus e traíras. Também é procurada para prática de iatismo, remo e natação.

Acesso pela BR 101, na altura de Rio Iguape, ou pelo final da estrada de Barro Vermelho, em São Vicente de Paulo.

Google Maps Represa de Juturnaíba



Local da sesmaria de Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai), em Cabo Frio (hoje município de Silva Jardim), próximo à Lagoa Juturnuahiba, às margesn do Rio São João, fazendo sertões para o Rio Capibaribe, hoje, provavelmente alagada pela represa. Tinha hûa Legoa em Quadra (uma légua de sesmaria quadrada: 6.600 m x 6.600m = 45,3 Km2 = 4.350 hectares)

Local da sesmaria de Manoel da Costa Gontijo (I ou Pai), em Cabo Frio (hoje município de Silva Jardim), próximo à Lagoa Juturnuahiba, às margesn do Rio São João, fazendo sertões para o Rio Capibaribe, hoje, provavelmente alagada pela represa. Tinha lida Legoa em Quadra (uma légua de sesmaria quadrada: 6.600 m x 6.600m = 43,3 Km2 = 4.356 hectares)



Marco da Sesmaria de São Bento, sito à Avenida Nilo Peçanha 561, em Cabo Frio / RJ



561 Av. Nilo Peçanha - Google Maps

Marco da Sesmaria de São Bento, sito à Avenida Nilo Peçanha 561, em Cabo Frio / RJ

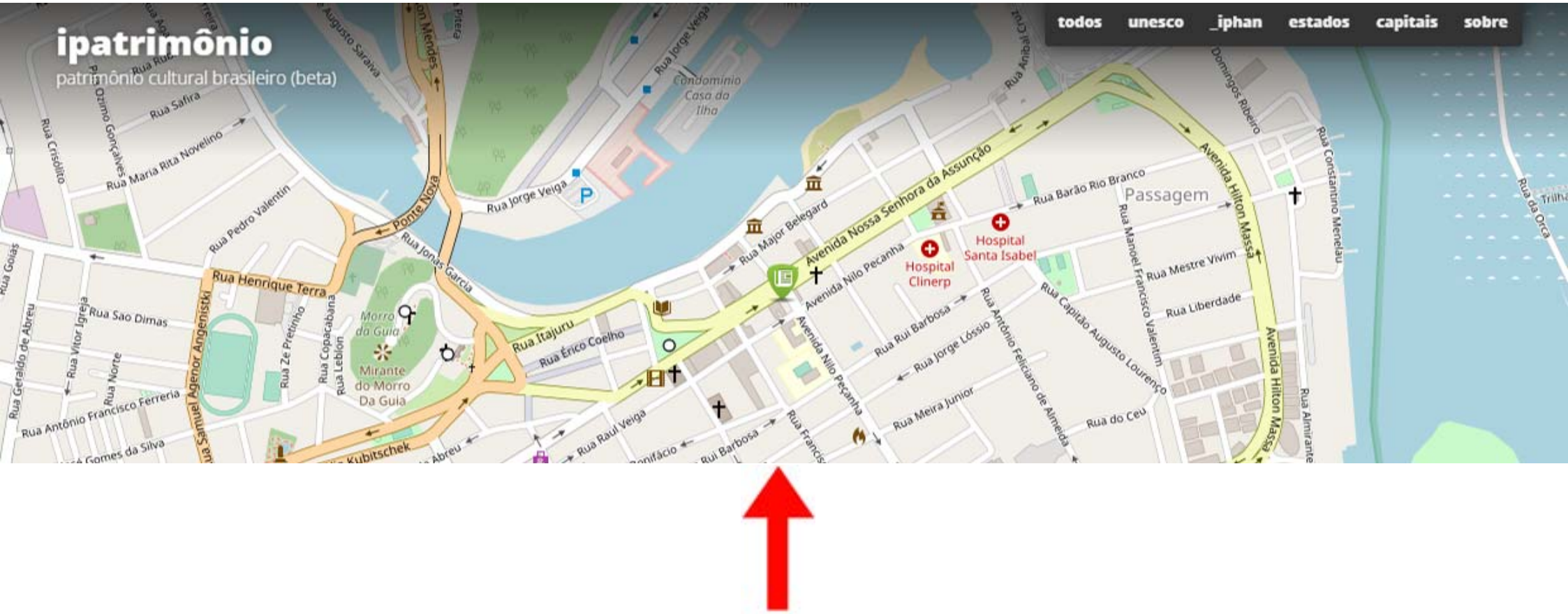


561 Av. Nilo Peçanha - Google Maps

Marco da Sesmaria de São Bento, sito à Avenida Nilo Peçanha 561, em Cabo Frio / RJ



Marco da Sesmaria de São Bento, sito à Avenida Nilo Peçanha 561, em Cabo Frio / RJ



O Marco Sesmarias de São Bento em Cabo Frio-RJ foi tombado por sua importância cultural para a cidade.

IMUPAC – Instituto Municipal do Patrimônio Cultural de Cabo Frio-RJ
Nome Atribuído: Marco Sesmarias de São Bento
Localização: R. Miguel Couto, nº 211 e Bairro da Ogiva, em frente ao Hotel Porto Veleiro [desapareceu em 2008] – Cabo Frio-RJ
Processo de Tombamento: Decreto n° 012/89

Observação: Segundo a pesquisadora Rose Fernandes (2014) o marco da sesmaria de São Bento que se encontrava ao lado do Hotel Porto Veleiro, no Peró, desapareceu em 2008. Mas um dos quatros marcos que ficavam no bairro São Bento, encontra-se atualmente na lateral do prédio da Charitas, no centro de Cabo Frio.
Fonte: Acioli Gonçalves da Silva Júnior.

Descrição: Estevão Gomes em 1616 foi nomeado capitão-mor da Fortaleza da cidade de Cabo Frio, tinha o poder de doar sesmarias a quem quisesse povoar e cultivar as terras. Assim como tinha a incumbência de assumir o comando da tropa e a passar em revista. Ele tinha o dever de começar a construir a cidade de Nossa Senhora da Assunção de Cabo Frio, conforme a carta de sesmaria concedida a Generosa Salgado em 1616.

Em 1617, o colégio de jesuítas do Rio de Janeiro solicitou por meio de petição a segunda sesmaria, de caráter rural. É pedido que sua medição se faça a partir do “esteio defronte da Gamboa que está defronte da cidade”, e se estende até a Bahia Formosa, em Búzios (outrora segundo distrito de Cabo Frio). Este esteiro é uma comprida e estreita ponta de terra, situada onde se encontra o Hotel Porto Veleiro e a desativada Salinas do bairro Peró.

Nesse local, ao lado do citado hotel, assentou-se o marco de pedra do mosteiro de São Bento que assina a posse da Sesmaria concedida aos beneditinos em 1623, em virtude de desistência anterior dos jesuítas.

O marco trata-se de uma coluna retangular de pedra, com as letras S.B., inscritas em baixo relevo. Sendo assim, os padres beneditinos deixaram suas marcas na colonização da cidade de Cabo Frio, participando do desenvolvimento econômico da região, através da criação de gados em diferentes pontos da Capitania Real do Cabo Frio. Foram nessas terras que eles construíram três currais para criação de gado e extraíam das florestas locais madeiras de lei com a finalidade do comércio.

Em 1664, os beneditinos receberam 36 braçadas de terras no perímetro urbano de Cabo Frio. Essas terras deram origem ao atual bairro São Bento. Em quatro pontos desse bairro estavam outros marcos de pedras com as iniciais S.B., delimitando uma quadra de terra.

Segundo a pesquisadora Rose Fernandes (2014) o marco da sesmaria de São Bento que se encontrava ao lado do Hotel Porto Veleiro, no Peró, desapareceu em 2008. Mas um dos quatros marcos que ficavam no bairro São Bento, encontra-se atualmente na lateral do prédio da Charitas, no centro de Cabo Frio.

O Marco da Sesmaria de São Bento é um monumento tombado pelo poder público municipal, pelo Decreto nº 012, de 28 de novembro de 1989.
Fonte: Acioli Gonçalves da Silva Júnior.

Como não consta do Inventário do Capitaõ Antonio da Costa Ribeiro a dívida com **Manoel da Costa Gontijo**, este teve que entrar com o processo de cobrança contra os herdeiros do sobredito capitão

<> Este processo não está no FamilySearch <>

ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

Olá, PEDRO GOULART GONTIJO (trocar senha || sair)

Resultado da Pesquisa (voltar à pesquisa)

[Exibindo de 1 a 2 no total de 2 - Página: 1/1] 1

Adicionar ao cesto de solicitações

Fundo FÓRUM DA COMARCA DE OURO PRETO
Série CÍVEL
Documento EXECUÇÃO DE SENTENÇA
Ano 1765
Caixa 390 **Documento** 7856 **Cartório/Ofício** 1
Observação Os réus supra citados, herdeiros de Antônio da Costa Ribeiro (Capitão-Mor).
Nomes MANUEL DA COSTA GONTIJO (SARGENTO-MOR) - AUTOR
CATARINA DE ANDRADE FREIRE E OUTROS - RÉU

Adicionar ao cesto de solicitações

Fundo FÓRUM DA COMARCA DE OURO PRETO
Série CÍVEL
Documento INVENTÁRIO
Ano 1758
Caixa 5 **Documento** 51 **Cartório/Ofício** 1
Observação Encontra-se no auto o traslado do Testamento do inventariado supra.
Nomes ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO (CAPITÃO-MOR) - INVENTARIADO
CATARINA DE ANDRADE FREIRE - INVENTARIANTE

[Exibindo de 1 a 2 no total de 2 - Página: 1/1] 1

http://sahmi.museus.gov.br/pesquisaExterna/pesquisaExterna.xhtml

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmop/brtacervo.php?cid=52



visualizar IMAGENS

gerar pdf da FICHA+IMAGENS

CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO

TÍTULO	SOLICITAÇÃO DE LICENÇA PARA ALARGAR SEUS QUINTAIS E ENDIREITAR A RUA
NOTAÇÃO ATUAL	CMOP CX. 02 DOC. 27
DATA	19/08/1730 (1)
LOCAL	VILA RICA
NOMES	CÂMARA DE VILA RICA; CAPITÃO ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO, MANUEL BERNARDES DE ALMEIDA E VIZINHOS DA RUA DIREITA

APM: Av. João Pinheiro 372, Funcionários - 30.130-186 | Belo Horizonte, MG - Brasil | Telefone: (31) 3663-3751 | WhatsApp: (31) 99152-2989 | E-mail: apm@secult.mg.gov.br

C.M.O.P
Cx. 02
Doc. 27

Snr. Senado.

Diz M.el Cap.am Antonio da Costa Leite
Manoel Bernardes de Almeyda comaes vezinhos faz
saber Lella Que diz q.e vay para Antonio Dias, q. pello dos
gastos junto lhes concedido, opodarem alargar seus quintaes may
p.a fora, emorderm tambem a utilidade publica de seu derrotar
p.a fora que fica nascessitar delles, eseevitar a immundice que
Na forma se
pode recrear
Em Sam.el dello
de Fev.o de 1.o

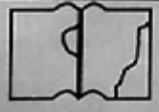
Sebolta Emanuel sefaz inpraticavel, ecomo p.a uzo
q.e O. Lic.a despacho necessitad deque V.m Confirmem.

M.el da C.a M.el Gustacão m. confirmara.

Licença na forma della p.a q. diz o Sup.e

Ribeiro

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP%20Cx.%2002%20Doc.%2027/466.jpg



Texto deteriorado e/ou
Encadernação defeituosa
Damaged text. Wrong inding
0078 (*)

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cmop/brtacervo.php?cid=92

visualizar IMAGENS

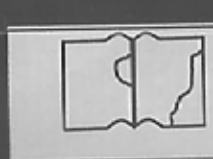
gerar pdf da FICHA+IMAGENS

CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO	
TÍTULO	RECLAMAÇÃO FEITA PELO CAPITÃO-MOR DE ITABIRA DO CAMPO, CONTRA O PROVEDOR DO REAL DONATIVO, POR ESTE O ACUSAR DE SER UM NEGOCIANTE, APESAR DE SER APENAS GARIMPEIRO
NOTAÇÃO ATUAL	CMOP CX. 03 DOC. 08
DATA	06/10/1731 (1)
LOCAL	VILA RICA
NOMES	CÂMARA DE VILA RICA; CAPITÃO-MOR ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO

[1]

CMOP
Cx. 03
Doc. 08

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/cmopdocs/CMOP%20Cx.%2003%20Doc.%2008/739.jpg



Texto deteriorado e/ou
Encadernação defeituosa
Damaged text. Wrong indling
0078 (*)

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=11918

gerar pdf da FICHADESCRITIVA

CASA DOS CONTOS	
NOTAÇÃO	CC - CX. 71 - 30774
LOCAL	S/L
CAIXA	71
ROLO	522
CONTEÚDO	PROCURAÇÃO DE ANA INÁCIA PIRES DE OLIVEIRA A DIOGO PEREIRA RIBEIRO VASCONCELOS, A ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO, AO CAPITÃO DOMINGOS DA ROCHA PEREIRA, AO AJUDANTE MIGUEL DIONÍZIO, AO PADRE LEONEL DE ABREU DE LIMA E AO CAPITÃO MAXIMIANO DE OLIVEIRA LEITE REFERENTE A COBRANÇA DE DÍVIDAS.
DESCRITORES	PROCURAÇÕES /
ÍNDICE ONOMÁSTICO	ANA INÁCIA PIRES DE OLIVEIRA

Lº = Nº 12

Seminarias

Indice

ARCHIVO PUBLICO MINEIRO
OURO PRETO

A

Antonio Joze Machado de Castr. — 4
Andre Roiz Lima — 16
Antonio Pimenta da Cunha — 28
Andre Pz Chaves — 32
Antonio Lemes da Silva — 35
Antonio Pz Gomes — 46
Andre Roiz Chaves Filho — 52
Andre Pz Chaves — 311
Andre Barboza de Barros — 34
Antonio de Castro Vieyra — 80
Ant.º Pinto d'Oliv. — 92 93
Ant.º Pinheiro de Mag.s — 97
Ant.º Ribr. Velho — 100
Ant.º e Bento Ve[illegible] — 110
Ant.º [illegible] — 116
Ant.º [illegible] — 125
[illegible] — 129
[illegible] — 148
[illegible] — 169

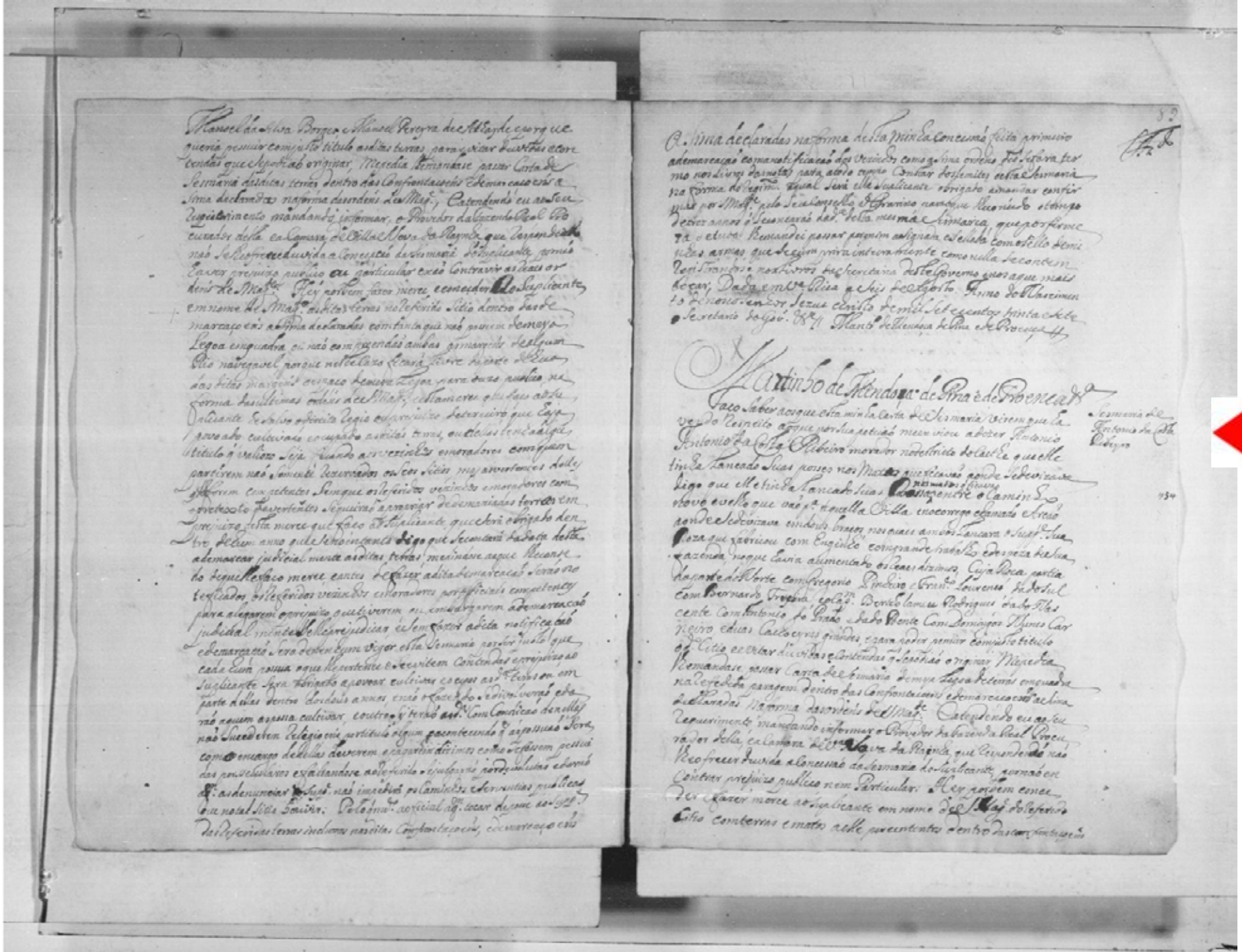
B

Bernardes Domingues — 38
Balthezar Correa Bandeira — 81
Bento de Soares Pereira — 91
Beatriz Coelha de Mello — 120
Bento da Costa de Ab.º — 138

C

Cotodio Rebello de Lior. — 21
Caetano da Silva — 68
Caetano Alz. Rodrigues — 60

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SC-42/7443.jpg



http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SC-42/7536.jpg

edemarcaçoẽs asima declaradas, contanto que não passem de meya
Legoa cõquadra, e não comprehenda ainguas, ou arroyos de algum Rio
navegavel, porque neste caso ficará Livre de Ega das partes e os pasto
de meya legoa para cada lado, visto a forma das ordens de
Mag.de estas merece que faço ao Suplicante de Sesmaria de terras
cõtheudas do terreno que haja gouvado cultivado cercado ou de
ras, ou dellas tenha algum titulo que valha, e seja, ficando os vezinhos
emoradores cõquem partirem não somente devolutas ou seus Ci
tios mas arvoredos dellas que lhe forem Competentes sem que
os referidos Vezinhos emoradores cõcorrentes ou devertentes seguer
vão apropriar as demarcadas terras em prejuizo desta merce que
faço ao Suplicante que será obrigado dentro de hum anno que
Secontará da data desta Sesmaria a demarcar judicialmente as
ditas terras medindo as, e que Reconhecido e que lhe faça merce e
antes de fazer na.da demarcação será notificados os Confrontes
Vezinhos emoradores cõquem partirem as terras por effeito
aos Competentes para alegarem o prejuizo que tiverem e em
garem a demarcação Judicialmente sobre o prejudicar e sem fazer
a dita notificação demarcação será de Nenhum vigor e Sendo
ria por ser justo que cada hum pessoa que lhe pertence e Secon
tem contendas e prejuizo e Suplicante será obrigado apropor e alle
var e cumprir as ditas terras ou em parte dellas dentro de dous anno
tro sem terá as ditas terras Com Condição de nellas não Sucederem
Sesmeiro, e entendendo que a posse não será como encargo de
devirem e pagarem dellas dizimos como se fossem possuidas
por seculares e faleandose ao referido e Sejuizo perde as datas
e darão aquem as denunciar. O Suplicante empedira os Ca
minhos e Serventias publicas que natal Citio ouver: e Sollo
mando ao official aquem tocar depoise ao Suplicante das Sesme
radas terras inclusas nas ditas Confrontaçoẽs e demarcaçoẽs asima declaradas na forma desta minha Concessão feita
primeiro a demarcação com as testificação dos vezinhos e com a se
ma ordeno doque Sesmaria termo nos Livros das notas para a todo
constar dos limites desta Sesmaria na forma do Regimento
e dera outro Sim e obrigado elle Suplicante a mandar con
firmar esta Sesmaria pello Mag.de pello Seu Conselho

Ultramarino para oque Reconhecido o tempo de tres annos
que Começarão a Correr da data desta mesma Sesmaria que por
Sesmeiro defunto Fernandes passar por mim assignada e Sellada
com o Sello de minhas armas que Servem para inteiramente
Como nella se contem Registrandose nos Livros da Secretaria
deste Gov.no aque mais tocar Data em V.a Rica aos
nove de Agosto Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus
Christo de mil Sete centos trinta e sete. o Secretario Joseph
Martinho de Mendoça de Pina e de Proença

Martinho de Mendoça de Pina e de Proença do Conselho
Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que havendo
respeito aque por sua petição me enviou a dizer Salvador Furtado de
Almeyda que elle Suplicante tinha Sua Fazenda e Samada ao Morro
Sitio no Citio ao Rio de São Francisco, aonde era morador, aqual Citio
tinha povoara Cultivara com grande despeza de sua Fazenda e partia
de Sua banda com fazenda de Antonio Furtado de Almeyda e toma
Samada do Sitam Convento e Rumo direito até a Fazenda do Dom
Sucesso Comendo da parte de sima pela Cabeceira dos Furtados até o cor
rallinho aonde parte com a Fazenda e Samada Santa Roza e por outra
parte Corria pelo Ribeirão talcanabrada até a Lagoa Grande de
Sua Fazenda não tinha e Sup.e Concerto de Carta de Sesmaria pela
grande distancia em q' delas Citio não Sesacava aquelle Citio e por q'
Caqueria possuir com justo titulo p.a evitar duvidas e Contendas que
pelo tempo adiante Sepodião e Originar Mercedia Sesmandase passar
Carta de Sesmaria da dita Fazenda dentro das Confrontaçoẽs e Demarcaçoẽs
asima declaradas na forma das ordens de S.M.de aque attendendo
eu mandando ouvir o Provedor da Fazenda Real e ordenador della:
Hey por bem fazer merce e conceder em nome de S.M.de ao Sup.e o de Se
sidio Citio contheudas e matos aelle pertencentes dentro das Confrontaçoẽs e de
marcaçoẽs asima declaradas contanto que não passe de dita legoa de Largo
e tres de comprido e tres de Largo e dita declarando eu Legoa e meya em
quadra de maneira q' nunca passe de tres Legoas ou comprehenda
ambas as margens de algum Rio Navegavel porẽ nelle Caso ficara Livre
de Ega das partes meya Legoa para cada lado na forma das ditas
ordens de S.M.de e esta merce que faço ao Suplicante e ecluo

minhos e serventias publicas que no tal Sitio houver. Pelo q' m.ª ao official a q.m tocar de posse ao Supp.º das referidas terras incluzas nas ditas confrontaçõens, e demarcaçõens asima declaradas na forma desta minha concessão feita primeiro a demarcação com a notificação dos vizinhos como asima ordeno de q' se fara termo nos livros das notas para a todo tempo constar dos Lemites desta Sismaria na forma do regim.to a qual será elle Suplicante obrigado a mandar confirmar por S. Mag.de pelo seu Conselho Ultramarino, para o que lhe concedo o tempo de tres annos q' se contarão da d.ª desta mesma Sesmaria, que por firmeza de tudo lhe mandei passar por mim asignada e sellada com o sello de minhas armas, que se cumprira inteiramente como nella se contem registrandose nos livros da Secretaria deste Governo e nos que mais tocar. Dada em V.ª Rica a seis de Agosto. Anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos trinta e sete. — O Secretario do Gov.º etc. Mart.º de Mendoça de Pina e de Proença etc.

A Antonio da Costa Ribeiro

Martinho de Mendoça de Pina e de Proença etc.— Faço saber aos que esta minha Carta de Sismaria virem que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer Antonio da Costa Ribeiro morador no districto do Caethe que elle tinha lançado suas posses nos matos q.' ficavão entre o caminho novo e velho que vão p.ª áquella Villa e no corrego chamado Areão aonde se divizava em dous braços, nos quaes ambas lançara o Supp.ª sua Roça que fabricou com Engenho com grande trabalho e despeza de sua fazenda, no que havia aumentado os reaes dizimos, cuja Roça partia da parte do Norte com Gregorio Pinheiro e Fran.co Lourenço da do Sul com Bernardo Freira, e Cap.m Bertholomeu Rodrigues da do Nascente com Antonio do Prado, e da do Poente, com Domingos Nunes Carneiro, e duas Cachoeyras grandes, e para poder possuir com justo titulo o d.º Citio e evitar duvidas e contendas q.' se podião originar me pedia lhe mandase passar Carta de Sesmaria de meya legoa de terras em quadra na referida paragem dentro das confrontacoens e demarcaccens asima declaradas, na forma das ordens de S. Mag.de e atendendo eu ao seu requerimento, mandando informar o Provedor da Fazenda Real Procurador della, e a Camara de V.ª Rica da Rainha, que responderão não lhe offerecer duvida a concessão da Sesmaria do Supplicante, por não encontrar prejuizo publico nem Particular: Hey por bem conceder e fazer merce ao Suplicante em nome de S. Mag.de do referido Citio com terras e matos a elle pertencentes dentro das confrontaçoens e demarcaçoens asima declaradas, contanto que não passem de meya legoa em quadra, ou não comprehenda ambas as margens de algum Rio navegavel porque neste cazo ficará livre de huá das partes o espaço de meya legoa para o uzo publico na forma das ultimas ordens de S. Mag.de e esta merce que faço ao Suplicante he salvo o direito Regio e prejuizo de terceiro, que haja povoado cultivado e ocupado as ditas terras, ou dellas tenha algum titulo que valiozo seja, ficando os vezinhos e moradores com quem partirem não somente rezervados os seus Citios mas as vertentes delles que lhe forem competentes, sem que os referidos vezinhos e moradores com o pretexto de vertentes,se queirão apropriar de demaziadas terras em prejuizo desta merce que faço ao Supplicante que será obrigado dentro de hum anno que se contará da data desta Sesmaria a demarcar judicialmente as ditas terras medindo as que lhe concedo e de que lhe faço merce, e antes de fazer a d.ª demarcação serão notificados os referidos vezinhos e moradores com quem partirem as d.as terras por officiaes competentes para alegarem o prejuizo que tiverem, e embargarem a demarcação judicialmente se lhe prejudicar, e sem fazer a dita notificação e demarcação será de nenhum vigor esta Sesmaria por ser justo que cada hum pessua o que lhe pertence e se evitem contendas e prejuizo, e o Suplicante será obrigado a povoar cultivar e ocupar as ditas terras, ou em parte dellas dentro de dous anno e não o fazendo se devolverão e darão a quem as possa cultivar e outro sim terá as ditas terras com condição de nellas não sucederem religioens, e acontecendo que as possuão será com o encargo de deverem e pagarem dellas dizimos como se fossem pessuidas por Seculares, e faltando-se ao referido se julgarão por devolutas e darão as quem a denunciar. E o Suplicante empedira os caminhos e serventias publicas que no tal Citio ouver: Pello que mando ao official a quem tocar de posse ao Suplicante das referidas terras incluzas nas ditas confrontaçoens e demarcaçoens declaradas na forma desta minha concessão feita primeiro a demarcação com a notificação dos vezinhos como asima ordeno de que se faça termo nos Livros das notas para a todo tempo constar dos limites desta Sesmaria na forma do regimento e sera outro sim obrigado elle Suplicante a mandar confirmar esta Sismaria por S. Mag.de pelo seu Conselho Ultramarino, para o que lhe concedo o tempo de tres annos que começarão a correr da data desta mesma Sesmaria, que por firmeza de tudo lhe mandei passar por mim assignada e sellada com o sello de minhas armas que se cumprira inteiramente como nella se contem registrando-se nos livros da Secretaria deste Gov.º e nos a que mais tocar. Dada em V.ª Rica aos nove de Agosto, Anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e trinta e sete.— O Secretario do Gov.º — Martinho de Mendoça de Pina e de Proença.

---

comprehendão por razão de ter muitas terras inuteis, e infrutiferas consistindo os mattos q' são os q' frutificão, e alguns capoens separados huns dos outros q' todos juntos poderião ter meya legoa de terra em quadra ; e porque a queria possuhir na forma das ordens de S. Mag.e me pedia lhe mandasse passar Carta de Sesmaria das ditas terras, ao q' attendendo eu estar situado nellas, e ser conveniente haja toda a providencia nas q' se hão de cultivar dentro, e vesinhas da demarcação dos Diam.tes Hey por bem fazer merce de conceder em nome de S. Mag.e ao d.o José da Silva Guim.es meya legoa de terra em quadra na sobre d.a paragem com declaração que não excederá esta conceção em mais terra da que lhe concedo não comprehendendo ambas as margens de algum Rio navegavel, porque neste cazo ficará livre de hũa das partes o espaço de meya legoa para o uzo publico na forma das ultimas ordens de S. Mag.e e esta merce que faço ao Sup.e he salvo o direito regio, ou prejuizo de terceiro que por algum tt.o lhe pertenção, rezervando os Sitios dos vezinhos, e moradores com quem partirem as dittas terras, e suas vertentes que lhe forem competentes, sem q' os referidos vezinhos com o pretexto de vertentes se queirão apropriar de demaziadas terras em prejuizo desta merce feita ao Sup.e q' será obrigado no termo de hum anno q.o se contará da data desta demarcar-se judicialm.te medindosse as q' lhe tocar ; e antes de fazer a demarcação serão notificados os referidos vezinhos p.a allegarem o prejuizo que tiverem e embargarem a demarcação se lhe prejudicar, e sem fazer a demarcação, e notificação não terá vigor esta Sesmaria ; e o Sup.e será obrigado a povoar, e cultivar as dittas terras, ou parte dellas dentro de dous annos, e não o fazendo se darão a q.m o possa fazer ; e outro sy as terá com condição de não succederem nellas Religiosens por tt.o algum ; e acontecendo possuhilas será com o encargo de pagarem dellas Dizimos como quaisquer seculares, e faltando ao referido se julgarão por devolutas, e se concederão a q.m as denunciar ; e o Sup.e não embarassará os caminhos, e serventias publicas q' na tal Fazenda houver. E outro sy será obrigado a vegiar as terras da sua demarcação, não consentindo nellas negros fugidos a minerar, nem outra algua pessoa q.e se prezuma aonde furtivamente extrahindo Diamantes, e achando algum buraco, ou sinal, nas dittas terras por onde se venha no conhecimento de q.e se fez experiencia, hirá logo dar parte na Intendencia dos Diamantes do q' achar de novid.e ; e ficando distante della ao Cabo da patrulha q' estiver mais vezinho para se mandar averiguar q.m seria o transgressor da real probibição ; e constando senão podia fazer a d.a experiencia sem ser sciente della será castigado conforme o damno q' se achar, e declarão os bandos. Pello q' mando ao o.fes a q' tocar dê posse ao Sup.e das referidas, feitas primr.o a demarcação dos vezinhos como asima ordeno de q' se fará termo no l.o das nottas p.a constar a todo tempo

o referido na forma do regim.to ; e outro sy será obrigado no termo de quatro annos q' se contarão da data desta mandar confirmar esta Sesmaria por S. Mag.e p.lo seu Conc.lo Ultr.o E por firmeza de tudo etc. Dada nesta V.a do Principe a *1* de Setr.o de *1739*. O Secretr.o Ant.o da Rocha Machado a fez escrever — *Gomes Freire de Andrada.*

A Antonio da Costa Ribeiro

Gomes Fr.e de Andr.a etc.—Faço saber aos q' esta minha Carta de Sesmaria virem q' tendo respeito a representar me Antonio da Costa Ribr.o m.ce na V.a do Principe, comarca do Serro frio, q' elle possuia hua rossa, cita em correge, q' fas barra no ribr.o do O, cuja rossa se chama bombaça, e fica dentro da demarcação dos Diam.tes p.a a p.te do Rio das Pedras, a q' fas pião por sima das casas da vivenda do Sup.e partindo do Nascente com João Fran.co de Carv.o e do Poente desde o morro das Pedras, cortando o corgo do O, asima do Norte com Dom.os da S.a Pimenta, e do Sul com Fran.co de Avilla q' tudo teria meya legoa de terra em quadra, e porq' a queria possuhir na forma das ordens de S. Mag.e me pedia lhe mandasse passar Carta de Sesmaria, ao q' attendendo eu estar situado nellas, e ser convn.te haja toda a providencia nas que se hão de cultivar dentro, e vezinhas da demarcação dos Diam.tes Hey por bem fazer m.ce ao d.o Antonio da Costa Rib.o, meya legoa de terra em quadra na sobre d.a paragem, com declaração que não excederá esta concessão em mais terra da q' lhe concedo, não comprehendendo ambas as margens de algum Rio navegavel porque neste cazo ficará livre de hua das partes o espaço de meya legoa p.a o uzo publico na forma das ultimas ordens de S. Mag.e, e esta m.ce que faço ao Sup.e he salvo o dir.to regio, ou prejuiso de terceiro que por algum tt.o lhe pertenção, rezervando os Sitios dos vezinhos, e moradores com quem partirem as d.as terras, e suas vertentes que lhe forem competentes, sem que os referidos vezinhos com pretexto de vertentes se queirão apropriar de demasiadas terras em prejuizo desta m.ce feita ao Sup.e, que será obrigado no termo de hum anno que se contará da data desta, demarcarse judicialm.te medindosse as q' lhe tocar, e antes de fazer a demarcação serão notificados os referidos vezinhos para allegarem o prejuizo que tiverem, e embargarem a demarcação se lhe prejudicar, e sem fazer a demarcação, e notificação não terá vigor esta Sesmaria; e o Sup.e será obrigado a povoar, e cultivar as ditas terras, ou parte dellas dentro de dous annos, e não o fazendo so darão a quem o

possa fazer ; e outro sy as terá com condição de não sucederem nellas Relligioens por tt.º algum, e acontecendo possuhilas será com o encargo de pagarem dellas dizimos como quisquer seculares, e faltando ao referido se julgarão por devolutas, e se concederão a quem as denunciar ; e o Sup.º não embarassará os caminhos, e serventias publicas que na tal Fazenda houver. E outro sy será obrigado a vegiar as terras da sua demarcação, não consentindo nellas negros fugidos a minerar, nem outra algua pessoa q' se prezuma ande furtivamente extrahindo Diamantes, e achando algum buraco, ou sinal nas ditas terras por onde se venha no conhecim.to de que se fes experiencia, hirá logo dar parte na Intend.ª dos Diam.tes do que achar de novid.e, e ficando distante della, ao Cabo da patrulha que estiver mais vezinho, para se mandar averiguar, quem seria o transgressor da real prohibição, e constando senão podia fazer a d.ª experiencia sem ser sciente della, será castigado conforme o damno que se achar, e declarão os bandos. Pello q' mando ao official a que tocar dê posse ao Sup.º das refferidas teras, feita, primr.º a demarcação, e notificação dos vezinhos como asima ordeno, de que se fará termo no l.º das Nottas p.º constar a todo tempo o refferido na forma do regim.to, e outro sy será obrigado no termo de quatro annos, q' se contarão da data desta mandar confirmar esta Sesmaria por S. Mag.ª pello seu Conç.º Ultr.º E por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente por mim assignada, e sellada com o sello das minhas armas, q' se cumprirá inteiram.te como nelle se contem, e se registará nos Livros da Secretr.ª desta Governo, e nos mais a q' tocar. Dada nesta V.ª do Principe ao 1.º de Setr.º de 1739. O Secretr.º Ant.º da Rocha Machado a fes escrever. — *Gomes Freire de Andrada.*

A Pedro Vieira Alpoim da Silva e Cap.m José Ribr.º da Silva

Gomes Fr.º de Andrada etc. — Faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem, que tendo respeito a representar me Pedro Vieira Alpoim da Silva, e seu socio o Capitão José Ribeiro da Silva, q' elles tinhão descuberto um Citio na Paraopeba, Com.ca do R.º das Velhas, idoneo para estabelecimento de criaçoens de gado vaccum, e cavallar, o qual Citio partia com o d.º Pedro Vieira, e pello Rio a sima com o morro de Matheus Leme, e da parte de Pitangui com a matta do defunto Borba, e pella outra com o Rio chamado o Guarda, e porque as dittas terras estavão devolutas, sem possessão de outro morador, e elles as querião fabricar com seos escravos, em q' se seguia utilid.e a Fazenda de S. Mag.e me pedião lhe mandasse passar

Carta de Sesmaria, concedendo lhe nella duas Legoas, e meya de terra de comprido, e duas de largo com o certão q. se comprehendia nellas e com as confrontaçoens asima declaradas, ao q' attendendo eu. Hey por fazer merce de conceder em nome de S. Mag.e ao d.º Pedro Vieira Alpoim da Silva, e seu socio o Cap.m Jose Ribr.º da Silva, a refferida quantidade de terra na sobre d.ª paragem com declaração, que não excederá esta concessão em mais terras da que lhe concede, não comprehendendo ambas as margens de algum Rio navegavel, porque neste cazo ficará livre de hua das partes o espaço de meya legoa, para o uzo publico na forma das ultimas ordens de S. Mag.e e esta m.ce q' faço ao Supp.es he salvo o dir.to regio ou prejuizo de terceiro q' por algum titulo lhe pertenção, reservando os Sitios dos vezinhos, e moradores com quem partirem as ditas terras, e suas vertentes q' lhe forem competentes, sem q' os refferidos vezinhos com o pretexto de vertentes se queirão apropriar de demaziadas terras em prejuizo desta merce feita ao Sup.es q' serão obrigados no termo de hum anno, q' se contará da data desta, demarcarse judicialmente medindosse as que lhe tocar, e antes de fazerem a demarcação serão notificados os refferidos vezinhos para allegarem o prejuizo q' tiverem, e embargarem a demarcação se lhe prejudicar sem fazerem a demarcação, e notificação não terá viger esta Sesmaria ; e os Supp.es serão obrigados a povoar, e cultivar as ditas terras, ou parte dellas dentro de dous annos, e não a fazendo se darão a quem o posse fazer, os quaes annos se contarão da data desta ; e outro sy as terão com condição de não sucederem nellas Relligioens por titulo algum, e acontecendo possuhilas será com o encargo de pagarem dellas Dizimos, como quaisquer seculares, e faltando ao refferido se julgarão por devolutas, e se concederão a quem as denunciar ; e os Supp.es não embarssarão os caminhos, e serventias publicas q' na tal Fazenda hover. Pello q' mando ao official que tocar de posse aos Sup.es das refferidas terras feita primeiro a demarcação dos vezinhos como asima ordeno, de q' se fará termo no Livro das Nottas para constar a todo tempo o refferido na forma do regm.to, e outro sy serão obrigados no termo de quatro annos q' se contarão da data desta mandar confirmar esta Sesmaria por S. Mag.e pello seu Conselho Ultr.º E por firmeza de tudo etc. Dada nesta V.ª Real de Sabará a *12* de Setembro de *1739*. O Secretr.º Antonio da Rocha Machado a fes escrever. — *Gomes Freire de Andrada.*

---

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHJ-1QHP-X947-6?view=explore&groupId=TH-7739-115904-30680-46&lang=pt

CÓDICE 05
AUTO 51
1º OFÍCIO
1758

1758

51

Anno de 1758

Inventario de [illegible]
Capm M. Antonio da Costa Ribeiro,
Vigr. D. Caterina Lutnd.a Freire
da Soubeira

Anms de Cazumenda

Diz D. Catharina de Endrade Freyre viuva q. ficou sem
q. passada a primeiro de Setembro deste pres.te anno de 1758 de Sp.mor Antonio
da Costa Ribeiro que vindo de Sup.p. das Taubira donde é mandou a este
aquisa de seu marido por este falecer della, e Sup.p. de ent.o ambos ter quatro
filhos menores, e elle necess.e transportarse p.a Suacuna donde hum seguro es.a
fermos; como hé cabessa de Casal Tutora nomeada, herdeira da terra, e testamen.a
teira, quer aceitar conforme o ult.o edisso fazer tr., e sp.o otempo de lindos 9
nove dias do Inuento, por elle Sup.e Procuradores nomear o.g. do Casal pertence
aos menores q. é sua escriptura dedivida q. se fazerem conformaer, e repar
tiaõ, entre os menores e Opteaõs.

Junta o ty dita

Mand.o

C. a M. Reguam. na forma. mar
dar que Escriuaõ deste Juizo Retome os ts. referidos
e p.a otempo por seu bastante Procuradores, se faça data
na factura do inventr.

Como pede e dou
fiança
Tutora vista
meação

D. Cruz dos Opteaõs

Mand.o

Atendaz. ao Sup.p. como pede, e se lhe mandar emtregar, e se Registar a
ordem de toda; Sirvase V.M. assim mandar, e sethomem os ts. necessarios

56

1773

Conta geral da

Tutora

Conta Geral

Que dá D. Cat.ª de And.ª Fr.ª por seo Proc.or da Leg.ª dos Orfãos seos f.os q ficaram por morte de seo marido o Cap.am Mor Antonio da Costa Ribeiro como nella se declara

	Monte mor
Importou todo o monte ou importancia da escrit.a apr.ª	8:000$000
De que tocou a meação da viuva	4:000$000
E ficou pertencendo a meação dos f.os outra tanta q.ª de	4:000$000
A qual devidida em trez partes Deo a tocar a 3.ª	3.ª
não obst.e na part.ª de Rezumo f.26 se dizer ser da quantia de 1:336$333 1/3 como certo de 30	1:333$333 1/3
Ficaram a 2 p.as partes importando	2.666$666 2/3
Q.e se subdividirão pelos 4 herd.os vem a tocar a cada hú	666$666 2/3

Legitima de cada hú dos 4 Herd.os

Achamse recebidos todos os 13 pagam.tos da Rezenção e por Conta de todo o monte tem pago e deve o d.o seguinte

Saida

Primeiram.te pelo que pagou ao P.e Marcello vaz da Costa que recebeo seo bast.e proc.or de cuja execução que fazia a defunto marido a Tutora, e Compradora e Consta do seo Recibo nº 1º	412$000
Pelo que pagou a Antonio Joze de Sz.ª e Consta do rec.o nº 2º	76$800
Pelo q pagou a Jeronymo de Matos e Consta do 2.o nº 3º	8$700
Pelo q pagou a Manoel Pr.a Mag.a e Consta do Recibo nº 4º	4$687
Pelo q pagou ao Ex.mo Agostinho Soarez Fran.co o paga do 2.o nº 5º	2$550
Pelo q pagou ao Fr.co Francisco Pr.a e Consta do Recibo nº 6º	15$567
Pelo q pagou ao R.mo Caetano Joze Viegas e Consta do 2.o nº 7º	451$403
Pelo q pagou ao Cap.am Joaõ de Sz.ª Ba.ª e Consta do Cr.o nº 8º	12$000
Pelo q pagou a Carlos Ant.o de Faria nº 9º	25$975
Pelo q pagou ao D. M. Joze Ant.o de S.ª e Consta do 2.o nº 10º	175$000
Soma, e passa na volta	3:038$881

9$388 Vem da Lauda 2 tras

23$025 Pelo q pagou a Lauda Ant.º de Faria, e Conta do 2º nº 11

1$668 Pelo q pagou ao P.e Ant.º José da S.ta Cruz do 2º nº 12

-$275 Pelo q pagou ao Mal.el de Lemos Alg.e Conta do 2º nº 13

2$391 Pelo q pagou a Ant.º José F.z 2º nº 14

1$625 Pelo q pagou a D.os 2º nº 15

23$[illegible] Pelo q pagou a Joaõ de D. Lima 2º nº 16

1$625 Pelo q pagou a Jeronº Mor. dos Santos nº 17

5$885 Pelo q pagou a Joaõ Alz. Seneca 2º nº 18

-$[illegible] Pelo q pagou a Bento de Brito P.e 2º nº 19

1$664 Pelo q pagou a Mel. P.a de recibo nº 20

1$625 Pelo q pagou ao R.do Mel. Teyx.a da Cruz nº 21

22$500 Pelo q pagou ao R.do Mel. Ribr.o Soares nº 22

35$077 Pelo q pagou ao Do Manoel Dias Fr.e 2º nº 23

1$222 Pelo q pagou a Ambrozio Roiz da Cunha 2º nº 24

-$800 Pelo q pagou a Joaõ Roiz Mil. 2º nº 25

3$600 Pelo q pagou a Fran.co Dionizio Mo. nº 26

2$507 Pelo q pagou a Ant.º Joaq.m Fr.e 2º nº 27

67$358 Pelo q pagou ao S.M. Cam.a José Diogo 2º nº 28

$513 Pelo q pagou a Joaõ Alz. Seneca de Reis nº 29

1$355 Pelo q pagou a Manoel Lopes Jg. Recibo nº 30

1$390 Pelo q pagou ao S.M. Fran.co de Reb. nº 31

3$600 Pelo q pagou a Agostº Soares Fran.co 2º nº 32

6$225 Pelo q pagou ao P.e Fran.co P.a de 2º nº 33

28$800 Pelo q pagou a Joaõ Nogr Guedes 2º nº 34

2$400 Pelo q pagou a José Pinto de Abr.e 2º nº 35

75$000 Pelo q Conta pagar a S.ta Casa de Lem.os apr.e nº 36

9$600 Pelo q pagou de varias Contas q mandou Cazar tem entre as suas

1$395 Pela Carga Contada a [illegible]

1:846$984 Soma a despeza geral

De que toca a meação da Viuva 923$492

Alz.a 307$830

Cabeda Cl.e dos 2 Herd.os 153$915

Mendes era despeza.

Alem desta desp.ª q̃ toca mais acada Ell dos d.os herd.os, q̃ jenão inclue.o na desp.ª q̃ pomão a q̃ deve entrar a 3.ª no Recibo n.º 37. de Jg.ª de Ab.º Mar.ª de 1673. de 3$750 ——— 11 $231

Toca mais aos d.os herd.os pelos da Conta de Lolou Conta n.º 38. de 1850$600, de q̃ vé acada Ell ——— 25$150

Soma a desp.ª q̃ acada Ell dos d.os herd.os ——— 133$296

Orsam.to

Lig.ma de Cada Ell ——— 666$666 2/3 1/2

Despeza de Cada Ell ——— 133$296

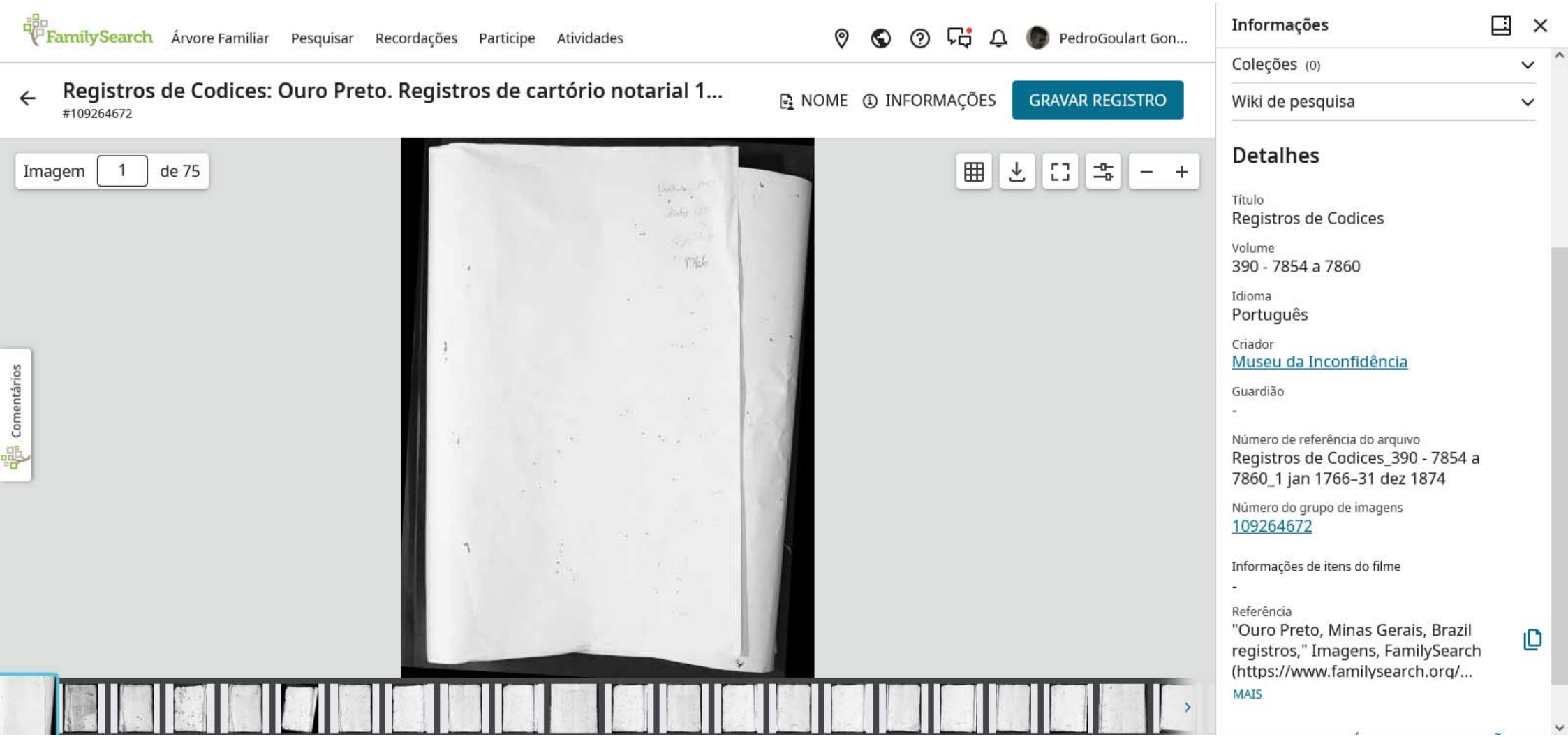
Liquido ——— 467$170 1/2 1/4

Alaguantia Cativada Custay, q̃ acada Ell tocar nesta Conta.

Villa Rica de Janr.º 28. de 1773.

Ant.º da Costa Ribr.º

https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QHN-LQZ8-988Y?view=explore&groupId=TH-7701-117331-9971-60&lang=pt



Processo 7856 <> Não carregado no FamilySearch

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/cc/brtacervo.php?cid=7150



gerar pdf da FICHADESCRITIVA

CASA DOS CONTOS

NOTAÇÃO	CC - CX. 147 - 21390
LOCAL	S/L
DATAS-LIMITE	18/06/1785 - 18/06/1785
CAIXA	147
ROLO	544 A
CONTEÚDO	REQUERIMENTO DE ANTÔNIO LOPES DE MATOS DA COSTA PONTES E DO CAPITÃO-MOR ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO SOBRE A NOMEAÇÃO DE DAMIÃO FRANCISCO DA COSTA PARA O OFICIO DE CARCEREIRO.
NOTA	CONSTA DESPACHO DATADO 18/06/1785 EM VILA RICA.
DESCRITORES	REQUERIMENTOS / NOMEAÇÕES / PROVISÕES DE OFÍCIOS /
ÍNDICE ONOMÁSTICO	DAMIÃO FRANCISCO DA COSTA ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO ANTÔNIO LOPES DE MATOS DA COSTA PONTES

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/brtacervo.php?cid=4637



visualizar IMAGENS

gerar pdf da FICHA+IMAGENS

SECRETARIA DE GOVERNO DA CAPITANIA

FUNDO	SECRETARIA DE GOVERNO DA CAPITANIA (SEÇÃO COLONIAL)
TÍTULO	REQUERIMENTO DE ANA ESTÁCIA RIBEIRO E BRIGIDA ANGÉLICA DA COSTA, HERDEIRAS E TESTAMENTEIRAS DO FINADO ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO, PARA MANDAR FAZER A COBRANÇA DO HERDEIRO E TESTAMENTEIRO GREGÓRIO ÁLVARES CHAVES E QUE OS PROCURADORES DA REAL FAZENDA NÃO FAÇAM A PENHORA DOS BENS DA HERANÇA
NOTAÇÃO ATUAL	SG-CX.73-DOC.70
DATA	21/04/1808 - (1)
ASSUNTO	REQUERIMENTO; HERANÇA; COBRANÇA; DONATIVOS REAIS.
LOCAL	VILA RICA
NOMES	PEDRO MARIA XAVIER DE ATAÍDE E MELO; ANA ESTÁCIA RIBEIRO E BRIGIDA ANGÉLICA DA COSTA, HERDEIRAS E TESTAMENTEIRAS DO FINADO ANTÔNIO DA COSTA RIBEIRO

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.73-Doc.70/104042.jpg

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

SG
(documentos não encadernados)

CAIXA Nº : 073

DOCUMENTO Nº: 070

DATA: 18/08/04/21

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SG-Cx.73-Doc.70/104043.jpg

Não ha que deferir. Cidade Real
21 de Outubro de 1809

Illmo e Exmo Snr.

184

Dizem a Anna Luiza Sabina, Brigida
Angelica de Brito Mendonça, Antonio de Freitas
Soares de Costa Ribeiro, e Manoel de Freitas Soares
Ribeiro, que tendo de V. Ex. certa
ordenança, datada de 7 de Fevereiro do corrente
anno, para os Supplicantes poderem haver
sua Legitima Herança, que lhes ficou por
fallecimento de seu Pai o Sargento Mor Joaquim Francisco
de Brito Ribeiro, e porque os Supplicantes
não tem meios para poderem fazer as custas
necessarias, e precisas, para poderem haver
os seus bens, e porque o Procurador dos Orfãos
não quer dar a Ordem sem primeiro
se fazerem as custas, e porque os Supplicantes
não tem meios para as fazer, e porque
os Supplicantes são Orfãos, e pobres
Pedem a V. Ex. seja servido mandar
que o Procurador dos Orfãos dê a Ordem
sem custas, visto os Supplicantes serem
Orfãos, e pobres, e não terem meios
para as custas, e receberão mercê.

S6
vb 73
doc 70
pg 1

Diz o Procurador dos Orfãos que
não se lhe deve dar vista
visto ser Requerimento
de Partes.

Cidade Real 21 de Outubro de 1809

Illmo e Exmo Snr.

Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)

Oratório da Fazenda do Registro Velho, em Barbacena, é salvo da degradação

Liminar concedida pela Justiça libera a transferência do oratóriao para o museu da cidade

_Landercy Hemerson postado em 03/03/2012 06:00 / atualizado em 03/03/2012 07:07



A Fazenda do Registro Velho ameaça desabar em Barbacena(foto: Beto Novaes/EM/D.A.PRess)

O oratório de Nossa Senhora do Pilar, da Fazenda do Registro Velho, em Barbacena, no Campo da Vertentes, será transferido terça-feira para o museu da cidade. A informação foi dada nessa sexta-feira pelo presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico, Sérgio Ayres. Segundo ele, liminar do juiz da 3ª Vara Cível da cidade, Joaquim Martins Gamonal, determinava que a transferência da peça, do século 18, só poderia ser feita com o acompanhamento de técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), responsável pelo tombamento do acervo desde 2002.

“O conselho municipal já havia pedido ao Ministério Público Estadual autorização para a transferência do oratório, diante dos riscos de danos. Depois da concessão da liminar, em 16 de fevereiro, tivemos de esperar por um momento oportuno para que um técnico do Iphan pudesse acompanhar a remoção da peça”, explicou. Sérgio acrescentou que a obra, a mais antiga de Barbacena, não será exposta no museu, ficando guarda como reserva técnica.

De acordo com o MP, a liminar visa proteger a estrutura diante do péssimo estado de conservação da fazenda do Registro Velho. A recuperação do imóvel também está em discussão na Justiça, em outra ação movida pela Promotoria de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural de Barbacena.

No inquérito do MP , fotografias mostram o nível de destruição do imóvel em razão do rompimento quase total da lona (cobertura provisória), que foi colocada sobre a parte que resta da casa. Além disso, perícia apontou piora do estado de conservação do oratório, o que tornou urgente a remoção do monumento principal.

Justiça considerou as provas levantadas para constatar a devastação sofrida pelo bem cultural. "A construção está por desabar completamente. Não suporta as chuvas torrenciais e constantes que assolaram nossa região", expôs em seu despacho o juiz Joaquim Gamonal. Segundo o magistrado, a medida cautelar foi necessária devido à possibilidade de lesão grave de difícil reparação, caso houvesse demora na retirada do oratório

A Fazenda Registro Velho é uma construção do início do século 18 e constitui um dos mais importantes prédios históricos do estado. Lá, hospedaram-se Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, e o imperador dom Pedro I, como também o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire e o cientista alemão naturalizado russo Georg Heinrich von Langsdorff.

O casarão é objeto de duplo tombamento, federal e municipal. O imóvel encontra-se em ruínas: parte do teto desabou, assim como várias paredes do fundo da casa. Segundo Sérgio Ayres, diante da falta de recursos financeiros para a restauração da sede da fazenda, há uma proposta em análise do Ministério Público de instalação de um telhado sobre o imóvel.

Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)

Barbacena – Sede da Fazenda do Registro Velho



Imagem: Iphan A Sede da Fazenda do Registro Velho, em Barbacena-MG, foi residência do Inconfidente Padre Manoel Rodrigues da Costa.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Nome atribuído: Sede da Fazenda do Registro Velho – Residência do Inconfidente Padre Manoel Rodrigues da Costa
Localização: 1,2 Km do Km 8, da MG 135, distrito de Sá Fortes – Barbacena-MG
Número do Processo: 1358-T-1995
Livro do Tombo Histórico: Inscr. nº 562, de 10/07/2002
Descrição: A fazenda foi residência do Inconfidente Padre Manoel Rodrigues da Costa.
Fonte: Iphan.
Descrição: Manuel Rodrigues da Costa (Queluz, Minas Gerais, 2 de julho de 1754 — Barbacena, 19 de janeiro de 1844) foi um sacerdote católico, revolucionário e político brasileiro que participou da Inconfidência Mineira e da Primeira Assembleia Nacional Constituinte do Brasil.
Estudou no seminário da cidade de Mariana e ordenou-se padre em 1780, possuidor do Hábito de São Paulo.
Sempre residiu na sua fazenda do Registro Velho, no atual município de Antônio Carlos, na época ainda parte de Barbacena. Nessa fazenda, hospedou Joaquim José da Silva Xavier, que o convenceu a participar na Inconfidência Mineira. Após a delação de Joaquim Silvério dos Reis, foi condenado a degredo de dez anos em Lisboa, em dependências eclesiásticas. Também foram confiscados muitos de seus bens, dentre os quais metade da fazenda Tapera, um título de terras minerais, sua rica biblioteca, móveis, utensílios domésticos, dois escravos, tabaco e uma batina, que atualmente está exposta no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto. A Fazenda do Registro Velho foi preservada por ser meação da sua mãe.
Fonte: Wikipedia.
Prefeitura Municipal de Barbacena-MG
Nome atribuído: Conjunto Histórico e Paisagístico da Fazenda do Registro Velho (ausência de área)
Localização: Barbacena-MG
Decreto de Tombamento: Decreto n° 2.956/1993
Descrição: A Fazenda do Registro Velho, um dos marcos históricos mais importantes de Barbacena e Minas Gerais, teve as obras de recuperação iniciadas nesta semana. Através de um acordo entre o município, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o imóvel será reconstruído e futuramente adaptado para receber atividades de educação ambiental e patrimonial. A empresa vencedora da licitação, coordenada pelo Iphan, foi a Minas Nova, que instalou o seu canteiro de obras e começou os trabalhos na última segunda-feira, dia 29 de junho.
A recuperação é minuciosa, com uma nova configuração em busca de preservar o máximo possível da arquitetura original, boa parte perdida após duas tentativas frustradas pelo Iphan de proteger com coberturas de lona o monumento tombado em 2008. O trabalho de reconstrução é dividido em duas etapas: nesta primeira parte, haverá a recomposição do telhado e fixação dos pilares de apoio para permitir que o original não se degrade mais, e posteriormente, ao Município ficará tarefa de executar o projeto, criado pela empresa Gema Arquitetura e Urbanismo. O município de Barbacena, através da Diretoria de Cultura e Turismo da Agir e do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico (Compha), participou de várias reuniões com as empresas vencedoras da licitação e o Iphan em São João del-Rei e Belo Horizonte. “Estamos dando um importante passo. Felizmente, nossas sugestões de utilização do espaço interno foram acatadas”, ressalta o diretor de Cultura e Turismo da AGIR, Edson Brandão.
A intervenção da Prefeitura foi fundamental para que a fazenda, muito degradada, ganhasse novos contornos. Até então, era um imóvel particular, tombado pelo Iphan, sem que fosse possível a atilização de recursos públicos. “A Prefeitura entrou em uma negociação com a família proprietária, que cedeu uma parte do entorno e a casa em si, e, desta forma, o município pôde colaborar com o Iphan para que isso acontecesse. Do contrário, mesmo tendo os recursos, a obra não poderia ser realizada”, explica o diretor de Cultura e Turismo.
As obras do telhado e da estrutura ficarão prontas em 60 dias. E, em breve, o município terá acesso ao projeto para dar sequência à recuperação.
Novos rumos
Uma vez reconstruída, a sede da Fazenda do Registro Velho poderá se converter em um espaço de utilidade pública, através de parcerias para ser utilizado como um centro de educação patrimonial e ambiental. A proposta é que o projeto reconte a história da casa erguida no início do século XVIII e reforce a importância histórica e ambiental do Rio das Mortes, que passa perto do local. “É um marco muito relevante, por onde passaram viajantes do Caminho Novo, testemunha de diversos fatos históricos, como o Ciclo do Ouro e a Inconfidência Mineira. Por isso, a reconstrução da casa da fazenda é uma questão de honra para a preservação da memória e identidade de nossa região e Minas Gerais”, explica o arquiteto Sérgio Ayres, presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico.
Fonte: Prefeitura Municipal.

Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)



Foto antiga, com moradores cerca de 1950

Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)

FAZENDA REGISTRO VELHO

FOTO FACHADA FRONTAL - 1995



O projeto de restauração e requalificação da Fazenda do Registro Velho teve como premissa a recuperação, para a cidade de Barbacena, desta edificação emblemática da história regional, com a adequação a uma nova ocupação de cunho sócio-cultural. O Museu do Registro, nova uso proposto para a antiga Fazenda, incluiu uma intervenção de caráter multifuncional, onde a flexibilidade e a reversibilidade foram as características almejadas.

A Fazenda Registro Velho aparece envolvida em diferentes eventos históricos e foi ponto de fiscalização no século XVIII, o que lhe confere o status de bem cultural de grande relevância nacional.

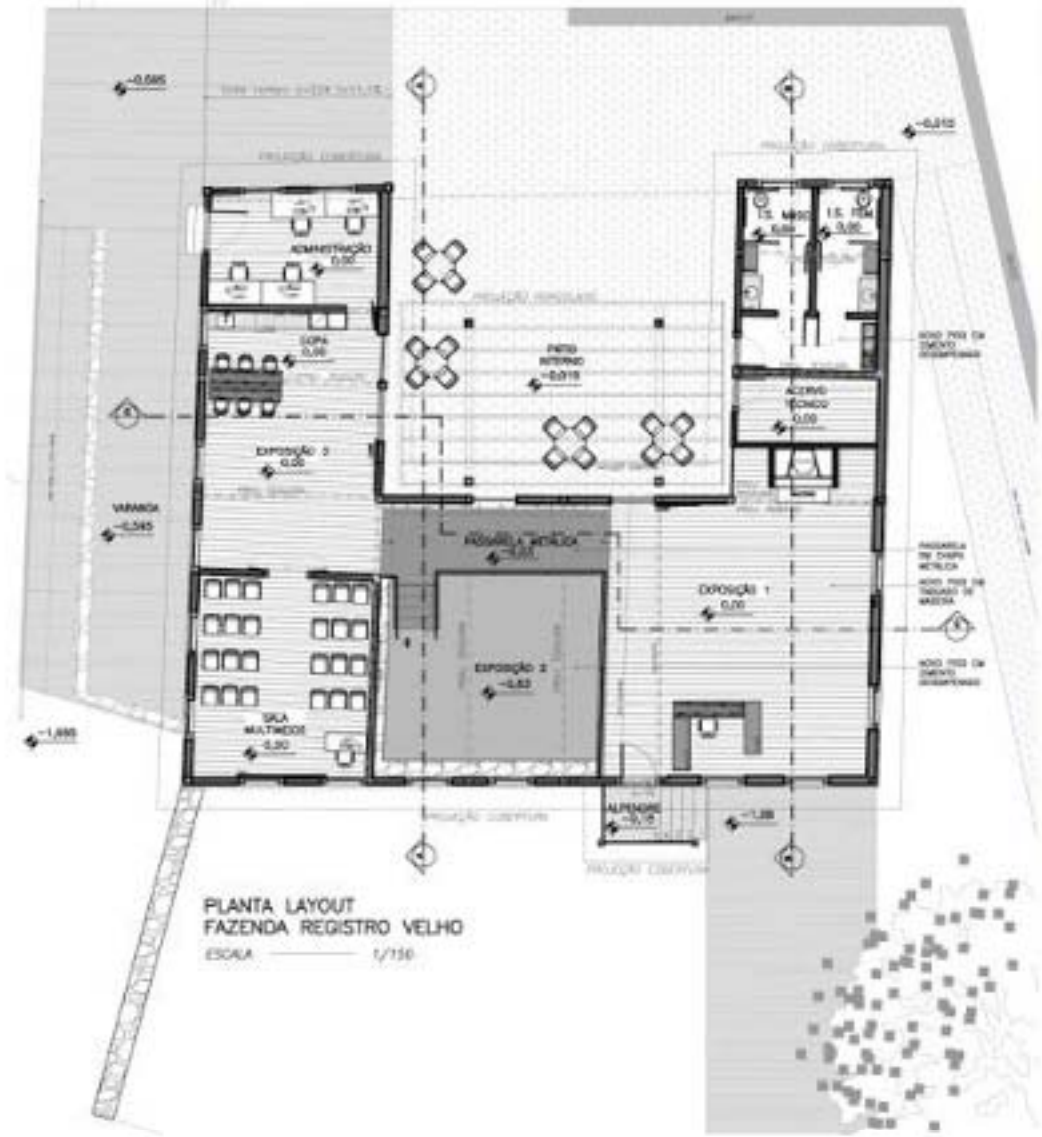
A sede da Fazenda -mesmo protegida por tombamentos federal e municipal- encontrava-se em estado de conservação precário e demandava intervenções urgentes, e muitos elementos não possuíam condições de consolidação. Toda a cobertura tinha desabado e poucas paredes permaneciam íntegras. O piso também estava arruinado, mas o robusto e autêntico baldrame de pedra sustentava o que ainda resistia aos anos sem manutenção.

Assim, acatando diretamente às premissas da Superintendência do IPHAN em Minas, a proposta do Museu do Registro mantém a percepção original do bem cultural, ao mesmo tempo em que cria espaços que atendem às demandas museológicas contemporâneas.



TÍTULO DA MOSTRA: XVII PREMIAÇÃO DE ARQUITETURA IAB MG 2015 - PAMPULHA PATRIMÔNIO DE TODOS		CATEGORIA: 4.2.g - CONSERVAÇÃO, REUTILIZAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO	
TÍTULO DA OBRA: REQUALIFICAÇÃO DA FAZENDA DO REGISTRO VELHO	EQUIPE - GEMA ARQUITETURA E URBANISMO	CLIENTE: IPHAN-MG	ANO 2015
		COORD.: JOSEANA COSTA	FOLHA 01/05

Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)



PLANTA LAYOUT
FAZENDA REGISTRO VELHO
ESCALA 1/150



VISTA AÉREA - FAZENDA E ENTORNO



VISTA INTERNA - EXPOSIÇÃO 1 E ORATÓRIO

TÍTULO DA MOSTRA: XVII PREMIAÇÃO DE ARQUITETURA IAB MG 2015 - PAMPULHA PATRIMÔNIO DE TODOS		CATEGORIA: 4.2.g - CONSERVAÇÃO, REUTILIZAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO	
TÍTULO DA OBRA: REQUALIFICAÇÃO DA FAZENDA DO REGISTRO VELHO	EQUIPE - GEMA ARQUITETURA E URBANISMO	CLIENTE: IPHAN-MG	ANO 2015
		COORD.: JOSEANA COSTA	FOLHA 02/05

Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)



FOTO FACHADA FRONTAL - 2015



PLANTA REFORMA
FAZENDA REGISTRO VELHO
ESCALA 1/150



DET. GUARDA CORPO – SEÇÃO
ESCALA 1/50

LEGENDA

	VEDAÇÃO EXISTENTE*
	NOVA VEDAÇÃO
	NOVA VEDAÇÃO EM VIDRO
	DEMOLIÇÃO
	PROJEÇÃO TELHADAS
	ESTEIO EXISTENTE EM MADEIRA REVESTIDO COM TINTA AZUL (COMPOSIÇÃO ESQUEMA)*
	ESTRUTURA EXISTENTE APARENTE EM MADEIRA REVESTIDA COM TINTA AZUL (COMPOSIÇÃO FACHADA)*
	NOVA ESTRUTURA EMBUTIDA EM MADEIRA REVESTIDA COM REBOCO**
	NOVA ESTRUTURA EM MADEIRA REVESTIDA EXTERNAMENTE COM REBOCO E INTERNAMENTE COM TINTA AZUL***

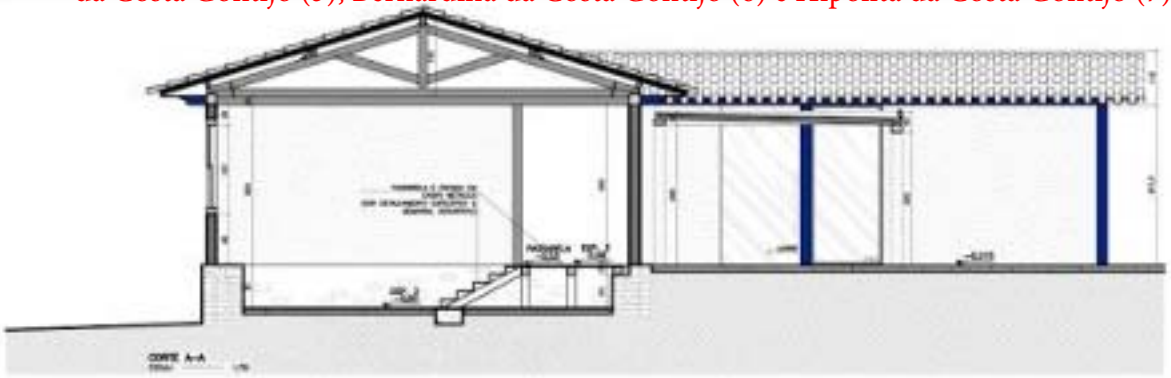
*verificar in loco as condições de preservação e necessidade de substituição
**projeto de lançamento de novas peças em função da necessidade do projeto de cobertura
***projeto de lançamento de novas peças em função da necessidade do projeto de arquitetura

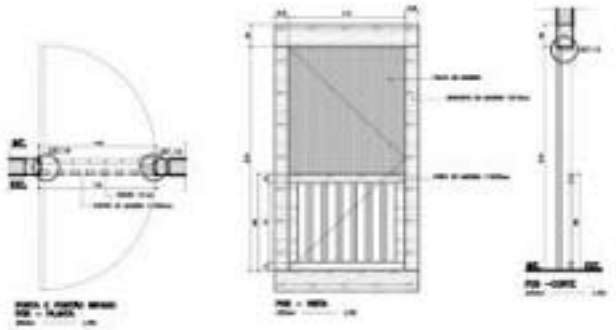


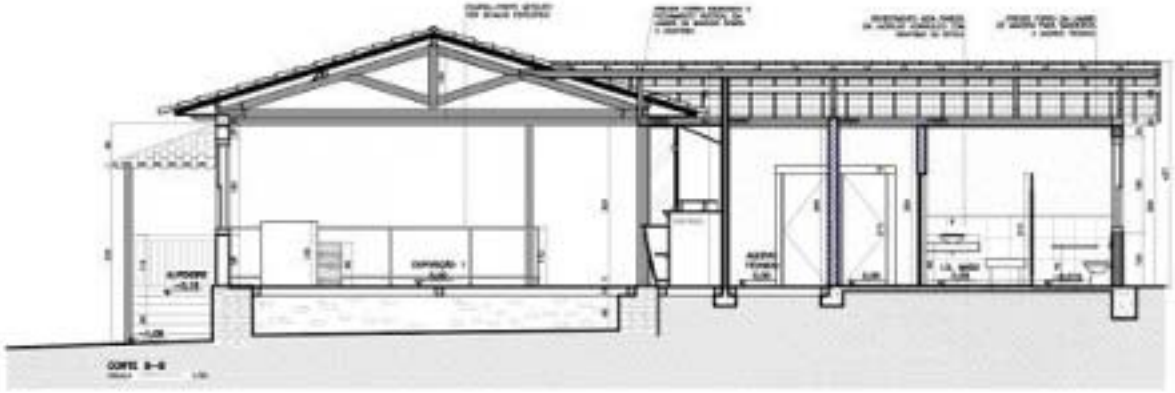
DIAGRAMA DE COBERTURA
ESCALA 1/200

TÍTULO DA MOSTRA: XVII PREMIAÇÃO DE ARQUITETURA IAB MG 2015 - PAMPULHA PATRIMÔNIO DE TODOS		CATEGORIA: 4.2.g - CONSERVAÇÃO, REUTILIZAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO	
TÍTULO DA OBRA: REQUALIFICAÇÃO DA FAZENDA DO REGISTRO VELHO	EQUIPE - GEMA ARQUITETURA E URBANISMO	CLIENTE: IPHAN-MG	ANO 2015
		COORD.: JOSEANA COSTA	FOLHA 03/05

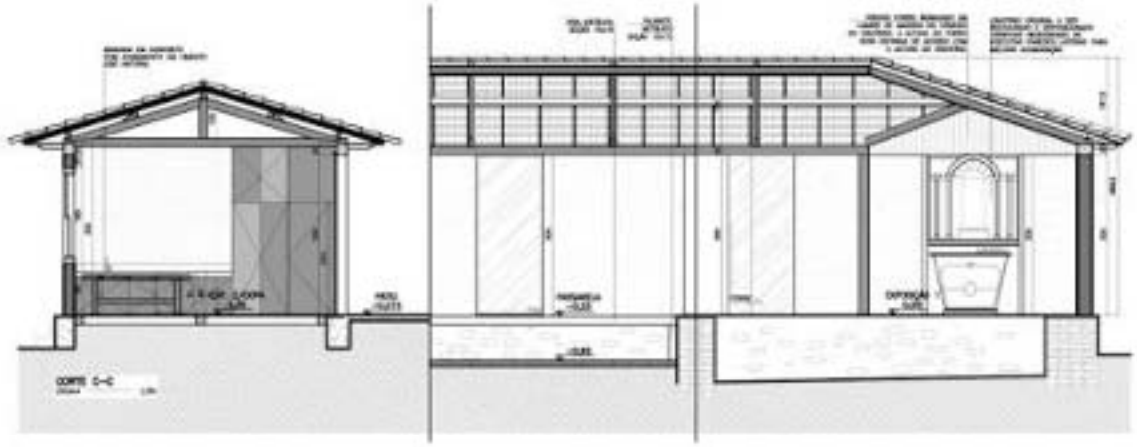
Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)

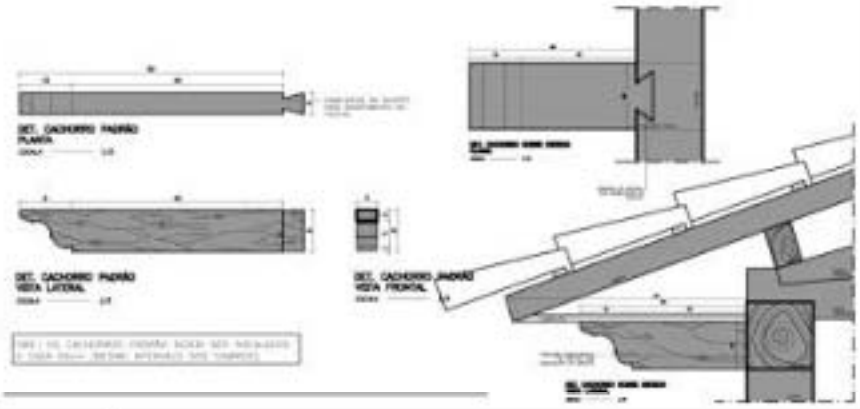












TÍTULO DA MOSTRA: XVII PREMIAÇÃO DE ARQUITETURA IAB MG 2015 - PAMPULHA PATRIMÔNIO DE TODOS		CATEGORIA: 4.2.g - CONSERVAÇÃO, REUTILIZAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO	
TÍTULO DA OBRA: REQUALIFICAÇÃO DA FAZENDA DO REGISTRO VELHO	EQUIPE - GEMA ARQUITETURA E URBANISMO	CLIENTE: IPHAN-MG	ANO 2015
		COORD.: JOSEANA COSTA	FOLHA 04/05

Manoel da Costa Gontijo (I ou pai), morou na Fazenda Registro Velho, Sá Fortes, Barbacena, de 1763 em diante, onde nasceram suas filhas: Anna da Costa Gontijo (5), Bernardina da Costa Gontijo (6) e Hipólita da Costa Gontijo (7)



VISTA FRONTAL

FICHA TÉCNICA GEMA ARQUITETURA ARQUITETAS Joseana Costa, Nara Grossi e Priscila Almeida (autoras), Bárbara Olyntho e Sandriele Corrêa (equipe), Deyse Marinho, Izabel Duplaá Soares, José Cordeiro Couto, Luiz Otávio Figueiredo e Marina Lima (colaboradores) | LOCALIZAÇÃO Barbacena, MG | DATA DO PROJETO 2015 | IMAGENS Fernando Peres



VISTA POSTERIOR



VISTA PÁTIO COBERTO

TÍTULO DA MOSTRA: XVII PREMIAÇÃO DE ARQUITETURA IAB MG 2015 - PAMPULHA PATRIMÔNIO DE TODOS		CATEGORIA: 4.2.g - CONSERVAÇÃO, REUTILIZAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO	
TÍTULO DA OBRA: REQUALIFICAÇÃO DA FAZENDA DO REGISTRO VELHO	EQUIPE - GEMA ARQUITETURA E URBANISMO	CLIENTE: IPHAN-MG	ANO 2015
		COORD.: JOSEANA COSTA	FOLHA 05/05


Aeroporto de Barbacena
MG-135
MG-135
Rod. Dep. José Bonifácio - Zé Bodeco
Rio das Mortes
Rio das Mortes
Fazenda do
Registro Histórico
Igrejas e Templos
Erminda do Sagrado
Coração de Jesus
Igreja de São Sebastião
MG-135
Parque Sá Fortes
Lu Sorvetes e Acai
Igreja do Evangelho
Quadrangular - Dr. Sá...
Castorina Bolos
Dr. Sá Fortes
Google
MG-135

Em 1768, aos 53 anos de idade, **MANOEL DA COSTA GONTIJO** (I ou Pai), foi designado pelo Governador da Província de Minas Gerais, José Luís de Meneses Abranches Castelo Branco, Conde de Valadares, para liderar uma expedição com objetivo de extinguir o Quilombo da Villa do Rio da Pomba, a pedido do Capitão Regente das Entradas do Mato João Duarte de Faria. Logrou êxito na empresa. Rio Pomba dista cerca de 80km de Barbacena, residência de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai).

Petiçaõ q (que) *o Cap^m* (Capitam) *Regente das Entradas do mato Joaõ Duarte de Faria fez ao Il^mo e Ex^mo Snr* (Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor) *Conde Respeito aodeq'* (que) *careciaó p^a* (para) *instinçaõ do Quilombo da V.* (Villa) *da Pomba com o despacho nella do d^o Snr* (ditto Senhor) *q'* (que) *tudo foi dexado com carta de serviço em nome da secretaria aqual seacha registada no a^o* (Auto) *de Cartas do Officio do gov* (Governo) *a(?) 1593^o in fine* (no final)

Petiçaõ
Il^mo e Ex^mo Snr (Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor)

Diz Joaõ Duarte de Faria Cap^m (Capitam) *Regente das Entradas, q'* (que) *para aextinçaõ do Quilombo da Villa do Rio da Pomba, q'* (que) *sediz hé formidável pelos m^tos* (muitos) *negros fugidos q'* (que) *hempreza defazer secentasoldados armados de espingardas, e facoens daquelles que costumaó andar nestas deligencias, epreciza de faculdade de V. E^xa p^a* (Vossa Excellencia para) *os poder aprontar, quarenta alqueires de farinha, oito* (leitões) *capados, e hua bruaca (bolsa) de sal, quetudo isto daó os moradores daquelas vizinhanças q'* (que) *conhecem a utilidade q'* (que) *desta deligencia lhes resulta, mas preciza q' V. E^xa* (que Vossa Excellencia) *mande que os Cap^es* (Capitaens) *dos districtos lhe mandem conduzir oq'* (que) *relata até a caza do Cap^m* (Capitam) *digo caza de Ant. deOliv^a* (Antonio de Oliveira) *morador no R^o* (Rio) *do Peyxe, ecaresse de seis granadas de fogo cuja expediçaó será feita pelo Cap^m M^el* (Capitam Manoel) *daCosta Gontijo, ordenando V. E^xa* (que Vossa Excellencia) *a este, e aos mais Comandantes lhes façaó aprontar os soldados desta qualidade dos seus districtos p^a* (para) *completar odito n^o* (numero) *de secenta, e q'* (que) *esta deligencia se faça com toda abrevidade afimde se dar aexecuçaó antes das águas = Q' V. E^xa* (Que Vossa Excellencia) *lhe defira como lheparecer justo = E.R.M.* (Espera Receber Mercê)

Despacho
aoComandante

O Capm (Capitam) *Mor ordene todos districtos vizinhos ao Quilombo de q'* (que) *se tracta. dará o auxilio necessário, e naforma pedida, informandome do exito desta deligencia V^a* (Villa) *Rica aOnze deOutubro de 1768 Com a rubrica de S. E^xa* (Sua Excellencia)

Outras Informações:

A quem é dirigida a Petição: José Luís de Meneses Abranches Castelo Branco, sexto conde de Valadares (6 de dezembro de 1742 — 16 de novembro de 1792), foi um nobre português e governador da capitania de Minas Gerais (1768 a 1773), enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Madrid (1785), deputado da Junta dos Três Estados, Inspector Geral do Terreiro Público, entre outros cargos.

Informações Militares:

60 soldados em espingardas e facões
6 granadas de fogo (Observação: era granada explosiva mesmo. A granada de fogo, que deveria se chamar "granada para extinção de fogo" só foi criada muitos anos depois)

Provisões:

40 alqueires de farinha
8 leitões capados
1 bruaca (bolsa) de sal

Aparentemente arroz e feijão ainda não faziam parte da dieta.

Alqueire > Medida de capacidade para grãos equivalente a 40 litros em São Paulo, a 80 litros em Minas Gerais e Goiás e de capacidade diversa em outros estados brasileiros.
Alqueire do Pará: medida de capacidade utilizada para medir a farinha-d'água, equivalente a dois paneiros (cerca de 30 kg).

O alqueire de milho, com densidade de 0,8333, corresponderia a 30,225 quilos, pois um alqueire representava 36,27 litros; o alqueire de feijão representaria 30,225 quilos e o alqueire de arroz 24,18 quilos.

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtdocs/photo.php?lid=20957&cid=105&cpage=13&perPage=10

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SC-103/21436.jpg

Pedindo o Sr. Cap.m Regente das Entradas do Mato Joaõ Duarte de Farias
Faz ao Illmo e Exmo Snr Conde Resposta
ao dito requerimento p.a a instituiçaõ do Quilombo do Rio da Bomba com o Regimento
nelle Declarado, q.e deste foy passado com
Carta de Servio com mais da Secretaria
aqual acaba Registada no Liv.o de Cartas
do Officio de Sov.o a fl.s 33 v.o in fine.

Illmo Exmo Snr.

Diz Joaõ Duarte de Faria Cap.m Regente das
Entradas q. para aceptinuaçaõ do Quilombo do Rio

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/docs/SC-103/21440.jpg Imagem 21440

do Rio da Pomba q̃ se diz Ẽ formidavel pelos muitos negros
fugidos, q̃ tem preuinidos de fazer sessenta soldados armados
de espingardas, e sabem daquelles q̃ costumão andar nestas
deligencias, aprouuera de saude de V. Exª. q̃ elle pudera
apresentar, quarenta alqueires de farinha, oito capados, e
huas brouas de sal, que tudo isto dá os moradores daquelles
vizinhanças q̃ contribuem a vtilidade q̃ desta deligencia
Rey e Ouluta, mas pareceu a q̃ V. Exª. mandey os Capitaes dos
destritos q̃ me mandem conduzir q̃ relata Ẽ a Carta do
Capm. Diogo Cam de Vasconcellos morador no R. do Peixe
e a resposta de seis granadas de fogo q̃ eu pedi ao Sargto
feita pelo Capm. Miguel da Costa Gonçalves, ordenando V. Exª
a este, e aos mais Comandantes q̃ fação apresentar os
soldados destas vtilidade dos seus destritos p.a completar
dito nº de sessenta, q̃ esta deligencia se faça com toda
a brevidade afim de se dar a execução antes das aguas=
P.e a V. Exª. q̃ se digne com toda a Equanimidade justo = P. A. M.

Despacho

Ao Capm Mor ordenando os destritos vizinhos
ao Quilombo de que se trata dará o auxilio necessario na forma pedida, informando-me do Exito desta deligencia V.a
Rio 20 de Outubro de 1768 Com
a Rubrica de S. Exª.

GRANADA DE FOGO, O ANTECESSOR DO EXTINTOR DE INCÊNDIO



A granada de fogo surgiu no século 18, na Inglaterra. As granadas de fogo eram de fácil manuseio, e tinham por objetivo serem lançadas sobre o fogo e extingui-lo. Sendo assim os primeiros extintores de incêndio que a história conheceu.

Onde era aplicada a Granada de fogo?

- residências
- hotéis
- fábricas
- escolas
- comboios
- edifícios comerciais

Do que era feita a Granada de fogo?

As granadas de fogo eram feitas de uma garrafa de vidro fino e frágil; e no seu interior possuíam um liquido que apagava o fogo. Vários líquidos foram experimentados, sendo que o mais eficaz foi o Tetracloreto de Carbono, no entanto, viria a ser substituído por água salgada, porque causava problemas respiratórios (ao ser inalado). Outros agentes extintores também foram experimentados, como bicarbonato de sódio e cloreto de amônia e areia.

O formato e aspecto destas garrafas variava consoante o seu fabricante, algumas eram seladas com rolha de cortiça e cimento, outras possuíam um laço no pescoço para serem penduradas ou eram vendidas numa cesta de arame. Entre 1900 e 1920 as granadas de fogo passaram a ter suportes. Alguns dos quais, quando entrava em contacto com uma fonte de calor, ativavam um mecanismo com molas que quebrava o vidro das garrafas e assim libertava o liquido de forma autónoma a apagar o fogo.

Patente da Granada de fogo

A primeira patente americana da granada de fogo surgiu em 1870, concedida a Alanson Crane. E o seu uso foi tornando-se cada vez mais popular, vindo a cair em desuso por volta de 1910, altura em que começaram a surgir os extintores de incêndio fabricados em metal.

Alguns fabricantes de granadas de fogo são:

- Harden Extintor Company of Chicago fabricava granadas de mão, até 1,5 litros de líquido extintor de coloração azul cobalto.
- Hayward's Fire Grenade, que fabricava garrafas nas cores azul, verde e laranja.
- Babcock fabricou a *Hand Grenade Babcock* (o líquido não congelava).
- Little Giant.


Bruaca de carga, no caso, sal

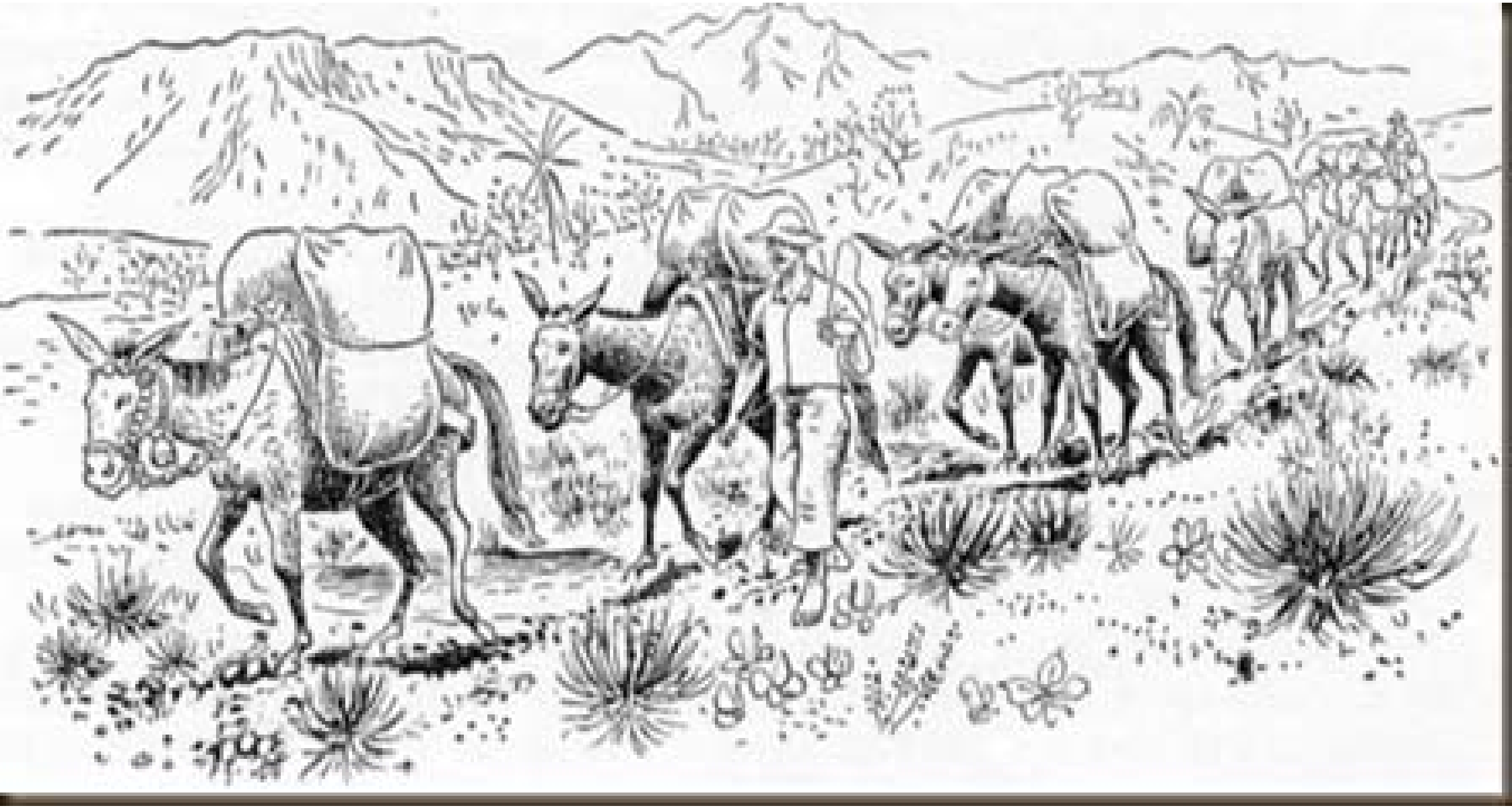


Bruaca de carga, no caso, sal

Carga de Farinha



Carga de Farinha



Leitoões Capados



Leitoões Capados



José Luís de Meneses Castelo Branco e Abranches

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

José Luís de Meneses Abranches Castelo Branco, sexto conde de Valadares[1] (6 de dezembro de 1742 — 16 de novembro de 1792), foi um nobre português e governador da capitania de Minas Gerais (1768), enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Madrid (1785), deputado da Junta dos Três Estados, Inspector Geral do Terreiro Público, entre outros cargos. .

Casou com Luísa Josefa Maria Rita Antónia Fausta de Noronha, e tiveram cinco filhos:

- D. Álvaro de Noronha Abranches Castelo Branco, 1º marquês de Torres Novas e 7º conde de Valadares, nasceu a 31 de Agosto de 1775 casou com D. Maria do Carmo Rosa Cecília Xavier de Noronha e, em 2as núpcias, com Inês Maria José da Cunha
- D. Pedro António de Noronha, 8º conde de Valadares, nasceu a 1 de Agosto de 1778, casou com Maria Helena da Cunha
- D. Maria do Resgate de Noronha, nasceu a 24 de Junho de 1782
- D. Miguel Rafael António de Noronha, 1º conde de Paraty, nasceu a 24.10.1784, casou com D. Francisca Quintina de Menezes da Silveira e Castro
- D. António de Noronha, nasceu a 10 de Março de 1793

Referências

1. A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II - vol. I-pg. 182

Fontes

- «Conde de Valadares, Pamplona e os Índios» (http://carmodacachoeira.blogspot.com/2009/02/ainda-que-os-indios-servissem-algumas.html)

Ligações externa}

- José Luiz de Menezes Castello-Branco e Abranches, Roglo.eu (http://roglo.eu/roglo?lang=pt&m=NG&n=Jos%C3%A9+Luiz+de+Menezes+Castello-Branco+e+Abranches&fn=&sn=)]

Precedido por	**Governador e capitão-general da Capitania de Minas Gerais** 1768 — 1773	Sucedido por
Luís Diogo Lobo da Silva		**Antônio Carlos Furtado de Mendonça**

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=José_Luís_de_Meneses_Castelo_Branco_e_Abranches&oldid=62468934"

Relatório

Registo de descrição

Data relatório
2023-05-11

Registo PT/AMAP/PRQ/PGMR63/001/P-444/P-444-F.94(V)-654 - Registo de batismo de João Duarte de Faria

Nível de descrição	D
Código de referência	PT/AMAP/PRQ/PGMR63/001/P-444/P-444-F.94(V)-654
Tipo de título	Atribuído
Título	Registo de batismo de João Duarte de Faria
Datas de produção	1705-05-10 - 1705-05-10
Dimensão e suporte	1 doc.; papel
Entidade detentora	Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
Localidade	São Sebastião, Guimarães
Âmbito e conteúdo	O registado: João Duarte de Faria Naturalidade (freguesia e concelho): desconhecida Data de nascimento: 1705/05/[??] Pai: Manuel Duarte Naturalidade (freguesia e concelho): desconhecida Mãe: Jerónima de Faria Naturalidade (freguesia e concelho): desconhecida Avós paternos: desconhecidos Avós maternos: desconhecidos
Tipo técnica de registo	Manuscrito
Aspeto físico	Bom
Cota atual	P-444-F.94(V)-654

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

A CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DE MAPAS SOBRE AS ÁREAS QUILOMBOLAS DAS MINAS GERAIS DOS SETECENTOS:
os quilombos da região do Campo Grande

Edson da Silva Filho

Belo Horizonte
2011

O Pesquisador Carlos Magno (1988), catalogou 138 quilombos em Minas Gerais durante o século XVIII. Amantino, ao comparar os levantamentos de Magno com os quilombos do Sertão Oeste de Minas Gerais, conclui que dos 138 quilombos catalogados, 44 encontravam-se na área delimitada como sendo do Quilombo do Campo Grande, fato que reforça a teoria de uma confederação quilombola na Região. Quadro 3

Número	Nome	Ano
1	Mariana	1711
2	Curralinhos	1714
3	Brumado	1716
4	Palmital	1718
5	Serra da Caraça	1719
6	São Bartolomeu	1719
7	Sabará	1720
8	Palmital	1720
9	Santa Bárbara	1720
10	Serro Frio	1720
11	Curral do Torino	1722
12	Casa da Casca	1726
13	No Turvo	1728
14	Tejuco	1731
15	Do Queimado	1732/3
16	São João D'EL Rey	1733
17	No Ribeirão do Carmo	1733
18	Rio da Velhas Abaixo	1733
19	Carijós	1733
20	Mariana	1733
21	Baependi	1736
22	Guarapiranga	1736
23	São Sebastião	1736

24	Ibituruna	1737
25	Rio Verde	1737
26	Baependi	1737
27	Rio Abaixo	1737
28	São Caetano	1737
29	Guarapiranga	1737
30	São Miguel	1738
31	Sabará	1738
32	Caeté	1738
33	Congonhas do Campo	1738
34	Inficionado	1738
35	São Caetano	1738
36	Catas Altas	1738
37	Itambé	1738
38	**Paracatu**	1738
39	**Pitangui**	1739
40	Rio Verde	1740
41	Vila Rica	1740
42	Suassui	1741
43	**Ambrósio**	1741/6
44	Paraopeba	1741
45	Sertão das Contagens	1741
46	**Comarca do Rio das Mortes**	1742
47	**Forquim**	1743
48	**Guarapiranga**	1743
49	Serra de São Bartolomeu	1743
50	São Bartolomeu	1745
51	Vale do Prata	1745
52	Arassuai	1745
53	**Campo Grande**	1746
54	Vila Rica	1748
55	**Borda do Campo**	1748

56	**Sapucaí**	1751
57	Parauna	1751
58	Demarcação Diamantina	1752
59	Demarcação Diamantina	1753
60	Sabará	1753
61	**Campo Grande**	1754
62	Brejo do Salgado	1754
63	Itaverava	1755
64	Caeté	1755
65	Rio da Prata	1755
66	**Rio das Velhas**	1756
67	São João d'El Rey	1756
68	Indaiá e outros	1757
69	Ambrósio	1757
70	Itaverava	1758
71	Entre Lambari e São Francisco	1758
72	**Pitangui**	1758
73	**Indaiá**	1759
74	**Serra da Marcela**	1759
75	**Sapucaí (Campo Grande)**	1759
76	**Ibituruna**	1759
77	**Comarca do Rio das Mortes**	1760
78	Mariana	1760
79	Paraibuna	1764
80	Sitio da Caveira (Carrancas)	1764
81	**Serra da Marcela e São Francisco**	1765
82	Inficionado	1765
83	**Serra da Marcela**	1766
84	**Pitangui**	1766
85	Paranaíba	1766
86	**Pitangui**	1766
87	Vila Rica	1767

88	**Rio Pomba > Atuação de Manoel da Costa Gontijo**	1768
89	**Pedra Menina**	1768
90	**Pitangui**	1768
91	**Indaiá e Abaeté**	1768
92	**Borda do Campo**	1769
93	**Cabeceiras do Parnaíba e Indaiá**	1769
94	**Catinguá**	1769
95	**Santos Fortes**	1769
96	**São Gonçalo**	1769
97	**Morocos**	1769
98	**Samambaia**	1769
99	**Paraibuna**	1769
100	Suassui	1769
101	Cachoeira do Campo	1769
102	Tabua	1769
103	**Serra Negra**	1769
104	Carijós	1770
105	Rio do Pinto ou dos Cachorros	1770
106	Paragem do Quilombo	1770
107	**Borda do Campo**	1770
108	**Fazenda do Marimbondo**	1770
109	**Bambui**	1770
110	**Tamanduá**	1770
111	Caeté	1770
112	Casa da Casca	1770
113	Mariana	1770
114	Brumado	1771
115	Morro do Chapéu	1772
116	Fidalgo	1772
117	Mariana	1772
118	**Paracatu**	1773
119	**São João do Rio das Mortes**	1773

120	Curimatai	1773
121	Arassuai	1774
122	**Rio do Peixe e Pombal**	1776
123	Forquim	1777
124	Rio do Sono	1778
125	São José	1780
126	Paraopeba	1780
127	Mariana	1780
128	Curral D'EL Rey	1781
129	**Paracatu**	1781
130	Serro	1782
131	Matheus Leme	1782
132	Itamarandiba	1785
133	**São José do Rio das Mortes**	1785
134	Caeté	1785
135	Local desconhecido	1786
136	**Rio Pomba > Recorrente ?**	1786
137	Serra do Funil	1788
138	Itaverava	1795

Quadro 3: Quilombos em Minas Gerais durante o século XVIII
Fonte: GUIMARÃES, 1988, p.137-142

Para a compreensão do "Mapa de Todo o Campo Grande", é fundamental observar que o Rio Grande ocupa lugar de destaque, uma vez que os quilombos encontram-se localizados em suas duas margens. Como já esclarecido anteriormente, o mapa não apresenta indicação de escala, legenda ou coordenadas geográficas, a orientação é dada por meio de uma flor-de-lis estilizada, que apresenta o norte invertido. Dessa forma, os cursos d'água, formas de relevo e topônimos são elementos de fundamental importância para que se possa realizar a provável localização desses quilombos com vistas às feições atuais.

Confrontando as informações do "Mapa de Todo o Campo Grande" com as informações da pesquisa topográfica, formulou-se a seguinte correspondente

Alexandre Lopes Raio



Alexandre Lopes Raio

Also Known As:	"Alexandre Lopes Rayo"
Data de nascimento:	estimado entre 1691 e 1751
Local de nascimento:	Guimarães, Braga, Portugal
Falecimento:	12 Junho 1770 freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova da Borda do Campo, Vila de São João Del Rei, Barbacena, Barbacena, Minas Gerais, Brazil
Família imediata:	Filho de João Lopes Raio e Catarina de Oliveira Marido de Micaela dos Santos Partner of Veríssima de Barros Pai de Violante Maria do Sacramento; José Lopes Rayo; Ana Maria da Cruz; Mariana Teresa Joaquina de Vasconcellos; Antônio Lopes Rayo e 2 outros

Managed by:	Odette Baeta Cavalcante
Last Updated:	10 Novembro 2016

About Alexandre Lopes Raio

Barbacena, MG - Casamentos - aos 15-01-1745, matriz, Alexandre Lopes Rayo, n/b na freguesia de S. Miguel de Greixomil, termo da vila de Guimarães, arc. de Braga, f.l. de Joam Lopes Rayo e Catharina de Oliveira; com Micaella dos Santos, n/b freguesia de Sta. Maria Madalena da Ilha do Pico, bispado de Angra, filha l. de Francisco Garcia da Rosa e s/m Violante Maria. Test.: Sargento Mor Manoel Rodrigues Pereira e Henrique Monteiro de Magalhaens.

O casal morava em seu sitio chamado “Os Quartéis” no Registro Velho da freguesia da Borda do Campo. Alexandre faleceu aos 12-06-1770 com testamento ditado na fazenda do Capitão Manoel Rodrigues da Costa em 19-06-1769 aprovado no mesmo dia, onde declara sua naturalidade casamento, ascendência e sete filhos legítimos. Foi inventariado pela viúva.

(Arquivo IPHAN São João Del Rei Cx 200 – ano 1770 Inventariado Alexandre Lopes Rayo. Inventariante a viúva Micaela dos Santos Vila de São João Del Rei. Pesq. Moacyr Villela - Paragem dos Quartéis freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova da Borda do Campo. Faleceu aos 12 de junho de 1770 com testamento escrito e aprovado no dia 19-06-1769 no Registro Velho- fazenda do capitão Manoel Rodrigues da Costa. Declara ser natural da freguesia de São Miguel de Creixomil da comarca e termo de Guimarães. Filho legitimo de João Lopes Rayo e Catarina de Oliveira ja defuntos; nomeia como testamenteiros: Primeiro - o capitão Capitão-mor Manoel Rodrigues da Costa. Segundo - Manoel Rodrigues Valle. Terceiro **- Manoel da Costa Gontijo**. Pede sepultamento na igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade onde é freguês. Declara ser casado com Micaela dos Santos da qual tem sete filhos três machos e 4 fêmeas

Titulo de herdeiros: Filhos : - Ana Maria de Jesus c/c Manoel Francisco da Crus -José solteiro 22 anos -Mariana Teresa Joaquina c/c Luis Francisco de Vasconcelos -Antonio solteiro 18 anos -Violante solteira 15 anos - Francisco 12 anos

Alem da geração legítima, Alexandre teve a filha natural, não citada no testamento: - Francisca Lopes de Barros, batizada em 02-06-1738, filha natural de Alexandre Lopes Rayo e Veríssima de Barros

http://www.projetocompartilhar.org/Familia/FranciscodaRosaGarcia.htm

PROJETO COMPARTILHAR
Coordenação: Bartyra Sette e Regina Moraes Junqueira
www.projetocompartilhar.org

FRANCISCO DA ROSA GARCIA

(atualizado em 31-julho-2017)

Moacyr Villela

Francisco da Rosa Garcia, tanoeiro, natural da freguesia de Santa Maria Madalena da Ilha do Pico e morador no lugar de Cabo Branco, foi casado duas vezes.

Primeira vez casou com Barbara Rodrigues, da mesma freguesia, falecida em 02-12-1702 "teria de idade 40 anos".

Livro de óbitos da Madalena – Ilha do Pico — Em 02-12-1702 faleceu Barbara Rodrigues mulher de Francisco da Rosa tanoeiro natural e moradora nesta freguesia da Madalena e foi enterrada das portas travessas para baixo. Não fez testamento. Teria de idade 40 anos Assina o vigário João Pereira Cardoso

Em segundas, aos 07-05-1703 na freguesia de São João Batista da mesma Ilha do Pico, casou com Isabel de Oliveira filha de Paulo Pais e sua mulher Maria de Oliveira.

Livro casamentos freguesia São João Batista Ilha do Pico. Em 07-05-1703, sem impedimentos, presentes Francisco Vieira Goulart e Manoel Nunes de Abreu moradores desta freguesia se casaram Francisco da Rosa viúvo de Barbara Rodrigues freguesa de Santa Maria Madalena com Isabel de Oliveira filha de Paulo Pais e sua mulher Maria de Oliveira fregueses desta

Francisco faleceu em 09-02-1727 com aproximadamente 60 anos não fez testamento e foi enterrado em "*sepultura da Fabrica*" da matriz de Santa Maria Madalena.

Livro de óbitos da Madalena – Ilha do Pico – Em 09-02-1727 faleceu Francisco da Rosa tanoeiro que morava no lugar de Cabo Branco. Teria de idade 60 anos não fez testamento por ser pobre e foi enterrado na igreja matriz de Santa Maria Madalena na sepultura da fabrica. Assina o vigário Jose Furtado de Mendonça

Encontramos 15 filhos dos dois casamentos. Pelo menos cinco filhos, de seu segundo casamento, emigraram para as Minas Gerais, alguns já casados com filhos e outros solteiros se casaram nas Minas.

Filhos com **Barbara Rodrigues**:
1- Manoel
2- Maria da Rosa
3- Agueda
4- Joana
5- Felícia
6- Bárbara
7- Manoel
8- Teresa

Filhos com **Isabel de Oliveira**:
9- Francisco Garcia da Rosa
10- Antonio da Rosa de Oliveira
11- João
12- Ana
13- Maria Francisca de Jesus
14- Rosa Maria de Jesus
15- José

1- **Manoel** batizado em 15-10-1684, padrinhos Bartolomeu de Faria e Maria Luis filha de Domingos Francisco Garajao

*Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico — **Manoel** foi batizado em 15-10-1684 filho de Francisco da Rosa e Bárbara Rodrigues. Padrinhos Bartolomeu de Faria e Maria Luis filha de Domingos Francisco Garajao*

2-**Maria** batizada em 31-05-1686 padrinhos Francisco de Faria e Domingas do Amaral. **Maria da Rosa** casou em 19-05-1709 na Ilha do Pico com Domingos Pereira filho de Manoel da Neves e da falecida Agueda Pereira, viúvo de Maria Luis.

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico — Maria batizada em 31-05-1686 filha de Francisco da Rosa e Barbara Rodrigues. Padrinhos Francisco de Faria filho de Simão de Faria e Domingas do Amaral mulher de Gaspar Vieira.

Livro casamentos Madalena- Ilha do Pico - Em 19-05-1709 Domingos Pereira, filho de Manoel das Neves e de sua mãe Agueda Pereira, já defunta, e viúvo de Maria Luis = com Maria da Rosa filha de Francisco da Rosa e Barbara Rodrigues, já defunta. Testemunhas Manoel de Andrade e Manoel das Neves.

3- **Agueda** batizada em 21-01-1689, padrinhos Manoel da Rocha Garcia e Maria Rodrigues

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico — Agueda batizada em 21-01-1689 filha de Francisco da Rosa e Barbara Rodrigues. Padrinhos Manoel da Rocha Garcia filho de Manoel da Rocha e Maria Rodrigues mulher de Domingos Pereira.

4- **Joana** batizada em 06-05-1691, padrinhos Domingos Fernandes e Ana Luis;

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico — Joana batizada em 06-05-1691 filha de Francisco da Rosa e Barbara Rodrigues. Padrinhos Domingos Fernandes e Ana Luis filha de Francisco Fialho

5- **Felícia** foi batizada em 31-05-1693, padrinhos Bartolomeu de Faria e Madalena Garcia

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico –Felícia batizada em 31-051693 filha de Francisco da Rosa Garcia e sua mulher Barbara Rodrigues. Padrinhos Bartolomeu de Faria e Madalena Garcia mulher de Francisco George da Rocha

6- Barbara nasceu em nove de dezembro de 1696 e foi batizada aos 12 do mesmo mês. Padrinhos Lourenço Correa e Maria da Rosa

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico — Barbara nasceu em 09-12-1696 e foi batizado em 12-12-1698 filha de Francisco da Rosa Garcia e de sua mulher Barbara Rodrigues moradores nesta. Padrinhos Lourenço Correia solteiro e Maria da Rosa mulher de Manoel Garcia

7- **Manoel** nasceu em 24-03-1699 e foi batizado aos 28 do mesmo mês. Padrinhos Francisco George da Rocha e Maria Gracia;

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico– Manoel nasceu aos 24-03-1699 e foi batizado aos 28-03-1699 filho de Francisco da Rosa e Barbara Rodrigues. Padrinhos Francisco George da Rocha e Maria Gracia mulher de Manoel Dutra de Andrade.

8- **Teresa** nasceu em 14-01-1702 e foi batizada aos 17 do mesmo mês. Padrinhos Jose Rodrigues do Amaral e Madalena Gracia.

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico– Teresa nasceu em 14-01-1702. Batizada em 17-02-1702 filha de Francisco da Rosa tanoeiro e sua mulher Barbara Rodrigues ambos naturais da Madalena. Padrinhos Jose Rodrigues do Amaral e Madalena Gracia mulher de Manoel da Rocha.

9- Francisco nasceu em 22-02-1704 e foi batizado aos 26 do mesmo mês, filho de Francisco da Rosa "tanoeiro" e sua segunda mulher Isabel de Oliveira.

Livro batismos freguesia Madalena Ilha do Pico - Francisco filho de Francisco da Rosa tanoeiro natural da freguesia da Madalena e de sua mulher Isabel de Oliveira natural da freguesia de São João da mesma ilha. Nasceu aos 22-02-1704 e foi batizado aos 26 do mesmo mês. Padrinhos Manoel de Simas Teles e Rosa de Jesus mulher de Jerônimo Luis todos desta

Francisco Garcia da Rosa (ou do Amaral), na freguesia de Madalena, aos 08-10-1730, casou com Violante Maria, batizada em 02-03-1708, filha de Manoel da Rosa e Izabel Duarte.

Livro casamentos freguesia Madalena Ilha do Pico - aos 08-10-1730 Francisco Garcia do Amaral filho de Francisco da Rosa e Isabel de Oliveira e Violante Maria filha de Manoel da Rosa e Isabel Duarte todos desta freguesia da Madalena. Testemunhas o padre Jose Rodrigues Pereira e Manoel de Mendonça da Silva

*Livro batismos freguesia Madalena Ilha do Pico - **Violante** filha de Manoel da Rosa e sua mulher Isabel Duarte naturais da Madalena nasceu aos 27-02-1708 e foi batizada 02-03-1708. Padrinhos Domingos Vieira mancebo e Luzia Vieira filha de Manoel Gonçalves Caldeira*

Tiveram os filhos, q.d.:

9-1 Micaela nasceu aos 28-09-1731 e foi batizada aos 4 de outubro do mesmo ano na matriz da Madalena da Ilha do Pico.

Livro batismos freguesia Madalena Ilha do Pico - Micaela filha de Francisco Garcia e de sua mulher Violante Maria fregueses da matriz da Madalena nasceu aos 28-09-1731 e foi batizada aos quatro de Outubro. Padrinhos João Pereira Sarmento e seu filho Luis Francisco da Silveira com procuração de sua mãe Mariana da Silveira naturais da matriz do Salvador da Ilha do Faial

Micaela dos Santos, na matriz de Barbacena-MG aos 15-01-1745, casou com Alexandre Lopes Rayo, natural da freguesia de Greixomil, termo da vila de Guimarães Arc. de Braga, filho de João Lopes Rayo e Catarina de Oliveira.

Barbacena, MG - casamentos - aos 15-01-1745, matriz, Alexandre Lopes Rayo, n/b na freguesia de S. Miguel de Greixomil, termo da vila de Guimarães, arc. de Braga, f.l. de Joam Lopes Rayo e Catharina de Oliveira; com Micaella dos Santos, n/b freguesia de Sta. Maria Madalena da Ilha do Pico, bispado de Angra, filha l. de Francisco Garcia da Rosa e s/m Violante Maria. Test.: Sargento Mor Manoel Rodrigues Pereira e Henrique Monteiro de Magalhaens.

O casal morava em seu sitio chamado "Os Quartéis" no Registro Velho da freguesia da Borda do Campo. Alexandre faleceu aos

12-06-1770 com testamento ditado na fazenda do Capitão Manoel Rodrigues da Costa em 19-06-1769 aprovado no mesmo dia, onde declara sua naturalidade casamento, ascendência e sete filhos legítimos. Foi inventariado pela viúva.

(Arquivo IPHAN São João Del Rei
Cx 200 – ano 1770
*Inventariado **Alexandre Lopes Rayo**.*
Inventariante a viúva Micaela dos Santos
Vila de São João Del Rei.
Pesq. Moacyr Villela
- Paragem dos Quartéis freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova da Borda do Campo.
*Faleceu aos 12 de junho de 1770 com testamento escrito e aprovado no dia 19-06-1769 no Registro Velho- fazenda do capitão Manoel Rodrigues da Costa. Declara ser natural da freguesia de São Miguel de Creixomil da comarca e termo de Guimarães. Filho legitimo de João Lopes Rayo e Catarina de Oliveira ja defuntos; nomeia como testamenteiros: Primeiro - o capitão Manoel Rodrigues da Costa. Segundo - Manoel Rodrigues Valle. Terceiro - **Manoel da Costa Gontijo**.*
Pede sepultamento na igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade onde é freguês.
Declara ser casado com Micaela dos Santos da qual tem sete filhos três machos e 4 fêmeas

Titulo de herdeiros:
Filhos :
- Ana Maria de Jesus c/c Manoel Francisco da Crus
-José solteiro 22 anos
-Mariana Teresa Joaquina c/c Luis Francisco de Vasconcelos
-Antonio solteiro 18 anos
-Violante solteira 15 anos
- Francisco 12 anos
Bens de raiz- Sitio denominado "Os Quartéis" com campos e capoeiras. arvoredo de espinho. preguiça de socar farinha, paiol e senzalas cobertas de capim com casas de vivenda cobertas de telhas
avaliado em 550.000 reis
- 8 escravos
- 5 bois de carro, 3 vacas parideiras , 20 porcos plantio de milho e feijão
Monte Mor - 1.293.974 reis

Alem da geração legítima, Alexandre teve a filha natural, não citada no testamento:

In- Francisca Lopes de Barros, batizada em 02-06-1738, filha natural de Alexandre Lopes Rayo e Veríssima de Barros, parda forra.

Barbacena, MG– Francisca batizada na matriz em 02-06-1738 filha de Veríssima bastarda solteira e deu por pai a Alexandre Lopes solteiro. Padrinhos Manoel Francisco e Ana da Graça mulher de Manoel Lopes Guimarães, todos moradores nesta freguesia.

Aos 04-12-1757 Francisca casou com Pedro Barbosa Monteiro, batizado aos 29-06-1739 em S. João del Rei, filho de Antonio Barbosa Monteiro e de Francisca Fernandes da Luz.

Barbacena, MG aos 04-12-1757 nesta matriz se casaram Pedro Barbosa Monteiro, n/b na freg. de S. João del Rei desta comarca, f.l. de Antonio Barbosa Monteiro e de Francisca Fernandes da Luz = Com Francisca Lopes de Barros, n/b nesta mesma freguesia, filha natural de Alexandre Lopes Rayo e de Verissima de Barros.

*Matriz de Nossa Senhora do Pilar de S. João del Rei, MG e capelas filiadas - cap. Sto Antonio do Rio das Mortes Pequeno aos 29-06-1739 **Pedro**, f.l. Antonio Barbosa Monteiro e Francisca Fernandes da Luz, padr.: Fr-- Rabelo e Antonia Maria, casada.*

Ante de se casar, Francisca teve o filho natural:

In-1n Luiz, batizado em 03-10-1757, filho natural de Luiz de Lacerda Franco, neto paterno de Francisco João e de Teresa Ribeira de Azevedo naturais da freguesia de Beirão do Bispado do Porto

Barbacena, MG matriz aos 3-10-1757 LUIZ, filho natural de Luiz de Lacerda Franco e de Francisca Lopes de Barros, solteira; np de Francisco João e de Teresa Ribeira de Azevedo naturais da freguesia de Beirão do Bispado do Porto; nmaterno de Alexandre Lopes Rayo e Veríssima de Barros, parda forra. Padr.: João Luiz Coelho da Guerra (?), solteiro e Maria Francisca de Jesus mulher de João Gls. de Carvalho.

Francisca e Pedro tiveram os filhos, q,d,:

In-1 Joaquim, batizado em 10-01-1760.

Barbacena, MG aos 10-01-1760 nesta matriz bat a Joaquim, f.l. de Pedro Barbosa Monteiro e s/m Francisca Lopes, pardos forros, foram padrinhos Luiz de Lacerda e Felicia Maria, solteria filha de Bento de Villas Boas, todos desta freguesia.

In-2 João em 23-07-1761.

Barbacena, MG bat 1748-1798 im 270 aos 23-07-1761 nesta matriz bat a João, f.l. de Pedro Barbosa Monteiro e s/m Francisca Lopes, pardos forros, foram padrinhos Antonio Teixeira da Rocha, solteiro e Ana Maria da Trindade, casada, todos desta freguesia. Nasceu no dia 15 do dito mes.

In-3 Ana batizada em 05-11-1765..

Barbacena, MG aos 05-11-1765 nesta matriz bat a Ana, f.l. de Pedro Barbosa Monteiro e s/m Francisca Lopes, ambos mamelucos e pardos forros. Foram padrinhos Antonio Jose Rodrigues, solteiro e Francisca Xavier, casada, moradores neste arraial. Nasceu no dia 27 do mes de outunro do dito ano.

Barbacena, MG no ano de 1766 nesta matriz bat a Ana, f.l. de Pedro Barbosa Monteiro e s/m Francisca Lopes de Faria (sic); foi padrinho Antonio Jose Rodrigues, todos desta freguesia. E por não aparecer este assento nos livros dos batizados, me informei com pessoas fidedignas e mandei lançar neste livro de suplementos 17-03-1803.

In-4 Custódia batizada em 15-08-1767.

Barbacena, MG aos 15-08-1767 nesta matriz bat a Custodia, f.l. de Pedro Barbosa Monteiro e s/m Francisca Lopes, pardos forros; foram padarinhos Manoel Ferreira Lisboa, homem casado e Ana Maria Briosa, tambem casada, todos desta freguesia.

Alexandre declarou sete filhos legítimos, três machos e quatro femeas. No inventário compareceram seis filhos, os três machos e três femeas:

9-1-1 **José** batizado em 23-08-1748. Solteiro com 22 anos em 1770.

Igreja Nossa Senhora da Piedade (Barbacena-MG) bat; 23-08-1748 José, f. de Alexandre Lopes Rayo, filho de Guim.es Arc. Braga e de s/m Micaella dos Santos, np João Lopes Rayo e s/m Catherina de Oliveira, nm Francisco Garcia e s/m Violante Maria, da Ilha Terceira Arc. de Angra. Padr.: Miguel Gomes de Oliveira e s/m Cardosa(?) das Virgens

9-1-2 **Ana Maria dos Santos** batizada em 09-06-1746. Aos 27-01-1762 casou com Manoel Francisco da Cruz, natural de Sabara, filho de Manoel Francisco de Paiva e Joana Pereira.

Barbacena-MG 1737- 1747, aos 09-06-1746 ANNA nascida aos 03, f.l. de Alexandre Lopes Rayo, natural da freguesia de S. Miguel de Greixomil, Termo de Guimarãees e s/m Micaela dos Santos, natural da freguesia de Santa Maria Magdalena da Ilha Terceira, np de João Lopes Rayo e s/m Catherina de Oliveira, nm de Francisco Garcia e s/m Violante Maria padr.: Cap. Manoel Lopes de Oliveira e Perpetua Maria dos Santos filha do Cap. Manoel Dias de Sá, todos desta freguesia.

Barbacena, MG aos 27-01-1762 na capela de N. Sra da Piedade da Cachoeira, filial desta matriz, se casaram Manoel Francisco da Cruz, natural e bat. na freguesia de N. Sra da Conceição do Sabara, f.l. de Manoel Francisco de Paiva e Joana Pereira = Com Ana Maria dos Santos, n/b nsta freguesia, f.l. de Alexandre Lopes Rayo e Micaela dos Santos. Foram testemunhas Manoel Lopes de Oliveira e Francisco Jose dos Santos, moradores nesta freguesia.

Pais de, pelo menos:

9-1-2-1 **Maria** batizada em 13-12-1764.

Barbacena, MG - Cachoeira aos 13-12-1764 MARIA nascida aos 25-11, f.l. de Manoel Francisco da Cruz natural da freguesia dos Raposos deste bispado e s/m Anna Maria dos Santos natural desta; np de Manoel Francisco e s/m Joanna Pereira, nm de Alexandre Lopes Rayo e s/m Micaella dos Santos. Padr.: Antonio Gls. Ribeiro, cc., Maria Antonia.

9-1-2-2 **José** em 08-04-1770.

Barbacena, MG - aos 08-04-1770 na capela N. Sra da Piedade, filial desta matriz, bat a Jose, f.l. de Manoel Francisco da Cruz e Ana Maria dos Santos; foram padrinhos Jose Ayres Gomes e Maria Inacia de Oliveira.

9-1-3 **Mariana Teresa Joaquina**, batizada em 27-05-1751. Aos 31-08-1766 casou com Luiz Franco de Vasconcellos, São Sebastião da Cidade de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, filho de Manoel de Souza Vasconcelos e de Luiza Inacia

Barbacena, MG - Caxoeira aos 27 de Maio de 1751 MARIANA, f.l. de Alexandre Lopes Rayo e Micaella dos Santos; np de João Lopes Rayo e Catharina de Oliveira naturais da freguesia de S, Miguel de Guaxomil Arc. de Braga; nm de Francisco Garcia e s/m Violante Maria da freguesia de N. Sra. da Magdalena Bispado de Angra. Padr.: Cap. Manoel Lopes de Oliveira. Nasceu aos 19 de abril e foi batizada aos 27 do mesmo mes e era.

Casamentos Barbacena, MG capela do Registro Velho, aos 31-08-1766, Luís Franco de Vasconcelos, natural de São Sebastião da Cidade de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, filho de Manoel de Souza Vasconcelos e de Luiza Ignacia, com Marianna Thereza Joaquina, desta freguezia, filha de Alexandre Lopes Rayo e de Micaela dos Santos

9-1-4 **Antonio** batizado em 07-10-1753. Solteiro com 18 anos em 1770.

Barbacena, MG aos 07-10-1753 ANTONIO, f.l. de Alexandre Lopes Rayo e Micaella dos Santos; avós idem aos anteriores. Padr.: Cosme Luiz Viana, solteiro, e Maria Francisca mulher de Cosme da Costa.

9-1-5 **Violante Maria do Sacramento** batizada em 18-02-1756. Aos 03-05-1774 casou com Joaquim José Bandeira, natural de Santo Antonio de Itaverava, filho de Francisco José Bandeira e Inácia Maria de Jesus.

Barbacena, MG aos 18-02-1756 VIOLANTE nascida aos 30-01, f.l. de Alexandre Lopes Rayo natural da freguesia de Guixomil Comarca de Guimarães Arc. de Braga e s/m Micaella dos Santos, natural da freguesia de Sta. Maria Magdalena da Ilha do Pico Bispado de Angra; np de João Lopes Rayo e s/m Catherina de oliveira, naturais da dita freguesia de S. Miguel de Gueixomil; nm de Francisco Garcia e s/m Violante Maria, naturais da dita freguesia e ilha. Padr.: Antonio Gls. Ribeiro, solteiro e Maria Vicencia de Jesus mulhjer de José dos Santos Ferreira.

Barbacena, MGcapela N. Sra da Piedade aos 03-05-1774 Joaquim Joseph Bandr.ª, f.l. de Francisco Jose Bandr.ª e Ignacia Maria de Jesus, n. e b. na freguesia de Santo Antonio de Itaverava; com Violante Maria do Sacramento, f.l. de Alex.e Lopes Rayo e de Micaela dos Santos, n.

e b. nesta.

Pais de, pelo menos:

9-1-5-1 **Maria Inácia de Jesus** aos 09-11-1806 casou com Manoel Luiz de Medeiros, filho de José Luiz de Medeiros e de Antonia Maria da Boa Nova - familia Antonio Luiz de Medeiros e Izabel da Rosa.

Barbacena, MG - Torres: (Cap. da Ir.ª da Oliveira das Lavras do Torres) aos 09-11-806 Manoel Luiz de Medeiros, f.l. de Jose Luiz de Medeiros e de Antonia Maria; = Maria In.ca de Jesus, f.l. de Joaquim José Bandr.ª e de Violante Maria do Sacramento. Nts. e bts nesta.

9-1-6 **Francisco** batizado em 15-01-1758. Com 12 anos em 1770.

Barbacena, MG aos 15-01-1758 FRANCISCO, de Alexandre Lopes Rayo e Micaella dos Santos; np de João Lopes Rayo e Catharina de Oliveira; nm de Francisco Garcia e s/m Violante Maria. Padr.: Francisco Jose dos Santos, solteiro, e Maria Antonia de Santa Clara filha do dito Francisco Garcia

9-2 **Maria Antonia de Santa Clara**, natural de Santo Antonio de Jacutinga-RJ. Em Prados, MG aos 10-12-1755 casou com Antonio Afonso, natural da freguesia de S. Miguel de Sago termo de Monção Arc. Braga, filho de João Afonso e Faustina Gonçalves.

LDS Prados, MG Igreja N Sra da Conceição matr -aos 10-12-1755 nesta matriz Antonio Affonso n/b na freg. S. Miguel de Sago termo de Monção Arc. Braga, f.l. João Affonso e Faustina Gonçalves = cc Maria Antonia de Santa Clara n/b na freg. Sto Antonio de Jacotinga Bispado do Rio de Janeiro, f.l. Francisco Garcia da Rosa e Violante Maria, agora assistentes estes na freguesia dos Carijos.

Antonio e Maria Antonia tiveram os filhos, batizados em Prados-MG, q.d.:

9-2-1 **Genoveva Maria da Gloria** aos 22-11-1780 casou com José Maria Vianna, natural de N. Sra. do Monte Serrate da Vila de Vianna, filho de Manoel José e Mariana Teresa Barbosa.

Prados, Minas Gerais (e capelas filiadas) - casamentos - Ressaca aos 22-11-1780 José Maria Viana, f.l. de Manoel Jose e de Mariana Thereza Barbosa, n/b freguesia da vila de N. Sra. do Monte Serrate da Vila de Vianna = Genoveva Maria da Gloria, f. de Antonio Afonso e Maria Antonia de Santa Clara, n/b na Aplicação de N. Sra, da Gloria da Ressaca.

Entre os filhos do casal:

9-2-1-1 **Maria Joaquina do Sacramento** aos 12-02-1800 casou com José Vieira da Silva, natural das Congonhas do Campo-MG, filho de Francisco Vieira da Silva e Francisca Maria de Jesus

Prados, Minas Gerais (e capelas filiadas) - casamentos - Capela Ressaca aos 12-02-1800 Jose Vieira da Silva, f.l. de Francisco Vieira da Silva e Francisca Maria de Jesus, n/b na freguesia Congonhas do Campo = Maria Joaquina do Sacramento, f.l. de Joze Maria Vianna e Genoveva Maria da Gloria, n/b nesta freguesia de Prados.

9-2-1-2 **Joaquina Maria de Jesus** aos 12-02-1800 casou com Francisco Goulart, natural de S. Mateus da Ilha do Pico, filho de Agostinho Goulart e Maria Josefa.

Prados, Minas Gerais (e capelas filiadas) - casamentos - Ressaca aos 12-02-1800 Francisco Gularte, f.l. Agostinho Gularte e Maria Josepha, n/b freguesia de S. Matheus Ilha do Pico Bispado de Angra = Joaquina Maria de Jesus, f.l. de Jose Maria Vianna e Genoveva Maria da Gloria.

9-2-2 **Ana Maria Fernandes** aos 06-02-1786 casou com Pedro Antonio de Medeiros, batizado aos 02-08-1755 em Prados, filho do Alf. Antonio de Medeiros de Andrade e Josefa Maria Claudia dos Serafins, neto paterno de Manoel de Medeiros Gomes e Maria da Luz de Andrade sua mulher, naturais da freguesia do Salvador da Ilha do Faial, neto materno de Manoel Ferreira Monteiro e Maria de Serpa

Prados, Minas Gerais (e capelas filiadas) - casamentos - Ressaca aos 06-02-1786 Pedro Antonio de Medeiros, f.l. do Alf. Antonio de Medeiros de Andrade e Josefa Maria Claudia, n/b freguesia Prados = Anna Maria Fernandes, f.l. de Antonio Afonso e de Maria Antonia de Santa Clara, n. desta freguesia.

*Prados, MG aos 02-08-1755 na capela da Ressaca, filial desta matriz, bat a **Pedro**, f.l. de Antonio de Medeiros e Josefa Maria Claudia dos Serafins, npaterna de Manoel de Medeiros Gomes e Maria da Luz de Andrade sua mulher, naturais da freguesia do Salvador da Ilha do Faial, nmaterno Manoel Ferreira Monteiro e s/m Maria de Serpa da freguesia da Se de Angra todos do dito bispado. Foi padrinho Manoel de Medediros, solteiro e seus pais assistentes nesta dita freguesia dos Prados.*

9-2-3 **José Antonio Afonso** aos 24-10-1787 casou com Maria Leonor de Carvalho, natural da Borda do Campo, filha de Manoel Carvalho Duarte e Leonor Maria de Jesus. Geração na família "Carvalho Duarte" I-Cap. 2º.

Prados, Minas Gerais (e capelas filiadas) - casamentos - Ressaca aos 24-10-1787 Jose Antonio Affonço, f.l. de Antonio Affonço e Maria Antonia de Santa Clara, n/b nesta = Maria Leonor de Carvalho, f.l. de Manoel Carvalho Duarte e Leonor Maria de Jesus, n/b freguesia da Borda dos Campo.

9-2-4 **Manoel Afonso** batizado em 05-08-1758. Aos 03-05-1781 casou com Ana Rosa, filha de Manoel Antonio Pereira e Antonia Maria da Assunção.

Prados, MG aos 05-08-1758 na capela da Sra da Gloria da Ressaca bat a Manoel, f.l. de Antonio Affonso, n. da freguesia de S. Miguel da Monção ARc. de Braga e de s/m Maria Antonia de Santa Clara n. da freguesia de N. Sra da Madalena Ilha do Pico Bispado de Angra, npaterno de João Affonso e de s/m Faustina Gonçalves nts da dita freguesia de S. Miguel, e pela materna neto de Francisco Garcia e de s/m Violante Maria da dita freguesia de Madalena; foram padrinhos Alexandre Lopes Rayi e s/m Michaela dos SAntos moradores na freguesia da Borda do Campo, os mais.

Prados, Minas Gerais (e capelas filiadas) - *casamentos - Ressaca aos 03-05-1781 Manoel Affonso, f.l. de Antonio Affonso e de Maria Antonia de Santa Clara = Anna Rosa, f.l. de Manoel Antonio Pereira e Antonia Maria da Assumpção. Nts/bts na Aplicação da Ressaca da freguesia de Prados.*

Pais de, q.d.:

9-2-4-1 **Francisco**, batizado em 25-09-1796.

B7: Barbacena, MG *matriz aos 25-09-1796 Francisco, f.l. de Manoel Afonso e Anna Rosa, padr.: Jose Antonio Afonso e Maria Leonor de Carv.º.*

9-2-5 **Teresa Umbelina de Jesus** casou com Alf. Bento José Pereira, tronco da família "Bento José Pereira" neste site.

9-3 **José** batizado em 18-06-1741 na capela da Ressaca.

Prados, MG aos 18-06-1741 na capela da Ressaca bat a Jose, f.l. de Francisco Garcia da Rosa e Violante Maria; foram padrinhos Jose de Vargas e Ana Maria m ulher de Jose Rodrigues, todos desta freguesia.

9-4 Antonia, batizada aos 27-03-1746, filha de Francisco Garcia da Rosa e Violante Maria. **Antonia Maria** casou com Manoel Ferreira Braga, filho de Manoel Ferreira natural da freguesia de Santa Maria do Telhado e de Ana Fernandes natural da freguesia de São Cosme ambas no Arcebispado de Braga.

B7: batismos, Barbacena-MG, *aos 27-03-1746 ANTONIA, nascida aos 10, f.l. de Francisco Garcia da Roza e s/m Violante Maria, naturais da freguesia de Madalena da Ilha do Pico; np de Francisco da Roza Garcia e s/m Izabel de Oliveira; nm de Manoel da Roza e Izabel Duarte. Padr.: Antonio da Roza Garcia e Roza Maria mulher de Pascoal Lopes.*

Tiveram os filhos, q.d.:

9-4-1 **Maria** batizada em 02-07-1765.

Conselheiro Lafaiete, MG aos 02-07-1765 na capela de Santo Antonio da Lagoa Dourada, freguesia dos Prados, bat a Maria, f.l. de Manoel Ferreira Braga e Antonia Maria, foram padrinhos Domingos da Cunha Lopes e Josefa Clara Denis mulher de Diogo Lopes, todos da freguesia dos Carijos.

9-4-2 **Marcelino** em 20-04-1767.

Conselheiro Lafaiete, MG aos 20-04-1767 na capela de S. Caetano da Paraopeba, filial desta matriz, bat a Marcelino, f.l. de Manoel Ferreira Braga e Antonia Maria, np de Manoel Ferreira n/b na freguesia de SAnta Maria de Telhado Arc. de Braga e Ana Fernandes n/b na freguesia de S. Cosme do mesmo arcebispado, nmaterno de Francisco Garcia da Rosa e Violanta Maria nts da Ilha do Pico. Foram padrinhos Marcelino da Costa Barros, solteiro e Maria Antonia mulher de Antonio Afonso. Nasceu o dito batizando no dia primeiro do dito mes de abril.

10- Antonio nasceu em 07-03-1707 e foi batizado no dia seguinte na freguesia de Madalena da Ilha do Pico.

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico– Antonio nasceu aos 07-03-1707 e foi batizado aos 08-03-1707 filho de Francisco da Rosa e sua mulher Isabel de Oliveira moradores na Madalena padrinhos Lourenço de Castro e Agueda Furtado mulher de Francisco Rodrigues já defunto. Testemunhas o capitão Diogo de Matos e Manoel de Andrade

Antonio da Rosa de Oliveira casou primeira vez com Clara Maria de Jesus, natural das Congonhas do Campo-MG onde foi batizada aos 31-08-1732, filha do Cap. Vicente da Costa Chaves, natural de Chaves Arc. de Braga e de Maria Pires natural de Santos-SP, neta paterna de Andre da Costa e Maria Moreira, neta materna de Anselmo Mendes da Cruz e Barbara Pires. Outras informações sobre a família de Clara na família "Amaro de Freitas de Almada", neste site.

Congonhas do Campo, MG aos 31-08-1732 bat a Clara, f.l. de Vicente da Costa Xaver e de Maria Pires, foram padrinhos Manoel Moreira e Florencia Teixeira, todos desta freguesia.

Segunda vez Antonio casou com Francisca Romeira do Valle, de quem foi o primeiro marido, filha de Manoel Ferreira do Valle e Francisca Romeira da Silva. Geração deste matrimônio na família "João Homem da Costa".

Clara e Antonio tiveram os filhos, batizados na Borda do Campo, q.d.

10-1 **Maria** em 04-08-1753.

Barbacena, MG aos 04-08-1753 na capela de N. Sra da Piedade da Cachoeira, filial desta matriz, bat a Maria, f.l. de Antonio da Rosa de Oliveira, n. da Ilha do Pico e Clara Maria de Jesus, n. da freguesia das Congonhas do Campo Bispado de Mariana, neta paterna de Francisco da Rosa e Isabel de Oliveira naturais da dita ilha, nmaterna de Vicente da Costa Chaves, n. de Chaves Arc. de Braga e de Maria Pires n. de Santos Bispado de S. Paulo. Foram padrinhos Jose Fortes de Bustamante e Nossa Senhora do Rosário. Nasceu a batizada aos dez dias do dito mes de agosto(sic).

10-2 **Clara** em 05-02-1755.

Barbacena, MG aos 05-02-1755 na capela de de N. Sra da Borda do Campo bat a Clara, f.l. de Antonio da Rosa de Oliveira, n. da freg. de Santa Maria Madalena da Ilha do Pico e de s/m Clara Maria de Jesus, n/b na freguesia das Congonhas do Campo deste bispado, npaterna de Francsico da Rosa e s/m Isabel de Oliveira nts da dita freguesia, e pela materna de Vicente da Costa Chaves, n. Chaves Arc. Braga e de s/m Maria Pires natural de Santos do Bispado de S. Paulo. Foram padrinhos Lourenço da Costa Chaves, solteiro e Bernardina Caetana do Sacramento mulher de Jose Lopes de Oliveira. Tocou a criança Rosa Maria mulher de Bernardo Simoens Senteyo por pp que apreesentou. Nasceu aos 17 dias do mes de Janeiro do dito ano.

11- **João** batizado em 02-04-1709.

Livro batismos freguesia Madalena Ilha do Pico - João filho de Francisco da Rosa e de sua mulher Isabel de Oliveira moradores na

Madalena. Nasceu aos 30-03-1709 e foi batizado aos 02-04-1709. Padrinhos Antonio Garcia e Inês Pereira mulher do Capitão Diogo de Matos

12- **Ana Maria de Oliveira** nasceu em 24-07-1712 e foi batizada aos 26 do mesmo mês..

Livro batismos freguesia Madalena Ilha do Pico - Ana filha de Francisco da Rosa e Isabel de Oliveira naturais e moradores na Madalena . Nasceu aos 24-07-1712 e foi batizado aos 26 do mesmo mês. Padrinhos Manoel de Medeiros e Jerônima filha do mesmo.

Ana Maria casou com João Garcia Sodre, natural da freguesia de Santa Maria Madalena da Ilha do Pico, filho de Francisco João e Maria Garcia, naturais da mesma freguesia. Tiveram os filhos, q.d.:

12-1 **João Garcia de Oliveira** batizado em 26-02-1741.

Conselheiro Lafaiete, MG aos 26-02-1741 bat a João, f.l. de João Garcia Sodre e Ana Maria, foram padrinhos o Cap. Mor Mel Gls Vianna, e Ana Maria mulher de Jose Rodrigues, todos fregueses desta freguesia.

Em Aiuruoca aos 25-01-1766 casou com Ana Martins de Melo, natural de S. João del Rei, filha de Manoel Fernandes de Melo, natural da freguesia de Altares da Ilha Terceira e de Joana Martins, natural da Campanha.

Aiuruoca, MG aos 25-01-1766 na capela da Sra do Porto desta freguesia se receberam João Gracia de Oliveira, f.l. de João Gracia Sodre e Ana Maria de Oliveira, natural dos carijós = e Ana Martins de Mello, f.l. de Manoel Frz de Mello e de Joana Martins, natural da freguesia da Sra do Pilar da vila de S. João del Rei.

Pis de, q.d., batizados em Aiuruoca:

12-1-1 **Manoel** em 06-02-1772.

Aiuruoca, MG aos 06-02-1772 na capela da Sra do Porto do Turvo bat a Manoel, f.l. de João Garcia de Oliveira e Ana Martins de Melo, nasceu aos 12 dias do mes de janeiro do dito ano; foram padrinhos Antonio de Mello, solteiro e Maria Francisca mulher de Jose Dutra.

12-1-2 **Antonio** em 06-08-1783.

Aiuruoca, MG aos 16-08-1783 na capela da Sra do Porto do Turvo bat a Antonio nascido no dia primeiro do dito mes e ano, f.l. de João Garcia de Oliveira, n. da freguesia da Borda do Campo e de s/m Ana Martins de Mello da freguesia de S. João del Rei, neto paterno de João Garcia, n. da Sra das Angustias Ilha do Faial e s/m natural da mesma ilha e freguesia Bispado de Angra, neto materno de Manoel Fernandes de Mello da freguesia de Altos Ares Ilha Terceira e s/m Joana Martins, n. da Campanha deste Bispado de Mariana. Foram padrinhos Jose Francisco Rodrigues e sua irmã Elena Maria, solteiros desta freguesia.

12-2 **Teresa** em 17-02-1743.

Conselheiro Lafaiete, MG aos 17-02-1743 na capela de São Bras da Ressaca bat a Teresa, f.l. de João Garcia e Ana Maria, meus fregueses, moradores em terras do Cap. Manoel Gonçalves Vianna, npaterna de Francisco João e s/m Maria Garcia naturais da ilha do Pico freguesia de Santa Maria Madalena Bispado de Angra, nmaterna de Francisco da Rosa e s/m Isabel de Oliveira naturais da freguesia de São João da dita Ilha e Bispado. Nasceu a dita criança em 5 do dito mes; foram padrinhos Estevão dos Reis, solteiro e Maria de Jesus mulher de Antonio Martins.

12-3 **Domingos** em 31-05-1745.

Conselheiro Lafaiete, MG bat 1741-1762 im 41 aos 31-05-1745 na capela de São Bras da Ressaca bat a Domingos, f.l. de João Garcia e de Ana Maria, meus fregueses e naturais da ilha do Pico freguesia de Santa Maria Madalena do Bispado de Angra, neto paterno de Francisco Rodrigues(sic) e de s/m Maria Garcia da mesma ilha do Pico, neto materno de Francisco da Rosa e s/m Isabel Rodrigues(sic) da dita ilha do Pico,. Nasceu aos 22 do sobredito mes de maio, foram padrinhos Domingos de Moraes, solteiro e Ana Maria do Pilar mulher de Jose Rodrigues de Souza, da fazenda do Gama freguesia dos Prados.

12-4 **Ana Joaquina** natural de Carijós. Casou em Aiuruoca em 25-11-1767 com Antonio Rodrigues Pinto, natural de Pouso Alto, filho de José Rodrigues e Maria dos Santos.

Aiuruoca, MG aos 25-11-1767 na capela da Sra dp Porto do Turvo desta freguesia se receberam Antonio Roiz Pinto, f.l. de Jose Roiz e de Maria dos Santos, n. da freguesia do Pouso Alto = Com Ana Joaquina, f.l. de João Gracia e Ana Maria de Oliveira, n. da freguisa dos Carijos. Ambos fregueses desta matriz.

12-5 **Vicente Garcia de Oliveira**, natural da Borda do Campo. Em Aiuruoca aos 03-02-1778 casou com Rosa Maria de Souza, natural da Aiuruoca, filha de João Barreto Silva, natural da freguesia de São Tome de Correlhã Arc. Braga e de Maria Gonçalves, natural da Borda do Campo casados em Aiuruoca em 18-12-1749, neta paterna de Antonio Pires e de Mariana de tal, neta materna de Francisco Gonçalves e de Josefa Lopes de Oliveira.

*Airuruoca, MG aos 03-02-1778 se receberam **Vicente Garcia de Oliveira**, f.l. de João Garcia e de Ana Maria de Oliveira, n/b na freguesia da Piedade da Borda do Campo = Com **Rosa Maria de Souza**, f.l. de João Barreto Silva e Maria Gonçalves, n/b nesta freguesia.*

Airuruoca, MG aos 18-12-1749 nesta paroquial se receberam João Barreto Silva, n/b na freguesia de São Tome da Correlhã Arc. Braga, f.l. de Antonio Pires e de Mariana Bernal(?) = Com Maria Gonçalves, n/b na freguesia da Sra da Piedade da Borda do Campo desta comarca do Rio das Mortes, f.l. de Francisco Gonçalves e de Josefa Lopes de Oliveira. Testemunhas Domingos Calisto de Arantes de Souza Magalhães, solteiro e Jose Pinto Bayão, casado,

13- Maria nasceu em 24-01-1716 e foi batizada dois dias depois em Madalena. **Maria Francisca de Jesus** aos 30-09-1734, em Ressaquinha-MG casou com Salvador Moreira de Castilho, filho de Alexandre da Cruz e Maria de Gusmão. Com geração na família "Sebastião Gil" Cap. 9º.

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico – 1710-1716 foto0093 – Maria nasceu aos 24-01-1716 e foi batizado aos 26-01-1716 filha de Francisco da Rosa tanoeiro natural da freguesia da Madalena e sua mulher Isabel de Oliveira de São Joaõ Batista da mesma Ilha. Padrinhos o alferes Francisco Vieira Goulart e Inês Pereira mulher do Capitão Diogo de Matos.

14- Rosa batizada em 04-08-1718 em Madalena.

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico– Rosa nasceu em 01-08-1718 e foi batizado em 04-08-1718 filha de Francisco da Rosa natural da freguesia da Madalena do Pico e sua mulher Isabel de Oliveira da freguesia de São João da mesma Ilha Padrinhos o alferes Pedro João e madrinha Ana Garcia mulher do alferes Antonio Ferreira

Rosa Maria de Jesus, casou duas vezes. Aos 14-11-1735 com Manoel de Oliveira Rego, natural de Santa Maria de Figueiras Bispado do Porto viúvo de Francisca Nunes e filho de Domingos Gaspar e Izabel Ferreira. Segunda vez em 3 de Julho de 1743 com Pascoal Lopes Guimarães, natural da freguesia de Santa Leocadia de Briteiros termo de Guimarães, filho de Jerônimo Fernandes e Serafina Jorge.

Pólis 30 copiados pelo Prof. João Paulo Ferreira de Assis (Ressaquinha-MG)., livro 1-A *(1731-1741) fls. 121, 14/11/1735, Matriz, **Manoel de Oliveira Rego**, natural de Santa Maria de Filgueiras, Bispado do Porto, viúvo de Francisca Nunes, e filho de Domingos Gaspar e de Izabel Ferreira, com **Roza Maria**, natural de Santa Madalena da Ilha do Pico, filha de Francisco da Roza Garcia e de Izabel de Oliveira.*

B7: casamentos - Barbacena - *três de julho de 1743, Pascoal Lopes Guimarães, natural da freguesia de S. Leocadia, f.l. de Jeronimo Frz e s/m Serafina Jorge; com Rosa Maria de Jesus, natural da freguesia de S. Magdalena da Ilha do Pico, bispado de Angra, f.l. de Fran.co da Roza, já falecido e s/m Izabel de Olivr.ª, viuva a Da. contraente que ficou por falecimento de seu primeiro marido Manoel de Olivr.ª Rego.*

Rosa Maria e **Manoel** tiveram, q.d.:

14-1- **Maria Francisca** batizada aos 26-05-1737. Aos 25-05-1752 Casou com Cosme da Costa, batizado na freguesia de N. Sra. Mãe de Deus da Ilha de S. Miguel e filho de Antonio da Costa e Izabel da Victoria.

Pólis 30 copiados pelo Prof. João Paulo Ferreira de Assis (Ressaquinha-MG), - *matriz, batizados 1735-1737 fls 85 26/05/1737 Maria, filha de Manoel de Oliveira Rego e de Roza Maria.*

Barbacena, MG aos 25-05-1752 nesta matriz se receberam Cosme da Costa, f.l. de Antonio da Costa e Izabel da Victoria, n/b na freguesia de N. Sra Mãe de Deus da Ilha de S. Miguel Bispado de Angra = com Maria Francisca, f.l. de Manoel de Oliveira Rego e Rosa Maria, n/b na nesta freguesia. Test.: Dr. Garcia Rodrigues Paes Leme, Sebastião de Arruda Botelho, João Alz de Araujo, Bernardo Jose Monteiro e outras mais.

Filhos de Cosme e Maria Francisca q.d.:

14-1-1 **Maria**, batizada aos 22-10-1754

B7: batismos Barbacena - *aos 22-10-1754 **MARIA**, f.l. de Cosme da Costa n/b freguesia de N. Sra. Mãe de Deus da Ilha de S. Miguel Bispado de Angra e s/m Maria Francisca natural desta; nmaterna de Manoel de Oliveira Rego e s/m Roza Maria e pela paterna de Antonio da Costa e Izabel da Victoria. Padr.: Lizardo José Fra--o, solteiro e Anna Maria de Jesus, solteira e prima da mãe do batizado.*

14-1-2 **Manoel**, aos 02-05-1757

B7: batismos Barbacena - *matriz aos 02-05-1757 MANOEL, f.l. de Cosme da Costa e s/m Maria Francisca; np de Antonio da Costa e Izabel da Victoria naturais da freguesia de N. Sra. Mãe de Deus Ilha de S. Miguel Bispado de Angra; nm de Manoel de Oliveira Rego e s/m Rosa Maria natural da freguesia de Magdalena Ilha do Pico Bispado de Angra. Padr.: Thomas Pereira da Silva, solteiro.*

14-1-3 Ana, aos 25-06-1760. **Ana Francisca de Jesus** aos 25-06-1781 casou com Miguel Pereira Lisboa, filho de Manoel Lopes Guimarães e de s/m Ana da Graça - família Francisco da Cruz Silva, neste site.

B7: batismos Barbacena - *matriz aos 25-06-1760 ANNA f.l. de Cosme da Costa, natural da fregeuesia de N. Sra. da Ajuda da Ilha de S. Miguel Bispado de Angra e s/m Maria Francisca, natural desta; np de Antonio da Costa e de Izabel da Costa naturais da dita freguesia; nm de Manoel de Oliveira natural da cidade do Porto e s/m Rosa Maria natural da Ilha do Pico. Padr.: Antonio Carvalho Porto, solteiro.*

*Barbacena, MG aos 25-06-1781 nesta matriz se casaram **Miguel Pereira Lisboa**, f.l. de Manoel Lopes Guimarães e de s/m Ana da Graça = com **Ana Francisca de Jesus**, f.l. de Cosme da Costa e de s/m Maria Francisca, ambos nat., bat. e moradores nesta dita freg. da Borda do Campo. foram testemunhas Jose Lourenço Ferreira e Jose Pereira Castelo Branco, moradores neste arraial (pesq. Diego Duque por indicação de Saulo Franco)*

14-1-4 **Genoveva**, aos 03-06-1765

B7: - batismos Barbacena - *matriz aos 03-06-1765 GENOVEBA nascida aos 24-05, f.l. de Cosme da Costa, natural da freguesia de N. Sra. da Piedade da Ilha de S. Miguel Bispado de Angra, e s/m Maria Francisca natural desta; np de Antonio da Costa e s/m Isabel da Vitória naturais da freguesia da Mãe de Deus da dita ilha de S. Miguel; nm de Manoel de Oliveira Rego e s/m Rosa Maria. Padr.: Thomas Pereira, solteiro e Antonia, filha solteira de Manoel Miz Bahia.*

14-1-5 **Luciana**, aos 17-01-1768

B7: batismos Barbacena - *Cachoeira aos 17-01-1768 LUCIANA nascida aos 09, f.l. de Cosme da Costa natural da freguesia de N. Sra. Mãe de Deus ilha de S. Miguel Bispado de Angra e s/m Maria Francisca natural desta; np de Antonio da Costa e Isabel da Vitoria, naturais da dita freguesia e ilha; nm de Manoel de Oliveira Rego e s/m Rosa Maria de Jesus natural da ilha do Pico. Padr.: Manoel Pereira Alvim, solteiro e Isabel Caetana mulher de Jose Furtado e Mendonça.*

14-2- **Ana Maria de Jesus**, batizada aos 04-11-1739 em Barbacena onde aos 18-12-1759 casou com Domingos da Silva Espindola natural da Ilha Graciosa, filho de Simão de Mello e Maria de Ávila.

Barbacena, MG aos 18-12-1759 nesta matriz se casaram Domingos da Silva, n/b na freg. da vila de Santa Cruz da Ilha Graciosa Bispado de Angra, f.l. de Simão de Mello e Maria de Avila, viuvo de Maria Teresa de Jesus que se acha sepultada nesta matriz de N. Sra da Piedade da Borda do Campo = Com Ana Maria de Jesus, n/b nesta dita freguesia, f.l. de Manoel de Oliveira Gago, já defunto e Rosa Maria de Jesus.

Domingos foi primeira vez casado, em Barbacena aos 26-01-1759, com Maria TEresa de Jesus, aí batizada em 11-01-1745, filha de José Garcia da Rosa e Josefa Maria de São Jose naturais da freguesia de N. Sra da Boa Nova das Bandeiras da Ilha do Pico, neta paterna de Manoel Vieira Cardoso e de Brites Garcia da Rosa, neta materna de Antonio de Albernaz e de Luzia Pereira.

Barbacena, MG matr - aos 26-01-1759 nesta matriz se receberam Domingos da Silva, n/b na freguesia de Santa Cruz da Ilha Graciosa Bispado de Angra, f.l. de Simão de Mello e Maria de Avila = Com Maria Teresa de Jesus, n/b nesta freguesia, f.l. de Jose Garcia e Josefa Maria. Test.: Francisco Pereira da Cunha e Manoel Jose dde Avila.

Barbacena, MG aos 11-01-1745 nesta matriz bat a Maria n. aos 26-12-1744, f.l. de Jose Garcia da Rosa e Josefa Maria de São Jose naturais da freguesia de N. Sra da Boa Nova das Bandeiras da Ilha do Pico e moradores nesta freguesia da Borda do Campo, neta paterna de Manoel Vieira Cardoso e de Brites Garcia da Rosa, e pela materna de Antonio de Albernaz e de Luzia Pereira; foram padrinhos Manoel Ferreira, solteiro filho de Francisco Ferreira, e Angela Maria mulher do dito Francisco Ferreira.

Filhos de Domingos e Ana Maria q.d:

14-2-1 **Manoel da Silva Espíndola** batizado em 30-03-1761. Aos 19-10-1782 casou com Luiza Rosa Maria de Jesus, natural de Ouro Preto, filha de José da Costa Correa de Melo e Bernarda de Jesus.

*Barbarcena, MG aos 30-03-1761 na capela N. Sra da Piedade da Cachoeira, filial desta matriz, bat a **Manoel**, f.l. de Domingos da Silva n. da Ilha Graciosa Bispado de Angra e de s/m Ana Maria de Jesus, n. desta freguesia, npaterno de Simão da Silva e de s/m Maria da Silva naturais da dita ilha, e pela materna de Manoel de Oliveira Rego e de s/m Rosa Maria de Jesus,. Foram padrinhos Valerio Alz de Carvalho, solterio e a dita Rosa Maria, todos desta freguesia.*

Barbacena, MG Cachoeira, aos 19-10-1782 se receberam Manoel da Silva Espínola, f.l. Dom.os da Silva Espínola e Ana Maria de Jesus, n/b nesta freg.a da Borda do Campo === e Luiza Rosa Maria de Jesus, f.l. Jose da Costa Corr.º de Mello e de Bernad.a de Jesus, n/b na freg.a de N. S.ra do Pilar do Ouro Preto e moradores nesta freguesia; testemunhas: Brás Cordeiro da Rosa e Antonio Roiz (pesq. Adonias Franco)

Pais de, q.d.:

14-2-1-1 **Hipólita Rosa Maria de Jesus** aos 23-01-1797 casou com Felisberto Francisco de Paiva, filho de Manoel Francisco de Paiva e Rita Maria do Sacramento. Geraçãona família Valentina de Mattos, neste site.

14-2-2 **Joaquina Maria de Jesus**, batizada aos 16-03-1763 casou duas vezes. Em primeiras núpcias com Luiz Teixeira, com geração de dois filhos já falecidos em 1826. Casou em segundas com Antonio da Silveira Gomes, sem geração. Joaquina faleceu aos 14-01-1826 com testamento (neste site) redigido na Fazenda da Batalha nomeando seu marido seu herdeiro universal.

B7: Igreja Nossa Senhora da Piedade (Barbacena-MG) *aos 16-03-1763 na Capela de N. Sra. da Piedade da Cachoeira, filial desta matriz, bat. Joaquina, f.l. Domingos da Silva, natural da Ilha da Graciosa Bispado de Angra e de s/m Anna Maria de Jesus, natural desta freguesia da Borda do Campo, np de Simão de Mello e s/m Maria de Avilla, naturais da dita Ilha, nm Manoel de Oliveira Rego e s/m Rosa Maria de Jesus, natural da Ilha do Pico do dito Bispado. Padr.: Manoel da Costa e Domingas da Silva, todos desta freguesia. Nasceu no dia nove do dito mês.*

14-2-3 **Maria**, batizada aos 16-03-1763.

B7: Igreja Nossa Senhora da Piedade (Barbacena-MG) *aos 16-03-1763 na Capela de N. Sra. da Piedade da Cachoeira, Maria, f.l. Domingos da Silva, natural da Ilha da Graciosa Bispado de Angra e de s/m Anna Maria de Jesus, natural desta freguesia da Borda do Campo, np de Simão de Mello e s/m Maria de Avilla, naturais da dita Ilha, nm Manoel de Oliveira Rego e s/m Rosa Maria de Jesus, natural da Ilha do Pico do dito Bispado. Padr.: João Jose Pereira, viandante e Caterina de Jesus, mulher de Manoel Ferreira Armonde desta freguesia, Nasceu no dia nove do dito mês.*

14-2-4 **Joana Maria de Jesus**, batizada aos 16-11-1765 em Barbacena onde casou com Joaquim José da Silva, natural de Itaverava-MG e filho de Antonio da Silveira Soares e de Maria da Luz.

B7: batismos Barbacena - *Cachoeira aos 16-11-1765 JOANNA nascida aos 06, f.l. de Domingos da Silva Espindola natural da freguesia da Igreja Grande Vila de Santa Cruz da Ilha Graciosa Bispado de Angra, filho de Simão de Mello e s/m Maria de Avila; = e de Anna Maria, natural desta, f.l. de Manoel de Oliveira Rego e s/m Rosa Maria de Jesus. Padr.: Manoel Lopes de Oliveira, solteiro.*

B7: casamentos Barbacena (1752-1781) - *Joaquim Jose da Silva, f.l. de Antonio da Silveira Soares e de Maria da Luz, n. e b. na freguesia de Itaverava, com Joanna Maria de Jesus, f.l. de Domingos da Silva Spinula e Anna Maria de Jesus, n. e b. nesta freguesia da Borda do Campo.* Obs. sem data.

14-2-5 **Ana**, batizada aos 10-08-1767

B7: batismos Barbacena - *Cachoeira aos 10-08-1767 ANNA nascida aos 01-08, f.l. de Domingos da Silva natural da freguesia de Santa Cruz das ilhas Bispado de Angra e s/m Ana Maria de Jesus natural desta; np de Simão de Mello e s/m Maria de Ávilla naturais da Ilha Graciosa Bispado de Angra; nm de Manoel de Oliveira Rego e s/m Rosa Maria de Jesus. Padr.: João Jose Pereira, solteiro.*

14-2-6 **Domingos da Silva Espindola**, batizado em 13-07-1772. 2º testamenteiro da irmã Joaquina.

Barbacena, MG bat 1771-1776 im 36 aos 13-07-1772 na capela da Cachoeira bat a Domingos nasceu aos 23 do dito mês(sic) f.l. Domingos da Silva ESpindola n/b na ilha da Graciosa Bispado de Angra, e de Ana Maria de Jesus n/b na freguesia de N. SRa da Piedade da Borda do Campo Bispado de Mariana, npaterno de João(sic) da Silva(sic) e de s/m Maria da Silva ambos da ilha Graciosa Bispado de Angra, nmaterno de Pascoal(sic) Lopes (sic) e de s/m Rosa Maria, ja defuntos naturais do Pico. Foi padrinho Manoel Antonio.

Obs.: vários enganos no termo.

Casou com Bárbara Maria de Jesus e tiveram filhos batizados em Barbacena-MG:

14-2-6-1 **Manoel**, aos 03-08-1796 padrinhos Manoel da Silva Espindola e Rosa Maria, mulher de Vicente Alves Moreira.

B7: Barbacena - *Caxoeira aos 03-08-1796 Manoel, f.l. de Dom.os da S.ª Espindola e Barbara Maria de Jesus, padr.: Manoel da S.ª Espindola e Roza Maria, mulher de Vicente Alz Mor.ª.*

14-2-6-2 **Francisca**, aos 26-04-1804

B7: Barbacena - lv. 8, *Cural aos 26-04-1804 Francisca, f.l. de Dom.os da S.ª Espindola e de Barbara Maria, padr.: Jose Inacio de Faria.*

14-2-6-3 **Clara**, aos 13-07-1806

B7: Barbacena-MG - *Curral aos 13-07-1806 Clara, f.l. de Dom.os da S.ª Espindola e Barbara Maria, padr.: Jose Jac.to de Azdo. e Roza Maria mulher de Vicente Alves Moreira.*

14-2-6-4 **Domingos**, aos 21-02-1808

B7: Barbacena - lv. 8, *Curral aos 21-02-1808 Domingos, f.. de Dom.os da S.ª Espindola e Barbara Maria, padr.: o mesmo padre (Francisco Per.ª da Cunha) e D. Constancia Candida, mulher de Jose Ferr.ª Armd.e.*

Rosa Maria e **Pascoal** tiveram, q.d.:

14-3 **Manoel**, batizado em 22-06-1744.

Barbacena, MG aos 22-06-1744 nesta matriz bat a Manoel, f.l. de Pascoal Lopes, n. da freg. de Santa Leocadia de Briteiros termo de Guimarães e de s/m Rosa Maria de Jesus, n. da ilha do Pico e moradores nesta dita freguesia, np de Jeronimo Fernandes e de Serafina Jorge, nmatermo de Francisco da Rosa Gracia e de Izabel de Oliveira. Foram padrinhos Cosme Luiz Vianna e Ana Maria dos Santos mulher de Manoel Lopes de Oliveira que em nome e com pp de sua mulher tocou ao batizado que nasceu aos quatro do dito mes de junho do dito ano.

14-4 **Caetana** em 13-06-1746.

Barbacena, MG aos 13-06-1748 nesta matriz bat a Caetana, f.l. de Paschoal Lopes Guimarães, n. da freg. de Santa Leocadia de Briteiros termo da vila de Guimarães e de s/m Rosa Maria de Jesus, n. da ilha do Pico, e moradores nesta dita freguesia, np de Jeronimo Fernandes e de Serafina Jorge, nmatermo de Francisco da Rosa Gracia e de Izabel de Oliveira. Foram padrinhos Manoel de Sá Figueiredo e Maria da Conceição mulher de Pedro de Oliveira desta dita freguesia, nasceu a dita Caetana aos 5 dias do dito mes de junho do dito ano.

14-5 **Izabel Caetana de Jesus**, batizada em 17-11-1750. Aos 28-10-1766 casou com José Furtado de Mendonça, natural de Iraja-RJ, filho de Francisco Furtado Pereira e Catarina da Cruz.

Barbacena, MG aos 17-11-1750 nesta matriz bat a Izabel, f.l. Pascoal Lopes de Oliveira(sic) e de Rosa Maria de Jesus, np de Jeronimo frz e de Serafina Jorge, naturais da freguesia de Briteiro, nmaterna de Francisco da Rosa e [----------] de Oliveira, moradores na ilha do Pico freguesia de Sta. Maria Madalena. Foram padrinhos Antonio da Rosa e Maria Francisca.

Barbacena, MG aos 28-10-1766 na capela de N. Sra da Piedade da Cachoeira se receberam Jose Furtado de Mendonça, n/b na freguesia de Iraja Bispado do Rio de Janeiro, f.l. de Francisco Furtado Pereira e Catarina da Cruz, = com Izabel Caetana de Jesus, n/b nesta freguesia, f.l. de Pascoal Lopes e de Rosa Maria de Jesus. Foram testemunhas Manoel Lopes de Oliveira e Jose Lopes de Oliveira, todos moradores nesta freguesia.

14-6 **Maria Rosa de Jesus** aos 02-03-1772 casou com José Angelo Machado, batizado em Baependi em 14-04-1739, filho de Domingos Machado de Goes e Angela Paes de Moraes.

Barbacena, MG aos 02-03-1772 na capela de N. Sra do Pilar do Registro Velho, filial desta matriz de N. Sra da Piedade da Borda do Campo se receberam Jose Angelo Machado, f.l. Domingos Machado Goes e de s/m Angela Paes de Moraes, n/b na freg. de N. Sra de Monserrate de Baependi = e Maria Rosa de Jesus, f.l.de Pascoal Lopes e de Rosa Maria de Jesus, n/b na freguesia da Borda do Campo. Test.: Cap. Manoel Roiz da Costa e Manoel Roiz da Costa seu filho

Baependi, MG) aos 14-04-1739 bat Jose, f. de Domingos de Goes e Angela de Moraes, padr.: [----------] do Prado e Margarida Bicuda casada

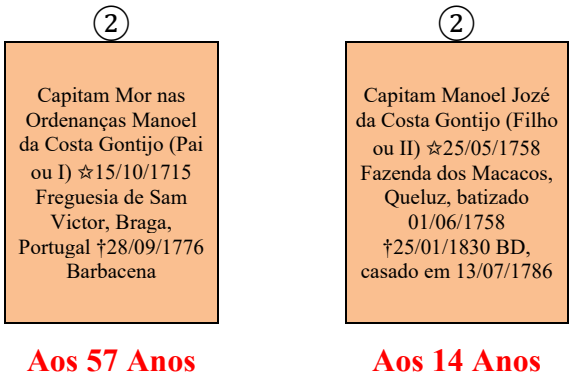
15- **João** batizado em Madalena aos 17-05-1722.

Livro de batizados da Madalena – Ilha do Pico — João nasceu em 13-05-1722 e foi batizado em 17-05-1722 filho de Francisco da Rosa natural da freguesia da Madalena do Pico e sua mulher Isabel de Oliveira da freguesia de São João da mesma Ilha Padrinhos Francisco Vieira e Josefa Rodrigues mulher de Francisco Vieira do Amaral.

Documentos da Última Promoção Militar de

MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai)

Em 17/12/1772 estavam vivos:



Os documentos referem-se ao PAI, pois o FILHO, aos 14 anos, iria iniciar o serviço militar obrigatório no Exército Colonial Português.

O Cargo pretendido é o de *Capitão da Companhia da Ordenança de Pé*, equivalente hoje a Tenente-Coronel.

O nome de Barbacena, onde residiam, era *distrito da Igreja Nova* (sede da paróquia de Borda do Campo = Barbacena), *Termo da Villa de São José* (d'El Rey = Tiradentes) *da Comarca do Rio das Mortes.*

Manoel da Costa Gontijo já vinha exercendo o cargo, efetivamente, pelo menos desde 15/10/1768, segundo o documento relativo ao Quilombo de Rio Pomba.

O titular do cargo, *Jozé Rodriguez de Aguiar,* havia retornado a Portugal há algum tempo.

O *Conde de Valladares, Jozé Luis de Menezes Abranches Castello Branco e Noronha, Governador e Capitão General da Capitania das Minnas Geraes* deferiu favoravelmente o pedido e oficial *Pedro Teixeira de Carvalho* o empossou em 20/03/1774 na Ponta do Morro (=Tiradentes).

Mas para efetivação de aumento no soldo, precisava da aprovação Real. D. José I (Lisboa, 6 de junho de 1714 – Sintra, 24 de fevereiro de 1777), apelidado de O Reformador, foi Rei de Portugal e Algarves de 1750 até sua morte. Quando seu marido foi declarado inapto para governar 1774, devido à loucura, D. Mariana Vitória foi proclamada regente, uma posição que manteve até a morte de seu marido. Após isso, ela tornou-se regente de sua filha mais velha, futura D. Maria I, A Piedosa ou A Louca (Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana, de 24/02/1777 a 20/03/1816), que só foi efetivada em 19/03/1777, após a morte de MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai) em 28/09/1776 em Barbacena.

WIKIPÉDIA

Conde de Valadares

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Conde de Valadares é um título nobiliárquico criado pelo rei D. Pedro II de Portugal, por Carta Régia de 20 de Junho de 1702, a favor de D. Miguel Luís de Meneses.

D. Miguel Luís de Menezes nasceu em 1638 e faleceu no Sacramento, Lisboa, a 1 de Fevereiro de 1714. Era filho de D. Carlos de Noronha, comendador de Marvão na Ordem de Avis e Presidente da Mesa da Consciência e Ordens, e de sua segunda mulher D. Ana de Menezes, filha bastarda de D. Miguel Luís de Menezes, 1.° duque de Caminha e 6.° marquês de Vila Real.[1]

Conde de Valadares

Criação	D. Pedro II 20 de Junho de 1702
Ordem	Grandeza
Tipo	Juro e Herdade
1.º Titular	D. Miguel Luís de Menezes
Linhagem	Menezes e Noronha
Actual Titular	Maria Mafalda de Noronha Wagner, 8ª marquesa de Vagos

Titulares

1. D. Miguel Luis de Menezes, 1.º conde de Valadares
2. D. Carlos de Noronha, 2.º conde de Valadares
3. D. Miguel Luis de Menezes, 3.º conde de Valadares
4. D. Carlos de Noronha, 4.º conde de Valadares
5. D. Álvaro de Noronha Castelo Branco, 5.º conde de Valadares
6. D. José Luis de Menezes Castelo Branco e Abranches, 6.º conde de Valadares[2]
7. D. Álvaro de Noronha Abranches Castelo Branco, 1.º marquês de Torres Novas e 7.º conde de Valadares
8. D. Pedro António de Noronha, 8.º conde de Valadares
9. D. José António de Noronha Abranches Castelo Branco, 9.º conde de Valadares
10. Maria Mafalda de Noronha Wagner, 8.ª marquesa de Vagos e 10.ª condessa de Valadares

Referências

1. Instituto Português de Heráldica, *Anuário da Nobreza de Portugal*, III Tomo I, p. 482, 1985.
2. http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtacervo/search.php?query=&ordenar=10&asc_desc=20&action=showall&andor=AND&start=7621

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Conde_de_Valadares&oldid=57310889"

Esta página foi editada pela última vez às 15h21min de 30 de janeiro de 2020.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.



CONDE DE VALLADARES.

VALLADARES, Villa na Provincia do Minho na Comarca de Valença, de que foy feito Conde D. Miguel Luiz de Menezes no anno de 1702. por carta paſſada em 20 de Junho por ElRey D. Pedro II., como conſta da ſua Chancellaria, *liv.* 28. *fol.* 224.

Hierarquia dos períodos colonial e imperial

Exército	Marinha (ou Armada)
Herói de Guerra (depois Marechal-General)	Comandante-Oficial
Marechal	Almirante de Esquadra
General	Almirante
Mestre de Campo General (depois Tenente-General)	Vice-Almirante
Sargento-Mor de Batalha (depois Marechal de Campo)	Chefe de Esquadra
Brigadeiro	Coronel do Mar (depois Chefe de Divisão)
Mestre de Campo (depois Coronel)	Capitão de Mar e Guerra
Tenente-Coronel (Capitão-Mor nas Ordenanças)	Capitão-Tenente (depois Capitão de Fragata)
Sargento-Mor (depois Major)	Capitão-Tenente
Capitão	Tenente do Mar (depois Primeiro-Tenente)
Tenente	Segundo-Tenente
Alferes	Guarda-Marinha
Cadete	Aspirante Guarda-Marinha
Sargento-Ajudante	Mestre
Sargento Quartel-Mestre	-
Primeiro-Sargento	Contramestre
Segundo-Sargento	-
Furriel	Guardião
Cabo de Esquadra	Cabo de Marinheiros
Anspeçada	Marinheiro
Soldado	Grumete

Nesta época, seguindo o modelo de organização do Exército Português implementado na sequência da Restauração da Independência de Portugal em 1640, as forças terrestres no Brasil adoptam a organização em três linhas que se irá manter até ao século XIX, que inclui:

1ª linha - Tropas pagas;

2ª linha - Tropas auxiliares (designadas "milícias" a partir do final do século XVIII);

3ª linha - Ordenanças.

Ao longo do século XVIII o Brasil Colônia teve sérios problemas de fronteira principalmente no extremo sul. Naquela época, eram frequentes os choques entre luso-brasileiros e hispano-platinos, além disso, a força terrestre enfrentou a ameaça das rebeliões de índios e negros.

José I de Portugal

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

D. José I (Lisboa, 6 de junho de 1714 – Sintra, 24 de fevereiro de 1777), apelidado de **O Reformador**, foi Rei de Portugal e Algarves de 1750 até sua morte. Era o terceiro filho do rei João V e sua esposa a rainha Maria Ana da Áustria.

O reinado de José I é sobretudo marcado pelas políticas do seu secretário de Estado, o Marquês de Pombal, que reorganizou as leis, a economia e a sociedade portuguesa, transformando Portugal num país moderno.

Quando subiu ao trono, José I tinha à sua disposição os mesmos meios de acção governativa que os seus antecessores do século XVII, apesar do progresso económico realizado no país, na primeira metade do século XVIII.

Esta inadaptação das estruturas administrativas, jurídicas e políticas do país, juntamente com as condições económicas deficientes herdadas dos últimos anos do reinado de João V, vai obrigar o monarca a escolher os seus colaboradores entre aqueles que eram conhecidos pela sua oposição à política seguida no reinado anterior.

A 1 de novembro de 1755, José I e a sua família sobrevivem à destruição do Paço Real no Terremoto de Lisboa por se encontrarem na altura a passear em Santa Maria de Belém. Depois desta data, José I ganhou uma fobia a edifícios de pedra e cal, vivendo o resto da sua vida num complexo luxuoso de tendas no Alto da Ajuda, em Lisboa.

Outro acontecimento notável do seu reinado foi a tentativa de regicídio que sofreu a 3 de setembro de 1758 e o subsequente processo dos Távoras. Os Marqueses de Távora, o Duque de Aveiro e familiares próximos, acusados da sua organização, foram executados ou colocados na prisão, enquanto que a Companhia de Jesus foi declarada ilegal e os jesuítas expulsos de Portugal e das colónias.

D. José I faleceu no dia 24 de fevereiro de 1777. Jaz no Panteão dos Braganças, no mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa.

José I

O Reformador



Retrato por Miguel António do Amaral, c. 1773

Rei de Portugal e Algarves

Reinado	31 de julho de 1750 a 24 de fevereiro de 1777
Aclamação	8 de setembro de 1750
Antecessor(a)	João V
Sucessores	Maria I
Nascimento	6 de junho de 1714 Paço da Ribeira, Lisboa, Portugal
Morte	24 de fevereiro de 1777 (62 anos) Palácio de Sintra, Sintra, Portugal
Sepultado em	Panteão da Dinastia de Bragança, Igreja de São Vicente de Fora, Lisboa, Portugal
Nome completo	José Francisco António Inácio Norberto Agostinho
Esposa	Mariana Vitória da Espanha
Descendência	Maria I de Portugal Maria Ana de Portugal Maria Doroteia de Portugal Maria Benedita de Portugal
Casa	Bragança
Pai	João V de Portugal
Mãe	Maria Ana da Áustria
Religião	Catolicismo
Assinatura	
Brasão	

Início de vida

Nascimento e família



Infante José, Príncipe do Brasil, futuro Rei de Portugal; Jean Ranc, 1729.

José Francisco António Inácio Norberto Agostinho nasceu no Paço da Ribeira, Lisboa no dia 6 de junho de 1714, recebendo o título de Duque de Bragança no nascimento. Dentre sete filhos era a terceira criança e segundo varão de João V de Portugal e de sua consorte, Maria Ana da Áustria, filha do imperador Leopoldo I do Sacro Império Romano-Germânico. Foi baptizado a 27 de agosto de 1714, sendo afilhado do rei Luís XIV de França e da imperatriz Isabel Cristina de Brunsvique-Volfembutel consorte do imperador de Carlos VI do Sacro Império Romano-Germânico.

Embora não tenha nascido sucessor da coroa portuguesa, por não ser primogénito, logo em outubro do mesmo ano, devido ao falecimento do seu irmão Pedro, veio a adquirir esse estatuto.

Educação

Os seus primeiros tempos de infância passou-os junto de sua mãe, recebendo a sua influência altamente religiosa, bem como a do seu confessor o jesuíta António Stief que lhe ministrou as primeiras letras de latim.

Recebeu a educação adequada a um príncipe do seu tempo, no domínio das ciências e das línguas bem como da nobre arte da Cavalaria. Muito embora se saiba pouco sobre a sua educação musical, ao contrário da sua irmã D. Maria Bárbara, que beneficiou dos ensinamento dum dos grande músicos do seu tempo Domenico Scarlatti, que com ela seguiu para Espanha quando do seu casamento, o certo é que ficou conhecida a grande paixão de D. José pela ópera italiana.

Casamento

Nova crise diplomática

Na sequência da curta, mas para a Espanha desastrada guerra contra as quatro potências em 1718-1720, o rei de Espanha tinha ainda prometido uma filha — a infanta Mariana Vitória — a Luís XV da França, para também tentar melhorar as relações com esse reino. Com menos de quatro anos de idade foi a pequena princesa por isso enviada além-Pirenéus. Mas o rei francês entretanto não quis esperar que a pequena princesa crescesse, e acabou por optar por outra esposa. Em março de 1725, a pequena princesa, agora com sete anos, regressou a Espanha.

Entretanto, novos conflitos tinham surgido entre Portugal e a Espanha, por causa da fundação pelos portugueses de Montevidéu, no Rio da Prata, a 22 de novembro de 1723. Isto era uma zona que os portugueses consideravam ser o limite meridional natural do Brasil, enquanto os espanhóis de Buenos Aires queriam controlar todo o estuário do Rio da Prata.[1]

Os portugueses tinham desde 1680 a Colónia do Sacramento na região, que fora ocupada pelos espanhóis durante a Guerra da Sucessão Espanhola, mas devolvida pelo tratado de paz de 1715. No entanto, o tratado nada dizia sobre novas fundações na zona. Exatamente três meses após a fundação de Montevidéu, a 22 de Fevereiro de 1724, os espanhóis de Buenos Aires julgaram-se por isso justificados em ocupar a praça. Apenas um ano após o contrato de casamento entre Maria Bárbara e o Príncipe das Astúrias, estes acontecimentos, nesta remota parte dos respetivos impérios, causaram assim novos atritos diplomáticos entre as coroas ibéricas.[2]

A Troca das Princesas

Para evitar novas controvérsias e fortalecer ainda mais a aliança que se pretendia, a diplomacia espanhola propôs então um duplo matrimónio: para além do casamento entre o príncipe herdeiro espanhol e Maria Bárbara, o príncipe herdeiro português poderia casar com a regressada Mariana Vitória. João V aceitou a proposta, e dois



A família real espanhola, por volta de 1743. À esquerda, de pé, o príncipe herdeiro, o futuro Fernando VI da Espanha, e sentada, de azul, a sua mulher, D. Bárbara de Portugal.

anos mais tarde, tendo os príncipes e infantas chegado a idade um pouco mais crescida, firmaram-se então os acordos pré-nupciais: o Príncipe do Brasil e Mariana Vitória a 27 de dezembro de 1727, e o Príncipe das Astúrias e Maria Bárbara de Portugal a 11 de janeiro de 1728.[3]

Por fim, após demorada preparação, a Troca das Princesas realizou-se a 19 de Janeiro de 1729. A troca foi feita no Rio Caia, que faz fronteira entre Elvas no Alentejo, em Portugal, e Badajoz na Extremadura, em Espanha. A cerimónia fez-se literalmente a meio do rio, numa grande ponte-palácio de madeira ricamente decorada construída para a ocasião, com vários pavilhões em ambas as margens também. Praticamente toda a Corte participou, tendo todas as vilas e lugares entre Lisboa e Elvas sido enfeitadas com arte efémera, tal como arcos triunfais, jardins artificiais, fontes, etc., para receber os imensos cortejos na ida e na volta da fronteira. As preparações para a troca das princesas foram de tal modo detalhadas que já em Janeiro de 1727 a Coroa colocava encomendas de berlindas em Paris,[4] e pedia contribuições extraordinárias dos quatro cantos do império para financiar todo o esplendor desejado — incluindo da Capitania de Minas Gerais no Brasil.[5]



A infanta Dona Mariana Vitória, antes da Troca das Princesas.

De notar que todo este panorama de arte efémera se voltou a registar meio século mais tarde, aquando do novo consórcio duplo entre Portugal e a Espanha em 1785, com os casamentos do então apenas João e da irmã, a Maria Ana Vitória, e foi descrito recentemente em pormenor.[6]

Depois de casada, Mariana Vitória e o Príncipe do Brasil passariam ainda vinte e um anos como príncipes herdeiros, antes de subir ao trono em 1750. Durante esse período, e com o piorar da saúde de Filipe V, Bárbara e o marido tiveram que enfrentar a animosidade da rainha e madrasta do príncipe, Isabel Farnésio, que queria manter o enteado longe da corte. Em 1733 foram aprovadas regras de conduta do príncipe herdeiro que eram, no dizer de um historiador, uma *"especie de arresto domiciliario"*:[7]



Coche da Mesa (séc. XVIII) no Museu Nacional dos Coches. Este veículo foi utilizado durante a troca das princesas.

Pouco depois deu-se ainda o chamado Incidente das Embaixadas em 1735, e apesar da troca das princesas as relações entre Portugal e a Espanha deterioraram-se ao ponto do monarca português enviar uma forte esquadra ao Rio da Prata, e de passar a existir *de facto* um estado de guerra entre as duas coroas, apenas solucionado em 1737 (ver João V).[8]

Ainda assim, durante todo este período, e durante todo o posterior reinado, a princesa teve o conforto da companhia de Domenico Scarlatti, o seu velho mestre de música em Lisboa, que seguiu com a sua aluna para Espanha, onde permaneceria o resto da vida. Aqui, o cravista napolitano compôs mais de quinhentas sonatas, muitas delas dedicadas a Bárbara, que passava grande parte do seu tempo a tocar composições do seu antigo professor.



Dona Mariana Vitória logo após o casamento, como Princesa do Brasil

Reinado

O reinado de José I é sobretudo marcado pelas políticas do seu secretário de Estado, o Marquês de Pombal, que reorganizou as leis, a economia e a sociedade portuguesa, transformando Portugal num país moderno. Quando subiu ao trono, José I tinha à sua disposição os mesmos meios de acção governativa que os seus antecessores do século XVII, apesar do progresso económico realizado no país, na primeira metade do século XVIII.

Esta inadaptação das estruturas administrativas, jurídicas e políticas do país, juntamente com as condições económicas deficientes herdadas dos últimos anos do reinado de João V, vai obrigar o monarca a escolher os seus colaboradores entre aqueles que eram conhecidos pela sua oposição à política seguida no reinado anterior.

Diogo de Mendonça Corte-Real, Pedro da Mota e Silva e Sebastião José de Carvalho e Melo passaram a ser as personalidades em evidência, assistindo-se de 1750 a 1755 à consolidação política do poder central e ao reforço da posição do marquês de Pombal, com a consequente perda de importância dos outros ministros.

O terramoto de Lisboa



"Marquês de Pombal" e a cidade de Lisboa, de Louis-Michel van Loo (1707-1771) e Claude-Joseph Vernet (1714-1789), Museu da Cidade, Lisboa

O desastre abateu-se sobre Portugal na manhã do dia 1 de novembro (dia de Todos os Santos) de 1755. Nesta data, Lisboa foi abalada por um violento tremor de terra, com uma amplitude que em tempos actuais é estimada em cerca de nove pontos na escala de Richter. A cidade foi devastada pelo tremor de terra, pelo maremoto e ainda pelos incêndios que se seguiram.

Sebastião de Carvalho sobreviveu por sorte, mas não se impressionou. Imediatamente tratou da reconstrução da cidade, de acordo com a famosa frase: *"E agora? Enterram-se os mortos e cuidam-se os vivos"*. Apesar da calamidade, Lisboa não foi afectada por epidemias e menos de um ano depois já se encontrava parcialmente reconstruída.

A baixa da cidade foi redesenhada por um grupo de arquitectos, com a orientação expressa de resistir a terramotos subsequentes. Foram construídos modelos para testes, nos quais os terramotos foram simulados pelo marchar de tropas. Nesta altura, e pela orientação do Marquês do Pombal, teve início o modelo de construção de edifícios denominado "Gaiola", em que todas as obras eram edificadas a partir de uma estrutura de madeira, semelhante a uma gaiola. A partir deste período, todos os edifícios eram obrigados a respeitar esta norma, com o fim de tornar as construções resistentes aos terramotos, devido à sua flexibilidade.[9]

Surgiram também os primeiros edifícios dotados de saneamento próprio, através de condutas ligadas diretamente ao rio, e as ruas adquiriram dimensões em torno dos 20 metros de largura - para as estradas principais - uma característica nunca antes vista.[10]

Os edifícios e praças da *Baixa Pombalina de Lisboa* ainda prevalecem, sendo uma das atracções turísticas de Lisboa, construídos sob a assinatura do Marquês de Pombal.

Sebastião de Melo fez também uma importante contribuição para a sismologia: elaborou um inquérito enviado a todas as paróquias do país. Exemplos de questões aí incluídas: os cães e outros animais comportaram-se de forma estranha antes do evento?; O nível da água dos poços subiu ou desceu?; Quantos edifícios foram destruídos? Estas questões permitiram aos cientistas portugueses a reconstrução do evento e marcaram o nascimento da sismologia enquanto ciência.

O processo dos Távoras

Na sequência do terramoto ficou só menos de dois anos mais como Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. O rei D. José I deu ao seu primeiro-ministro poderes acrescidos, tornando-o numa espécie de ditador, e fê-lo Conselheiro de Estado e Comendador de Santa Marinha da Mata de Lobos e de São Miguel das Três Minas, ambas na Ordem de Cristo. À medida que o seu poder cresceu, os seus inimigos aumentaram e as disputas com a alta nobreza tornaram-se frequentes.



O atentado sofrido por D. José I em 1758. Este atentado foi o catalisador do Processo dos Távoras.

O atentado

Em setembro de 1758, a carruagem do rei foi alvejada quando esse voltava da casa de sua amante, a esposa do Marquês de Távora. O monarca foi ferido e a rainha assumiu como regente. As investigações, durante o mês de dezembro, acusaram membros da alta nobreza, os quais foram imediatamente presos; entre eles integrantes da família dos Távoras (o número total de prisioneiros chegou a mais de mil, a maioria dos quais jamais foi julgada formalmente). Em 12 de janeiro de 1759, o José de Mascarenhas da Silva e Lencastre, então Duque de Aveiro, e diversos membros da família dos Távoras foram condenados à morte.

Consequências

Sebastião de Melo não mostrou qualquer misericórdia, tendo perseguido cada um dos envolvidos.

Com este golpe final, o poder da nobreza foi decisivamente contrariado, marcando uma vitória sobre os seus inimigos, aqueles que tinham força para se oporem a si e ao rei. Pela sua acção rápida, D. José I atribuiu ao seu leal ministro o título de Senhor Donatário das vilas de Oeiras e seu termo e de Pombal, com o título de Conde de Oeiras, em 1759.

A 3 de Setembro 1759, um ano depois da tentativa de regicídio a D. José, expulsou os jesuítas da metrópole e das colónias, confiscando seus bens, sob a alegação de que a Companhia de Jesus agia como um poder autónomo dentro do Estado português e as suas ligações internacionais eram um entrave ao fortalecimento do poder régio.

No seguimento do caso Távora, o novo Conde de Oeiras não conheceu qualquer nova oposição. Adquirindo o título de Marquês de Pombal em 1770, teve quase exclusivamente o poder de governar Portugal até à morte de D. José I em 1777.

A regência



D. Mariana Vitória retratada por Miguel António do Amaral.

Quando seu marido foi declarado inapto para governar 1774, devido a loucura, D. Mariana Vitória foi proclamada regente, uma posição que manteve até a morte de seu marido. Após isso, ela tornou-se regente de sua filha mais velha, futura D. Maria I.

Quando a filha assume o poder, D. Mariana Vitória tentou melhorar as relações com a Espanha que era governada por seu irmão mais velho, Carlos III. Os dois países estavam em conflito em relação a posses territoriais nas Américas. Deixando Portugal, D. Mariana Vitória viajou para a Espanha, onde permaneceu por pouco mais de um ano, residindo entre o Palácio Real de Madrid e o Palácio Real de Aranjuez.

Por influência da rainha, assinou-se em 1778 o tratado que estipulou dois casamentos: o do infante Gabriel, filho de Carlos III, com a sua neta D. Maria Ana Vitória, e o da infanta Carlota Joaquina, neta mais velha de Carlos III, com o infante D. João, futuro D. João VI.

Morte

D. José I faleceu no dia 24 de fevereiro de 1777, sucedendo ao pai a rainha D. Maria. Jaz no Panteão dos Braganças, no mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa.

Legado

D. José tem descendentes que vão desde o presente Rei de Espanha, Rei da Bélgica, ao Grão-Duque de Luxemburgo. Em 1822, o seu bisneto Pedro tornou-se o primeiro imperador do Brasil.

Títulos, estilos, e honrarias

Predefinição:Info/Estilos reais

Títulos e estilos

- 6 de Junho 1714 – 29 de outubro de 1714: "Sua Alteza", o Sereníssimo Infante José de Portugal"
- 29 de Outubro de 1714 – 31 de julho de 1750: "Sua Alteza Real, o Príncipe do Brasil"
- 31 de Julho de 1750 – 24 de fevereiro de 1777: "Sua Majestade Fidelíssima, o Rei"

O estilo oficial de D. José I enquanto Rei de Portugal: "Pela Graça de Deus, José I, Rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, etc."

Honrarias

Enquanto monarca de Portugal, D. José I foi Grão-Mestre das seguintes Ordens:

- Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo
- Ordem de São Bento de Avis
- Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem de Sant'Iago da Espada
- Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada

Descendência

Nome	Retrato	Longevidade	Notas
Havidos de José I de Portugal **(31 de março de 1718 – 15 de janeiro de 1781; casados a 19 de janeiro de 1729)**			
Maria I de Portugal		17 de dezembro de 1734 – 20 de março de 1816	Rainha de Portugal, a título próprio, de 1777 a 1816. Casou-se com o Infante D. Pedro, seu tio. Do casamento nasceram 4 filhos (um deles nado-morto) e 3 filhas.
Maria Ana, Infanta de Portugal		7 de outubro de 1736 – 16 de maio de 1813	Seguiu com a restante família real para o Brasil, onde veio a falecer.
Maria Doroteia, Infanta de Portugal		21 de setembro de 1739 – 14 de janeiro de 1771	Foi-lhe proposto casar com Luís Filipe II, Duque de Orleães, mas ela recusou-se.
Benedita, Princesa do Brasil		25 de julho de 1746 – 18 de agosto de 1829	Casou-se com o sobrinho, D. José, Príncipe do Brasil, em 1777. Eles não tiveram filhos, no entanto teve dois abortos: um em 1781 e outro em em 1786.

Ancestrais

Referências

1. SATURNINO MONTEIRO, Armando da Silva: *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa*, Vol. VII, pp. 54-56.
2. Id., *Ibid.*, Vol. VII, p. 141.
3. ARAÚJO, Jeaneth Xavier de: "Celebrar os Grandes: os casamentos monárquicos portugueses e a mobilização de recursos na capitania de Minas Gerais", p. 8.
4. BESSONE, Silvana: The National Coach Museum - Lisbon, p. 74, 91.
5. ARAÚJO, Jeaneth Xavier de: "Celebrar os Grandes: os casamentos monárquicos portugueses e a mobilização de recursos na capitania de Minas Gerais."
6. FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B.: "Formas de arte efémera no duplo consórcio Bragança-Bourbon em 1785."
7. VOLTES, Pedro: *La vida y la época de Fernando VI*, pp. 39-45, 68.
8. SATURNINO MONTEIRO, Armando da Silva: *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa*, Vol. VII, pp. 141-145.
9. «Manuscrito com livro de Kenneth Maxwell sobre o Marquês de Pombal» (http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=799803). *diariodigital.sapo.pt*. Consultado em 5 de abril de 2016
10. Maxwell, Kenneth. *O Marquês de Pombal* (http://www.presenca.pt/livro/o-marques-de-pombal-o63479835/). [S.l.: s.n.]

Bibliografia

- Joel Serrão (dir.), Pequeno Dicionário de História de Portugal, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976
- Joaquim Veríssimo Serrão, História de Portugal, Volume VI: O Despotismo Iluminado (1750-1807), Lisboa, Verbo, 1982

Ligações externas

- Biografia (http://www.arqnet.pt/dicionario/jose1.html)

José I de Portugal
Casa de Bragança
Ramo da Casa de Avis
16 de junho de 1714 – 24 de fevereiro de 1777

Precedido por **João V**



Sucedido por **Maria I** e **Pedro III**

Rei de Portugal e Algarves
31 de julho de 1750 – 24 de fevereiro de 1777



Precedido por **Pedro**

Sucedido por **Maria I**

Príncipe do Brasil
16 de junho de 1714 – 31 de julho de 1750

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=José_I_de_Portugal&oldid=65564855"

Maria I de Portugal

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

D. Maria I (Lisboa, 17 de dezembro de 1734 – Rio de Janeiro, 20 de março de 1816), apelidada de "a Piedosa" e "a Louca", foi a Rainha de Portugal e Algarves de 1777 até 1815, e também Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves a partir do final de 1815 até sua morte. De 1792 até sua morte, seu filho mais novo João atuou como regente do reino em seu nome devido à doença mental da rainha. Era a filha mais velha do rei José I e sua esposa, a infanta Mariana Vitória da Espanha.

Maria I

A Piedosa, A Louca



Retrato por Giuseppe Troni (1783)

Rainha de Portugal e dos Algarves

Reinado	24 de fevereiro de 1777 a 20 de março de 1816
Aclamação	13 de maio de 1777
Predecessor	José I
Sucessor	João VI
Regente	João, Príncipe Regente (1792–1816)

Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves

Reinado	16 de dezembro de 1815 a 20 de março de 1816
Sucessor	João VI
Regente	João, Príncipe Regente

Nascimento	17 de dezembro de 1734 Paço da Ribeira, Lisboa, Estremadura, Portugal
Morte	20 de março de 1816 (81 anos) Convento do Carmo, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Sepultado em	Basílica da Estrela, Lisboa, Portugal
Nome completo	Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana
Marido	Pedro III de Portugal
Descendência	José, Príncipe do Brasil João VI de Portugal Mariana Vitória de Portugal
Casa	Bragança
Pai	José I de Portugal
Mãe	Mariana Vitória da Espanha
Religião	Catolicismo

Biografia



Dona Maria I, Rainha de Portugal, por José Leandro de Carvalho, 1808.



D. Maria Francisca, Princesa da Beira, Duquesa de Barcelos (1739), Francesco Pavona.

Nascimento

D. Maria nasceu a 17 de dezembro de 1734 no Paço da Ribeira, em Lisboa, Portugal. Seu nome completo era *Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana de Bragança*. Foi a primeira filha de D. José de Bragança, então Príncipe do Brasil, e sua esposa Mariana Vitória de Bourbon, Infanta de Espanha.

Quando o seu pai subiu ao trono em 1750 como D. José I, D. Maria tornou-se sua herdeira presuntiva e recebeu os títulos tradicionais de Princesa do Brasil e Duquesa de Bragança.

Casamento

A continuidade dinástica da Casa de Bragança ficou assegurada com o seu casamento com o tio Pedro de Bragança, que subiria ao trono como Pedro III de Portugal. O casamento foi realizado na Real Barraca da Ajuda a 6 de junho de 1760.[1] Anteriormente, pensara-se em casá-la com o seu tio, o Infante Luís de Espanha,[2] e com José II, Imperador do Sacro Império Romano.

Reinado

Embora D.Maria I seja tradicionalmente reconhecida como a primeira Rainha reinante em Portugal, isso é questionável, visto que à luz de uma nova perspectiva da história,Teresa de Leão já havia sido reconhecida como tal pelo papa, em 1112. Seu primeiro acto como rainha, iniciando um período que ficou conhecido como a Viradeira, foi a demissão e exílio da corte do marquês de Pombal, a quem nunca perdoara a forma brutal como tratou a família **Távora** durante o Processo dos Távoras. Rainha amante da paz, dedicada a obras sociais, concedeu asilo a numerosos aristocratas franceses fugidos ao Terror da Revolução Francesa (1789-1799). Era, no entanto, dada a melancolia e fervor religioso de natureza tão impressionável que quando ladrões entraram em uma igreja e espalharam hóstias pelo chão, decretou nove dias de luto, adiou os negócios públicos e acompanhou a pé, com uma vela, a procissão de penitência que percorreu Lisboa.

O seu reinado foi de grande actividade legislativa, comercial e diplomática, na qual se pode destacar o tratado de comércio que assinou com a Prússia em 1789. Desenvolveu a cultura e as ciências, com o envio de missões científicas a Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique, e a fundação de várias instituições, entre elas a Academia Real das Ciências de Lisboa e a Real Biblioteca Pública da Corte. No âmbito da assistência, fundou a Casa Pia de Lisboa. Fundou ainda a Academia Real de Marinha para formação de oficiais da Armada.

A 5 de janeiro de 1785 promulgou um alvará impondo pesadas restrições[3] à atividade industrial no Brasil; como por exemplo proibia a fabricação de tecidos e outros produtos. Durante seu reinado ocorreu o processo, condenação e execução do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Regência do filho

Mentalmente instável, desde 10 de fevereiro de 1792 foi obrigada a aceitar que o filho tomasse

conta dos assuntos de Estado. Obcecada com as penas eternas que o pai estaria sofrendo no inferno, por ter permitido a Pombal perseguir os jesuítas, o via como "um monte de carvão calcinado".

Para tratá-la veio de Londres o Dr. Willis, psiquiatra e médico real de Jorge III (enlouquecido em 1788) mas de nada adiantaram seus "remédios evacuantes".

Em 1799, sua instabilidade mental se agravou com os lutos pelo seu marido Pedro III (1786) e do seu filho, o príncipe herdeiro José, Duque de Bragança, Príncipe da Beira, Príncipe do Brasil (falecido em 1788, de varíola, aos 27 anos), com a marcha da Revolução Francesa, e com a execução do Rei Luís XVI de França na guilhotina. Por isso, João, seu segundo filho e herdeiro, que futuramente se tornaria João VI de Portugal, assumiu a regência.

Assinatura



Brasão





Moeda com as efígies de D. Maria I e Pedro III

Ida para o Brasil

A Família Real Portuguesa transfere-se para o Brasil devido ao receio de ser deposta, à semelhança do que ocorrera nos países recentemente invadidos pelas tropas francesas: Napoleão acumula o título de rei de Itália, dando o título de rei de Nápoles ao seu irmão José Bonaparte, a quem posteriormente situou no trono da Espanha; nos Países Baixos a coroa é dada a seu irmão Luís Bonaparte (Luís I da Holanda). Em 1801, o primeiro-ministro de Espanha, Manuel Godoy apoiado por Napoleão invadiu Portugal por breves meses e, no subsequente Tratado de Badajoz, Olivença passou para a coroa de Espanha, mais tarde também ocupada pelos franceses. Portugal continuou a fazer frente à França e, ao recusar-se a cumprir o bloqueio naval às Ilhas Britânicas, foi iniciada a Primeira invasão francesa de Portugal, pela coligação franco-espanhola liderada pelo Marechal Junot. A família real transfere-se para o Brasil a 29 de Novembro de 1807 deixando Portugal a mercê do invasor. Junot invade Lisboa sendo nomeado governador de Portugal. A 1 de Agosto de 1808, o Duque de Wellington desembarca em Portugal e tem início a Guerra Peninsular. Entre 1809 e 1810, o exército luso-britânico lutou contra as forças invasoras de Napoleão, nomeadamente na Batalha do Buçaco. Quando Napoleão foi derrotado em 1815, Maria e a família real encontravam-se ainda no Brasil. Dos membros da realeza, porém, foi a que se manteve mais calma, chegando a declarar: *Não corram tanto, vão pensar que estamos a fugir*.



Retrato da Rainha D. Maria I, c. 1777.

Vida no Brasil



Aparência atual do Convento do Carmo.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, a Rainha fora instalada no Convento do Carmo, ao lado do então Paço dos Vice-Reis - *que foi convertido a Paço Real*. Para facilitar o contato com a soberana, foi construído um passadiço ligando o Paço ao Convento.[4]

No Rio de Janeiro, a Rainha passeava de carruagem todas as tardes, e chegou a passar algumas temporadas em uma casa no atual bairro de Laranjeiras, próximo a uma bica, no Cosme Velho, cujas águas tinham fama de curar doenças. A Princesa do Brasil, Dona Carlota Joaquina, frequentava a bica, e por vezes levava a sogra, acompanhada de suas damas de companhia, daí se originando a expressão popular "*Maria vai com as outras*".

Acordando todos os dias por volta das oito horas, Sua Majestade fazia o desjejum e se sentava em um canapé, aguardando pela visita de seus familiares. O Príncipe Regente se ajoelhava para beijar a mão de sua mãe, seguido da Princesa do Brasil; em seguida, punham-se a conversar, e, quando a sós, o Príncipe Regente se aconselhava com a Soberana acerca dos assuntos de Estado. Depois, as netas vinham cumprimentar a avó, as mais velhas conduzindo as mais novas. Quando via as meninas entrarem, Sua Majestade exclamava: "*Que vem aqui fazer estes cupidinhos?*" ou "*Para que trazem cá estas pequenas?*". Por fim, entravam os netos, o Príncipe da Beira, Dom Pedro de Alcântara, e o Infante Dom Miguel. Quando o neto mais velho vinha lhe beijar a mão, a Rainha coçava a cabeça do menino e lhe afagava os cabelos, dizendo à dama de companhia, Dona Joana Rita de Lacerda (futura Baronesa, e depois Viscondessa, do Real Agrado): ***"Para este há de ser a minha coroa."***

Era muito grande o afeto que a Soberana nutria por aquele neto, no qual, naturalmente, via, após seu filho, a continuidade de sua Dinastia, a Sereníssima Casa de Bragança, reinante em Portugal desde 1640, e que agora vinha influenciar de modo tão direto os destinos do Brasil.

Outra prova desse apreço particular se deu quando do casamento de dois dos seus netos, primos-irmãos, a Infanta Dona Maria Teresa de Bragança e o Infante Dom Pedro Carlos de Bourbon: a Rainha havia entregado sua caixa de joias ao Príncipe Regente, pois sentia que não precisava mais delas; mas, ao ficar sabendo que, como presente de casamento do pai, a Infanta Dona Maria Teresa havia escolhido uma das melhores peças, Sua Majestade exclamou, exasperada: "*E o que darão à mulher do Pedro quando ele se casar?*".[5]

Morte



Túmulo de D. Maria I na Basílica da Estrela, em Lisboa

D. Maria viveu no Brasil por oito anos, sempre em estado de incapacitação. Ela morreu no Convento do Carmo, na cidade do Rio de Janeiro, em 20 de março de 1816, aos 81 anos de idade. Após as cerimónias fúnebres, seu corpo foi sepultado no Convento da Ajuda, também no Rio. Com sua morte, o Príncipe Regente D. João foi aclamado Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Em 1821, após o retorno da Família Real para Portugal, seus restos mortais foram transladados para Lisboa e sepultados em um mausoléu na Basílica da Estrela, igreja que ela mesma mandou erguer.

Enfermidade

O Secretário dos Negócios Estrangeiros, Luís Pinto, escreveu uma carta ao embaixador português em

Londres, relatando na época alguns acontecimentos:

> *– É com grande tristeza que o informo de que Sua Majestade está a sofrer de uma aflição melancólica que degenerou em insanidade, até ao que se receia que seja o delírio total. Tendo em vista esta infeliz situação, acredito que seria benéfico que o Dr. Willis, o médico principal que assistiu a Sua Majestade Britânica em circunstâncias similares, viesse a esta corte logo que possível. Proporcionar-lhe-emos todo o dinheiro necessário, sem limitações Concordaremos com tudo o que proponha, se tiver de celebrar um contrato com ele, e deixará a remuneração à discrição generosa desta corte [...]. A rainha teve sempre um temperamento melancólico e sujeito a aflições nervosas. A sua disposição é de grande submissão e tem uma certa timidez, a sua imaginação é viva e os seus hábitos inclinam-se para a espiritualidade. Desde há muitos anos que tem vindo a sofrer de dores de estômago e de espasmos no abdômen, com tendência a piorarem devido à aversão que tem a remédios purgativos, especialmente clísteres que nunca consentia*.[6]

Segundo estudos da historiadora Mary Del Priore, a loucura da soberana é contestada. Del Priore Garante que ela era vítima de profunda depressão, na época confundida com melancolia e insanidade. Além de contar com a colaboração do médico Sávio Santos Silva, Mary pesquisou livros de medicina daquele período.

> "*É uma doença que se tornou o mal do século, tão contemporânea, geral, pois atinge todas as classes e idades. Porém, ela existe há anos. Dona Maria I tinha todos os sintomas da depressão: tristeza constante, profunda e incapacitante, perda de autoconfiança, sentimento de vazio, irritabilidade, distúrbios do sono, fadiga, isolamento, e, o mais importante, sentimento de culpa e de inutilidade*", garante.

Muitos fatores contribuíram para que a rainha fosse considerada incapacitada para governar. Em 1792, o filho, Dom João VI, assumiu a regência. O primeiro motivo da depressão foram as mortes sucessivas de entes queridos. A começar pela mãe, dona Mariana Vitória, sua grande amiga e conselheira, em 1781. Cinco anos depois, foi a vez do marido e tio, Dom Pedro III, com quem mantinha um casamento feliz.

> "Não era comum as relações arranjadas serem tão bem sucedidas. Eles realmente se gostavam, eram cúmplices. Dona Maria ficou muito desesperada quando perdeu o companheiro", relata Mary.

Em 1788, três perdas a abalaram profundamente: do primogênito dom José, da filha Maria Ana e do neto Carlos, recém-nascido. Todos vítimas da varíola. Para completar a tragédia, seu confessor e mentor, frei Inácio de São Caetano, não resistiu a uma violenta trombose. "*Foi uma morte atrás da outra, incluindo dois filhos. É muita dor. Sem contar as intrigas palacianas, inclusive dentro da própria família, além da pressão e dos questionamentos por ela ser a primeira rainha – e mulher – a ter plenos poderes em Portugal, apesar de a mãe e a avó terem sido regentes*", destaca Mary.

Extremamente católica, dona Maria I se sentia culpada por tudo de ruim que ocorria com ela e com os parentes. Doença, naqueles tempos, era sinônimo de culpa e pecado. "*Só no final do século 19 a psicanálise vai conseguir dissociar a questão místico-religiosa da loucura. A culpa era uma constante nesses diagnósticos. Até o século 18, os livros de medicina portugueses diziam que a melancolia era o sopro do diabo. Dona Maria I acreditava piamente nisso*", explica.[7]

Na cultura popular

A Rainha D. Maria I já foi retratada como personagem no cinema, televisão e no teatro, interpretada por Rita Cléos na novela *Dez Vidas* (1969), Maria Fernanda no filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* (1995), Eva Wilma na minissérie *O Quinto dos Infernos* (2002), Lu Grimaldi na telenovela Liberdade, Liberdade (2016) e Maria Emília Correia na minissérie *Bocage Bocage* (2006). No carnaval do Rio de Janeiro em 2008, foi representada no desfile da escola de samba São Clemente pela atriz Rogéria, em enredo sobre o rei João VI. Em 2011, no teatro, a atriz Maria do Céu Guerra é *D. Maria, A Louca* de um texto do autor brasileiro Antônio Cunha, apresentado pela companhia portuguesa A Barraca.

Uma versão altamente ficcionalizada da rainha D. Maria I é a protagonista da *opéra-comique Les diamants de la couronne* (1841), pelo compositor Daniel Auber, com *libretto* de Eugène Scribe e Jules-Henri Vernoy de Saint-Georges; figurando igualmente na adaptação a zarzuela de Francisco Asenjo Barbieri, *Los diamantes de la corona* (1854), esta com *libretto* de Francisco Camprodón. Na ópera, D. Maria é menor aquando da morte do seu pai, sendo o país governado por um Conselho de Regência liderado pelo Conde de Campo Mayor. D. Maria toma o nome de "Catalina" e, sem ninguém o saber, lidera um grupo de bandidos com o intuito de vender as jóias da coroa, substituindo-as por falsificações, para trazer solvência fiscal ao Estado. No final, durante a sua coroação, D. Maria usa a sua astúcia para evitar a determinação do Conselho de Regência que a obrigaria a casar com um filho de rei de Espanha e, ao invés, casa com o Marquês de Sandoval, que havia sido assaltado pelos bandidos e se havia enamorado pela beleza de "Catalina", chefe da quadrilha.[8]

Maria-vai-com-as-outras

O termo "maria-vai-com-as-outras" é muito popular na lusofonia, onde é usado para designar uma pessoa fraca, sem opinião própria, que se deixa levar pelos outros. Segundo o pesquisador Brasil Gerson, autor do livro *Histórias das Ruas do Rio*, o termo foi cunhado a partir da figura da rainha D. Maria I, que viveu seus últimos anos no Rio de Janeiro. Declarada mentalmente incapaz desde 1792, D. Maria vivia reclusa e só saía na companhia de suas damas, que costumavam levá-la para passear às margens do rio Carioca, no antigo bairro de Águas Férreas (atual Cosme Velho). Ao ver a monarca sendo conduzida pelas mãos por suas damas, a população exclamava: *Maria Vai-com-as-Outras*.[9]

Títulos, estilos, e honrarias

Predefinição:Info/Estilos reais

Títulos e estilos

- 17 de Dezembro de 1734 – 31 de Julho de 1750: "Sua Alteza Real, a Princesa da Beira, Duquesa de Barcelos";
- 31 de Julho de 1750 – 24 de Fevereiro de 1777: "Sua Alteza Real, a Princesa do Brasil, Duquesa de Bragança, etc.";
- 24 de Fevereiro de 1777 – 20 de Março de 1816: "Sua Majestade Fidelíssima, a Rainha".

O estilo oficial de D. Maria I, desde a sua Aclamação até 1815 foi: "D. Maria, pela Graça de Deus, Rainha de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhora da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, etc." Com a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em 1815, o seu estilo evoluiu para: "D. Maria, pela Graça de Deus, Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhora da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, etc.".

Honrarias

Enquanto monarca de Portugal, D. Maria I foi Grã-Mestre das seguintes Ordens:

- Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo
- Ordem de São Bento de Avis
- Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem de Sant'Iago da Espada
- Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada

Genealogia

Descendência

Nome	Retrato	Longevidade	Notas
Havidos de D. Pedro III de Portugal (5 de Julho de 1717 – 25 de Maio de 1786; casados a 6 de Junho de 1760)			
José, Príncipe do Brasil		21 de Agosto de 1761 – 11 de Setembro de 1788	Recebeu o título de Príncipe da Beira ao nascer, título criado pelo seu avô materno especialmente para si. Desposou a tia materna, a Infanta Maria Francisca Benedita, de quem tinha quinze anos de diferença de idade; do casamento não houve descendência, tirando dois abortos: um em 1781 e outro em 1786. Tornando-se Príncipe do Brasil e herdeiro aparente ao trono com a Aclamação da rainha sua mãe, D. José faleceu prematuramente de varíola.
D. João Francisco de Paula Domingos António Carlos Cipriano de Bragança		16 de Setembro de 1763 – 10 de Outubro de 1763	Morreu com três semanas de idade.
João VI de Portugal		13 de Maio de 1767 – 10 de Março de 1826	Tornou-se Príncipe do Brasil e herdeiro aparente do trono, com a morte precoce dos irmãos mais velhos. Governou como Príncipe Regente, desde a declaração de incapacidade mental da Rainha D. Maria I em 1792, e tornou-se Rei de Portugal entre 1816 e 1826.
Infanta D. Mariana Vitória		15 de Dezembro de 1768 – 2 de Novembro de 1788	Nascida no Palácio de Queluz a 15 de Dezembro de 1768, morta em San Lorenzo de El Escorial em 2 de Novembro de 1788, tendo tido dois filhos e uma filha. Casou-se com Gabriel António Francisco Xavier João Nepomuceno José Serafim Pascoal Salvador de Bourbon e Saxe, Infante de Espanha, nascido em Portici a 12 de maio de 1752 e morreu no Escorial a 23 de Novembro de 1788, quarto filho de Carlos III, rei da Espanha e de sua esposa Maria Amália de Saxe.
D. Maria Clementina Francisca Xavier de Paula Ana Josefa Antónia Domingas Feliciana Joana Michaela Julia de Bragança		9 de Junho de 1774 – 27 de Junho de 1776	Morreu com dois anos de idade.
D. Maria Isabel de Bragança		12 de Dezembro de 1776 – 14 de Janeiro de 1777	Morreu com um mês de idade.

Ancestrais

Referências

1. Lusitania Sacra - 2a Série - Tomo 5 (1993) - Página 179
2. BRAGA, Paulo Drumond (2014). *A Rainha Discreta: Mariana Vitória de Bourbon*. [S.l.]: Círculo de Leitores. p. 153

3. Alvará de D. Maria I sobre a indústria no Brasil (https://pt.wikisource.org/wiki/Alvar%C3%A1_de_D._Maria_I_sobre_a_ind%C3%BAstria_no_Brasil)
4. «Paço Imperial» (https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pa%C3%A7o_Imperial&oldid=64945866). *Wikipédia, a enciclopédia livre*. 21 de dezembro de 2022. Consultado em 9 de janeiro de 2023
5. «Entrar no Facebook» (https://pt-br.facebook.com/login/?next=https%3A%2F%2Fpt-br.facebook.com%2Fpromonarquia%2Fposts%2Fa-vida-da-rainha-no-rio-de-janeiroa-rainha-dona-maria-i-foi-a-primeira-soberana-%2F2211456839090894%2F). *Facebook*. Consultado em 9 de janeiro de 2023
6. «Pela reabilitação histórica de dona Maria I, propõe Mario Rosa» (https://www.poder360.com.br/opiniao/pela-reabilitacao-historica-de-dona-maria-i-propoe-mario-rosa/). *Poder360*. Consultado em 9 de janeiro de 2023
7. Minas, Estado de; Minas, Estado de (24 de novembro de 2019). «Historiadora Mary del Priore garante: dona Maria I nunca foi louca» (https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2019/11/24/noticias-artes-e-livros,253467/historiadora-mary-del-priore-garante-dona-maria-i-nunca-foi-louca.shtml). *Estado de Minas*. Consultado em 9 de janeiro de 2023
8. Francisco Asenjo Barbieri. Los diamantes de la corona. Ed de Emilio Casares. Ediciones y publicaciones de Autor SRL. Teatro de la Zarzuela. Madrid. 2010
9. «Cópia arquivada» (https://web.archive.org/web/20120119023115/http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/maria-vai-com-as-outras-434364.shtml). Consultado em 4 de setembro de 2011. Arquivado do original (http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/maria-vai-com-as-outras-434364.shtml) em 19 de janeiro de 2012

Bibliografia

- **Defesa Militar, Princípios** dos dois irmãos Jorge e Julio Stumpf Vasconcellos Editora Biblioteca do Exército e Marinha do Brasil, 1939.

Ver também

- Árvore genealógica dos reis de Portugal
- Aclamação de Maria I de Portugal

Ligações externas

- “Chorar uma Rainha em Portugal e no Brasil: os Sermões por Ocasião da Morte de D. Maria I”, por Isabel Drumond Braga, Anais do I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões, vol. 3, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2015, pp. 38-59. (https://www.academia.edu/25914120/_Chorar_uma_Rainha_em_Portugal_e_no_Brasil_os_Serm%C3%B5es_por_Ocasi%C3%A3o_da_Morte_de_D._Maria_I_Anais_do_I_Congresso_Lus%C3%B3fono_de_Ci%C3%AAncia_das_Religi%C3%B5es_vol._3_Lisboa_Edi%C3%A7%C3%B5es_Universit%C3%A1rias_Lus%C3%B3fonas_2015_pp._38-59)
- O Mecenato da Infanta D. Maria de Portugal, 1521-1577 (MA / Dissertação mestrado), por Carla Alferes Pinto, 1996 (https://www.academia.edu/1442993/O_Mecenato_da_Infanta_D_Maria_de_Portugal_1521_1577_MA_Disserta%C3%A7%C3%A3o_mestrado_)
- D. Maria I, a primeira rainha, Diário do Tempo (Extrato de Programa), Serenella de Andrade, RTP, 2012 (https://ensina.rtp.pt/artigo/d-maria-1/)

Maria I de Portugal
Casa de Bragança
Ramo da Casa de Avis
17 de dezembro de 1734 – 20 de março de 1816



Sucedida por
José

Princesa do Brasil
31 de julho de 1750 – 24 de fevereiro de 1777

Precedida por
José I



Rainha de Portugal e Algarves
24 de fevereiro de 1777 – 16 de dezembro de 1815
com Pedro III (1777–1786)

Sucedida por
João VI

Título criado



Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves
16 de dezembro de 1815 – 20 de março de 1816

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Maria_I_de_Portugal&oldid=65614475"

Cálculo do Salário de **MANOEL DA COSTA GONTIJO** (I ou Pai)

MANOEL DA COSTA GONTIJO (I ou Pai) comandava 38 subordinados em (Nossa Senhora da Conceição dos Carijós). No Cargo de Sargento-Mor (acima de Major) recebia 2:160$000 (2 contos e 160 cruzeiros) Réis Anuais ou 180$000 (180 cruzeiros) Réis Mensais. Para o cargo pleiteado receberia 2:880$000 (2 contos e 880 cruzeiros) Réis Anuais ou 240$000 (240 cruzeiros) Réis Mensais. Um aumento de 1/3 ou 33/3%.



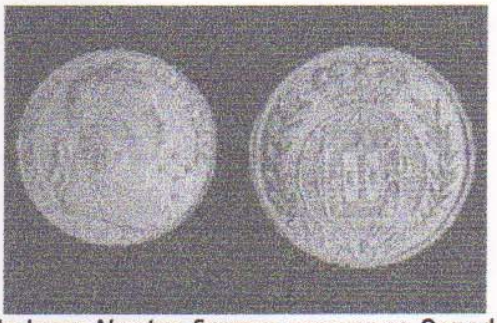


Estes valores equivalem aos atuais R$ 216.000 anuais ou R$ 18.000 mensais. E com o aumento passam a R$ 288.000 anuais ou R$ 24.000 mensais. Em dobrões de 10:000 Réis: 18 moedas mensais, passando para 24 moedas mensais.

UOL ÍNDICE BATE-PAPO BUSCADOR E-MAIL SERVIÇO AO ASSINANTE FÓRUM SHOPPING UOL
WEB SITES PESSOAIS

Moedas imperiais

Página inicial O Brasil dos outros 500



Em 1708, o Imperador D. João V de Avis e o ministro da Fazenda Isaac Newton fizeram aprovar no Senado uma reforma monetária associada à adoção do sistema métrico decimal, que também definiu com maior precisão o padrão-ouro que, na prática, já vigorava no país. O cruzeiro passou a pesar exatamente 8 escrópulos (ou seja, 8 gramas) e conter 90% de ouro e os valores, tamanhos e pesos de todas as demais moedas foram padronizados de acordo com o sistema decimal e foram abandonadas denominações tradicionais que não se encaixavam no novo sistema (40 réis, 160 réis etc.). Oficialmente, o único submúltiplo do cruzeiro é o real (plural réis), que vale um milésimo de cruzeiro; e o único múltiplo é o conto, que vale 1.000 cruzeiros ou 1.000.000 de réis.

Dobra (5$000) de João V, de 1708

Foi mantida a forma já tradicional de escrever quantias monetárias: dois pontos para o conto de réis e $ para o cruzeiro, seguido dos réis e suas frações. Assim, a quantia de 1 conto, 325 cruzeiros e 201 réis e meio (ou seja, 1.325.201,5 réis) se escreve como 1:325$201,5.

Moedas imperiais

Valor em cruzeiros e réis	apelido	metal	peso (g)	diâmetro (mm)	Poder aquisitivo aproximado no nosso Universo (em US$ ou R$ de 2000-2001) (1)
10$000	dobrão (2)	ouro 90%	80	48	1.000,00
5$000	dobra	ouro 90%	40	38	500,00
2$000	peça	ouro 90%	16	28	200,00
1$000	cruzeiro	ouro 90%	8	22	100,00
$500	cruzado	ouro 90%	4	19	50,00
$400	patacão (2)	prata 90%	50	45	40,00
$200	pataca	prata 90%	25	36	20,00
$100	tostão	prata 90%	12,5	29	10,00
$050	macuta	prata 90%	6,25	25	5,00
$020	vintém	prata 90%	2,5	18	2,00
$010	tanga	bolhão (3)	4	20	1,00
$005	cinquinho	bolhão (3)	2	16	0,50
$002	soldo	cobre	10	27	0,20
$001	real	cobre	5	21	0,10
$000,5	mealha	cobre	2,5	18	0,05
$000,2	ceitil	cobre	1	15	0,02
$000,1	bazaruco	cobre	0,5	12	0,01

DE DESCLASSIFICADOS A CORPOS DÓCEIS: A ORGANIZAÇÃO MILITAR NAS MINAS SETECENTISTAS

FRANCIS ALBERT COTTA
Pedagogo, especialista em Metodologia de Ensino pela FCHPL, em História do Brasil Contemporâneo pela UNI-BH, em Filosofia pela UFOP, mestrando em História - FAFICH/UFMG. Professor no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da PMMG.

Resumo: *Partindo de um levantamento bibliográfico e documental, analisa a organização militar nas Minas setecentistas. Considera que a arqueologia da instituição policial-militar de Minas Gerais se encontra nos séculos XVIII (institucionalização) e XIX (consolidação), séculos que moldaram sua maneira de ser, pensar e agir. No início do século XVIII, as tropas militares e para-militares possuíam características distintas dos quadros que a partir de 1775 formaram o Regimento Regular de Cavalaria de Minas (tropa regular e paga). Este Regimento teve forte influência de oficiais prussianos e seu modelo disciplinar deixou suas marcas gravadas no ethos da caserna e nos militares mineiros, não só naquele período, mas também em momentos subseqüentes.*
Palavras-chave: *História, militares estaduais, Minas Gerais, trabalho.*

1 INTRODUÇÃO

> *"Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta... essa dinâmica ilimitada da memória é a da constituição do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos"*
>
> ***T. Todorov.***

A história se dá a conhecer na forma do fragmento. O fragmento é o inassimilado, o heterogêneo que o historiador vai procurar dar sentido, pois, não há um sentido único nas coisas. O historiador reabre o passado para contá-lo de outra maneira.

TABELA 2

Relação de como ficaram reorganizados por Dom Antônio de Noronha os Regimentos de Cavalaria Auxiliar e de Nobreza - 1775.

Regimentos de Cavalaria Auxiliar e de Nobreza da Comarca de Mariana			*Regimentos de Cavalaria Auxiliar das Comarcas de Vila Rica e Rio das Mortes*		
Distrito	**Cavalaria Auxiliar**	**Nobreza**	**Distrito**	**1º Regimento**	**2º Regimento**
Furquim	1 Cia. de 41 praças	1 Cia. de 38 praças	Vila Rica	1 Cia. de 41 praças	1 Cia. de 41 praças
Passagem	1 Cia. de 41 praças	-	Vila Rica	1 Cia. de 40 praças	1 Cia. de 41 praças
Cidade	1 Cia. de 40 praças	1 Cia. de 40 praças	Vila Rica	1 Cia. de 40 praças	1 Cia. de 40 praças
S. Caetano	1 Cia. de 40 praças	1 Cia. de 38 praças	Vila Rica	-	1 Cia. de 40 praças
Piranga	1 Cia. de 38 praças	2 Cias. de 79 praças	Congonhas	1 Cia. de 41 praças	1 Cia. de 38 praças
Tapera	1 Cia. de 38 praças	-	Itatiaia	1 Cia. de 38 praças	-
Sumidoro	1 Cia. de 38 praças	1 Cia. de 41 praças	S. Bartolomeu	1 Cia. de 38 praças	1 Cia. de 38 praças
N. S. Oliveira	1 Cia. de 38 praças	-	Ouro Branco	1 Cia. de 38 praças	1 Cia. de 38 praças
Inficcionado	1 Cia. de 38 praças	1 Cia. de 38 praças	Casa Branca	1 Cia. de 38 praças	-
Barralonga	1 Cia. de 38 praças	-	Itabrava	1 Cia. de 38 praças	-
Antônio Pereira	-	1 Cia. de 40 praças	Carijós	1 Cia. de 38 praças	-
S. J. da Barra	-	1 Cia. de 38 praças	Itaubira	1 Cia. de 38 praças	-
Catas Altas	-	1 Cia. de 38 praças	Catas Altas	1 Cia. de 38 praças	-
-	-	-	Cachoeira	-	1 Cia. de 38 praças
Totais	**10 Cias. - 390 praças**	**10 Cias. - 390 praças**	-	**12 Cias. - 466 praças**	**08 Cias. - 314 praças**

FONTE: Seção Colonial. Cód. 211, fl.74-75. Arquivo Público Mineiro.

Em 1775, D. Antônio de Noronha havia acrescentado indivíduos aos Corpos dos Homens Pardos e às Companhias de Pretos, pois, as encontrou bastante reduzidas em função da criação dos Regimentos de Auxiliares de 1766. Após essa reorganização, o Terço passou a contar com 3.120 praças (TAB. 3).

TABELA 4

Relação dos Soldos pagos às Três Companhias de Dragões Portugueses - 1775.

Efetivo	Por dia	Por mês	Por ano	Vencimento total
3 - Capitães	$	80$000	960$000	2.880$000
3 - 1.º Tenentes	$	60$000	720$000	2.160$000
2 - 2.º Tenentes	$	60$000	720$000	1.440$000
3 - 1.º Alferes	$	48$000	576$000	1.728$000
2 - 2.º Alferes	$	48$000	576$000	1.152$000
3 - Furriéis	$	24$000	288$000	864$000
3 - Tambores	0$751½	$	274$297½	822$892½
16 - Cabos de Esquadra	$	$	$	$
189 - Soldados	0$351½	$	128$297½	24.248$227½
224 Homens				**35.525$280**

FONTE: Documentos avulsos de Dom Antônio de Noronha. Lata 284 - Livro I, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - Rio de Janeiro.

Obs.: Os dados foram retirados das instruções dadas a D. Antônio de Noronha por Martinho de Melo e Castro com a finalidade de se regular a Tropa Paga de Minas, Salienta-se que não consta o valor do soldo dos Cabos de Esquadra.

TABELA 5

Relação dos Soldos do Regimento Regular de Cavalaria de Minas - 1775.

Efetivo	Por dia	Por mês	Por ano	Vencimento total
1 Coronel	$	$	$	$
1 Ten Cel	$	80$000	960$000	960$000
1 Sargento Maior	$	65$000	780$000	780$000
1 Ajudante	$	28$000	336$000	336$000
1 Quartel-Mestre	$	26$000	312$000	312$000
1 Capelão	$	20$000	240$000	240$000
1 Cirurgião	$	16$000	192$000	192$000
2 Ajudantes do dito	0$170	$	62$050	124$100
6 Capitães	$	40$000	480$000	2.880$000
10 Tenentes	$	26$000	312$000	3.120$000
8 Alferes	$	24$000	288$000	2.304$000
4 Porta-Estandartes	0$390	$	142$350	569$400
8 Furriéis	0$390	$	142$350	1.138$800
24 Cabos	0$170	$	62$050	1.489$200
24 Anspençadas	0$155	$	56$575	1.357$800
4 Trombetas	0$400	$	146$000	584$000
1 Timbaleiro	0$400	$	146$000	146$000
376 Soldados	0$150	$	54$750	20.586$000
Total				**37.119$300**

FONTE : Seção Colonial . Códice 211, fl.68. Arquivo Público Mineiro

TABELA 6

Despesas que se faziam com as três companhias de dragões e a economia que se faz com as oito companhias do Regimento Regular de Cavalaria de Minas Gerais - 1775.

Itens Observados	Três Companhias de Dragões	Oito Companhias do Regimento de Cavalaria de Minas Gerais
CONSERTOS DE ARMAS		
Espingardeiro contratado	133$333½ por ano	Assentou praça um espingardeiro que recebe por dia: De soldo 160 réis De fardamento 35 76$285 por ano De farinha 14 réis
Parafuso de cabeça de cão	300 réis	90 réis
Capa do dito	150	40
Cão somente	450	320
Gatilho	150	40
Descanso do cão	150	60
Fuzil novo temperado	900	225
Parafuso do dito	150	45
Mola do fuzil	300	140
Mola real	900	288
Nós	600	160
Desarmador dos nós	300	90
Mola do desarmador	300	90
Casoleta	900	450
Colatra	900	450
Ponta da colatra concertada	150	65
Capa do corce	900	140
Varão da clavina	300	130
Argola para o dito	75	30
Braçadeira	300	70
Capa do gatilho	150	30
Guarda mato	450	Agora com duas pontas 112
Vareta de pau	150	De ferro: 187 - acrescentada: 93
Um parafuso de araveção	150	50
Um dito pequeno	75	35
Dito para segurar o cão nos nós	150	45
Mola para segurar a vareta	150	30
Ponto novo soldado no cano	300	50
Um par de esporas	900	375
Uma vareta	60	30
Mola da bandoleira	900	600
Coronha da clavina	1200	700
Coronha da pistola	900	500

Itens Observados	Três Companhias de Dragões	Oito Companhias do Regimento de Cavalaria
SELINS E ARREIOS		
Freio preparado com borrachas	1200	675
Um par de estribos	900	450
Freio sem borrachas	900	575
Um par de arções	600	375
Um par de veçatas	600	400
Capa para o arção da garupa	250	163
Capa para o arção dianteiro	200	100
Uma fivela de silhas	37½	18
Um grampo	37½	9
Aparelho de latão para as bandoleiras boldries e carteiras com suas armas	1800	1200
SELAS		
Uma sela nova	10$650	3$950
Arreios para um cavalo	1$650	850
Cabestro	600	207
Cabeçada e védias	800	336
Bocal do porta clavina	300	28
Um par de garupas	300	44

FONTE: Carta enviada por D. Antônio de Noronha a Martinho de Melo e Castro em 1775. Lata 284. Livro I. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - Rio de Janeiro.

Quando da criação do Regimento Regular, D. Antônio de Noronha reservou para si o posto de Coronel, o efetivo inicial era de 474 homens. Posteriormente, por Ordem do Conde de Sarzedos, foi elevado para 600 militares. Agregada ao Regimento, existia uma Companhia de carregadores de Infantaria com 73 homens e 30 pedestres, destinados para o correio, e outra de 130 praças, que compunham Esquadras de *Caçadores do Mato*.[67] A Companhia

[67] Tipo especial de milícia, sendo uma designação vulgar para as Cias. de Capitães de Assalto, formadas de negros que em tempos de guerra exploravam as campanhas, transmitiam ordens e mensagens e, em tempos de paz caçavam os escravos e criminosos foragidos e combatiam os quilombos. Ver "*Colecção Sumária das Próprias Leis, Cartas Régias, Avisos e Ordens que se acham nos livros da Secretaria do Governo desta Capitania de Minas Geraes"* REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Belo Horizonte. XVI, 1911, p. 449.

Hierarquia dos períodos colonial e imperial

Exército	Marinha (ou Armada)
Herói de Guerra (depois Marechal-General)	Comandante-Oficial
Marechal	Almirante de Esquadra
General	Almirante
Mestre de Campo General (depois Tenente-General)	Vice-Almirante
Sargento-Mor de Batalha (depois Marechal de Campo)	Chefe de Esquadra
Brigadeiro	Coronel do Mar (depois Chefe de Divisão)
Mestre de Campo (depois Coronel)	Capitão de Mar e Guerra
Tenente-Coronel (Capitão-Mor nas Ordenanças)	Capitão-Tenente (depois Capitão de Fragata)
Sargento-Mor (depois Major)	Capitão-Tenente
Capitão	Tenente do Mar (depois Primeiro-Tenente)
Tenente	Segundo-Tenente
Alferes	Guarda-Marinha
Cadete	Aspirante Guarda-Marinha
Sargento-Ajudante	Mestre
Sargento Quartel-Mestre	-
Primeiro-Sargento	Contramestre
Segundo-Sargento	-
Furriel	Guardião
Cabo de Esquadra	Cabo de Marinheiros
Anspeçada	Marinheiro
Soldado	Grumete

Nesta época, seguindo o modelo de organização do Exército Português implementado na sequência da Restauração da Independência de Portugal em 1640, as forças terrestres no Brasil adoptam a organização em três linhas que se irá manter até ao século XIX, que inclui:

1ª linha - Tropas pagas;

2ª linha - Tropas auxiliares (designadas "milícias" a partir do final do século XVIII);

3ª linha - Ordenanças.

Ao longo do século XVIII o Brasil Colônia teve sérios problemas de fronteira principalmente no extremo sul. Naquela época, eram frequentes os choques entre luso-brasileiros e hispano-platinos, além disso, a força terrestre enfrentou a ameaça das rebeliões de índios e negros.

Catálogo das Moedas Brasileiras

R 10$000

1cm = [real]

Imagens: Itaú Numismática





ANVERSO

Escudo das armas portuguesas sob coroa. A esquerda valor e a direita cinco florões. Ao redor, a inscrição IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX

REVERSO

Inscrição IN HOC SIGNO VINCES e era ao redor da Cruz de Cristo com letras monetárias M.

PADRÃO MONETÁRIO

RÉIS *(até 08/10/1833)*
Originado no período Colonial por influência do monetário português, não se tratava de uma moeda genuínamente brasileira. Foi aproveitado do padrão português, sem fundamentação legal no Brasil.

PERÍODO POLÍTICO

Colônia, D. João V - O Magnânimo (1706-1750)



João V, *apelidado de "o Magnânimo", foi Rei de Portugal e Algarves de 1706 até sua morte. Em seu longo reinado de 43 anos, Portugal teve relevo na política europeia e mundial e, em um segundo momento, uma importante aliança estratégica com a Grã-Bretanha. Durante seu reinado surgiram os dobrões de*

20 mil réis produzidos em Vila Rica, moedas de ouro das mais valiosas no mundo, até então.

LIMITES

Portugal e Colônias

ORIGEM

Casa da Moeda, Minas Gerais

CARACTERÍSTICAS

Material: **ouro**
Diâmetro: **33,0** *mm*
Peso: **26,89** *g*
Bordo: **serrilhado**
Titulagem: **Au 916 2/3**
Eixo: **reverso moeda (EH)**

OBSERVAÇÕES

Casa da Moeda de Vila Rica. Com letras monetárias M. IOANNES V D. G. PORT. ET ALG. REX = João V, pela graça de Deus, Rei de Portugal e Algarves. IN HOC SIGNO VINCES = Com esse sinal vencerás. Meio dobrão.

EMISSÕES

KM# 116

ano	produção	CRMB	Prober	Amato	Vieira	Bentes	observações
1724	n/d	1724-O-10k	O-186	O.244	O-93	107.01	
1725	n/d	1725-O-10k	O-196	O.245	O-94	107.02	
1726	n/d	1726-O-10k	O-208	O.246	O-95	107.03	
1727	n/d	1727-O-10k	O-218	O.247	O-96	107.04	

Citação das fontes de códigos de referência de moedas:
KM# é código de referência de Krause-Mishler do *Standard Catalog of World Coins*, 2014
CRMB é código de referência proposto por este site - *Código de Referência das Moedas Brasileiras*
Prober extraido do *Catálogo das Moedas Brasileiras*, de Kurt Prober, 3ª. edição, 1981
Amato extraido do *Livro das Moedas do Brasil 1643 até o presente*, de Amato/Neves/Russo, 12ª. edição, 2009
Vieira extraido do *Catálogo Vieira - Moedas Brasileiras*, de Numismática Vieira, 14ª. edição, 2012
Bentes extraido do *Catálogo Bentes - Moedas Brasileiras*, de Rodrigo Maldonado, 1ª. edição, 2013

Reportar erros. Clique aqui!

INFORMATION: DEAR CUSTOMERS, LOTS PURCHASED IN ONLINE AUCTIONS ARE AVAILABLE FOR PICK-UP BETWEEN 9:00 AM - 1:00 PM AND 2:00 PM - 5:30 PM (BUSINESS DAYS) AT OUR CARNAXIDE BUILDING (RUA MOINHO DA BARRUNCHADA, NO. 2 - 2790-109 CARNAXIDE), IN ACCORDANCE WITH OUR BUSINESS CONDITIONS. THE COSTS OF STORAGE AND TRANSPORT ARE INCLUDED IN OUR TABLE OF COSTS AVAILABLE AT WWW.PCV.PT (SERVIÇOS/TRANSPORTES/WAREHOUSE).

PALÁCIO DO CORREIO VELHO
LEILÕES E ANTIGUIDADES, S.A.

Lot 320



Hover to zoom

D.João V, Meio Dobrão, 1725, M, Ouro, P.26.03 G.

View catalog

Sold:

€2,400.00 > R$ 12.840

Estimate: €2,000 - €0

May 10, 2022 7:00 PM WEST

LISBOA, Portugal

Request more information

Additional Details

Description:

Dom João V, Meio Dobrão (12.000 Réis) 1725, M, Minas Gerais, Ouro

Estado de conservação: Muito Bem Conservada

Peso aproximado: 26.03 g.

Superfície alterada no Reverso

Catálogo Alberto Gomes 105.02

Catálogo Krauss 116

Condition:

- Dom Joao V, Half Dobrao (12,000 Réis) 1725, M, Minas Gerais, Ouro

  Conservation Status: VF

  Approximate Weight: 26.03 g.

  Altered surface on the reverse

  Alberto Gomes 105.02 Catalog

  Krauss 116 Catalog

Payment & Shipping

Auction Details

Conditions Of Sale

Dom José Luiz de Menezes Abranches Castello Branco, e Noronha, Conde de Valadares, do Conselho de ElRey Nosso Senhor, Comendador das Comendas de Santa Iria de Tancoens, Santa Maria de Azinhaga, Santa Maria de Caxias, todas da Ordem de Christo, Governador, e Capitão General da Capitania das Minas Geraes. Faço saber aos que este Carta Patente virem, que attendendo a estar vago o Posto de Capitam da Companhia de Ordenanças do Destricto do Rio das Mortes, por mercê que fizera para Portugal a annos José Rodrigues de Lemos, e Serviços promettidos neste Posto a pessoa consignada nella, e querendo no destricto da capacidade, e inteligencia, zelo, actividade, e mais circunstancias, que concorrem na Pessoa de Manoel da Costa Pontija, hum dos Sargentos reformados do Regimento pago desta Capitania, com attenção ao Capitam mor das ordenanças do terço de Villa Rica Ignacio de Carvalho, e esperanças do dito effeito, e mais do que for encarregado do Real serviço, Sehavia por bem de o nomear para o dito Posto. Pela qual lhe mando, que logo que lhe for entregue, tome posse do referido Posto, e o sirva com zelo, actividade, e satisfação, e o mesmo Capitam mor lhe dará juramento de Fidelidade, e Segredo, e lhe dará posse, e juramento dos Santos Evangelhos na forma do Regimento, e Ordens, que lhe tem dadas, e lhe dará Patente, e Ordens, que lhe tem dadas, e lhe dará Patente, e Ordens, que lhe tem dadas, e lhe dará Patente

Sette de Dezembr. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil setecentos e setenta e dous. Secretario do =
Gov.or de Minas g.al José Luiz Saya a fez escrever.

Conde de Valladares





Patente pela V.E.S. hê por bem dar, e mandar passar ordem de Sua Mag.de ao Sargento Mor Manoel da Costa Gontijo, no Posto de Capitão da Companhia das ordenanças depte do destricto da Igreja Nova, termo da Villa de Sabará Sua Jurisdicção do Rio das Mortes, que de cumprimento de sessenta soldados com seus respectivos Off.es vagos por ausencia, fallecimento, e fazer assento no Liv.o Portugal Soldo Livre de qualquer, q.e occorrer possa, sem vencer soldo algum, e mais como nella se declara.

Pal. de V.E.S.a

*Dom Jozé Luis de Menezes Abranches Castello branco, eNoronha, Conde de Valladares do Conselho d'EL REY Meu Senhor Comendador das Comendas de Sam Juliaó do Monte Negro, Sam Giaó daCastanheira, Santa Maria deviade, Santa Maria dos Cazaes, e Sam Sebastiaó de Alpriate da ordem de Christo, Governador eCapitaó General daCapitania das Minnas Geraes. VE^xa^* (Vossa Excellencia). *Faço saber aos que esta Carta Patente virem que attendendoe seachar vago o Posto deCapitam da Companhia daordenança dePé do districto da Igreja Nova, Termo davilla de Saó Jozé dacomarca do Rio das Mortes, por auzencia que fizera para Portugal á annos Jozé Rodriguez de Aguiar, [que o exercia], e ser precizo prover nodito Posto com pessoa condigna delle, e moradora no districto decapacidade, conhecida intelligencia, zelo, eactividade, concorrerem todos estas circunstancias nado Alferes comandante da mesma Companhia **Manoel da Costa Gontijo**, hum dos propostos navilla, com asistencia do Capitam mor dasordenanças do termo della Pedro Teixeira de Carvalho; E esperar do dito Alferes que em tudo mais dequefor encarregado do Real servisso, se haverá com igual satisfaçaó dezempenhando [respeito] que faço de sua pessoa. Pela faculdade que Sua Magestade mepermite no capitulo dezenove do Regimento dos Governadores para provimentode semelhantes postos. Hey porbem de nomear e prover ao dito **Manoel da Costa Gontijo** no Posto deCapitaó da Companhia daordenança dePé do districto da Igreja Nova termo davilla de Sam Jozé da Comarca do Rio das Mortes, quese compoem de sessenta soldados com seus officiaes respectivos, e o dito Capitam rezidirá sempre no destrido della, penadeque o naó fazendo lhedar baixa, na forma das ordens de Sua Mag^e^* (Magestade) *exercerá o dito Posto, enquanto eu houver por bem e oMesmo Senhor naó mandar o contrário, aquem recorrerá pelo seu Conselho Ultramarino confirmaçaó delle dentro em dous annos que correraó dadata desta emdiante; ecom referido Posto naó vencerá soldo algum, masgozará detodas as honras, privilegios, liberdades, izençoens e franquezas, que em razaó delle lhepertencerem. Pelo que oCapitam mor dasordenanças do termo dadita villa, lhedará posse, e juramento dos Santos Evangelhos naforma do Regimento, eordens, eoconheá por Capitam da Companhia domencionado districto, ecomo tal, o trate, honre e estime e o deixe exercer; e os officiaes e soldados seus subordinados em tudo lheobedeçaó, ecumpraó suas ordens, depalavra e por escrito, noque pertencer ao Real servisso pontualmente como devem e saó obrigados. Epor firmeza de tudo lhemandei passar aprezente por mim asinada eselada com o sello grandede minhas Armas, que se cumprirá inteiramente como nella se contêm. Registrandose nos livros da Secretaria*

*desta Governa, Provedoria da Real Fazenda, Camara respectiva eonde mais tocar. Dadaem Villa Rica de Nossa Senhora do Pillardo Ouro Preto, adezesete de Dezembro. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil settecentos e setenta e dous. O Secretario do Gov^no^* (Governo) *de Minas Geraes Jozé Luis Sayaó afez escrever.*

Conde de Valladares

*Patenteporq' VE^xa^* (porque Vossa Excellencia) *há por bem denomear eprover na forma das ordens de Sua Mag^e^* (Magestade) *ao Alferes* ***Manoel da Costa Gontijo****, no Posto deCapitaó da Companhia daordenança dePê dodestricto da Igreja Nova, termo davilla de Saó Jozé da Comarca do Rio das Mortes. que se compoem de sessenta soldados com seus respectivos of^es^* (officiaes), *vago por auzencia q'* (que) *fizera a anos p^a^* (para) *Portugal Jozé Roiz* (Rodriguez) *de Aguiar, q'* (que) *exercia, semvencer soldo algum, eomais como nella se declara.*

*P^a^ V.E^xa^* (Para Vossa Excelência) *ver*

Registrada a folha 127 do Livro de Registro de Patentes e Nombramentos do Governo que actualmente serve nesta Secretaria das Minas Geraes. Villa Rica a 17 de dezembro de 1772.

Jozé Luis Sayaó

Dey posse ejuramento a este Capitam assim na mesma forma

que manda o Regimento. Ponta do morro vinte de março de 1774.

Pedro Teixeira de Carvalho oficial

Registrado a folha 124 do [Livro] 13 de Registros officiaes da

Camara desta Comarca de Saó Jozé a 12 de março de 1775.

Antonio de Affonseca Pestana

Cumprase Aqui

Villa Rica 18 de Dezembro de 1779.

Registrado a folha 66 do Livro 8 que serve de Registro actual de Patentes e Nombramento nesta Ouvidoria Geral de Guerra. Villa Rica 18 de Dezembro de 1779.

Manoel da Silva Guimarães.

Sr

José Ortiz de Castro Velho Cabral

Port. de 1777





Hei por bem Fazer-lhe Mercê de o nomear Capitão General da Capitania das Minas Geraes, para que vá ao Porto de Lagoa Santa ao lugar do Sabará, e nelle sirva o dito emprego pelo tempo que for do Meu Real Agrado, e haverá de ordenado cada hum anno a quantia de quatro centos mil reis, que se lhe pagarão pela Junta da Real Fazenda da Capitania de Minas Geraes, na forma que se pratica com os mais Governadores das Capitanias, e Capitães Generaes, e mais Ministros, e Officiaes, que vão para as ditas Capitanias, e lhe será contado o tempo desta Patente, em que for occupar o dito emprego, e não o fazendo assim, não lhe será levado em conta, nem lhe pagarão ordenado algum, e mando ao Governador, e Capitão General da Capitania de Minas Geraes, que lhe dê posse do dito emprego, e o deixe exercitar, e lhe guarde as honras, e prerogativas, que lhe pertencem, e lhe hão de ser guardadas, e que lhe não ponha duvida, nem embaraço algum, antes o favoreça, e ajude em tudo o que for necessario, e lhe for requerido, e pedido da Minha parte, e lhe dará juramento de Fidelidade, e Segredo, e o mais que se costuma dar aos Governadores

*Passe Patente de Confirmação SJ^e^* (Saó Jozé) *16 de 7^bro^* (setembro) *de 1774*

(Rubricas)

*Diz Manoel daCosta Gontijo, que o Governador, e Capitaõ General daCapitania das Minas Geraes, oproveo no Posto decapitaõ dacomp^a^* (companhia) *daordenança dePé do destricto da Ig^ja^* (Igreja) *Nova, termo davilla de S.* (Sam) *Jozé da Com^a^* (Comarca) *do Rio das Mortes, deq'* (que) *lhe mandou pasar a Patente junta daqual preciza cofirmasam na conformidade das ordens de Vossa Mag^e^* (Magestade).

*P^a^ VM^ce^ a M^ce^* (Para a Vossa Merce a merce) *de lhe confirmar aPatente junto delle pase outra na forma e estilo no q'* (que) *prove.*

*Exp^da^ por 2^as^ V^as^* (Expedida por duas vias) *em 22 de Mayo de 1775*

HHU-

Passe este termo
ficando na Ch.

Minas

Carta de Sesmaria

1776

BIBLIOTECA NACIONAL

Diz Manoel da Costa Montijo que por
despr. declaração de 20 Novembro do anno
passado, foi V. Mag.e servido mandar
passar Carta de Sesmaria
de Confirmação do posto em q. foi nomeado; e porque
se expidindo-se por duas vias, se tem demorado na Real a-
signatura; portanto a Supp.e Se lhe passe outra por terceira
via.

Para V. Mag.e Seja ser-
vido mandar se lhe passar Carta
de Sesmaria por terceira via na forma e custuma
da

El Rey Manoel

Lançada por T. V.os em 15 de
Fevr.o de 1777 a fls.s em 19 Mz.o
de 77

R.

Minas

*Passe esse termo ficando na certidaó, S.J^e^* (Saó Jozé) *30 de 8bro* (outubro) *de 1776*

(Rubricas)

Snr (Senhor)

Diz Manoel da Costa Momtijo (*sic* = com dois "M" > erro do escrivão), *que por desp^o^* (despacho) *dedezaçeis de Novembro demil settecentos setenta equatro, foi V. Mag^e^* (Vossa Magestade) *servido mandarlhe apassar Carta Patente da Confirmaçaó doposto em q'* (que) *foi nomeado; eporque expedindoçe por duas vias, setem demorado naReal asignatura; pertendo o supp^e^* (supplicante) *selhepasse outra por terçeira via.*

*P^a^ a V. Mag^e^* (Para a Vossa Magestade) *seja servido mandarlhe passar Carta Patente por terceira via na f^a^* (forma) *custumada.*

*E. R. M^ce^* (Espera Receber Mercê)

*Exp^da^ por 3^a^ V^a^* (Expedida por terçeira via) *Expedida por 3a via em 13 de Fev^ro^* (Fevereiro) *de 1777 aliás em 19 de M^co^* (Março) *de 1777*